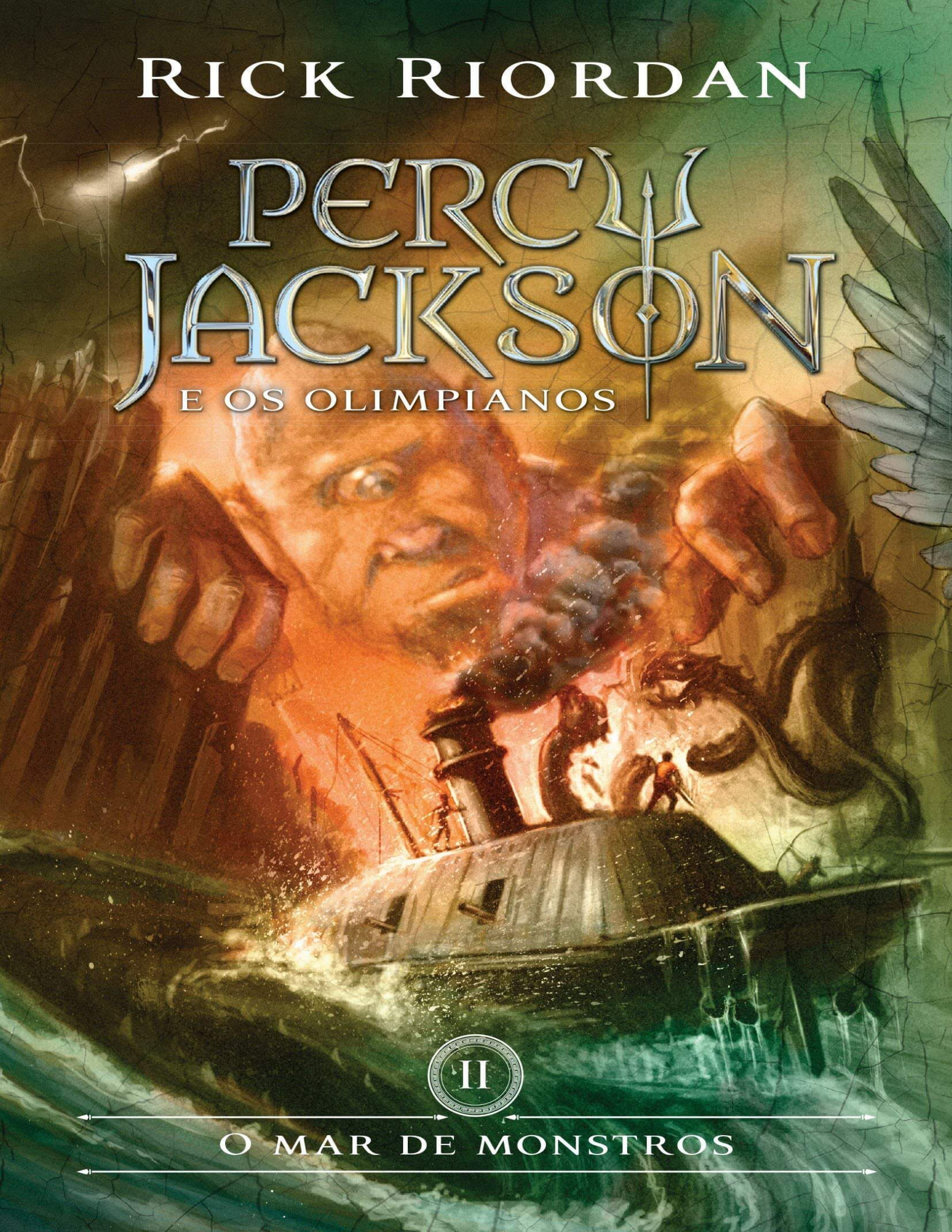
RICK RIORDAN

# PERCY JACKSON

## E OS OLIMPIANOS



II

## O MAR DE MONSTROS

# SINOPSE

O ano de Percy Jackson foi surpreendentemente calmo. Nenhum monstro em sua escola, nenhum acidente esquisito, nenhuma briga em sala de aula. Mas, quando um inocente jogo de queimada com ele e seus colegas torna-se uma disputa mortal contra uma tenebrosa gangue de gigantes canibais, as coisas ficam, digamos, feias.

Com a inesperada chegada da amiga Annabeth vêm outras más notícias: as fronteiras magicas que protegem o Acampamento Meio-Sangue foram envenenadas por um inimigo desconhecido, e, a menos que um antidoto seja encontrado, o único porto seguro dos semideuses será destruído.

Nessa vibrante e divertidíssima continuação da série iniciada com *O Ladrão de Raios*, Percy e seus amigos precisam se aventurar no Mar de Monstros para salvar o acampamento. Antes, porém, nosso herói estrará em confronto com um mistério atordoante sobre sua família, algo que o fará questionar se ser filho de Poseidon é uma honra ou uma terrível maldição.

Para entrar em contato envie um email para:
bibliotecadededalo@gmail.com

Em caso de erros envie: livro, capítulo e erro.

Para melhor visualização de imagens, usar o modo claro do leitor.

RICK RIORDAN

# PERCY JACKSON

## E OS OLIMPIANOS

II

## O MAR DE MONSTROS

TRADUÇÃO DE RICARDO GOUVEIA

EDIÇÃO POR
BIBLIOTECA DE DÉDALO
(27/10/2020)

Copyright © 2006 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Sea of Monsters

ARTE DE CAPA
SJI Associates, Inc

ILUSTRAÇÕES DE CAPA
© 2014 John Rocco

(Percy Jackson e os Olimpianos; 2)
ISBN: 978-85-8057-540-8

I. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 2. Poseidon (Divindade grega) – Literatura infanto-juvenil. 3. Hades (Divindade grega) - Literatura infanto-juvenil. 4 Zeus (Divindade grega) - Literatura infanto-juvenil. 5. Literatura infanto-juvenil americana.

[2009]
Editora Intrínseca Ltda.
www.intrinseca.com.br

*Para Patrick John Riordan,*
*o melhor contador de histórias da família*

SUMÁRIO

UM
MEU MELHOR AMIGO VAI COMPRAR UM VESTIDO DE NOIVA

DOIS
MEU JOGO DE QUEIMADO COM CANIBAIS

TRÊS
NÓS CHAMAMOS O TÁXI DA TORMENTA ETERNA

QUATRO
TYSON BRINCA COM FOGO

CINCO
MEU NOVO COMPANHEIRO DE CHALÉ

SEIS
O ATAQUE DOS POMBOS DEMONÍACOS

SETE
EU ACEITO PRESENTES DE UM ESTRANHO

OITO
NÓS EMBARCAMOS NO PRINCESA ANDRÔMEDA

NOVE
MINHA PIOR REUNIÃO DE FAMÍLIA DE TODOS OS TEMPOS

DEZ
PEGAMOS UMA CARONA COM CONFEDERADOS MORTOS

ONZE
CLARISSE DETONA TUDO

DOZE
NOSSA ESTADA NO SPA & RESORT DE C. C..

TREZE
ANNABETH TENTA IR NADANDO PARA CASA

CATORZE
NOSSO ENCONTRO COM O CARNEIRO DA PERDIÇÃO

QUINZE
NINGUÉM CONSEGUE O VELOCINO

DEZESSEIS
EU AFUNDO COM O NAVIO

DEZESSETE
UMA SURPRESA NOS AGUARDA EM MIAMI BEACH

DEZOITO
A INVASÃO DOS PÔNEIS DE FESTA

DEZENOVE
A CORRIDA DE CARRUAGENS TERMINA COM UMA EXPLOSÃO

VINTE
A MAGIA DO VELOCINO É BOA ATÉ DEMAIS

UM

# MEU MELHOR AMIGO VAI COMPRAR UM VESTIDO DE NOIVA

Meu pesadelo começou assim.

Eu estava numa rua deserta em alguma cidadezinha à beira-mar, no meio da noite. Havia uma tempestade. O vento e a chuva açoitavam as palmeiras ao longo da calçada. Edifícios de estuque cor-de-rosa e amarelo se enfileiravam na rua, as janelas fechadas com tábuas. A um quarteirão dali, depois de uma carreira de hibiscos, o mar estava revolto.

*Flórida*, pensei. Embora não tivesse certeza de como sabia isso. Eu nunca estivera na Flórida.

Então ouvi cascos chapinhando no calçamento. Virei e vi meu amigo Grover correndo para salvar sua vida.

Sim, eu disse *cascos*.

Grover é um sátiro. Da cintura para cima, parece um adolescente comum e desengonçado, com uma barbicha igual a penugem de pêssego e um problema sério de acne. Ele caminha mancando de um jeito estranho, mas, a não ser que você por acaso o pegue sem calça (coisa que não recomendo), jamais saberá que existe algo de não humano nele. Jeans folgados e pés falsos disfarçam o fato de que ele tem cascos e um traseiro peludo.

Grover foi meu melhor amigo na sexta série. Junto com uma menina chamada Annabeth, tinha me acompanhado naquela aventura para salvar o mundo, mas eu não o via desde o último mês de julho, quando ele partira sozinho em uma perigosa missão — uma missão da qual nenhum sátiro jamais voltara.

De qualquer modo, em meu sonho, Grover corria, segurando seus sapatos humanos nas mãos como costuma fazer quando precisa se mover depressa. Passou batendo os cascos pelas pequenas lojas de suvenir e de aluguel de pranchas de surfe. O vento dobrava as palmeiras quase até o chão.

Grover estava aterrorizado com algo que vinha atrás dele. Devia ter acabado de vir da praia. A areia molhada se prendia em torrões ao seu pelo. Tinha escapado de algum lugar. Estava tentando fugir de... alguma coisa.

Um rugido de fazer os ossos tremerem atravessou a tempestade. Atrás de Grover, do outro lado do quarteirão, surgiu uma figura sombria. Ela derrubou um poste de iluminação com um golpe violento. A lâmpada explodiu em um milhão de fagulhas.

Grover cambaleou, choramingando de medo. Murmurou para si mesmo: "Preciso escapar. Preciso avisá-los!"

Não pude ver o que o perseguia, mas ouvi a coisa resmungando e praguejando. O chão estremeceu quando ela se aproximou. Grover se lançou em uma esquina e vacilou. Tinha entrado em um pátio sem saída cheio de lojas. Não havia tempo para voltar. A porta mais próxima fora arrombada pela tempestade. A placa acima da vitrine escura dizia: BUTIQUE NUPCIAL DE STO. AGOSTINHO.

Grover disparou para dentro. Mergulhou atrás de uma arara cheia de vestidos de noiva.

A sombra do monstro passou na frente da loja. Pude sentir o cheiro da coisa — uma combinação nauseante de lã de carneiro molhada, carne podre e aquele esquisitíssimo odor corporal azedo que só os monstros têm, como o de um gambá que comesse apenas comida mexicana.

Grover tremia atrás dos vestidos de noiva. A sombra do monstro seguiu em frente.

Silêncio, a não ser pela chuva. Grover respirou fundo. Talvez a coisa tivesse ido embora.

Então houve um clarão de relâmpago. Toda a fachada da loja explodiu, e uma voz monstruosa berrou: "MEEEEEEU!"

Sentei-me na cama, ereto e tremendo.

Não havia tempestade. Não havia monstro.

O sol da manhã atravessava a janela do meu quarto.

Pensei ter visto uma sombra se movendo rapidamente pelo vidro — uma forma humana. Mas então ouvi uma batida na porta do quarto — minha mãe chamou:

— Percy, você vai se atrasar.

E a sombra na janela desapareceu.

Talvez tivesse sido minha imaginação. Uma janela no quinto andar, com uma escada de incêndio velha e instável do lado de fora… Não poderia haver ninguém lá.

— Venha, querido — minha mãe chamou de novo. — É o último dia de aula. Você deve estar empolgado! Está quase no fim!

— Estou indo — consegui dizer.

Apalpei embaixo do travesseiro. Meus dedos se fecharam de modo tranquilizador em volta da caneta esferográfica com a qual sempre dormia. Tirei-a de lá e estudei o que estava gravado na lateral, em grego antigo: *Anaklusmos*. Contracorrente.

Pensei em destampá-la, mas algo me conteve. Eu não usava Contracorrente havia tanto tempo…

Além disso, minha mãe me fizera prometer que não usaria armas letais no apartamento depois que eu lançara um dardo de mau jeito e atingira seu armário de porcelanas. Pus Anaklusmos sobre a mesa de cabeceira e me arrastei para fora da cama.

Eu me vesti o mais depressa que pude. Tentei não pensar no pesadelo, nem em monstros, nem na sombra à minha janela.

*Preciso escapar. Preciso avisá-los!*

O que Grover queria dizer?

Fiz uma garra de três dedos por cima do meu coração e puxei para fora — um antigo gesto que Grover me ensinara certa vez, para expulsar o mal.

O sonho não podia ter sido real.

Último dia de aula. Minha mãe estava certa, eu devia estar empolgado. Pela primeira vez na minha vida eu praticamente terminara um ano sem ser expulso. Nenhum acidente esquisito. Nenhuma briga em sala de aula. Nenhum professor se transformando em monstro e tentando me matar com comida de cantina envenenada ou dever de casa que explodia. No dia seguinte eu estaria a caminho do meu lugar favorito em todo o mundo — o Acampamento Meio-Sangue.

Só faltava um dia. Certamente, nem eu conseguiria estragar tudo.

Como de costume, eu não tinha ideia de como estava errado.

Minha mãe fez waffles azuis com ovos azuis para o café da manhã. Isso faz dela uma pessoa engraçada, comemorar ocasiões especiais com comida azul. Acho que é o jeito dela de dizer que tudo é possível. Percy pode terminar a sétima série. Waffles podem ser azuis. Pequenos milagres assim.

Comi à mesa da cozinha enquanto minha mãe lavava a louça. Ela estava usando seu uniforme de trabalho — saia azul estrelada e blusa listrada de vermelho e branco, que vestia para vender doces na confeitaria Doce América. Seus cabelos castanhos e compridos estavam presos em um rabo de cavalo.

Os waffles estavam uma delícia, mas acho que eu não os devorava como de costume. Minha mãe deu uma olhada e franziu a testa.

— Percy, você está bem?

— Sim... estou ótimo.

Mas ela sempre percebia quando algo me incomodava. Enxugou as mãos e sentou-se na minha frente.

— Escola ou...

Não precisava completar. Eu sabia o que ela estava perguntando.

— Acho que Grover está com problemas — falei, e contei a ela o sonho.

Ela contraiu os lábios. Não falamos muito sobre a *outra* parte da minha vida. Tentamos viver do modo mais normal possível, mas minha mãe sabia tudo sobre Grover.

— Eu não me preocuparia tanto, querido — disse ela. — Grover já é um sátiro crescido. Se houvesse um problema, estou certa de que teríamos notícias do... do acampamento... — Os ombros dela ficaram tensos quando ela falou a palavra *acampamento*.

— O que foi? — perguntei.

— Nada — disse ela. — Quer saber? Esta tarde vamos comemorar o fim das aulas. Vou levar você e Tyson para o Rockefeller Center... para aquela loja de skates de que você gosta.

Cara, aquilo era tentador. Estamos sempre batalhando por dinheiro. Entre as aulas da minha mãe à noite e a mensalidade da minha escola particular, nunca podíamos nos permitir coisas especiais, como comprar um skate. Mas algo na voz dela me incomodou.

— Espere aí — falei. — Pensei que hoje à noite fôssemos arrumar minhas coisas para o acampamento.

Ela torceu o pano de prato.

— Ah! querido, quanto a isso... Recebi uma mensagem de Quíron na noite passada.

Meu coração ficou apertado. Quíron era o diretor de atividades do Acampamento Meio-Sangue. Ele não faria contato a não ser que algo sério estivesse acontecendo.

— O que ele disse?

— Ele acha... que poderia não ser seguro você ir para o campo agora. Talvez tenhamos de adiar.

— *Adiar?* Mamãe, como poderia não ser *seguro*? Eu sou um meio-sangue! É, tipo, o único lugar seguro para mim neste mundo!

— Costuma ser, querido. Mas com os problemas que eles estão enfrentando...

— *Que* problemas?

— Percy... Sinto muito, muito mesmo. Esperava falar com você sobre isso esta tarde. Não posso explicar tudo agora. Não sei nem se Quíron pode explicar. Tudo aconteceu muito de repente.

Minha cabeça estava girando. Como eu poderia *não* ir para o acampamento? Queria fazer um milhão de perguntas, mas justamente nesse momento o relógio da cozinha bateu meia hora.

Minha mãe pareceu quase aliviada.

— Sete e meia, querido. Você precisa ir. Tyson estará esperando.

— Mas...

— Percy, vamos conversar hoje à tarde. Vá para a escola.

Aquilo era a última coisa que eu queria fazer, mas minha mãe estava com aquela expressão frágil nos olhos — uma espécie de aviso, como se ela fosse chorar se eu a pressionasse demais. Além disso, ela estava certa quanto ao meu amigo Tyson. Precisava encontrá-lo na estação do metrô a tempo, ou ele ficaria zangado. Ele tinha medo de viajar embaixo da terra sozinho.

Juntei minhas coisas, mas parei na porta.

— Mamãe, esse problema no acampamento. Tem... poderia ter alguma coisa a ver com meu sonho com Grover?

Ela não me olhou nos olhos.

— Vamos conversar hoje à tarde, querido. Eu vou explicar… o que puder.

Eu me despedi dela, relutante. Corri escada abaixo para pegar o trem Número 2.

Eu não sabia então, mas minha mãe e eu nunca teríamos nossa conversa à tarde.

Na verdade, eu não voltaria a ver nossa casa por um longo, longo tempo.

Quando saí, dei uma olhada para o edifício marrom do outro lado da rua. Só por um segundo vi uma forma escura à luz da manhã — uma silhueta humana contra a parede de tijolos, uma sombra que não pertencia a ninguém.

Então ela tremulou e desapareceu.

DOIS

# MEU JOGO DE QUEIMADO COM CANIBAIS

Meu dia começou normal. Ou tão normal quanto pode ser no colégio Meriwether.

Veja bem, é um colégio "experimental", no centro de Manhattan, o que significa que nos sentamos em pufes, em vez de carteiras, e não recebemos notas, e os professores usam jeans e camisetas de shows de rock no trabalho.

Por mim, tudo bem. Tenho transtorno do déficit de atenção e sou disléxico, como a maioria dos meios-sangues, portanto nunca fui lá muito bem nas escolas comuns, mesmo antes de eles me expulsarem. A única coisa ruim em relação ao Meriwether era que os professores sempre viam as coisas pelo lado mais promissor, e a garotada nem sempre era... bem, promissora.

Por exemplo, minha primeira aula daquele dia: inglês. Todos os alunos do secundário leram aquele livro chamado *O senhor das moscas*, em que um monte de garotos é abandonado em uma ilha e fica pirado. Então, no exame final, nossos professores nos mandaram passar uma hora sem supervisão de adultos, no pátio, para verem o que aconteceria. O que se deu foi uma guerra generalizada de "cuecão" entre os alunos da sétima e oitava séries, duas guerras de cascalhos e uma partida de basquete sem marcação de faltas. O valentão da escola, Matt Sloan, liderou a maior parte dessas atividades.

Sloan não era grande nem forte, mas agia como se fosse. Tinha olhos de pit bull e um cabelo preto desgrenhado, e sempre vestia roupas caras, mas amarfanhadas, como se quisesse que todo o mundo visse como ele se lixava para o dinheiro da família. Tinha um dente da frente lascado, de uma vez em que pegara o

Porsche do pai para dar umas voltas e batera numa placa de DEVAGAR – CRIANÇAS BRINCANDO.

De qualquer jeito, Sloan estava dando "cuecão" em todo o mundo, até que cometeu o erro de tentar puxar a cueca do meu amigo Tyson.

Tyson era o único garoto sem-teto no colégio Meriwether. Até onde minha mãe e eu conseguimos descobrir, ele havia sido abandonado pelos pais quando era muito pequeno, provavelmente por ser tão... diferente. Tinha um metro e noventa de altura e o físico do Abominável Homem das Neves, mas chorava muito e tinha medo de praticamente tudo, inclusive do próprio reflexo. Seu rosto era meio disforme e abrutalhado. Não sei dizer de que cor eram seus olhos porque nunca consegui ver além de seus dentes tortos. Sua voz era profunda, mas ele falava de um jeito engraçado, como um menino muito mais jovem — acho que por nunca ter ido a uma escola antes de Meriwether. Usava jeans esfarrapados, tênis imundos tamanho cinquenta e dois e uma camisa de flanela xadrez esburacada. Tinha o cheiro dos becos de Nova York, porque era lá que vivia, em uma caixa de geladeira de papelão, perto da rua 72.

O colégio Meriwether o adotara em virtude de um projeto de serviço comunitário, para que todos os alunos pudessem se sentir bem consigo mesmos. Infelizmente, a maioria deles não suportava Tyson. Depois de descobrirem que apesar de sua incrível força e da aparência assustadora ele era grande e bobo, sentiam prazer em atormentá-lo. Eu era praticamente seu único amigo, o que significava que ele era o *meu* único amigo.

Minha mãe já reclamara na escola um milhão de vezes, porque eles não estavam fazendo o bastante para ajudá-lo. Ligou para o serviço social, mas aparentemente nada aconteceu. Os assistentes sociais alegaram que Tyson não existia. Juraram de pés juntos que tinham visitado o beco que nós descrevemos e não conseguiram encontrá-lo, muito embora eu não entenda como é possível não ver um garoto gigante que mora numa caixa de geladeira.

De qualquer modo, Matt Sloan enfiou-se por trás dele e tentou lhe dar um "cuecão", e Tyson entrou em pânico. Afastou Sloan com um tapa um pouco forte demais. Sloan saiu voando por cinco metros e ficou enroscado no balanço de pneu das crianças pequenas.

— Seu monstrengo! — berrou Sloan. — Por que não volta para sua caixa de papelão?

Tyson começou a soluçar. Sentou-se no trepa-trepa com tanta força que entortou a barra, e enterrou a cabeça nas mãos.

— Retire o que disse, Sloan! — gritei.

Sloan só me lançou uma careta de deboche.

— O que você tem com isso, Jackson? Você poderia ter *amigos* se não estivesse sempre tomando as dores daquele monstrengo.

Fechei os punhos. Esperava que minha cara não estivesse tão vermelha como me parecia.

— Ele *não é* um monstrengo. É só...

Tentei pensar na coisa certa a dizer, mas Sloan não ouvia. Ele e seus amigos feios e grandalhões estavam muito ocupados rindo. Eu me perguntei se era minha imaginação ou se Sloan tinha mais brutamontes em volta dele que de costume. Estava acostumado a vê-lo com dois ou três, mas naquele dia ele tinha, tipo, mais uma dúzia, e eu tinha certeza absoluta de que nunca os vira antes.

— Espere só até a aula de educação física, Jackson — gritou Sloan. — Você já está *muito* morto.

Quando terminou o primeiro tempo, nosso professor de inglês, o sr. De Milo, saiu para avaliar a carnificina. Ele declarou que tínhamos entendido *O senhor das moscas* perfeitamente. Todos passamos na matéria dele, e jamais íamos nos tornar pessoas violentas. Matt Sloan assentiu, sério, e depois me lançou um sorriso de dente lascado.

Tive de prometer que compraria um sanduíche extra de manteiga de amendoim para Tyson no almoço, para ele parar de soluçar.

— Eu... eu sou um monstrengo? — ele me perguntou.

— Não — assegurei, rilhando os dentes. — Matt Sloan é que é um monstrengo.

Tyson fungou.

— Você é um bom amigo. Vou sentir saudades de você no ano que vem se... se eu não puder...

A voz dele tremeu. Percebi que ele não sabia se no ano seguinte seria novamente convidado para o projeto comunitário. Imaginei se o diretor ao menos teria se dado ao trabalho de conversar com ele sobre isso.

— Não se preocupe, grandão — consegui dizer. — Vai dar tudo certo.

Tyson me lançou um olhar tão agradecido que me senti um grande mentiroso. Como podia prometer a um garoto como ele que *alguma coisa* daria certo?

Nossa próxima prova era de ciências. A sra. Tesla nos disse que teríamos de misturar substâncias químicas até conseguir fazer alguma coisa explodir. Tyson era meu parceiro de laboratório. As mãos dele eram grandes demais para os pequeninos frascos que devíamos usar. Ele derrubou sem querer uma bandeja de substâncias do balcão e criou um cogumelo de fumaça alaranjada na lata de lixo.

Depois que a sra. Tesla evacuou o laboratório e convocou o esquadrão de remoção de resíduos perigosos, elogiou Tyson e eu por sermos químicos natos. Tínhamos sido os primeiros da história a gabaritar sua prova em menos de trinta segundos.

Fiquei contente de a manhã ter passado depressa, pois isso me impediu de pensar demais nos meus problemas. Eu não suportava a ideia de que algo pudesse estar errado no acampamento. Pior ainda: não conseguia afastar a lembrança do pesadelo. Tinha a terrível sensação de que Grover estava em perigo.

Em estudos sociais, quando estávamos desenhando mapas de latitude e longitude, abri meu caderno e olhei para a foto lá dentro — minha amiga Annabeth de férias em Washington. Ela de jeans e uma jaqueta índigo por cima da camiseta cor de laranja do Acampamento Meio-Sangue. O cabelo loiro estava preso para trás, com uma bandana. Estava em pé na frente do Memorial de Lincoln, com os braços cruzados, parecendo satisfeitíssima consigo mesma, como se ela própria tivesse projetado o lugar. Veja bem, Annabeth quer ser arquiteta quando crescer, por isso está sempre visitando monumentos famosos e coisas do tipo. Ela é esquisita assim mesmo. Tinha me mandado a foto por e-mail nas férias da primavera, e de vez em quando eu olhava só para me lembrar de que ela era real e de que o Acampamento Meio-Sangue não tinha sido coisa da minha imaginação.

Quis que Annabeth estivesse ali. Ela saberia interpretar meu sonho. Nunca admiti isso para ela, mas era mais esperta do que eu, mesmo que às vezes fosse meio irritante.

Eu já ia fechar meu caderno quando Matt Sloan esticou a mão e arrancou a foto da espiral.

— Ei! — protestei.

Sloan conferiu a foto, e seus olhos se arregalaram.

— Ah! não, Jackson. Quem é essa? Ela *não é* a sua…

— Devolva! — Senti as orelhas ficando quentes.

Sloan passou a foto para seus colegas feiosos, que deram risadinhas e começaram a rasgá-la para fazer bolinhas de cuspe. Eram alunos novos que deviam estar de visita, porque todos usavam aquelas etiquetas idiotas de OI! MEU NOME É: entregues na recepção. Também deviam ter um senso de humor meio esquisito, porque todas elas estavam preenchidas com nomes estranhos, como Chupa-Tutano, Come-Crânios e Zé-Mané. Não existem seres humanos com nomes assim.

— Esses caras vão se mudar para cá no ano que vem — alardeou Sloan, como se aquilo devesse me assustar. — Aposto que eles podem *pagar* a escola, ao contrário do seu amigo retardado.

— Ele *não é* retardado. — Tive de me conter muito, muito mesmo, para não dar um murro na cara de Sloan.

— Você é um perdedor, Jackson. Ainda bem que eu vou livrar você do seu sofrimento no próximo período.

Os grandalhões cupinchas dele mascaram minha foto. Queria transformá-los em pó, mas estava sob ordens estritas de Quíron de nunca descontar minha raiva em mortais comuns, não importava quanto eles fossem detestáveis. Tinha de deixar para brigar com os monstros.

Ainda assim, parte de mim pensou que se Sloan ao menos soubesse quem eu era realmente…

A campainha tocou.

Quando Tyson e eu estávamos saindo da classe, uma voz de menina sussurrou:

— Percy!

Corri os olhos pela área dos vestiários, mas ninguém estava prestando nenhuma atenção a mim. Como se alguma menina em Meriwether fosse um dia chamar meu nome.

Antes que eu tivesse tempo de avaliar se estava ou não imaginando coisas, uma multidão de garotos disparou para o ginásio, arrastando-me com ela. Era hora da educação física. O treinador nos prometera um jogo de queimado vale-tudo, e Matt Sloan prometera me matar.

O uniforme de ginástica de Meriwether é short azul-celeste e camiseta desbotada. Felizmente a maior parte das nossas atividades atléticas era interna, assim não

tínhamos de correr pelo bairro de Tribeca parecendo um bando de crianças hippies em treinamento.

Troquei de roupa o mais depressa que pude no vestiário, pois não queria ter de lidar com Sloan. Estava quase saindo quando Tyson chamou:

— Percy?

Ele ainda não tinha se trocado. Estava postado junto à porta da sala de musculação, segurando as roupas de ginástica.

— Será que você... ahn...

— Ah! sim. — Tentei não parecer aborrecido com aquilo. — Sim, claro, cara.

Tyson esquivou-se para dentro da sala. Fiquei de guarda do lado de fora da porta enquanto ele se trocava. Eu me sentia meio constrangido fazendo aquilo, mas ele me pedia quase todos os dias. Acho que é porque ele é todo peludo e tem umas cicatrizes esquisitas nas costas, sobre as quais eu nunca tive coragem de perguntar.

De qualquer modo, aprendi pelo método mais difícil que se as pessoas mexessem com Tyson enquanto estivesse se vestindo, ele ficava perturbado e começava a arrancar as portas dos armários.

Quando entramos no ginásio, o treinador Nunley estava sentado à sua mesinha lendo a *Sports Illustrated*. Nunley tinha cerca de um milhão de anos de idade, usava óculos bifocais e não tinha dentes, e tinha um topete grisalho ensebado. Lembrava o Oráculo do Acampamento Meio-Sangue — que era uma múmia encarquilhada —, só que o treinador Nunley se movia muito menos e nunca soltava nuvens de fumaça verde. Bem, ao menos não que eu tivesse observado.

Matt Sloan disse:

— Treinador, posso ser o capitão?

— Hã? — o treinador Nunley ergueu os olhos de sua revista. — Sim — murmurou. — Hmm-mmm.

Sloan sorriu e se encarregou da escalação. Ele me nomeou capitão do outro time, mas pouco importava quem eu escolhesse, pois todos os atletas e os garotos mais populares passavam para o lado de Sloan. E também o grupo grande de visitantes.

Do meu lado, eu tinha Tyson; Corey Bailer, o nerd de computadores; Raj Mandali, o fenômeno dos cálculos, e meia dúzia de outros que eram sempre atormentados por Sloan e sua gangue. Normalmente, eu me daria bem só com

Tyson — ele, sozinho, valia por meio time —, mas os visitantes do lado de Sloan eram quase tão altos e fortes quanto Tyson, e havia seis deles.

Matt Sloan espalhou um engradado de bolas no meio do ginásio.

— Com medo — murmurou Tyson. — Cheiro gozado.

Olhei para ele.

— O que tem cheiro gozado? — Não achei que ele estivesse falando de si mesmo.

— Eles. — Tyson apontou para os novos amigos de Sloan. — Eles têm um cheiro gozado.

Os visitantes estavam estalando os dedos e olhando para nós como se fosse a hora do massacre. Não pude deixar de me perguntar de onde eles vinham. De algum lugar onde alimentavam as crianças com carne crua e batiam nelas com paus.

Sloan soprou o apito do treinador e o jogo começou. O time de Sloan correu para a linha de centro. Do meu lado, Raj Mandali gritou alguma coisa em urdu, provavelmente: "Preciso de um penico!", e correu para a saída. Corey Bailer tentou engatinhar para trás da forração da parede e se esconder. O restante do time fez o melhor que pôde para se encolher de medo e não ficar parecendo alvo.

— Tyson — disse eu. — Vamos…

Uma bola me atingiu violentamente na barriga. Caí sentado no meio do piso do ginásio. O outro time explodiu em gargalhadas.

Minha visão ficou turva. Era como se tivesse acabado de receber uma manobra de Heimlich de um gorila. Não pude acreditar que alguém fosse capaz de lançar uma bola com aquela força.

Tyson gritou:

— Percy, abaixe-se!

Rolei enquanto outra bola passava zunindo por meu ouvido, na velocidade do som.

*Vuuuuum!*

Ela atingiu a forração da parede, e Corey Bailer ganiu.

— Ei! — gritei para o time de Sloan. — Assim vocês podem matar alguém!

O visitante chamado Zé-Mané sorriu para mim de um jeito perverso. De algum modo, ele parecia muito maior agora… ainda mais alto que Tyson. Seus bíceps se destacavam embaixo da camiseta.

— Assim espero, Perseu Jackson! Assim espero!

O modo como ele disse meu nome me deu um frio na espinha. Ninguém me chamava de Perseu, a não ser aqueles que conheciam minha verdadeira identidade. Amigos… e inimigos.

O que Tyson tinha dito? *Eles têm um cheiro gozado.*

Monstros.

Em volta de Matt Sloan, os visitantes estavam ficando maiores. Não eram mais garotos. Eram gigantes de dois metros e meio de altura, com olhos selvagens, dentes pontudos e braços peludos tatuados com cobras, dançarinas havaianas e corações.

Matt Sloan deixou cair a bola.

— Epa! Vocês não são de Detroit. Quem…

Os outros garotos do time começaram a gritar e a recuar para a saída, mas o gigante chamado Chupa-Tutano lançou uma bola com pontaria certeira. Ela passou como um raio por Raj Mandali quando ele estava quase saindo e atingiu a porta, fechando-a como num passe de mágica. Raj e alguns dos outros garotos a esmurraram, desesperados, mas ela não cedeu.

— Deixe-os ir! — gritei para os gigantes.

O que se chamava Zé-Mané rosnou para mim. Tinha uma tatuagem no bíceps que dizia: *ZM ama Fofinha*.

— E perder os nossos petiscos? Não, Filho do Deus do Mar. Nós, lestrigões, não estamos jogando só para matá-lo. Queremos almoçar!

Ele acenou e um novo lote de bolas de queimado apareceu na linha de centro — mas aquelas não eram feitas de borracha vermelha. Eram de bronze, do tamanho de balas de canhão, perfuradas, com fogo saindo dos buracos. Deviam ser muito quentes, mas os gigantes as pegavam com as mãos nuas.

— Treinador! — gritei.

Nunley ergueu os olhos, sonolento, mas, se viu algo de anormal no jogo de queimado, não demonstrou. Esse é o problema com os mortais. Uma força mágica chamada A Névoa disfarça a seus olhos a verdadeira aparência dos monstros e dos deuses, e assim eles tendem a ver apenas o que conseguem compreender. Talvez o treinador tivesse visto alguns garotos da oitava série batendo nas crianças menores, como de costume. Talvez os outros garotos vissem os brutamontes de Matt Sloan prestes a lançar por aí coquetéis Molotov. (Não teria sido a primeira vez.) De

qualquer modo, eu tinha certeza de que ninguém mais se dava conta de que estávamos lidando com genuínos monstros comedores de gente e sedentos de sangue.

— Sim. Hmm-mmm — resmungou o treinador. — Joguem direito.

E voltou à sua revista.

O gigante chamado Come-Crânios lançou a bola. Mergulhei de lado enquanto o cometa de bronze chamejante passava junto ao meu ombro.

— Corey! — gritei.

Tyson o puxou de trás da forração da parede bem no momento em que a bola explodiu contra ela, transformando o acolchoado em farrapos fumegantes.

— Corram! — gritei para os meus companheiros de time. — A outra saída!

Eles correram para o vestiário, mas outro aceno da mão de Zé-Mané fez bater aquela porta também.

— Ninguém sai enquanto você não estiver fora! — rugiu Zé-Mané. — E você não vai estar fora enquanto não o comermos!

Ele lançou sua bola de fogo. Meus companheiros de time se espalharam enquanto ela abria uma cratera no piso do ginásio.

Procurei a Contracorrente, que carregava sempre no bolso, mas então me dei conta de que estava usando meu short de ginástica. Eu *não tinha* bolsos. Contracorrente estava enfiada no bolso da calça jeans, dentro do armário no vestiário. E a porta do vestiário estava trancada. Eu estava completamente indefeso.

Outra bola de fogo veio como um raio em minha direção. Tyson me empurrou para fora do caminho, mas a explosão ainda me atirou longe. Fiquei esparramado no chão do ginásio, com a vista embaçada pela fumaça, a camiseta desbotada salpicada de buracos chamuscados. Logo depois da linha de centro, dois gigantes famintos me olhavam de cima.

— Carne! — urraram. — Carne de herói para o almoço! — Os dois fizeram pontaria.

— Percy precisa de ajuda! — gritou Tyson, e pulou na minha frente bem no momento em que eles lançaram suas bolas.

— Tyson! — gritei, mas era tarde demais.

As duas bolas o atingiram... mas, não... ele as agarrou. De algum modo Tyson, que era tão desajeitado que estava sempre derrubando equipamentos do laboratório e quebrando estruturas do playground, tinha agarrado as duas bolas

chamejantes de metal que vinham em sua direção a um zilhão de quilômetros por hora. Ele as atirou de volta para seus donos surpresos, que gritaram "RUIIIIM!" quando as esferas de bronze explodiram contra seus peitos.

Os gigantes se desintegraram em colunas gêmeas de chamas — um sinal seguro de que eram monstros, certo. Monstros não morrem. Simplesmente se dissipam em fumaça e pó, o que poupa aos heróis um bocado de trabalho de limpeza depois de uma luta.

— Meus irmãos! — gemeu Zé-Mané, o Canibal. Ele contraiu os músculos, e sua tatuagem da *Fofinha* ondulou. — Você vai pagar por tê-los destruído!

— Tyson! — disse eu. — Cuidado!

Outro cometa disparou em nossa direção. Tyson só teve tempo de desviá-lo com um tapa. Passou voando por cima da cabeça do treinador Nunley e aterrissou na arquibancada com um imenso CA-BUUUUM!

Crianças corriam de um lado para o outro gritando, tentando evitar as crateras fumegantes no piso. Outras esmurravam a porta, gritando por socorro. O próprio Sloan estava petrificado no meio da quadra, assistindo incrédulo às bolas da morte que voavam em volta dele.

O treinador Nunley ainda não via nada. Deu uma batidinha em seu aparelho de surdez, como se as explosões estivessem causando interferência, mas não desviou os olhos da revista.

Certamente a escola inteira podia ouvir o barulho. O diretor, a polícia, alguém iria nos ajudar.

— A vitória será nossa! — rugiu Zé-Mané, o Canibal. — Vamos nos banquetear com seus ossos!

Quis dizer-lhe que ele estava levando o jogo de queimado muito a sério, mas antes que pudesse fazer isso ele lançou mais uma bola. Os outros três gigantes fizeram o mesmo.

Sabia que estávamos mortos. Tyson não poderia desviar todas aquelas bolas ao mesmo tempo. Suas mãos *deviam* estar com queimaduras sérias por ter bloqueado a primeira saraivada. Sem a minha espada…

Tive uma ideia maluca.

Corri em direção ao vestiário.

— Saiam da frente! — disse a meu time. — Saiam da porta.

Explosões atrás de mim. Tyson rebatera duas das bolas a seus donos e os fizera explodir em cinzas.

Restavam dois gigantes em pé.

Uma terceira bola veio voando diretamente para mim. Eu me forcei a esperar — um, dois, três — e então me atirei para o lado, enquanto a esfera chamejante demolia a porta do vestiário.

Calculei que o gás acumulado na maioria dos armários dos meninos seria suficiente para causar uma explosão, portanto não me surpreendi quando a bola chamejante de queimado provocou um enorme *BUUUUUUM!*

A parede explodiu. Portas de armários, meias, suportes atléticos e vários outros apetrechos pessoais fedorentos choveram por todo o ginásio.

Virei-me bem a tempo de ver Tyson dar um soco na cara do Come-Crânios. O gigante desmoronou. Mas o último gigante, Zé-Mané, esperto, continuava segurando sua bola, esperando uma oportunidade. Ele a lançou justamente quando Tyson se virava para ele.

— Não! — gritei.

A bola atingiu Tyson bem no peito. Ele deslizou por toda a extensão da quadra e bateu na parede do fundo, que rachou. Parte desmoronou em cima dele, abrindo um buraco que dava direto para a rua Church. Não entendia como Tyson ainda podia estar vivo, mas ele parecia apenas atordoado. A bola de bronze fumegava a seus pés. Tyson tentou pegá-la, mas caiu para trás, aturdido, em uma pilha de blocos de concreto.

— Bem! — tripudiou Zé-Mané. — Sou o último de pé! Vou ter carne suficiente para levar uma quentinha para Fofinha!

Ele pegou outra bola e mirou Tyson.

— Pare! — gritei. — É a mim que você quer!

O gigante arreganhou um sorriso.

— Quer morrer primeiro, heroizinho?

Eu precisava fazer alguma coisa. Contracorrente devia estar por ali, em algum lugar.

Então avistei meus jeans em uma pilha fumegante de roupas bem aos pés do gigante. Se pelo menos eu conseguisse chegar lá… Sabia que era inútil, mas investi.

O gigante riu.

— Meu almoço se aproxima.

Ele ergueu o braço para lançar. Eu me preparei para morrer.

De repente o corpo do gigante enrijeceu-se. Sua expressão mudou de triunfante para surpresa. Bem no lugar onde deveria estar seu umbigo, a camiseta se rasgou e surgiu ali algo como um chifre — não, um chifre não: a ponta brilhante de uma lâmina.

— Ui — murmurou ele, e explodiu numa nuvem de chamas verdes, o que, imaginei, iria deixar Fofinha muito aborrecida.

Em pé no meio da fumaça estava minha amiga Annabeth. Seu rosto estava sujo e arranhado. Carregava uma mochila esfarrapada pendurada no ombro, o boné de beisebol enfiado no bolso, uma faca de bronze na mão e um olhar selvagem nos olhos cinza-tempestade, como se fantasmas a tivessem perseguido por mil quilômetros.

Matt Sloan, que estivera ali em pé, abobalhado, o tempo todo, afinal caiu na real. Piscou para Annabeth como se a reconhecesse vagamente da foto no meu caderno.

— É a garota... É a garota...

Annabeth deu-lhe um soco no nariz, derrubando-o no chão.

— E *você* — disse ela —, deixe meu amigo em paz.

O ginásio estava em chamas. Crianças ainda corriam de um lado para o outro, gritando. Ouvi sirenes que uivavam e uma voz distorcida no alto-falante. Através das janelas de vidro nas portas de saída pude ver o diretor, sr. Bonsai, brigando com a fechadura, e uma multidão de professores amontoada atrás dele.

— Annabeth... — gaguejei. — Como você... há quanto tempo você...

— Quase a manhã toda. — Ela embainhou a faca de bronze. — Estava tentando encontrar um bom momento para falar com você, mas você nunca estava sozinho.

— A sombra que eu vi esta manhã... aquilo era... — Meu rosto ficou quente. — Ah!, meus deuses, você estava olhando pela janela do meu quarto?

— Não dá tempo de explicar! — disparou com rispidez, embora ela mesma parecesse estar com o rosto um pouco quente. — Mas eu não queria...

— Ali! — berrou uma mulher.

As portas se abriram de repente e os adultos se precipitaram para dentro.

— Encontre-me lá fora — disse Annabeth. — E ele. — Apontou para Tyson, que ainda estava sentado encostado na parede, atordoado. Annabeth lançou-lhe um

olhar de aversão que não entendi muito bem. — É melhor trazê-lo.

— *O quê?*

— Não dá tempo! — disse ela. — Depressa!

Ela colocou o boné de beisebol dos Yankees, que era um presente mágico de sua mãe, e desapareceu na mesma hora.

Com isso, fiquei sozinho no meio do ginásio em chamas, quando o diretor investiu para dentro com metade do corpo docente e um ou dois policiais.

— Percy Jackson? — disse o sr. Bonsai. — O que... como... Junto à parede destruída, Tyson gemeu e levantou-se da pilha de blocos de concreto.

— A cabeça dói.

Matt Sloan também se aproximava. Olhou para mim com expressão de terror.

— Foi Percy quem fez isso, sr. Bonsai. Ele tocou fogo no prédio inteiro. O treinador Nunley vai lhe contar, ele viu tudo! O treinador Nunley estivera lendo com dedicação sua revista, mas, para meu azar, escolheu aquele momento para erguer os olhos, ao ouvir Sloan pronunciar seu nome.

— Hã? Sim. Hmm-mmm.

Os outros adultos viraram na minha direção. Eu sabia que jamais acreditariam em mim, mesmo que eu pudesse contar-lhes a verdade.

Arranquei Contracorrente dos meus jeans destruídos, disse a Tyson "Vamos!" e pulei pelo buraco escancarado na lateral do edifício.

TRÊS

# NÓS CHAMAMOS O TÁXI DA TORMENTA ETERNA

Annabeth estava à nossa espera em um beco mais adiante na rua Church. Puxou Tyson e eu da calçada bem no momento em que um carro de bombeiros passou gritando seu gemido em direção a Meriwether.

— Onde você o encontrou? — perguntou ela, apontando para Tyson.

Ali, sob circunstâncias diferentes, eu teria ficado realmente feliz em vê-la. Tínhamos feito as pazes no último verão, a despeito de a mãe dela ser Atena e não se dar muito bem com meu pai. Tinha sentido mais saudades de Annabeth do que gostaria de admitir.

Mas acabara de ser atacado por canibais gigantes, Tyson salvara minha vida três ou quatro vezes e tudo o que Annabeth pôde fazer foi olhá-lo com raiva, como se *ele* fosse o problema.

— Ele é meu amigo — falei.

— Ele é um sem-teto?

— Que importância tem isso? Ele consegue ouvir, sabe? Por que não pergunta a ele?

Ela pareceu surpresa.

— Ele sabe falar?

— Eu falo — admitiu Tyson. — Você é bonita.

— Ah! Grosso! — Annabeth recuou um passo, afastando-se dele.

Não podia acreditar que ela estivesse sendo tão mal-educada. Examinei as mãos de Tyson, que, eu tinha certeza, deviam estar muito machucadas por causa das bolas de fogo, mas pareciam ótimas — imundas e marcadas por cicatrizes sujas do tamanho de batatinhas chips —, mas elas sempre foram assim.

— Tyson — falei, incrédulo. — Suas mãos não estão queimadas.

— É claro que não — resmungou Annabeth. — Estou surpresa com a coragem dos lestrigões, atacando-o com ele por perto.

Tyson parecia fascinado com o cabelo loiro de Annabeth. Tentou tocá-lo, mas ela afastou sua mão com um tapa.

— Annabeth — disse eu —, do que você está falando? Les-o quê?

— Lestrigões. Os monstros no ginásio. São uma raça de gigantes canibais que vivem no extremo norte. Ulisses topou com eles uma vez, mas eu nunca os vira tão ao sul, como em Nova York.

— Les... não consigo nem pronunciar isso. Como você os chamaria em inglês?

Ela pensou por um momento.

— Canadenses — concluiu. — Agora venha, temos de sair daqui.

— A polícia virá atrás de mim.

— Esse é o menor dos problemas — disse ela. — Você andou tendo os sonhos?

— Os sonhos... com Grover?

O rosto dela empalideceu.

— Grover? Não, o que há com Grover?

Contei-lhe o sonho.

— Por quê? O que *você* andou sonhando?

Os olhos dela pareciam tempestuosos, como se a mente estivesse correndo a um milhão de quilômetros por hora.

— O acampamento — disse ela afinal. — Um problemão no acampamento.

— Minha mãe disse a mesma coisa! Mas que *tipo* de problema?

— Não sei exatamente. Há algo errado. Temos de ir para lá agora mesmo. Monstros me perseguiram pelo caminho todo desde a Virgínia, tentando me deter. Você também sofreu uma porção de ataques?

Sacudi a cabeça.

— Nenhum, o ano todo... até hoje.

— Nenhum? Mas como... — Os olhos dela recaíram sobre Tyson. — Ah!

— O que quer dizer "Ah!"?

Tyson ergueu a mão como se ainda estivesse na sala de aula.

— Os canadenses no ginásio chamaram Percy de alguma coisa... Filho do Deus do Mar?

Annabeth e eu trocamos olhares.

Não sabia como poderia explicar, mas imaginei que Tyson merecesse a verdade, depois de quase ter sido morto.

— Grandão — falei —, já ouviu aquelas velhas histórias sobre os deuses gregos? Como Zeus, Poseidon, Atena...

— Sim — disse Tyson.

— Bem... aqueles deuses ainda vivem. Tipo, vão seguindo a civilização ocidental de um lado para o outro e vivendo nos países mais poderosos; portanto, estão agora nos Estados Unidos. E às vezes têm filhos com mortais. Filhos que são chamados de meios-sangues.

— Sim — disse Tyson, como se ainda esperasse que eu chegasse ao ponto principal.

— Ahn, bem, Annabeth e eu somos meios-sangues — disse eu. — Somos como... heróis em treinamento. E sempre que os monstros sentem nosso cheiro, eles nos atacam. É o que eram aqueles gigantes no ginásio. Monstros.

— Sim.

Olhei para ele. Ele não parecia surpreso nem confuso com o que eu contava, o que me deixava surpreso e confuso.

— Então... você acredita em mim?

Tyson assentiu.

— Mas você é... Filho do Deus do Mar?

— Sim — admiti. — Meu pai é Poseidon.

Tyson franziu a cara. *Agora* ele parecia confuso.

— Mas então...

Uma sirene uivou. Um carro de polícia passou rapidamente pelo beco.

— Não temos tempo para isso — disse Annabeth. — Vamos conversar no táxi.

— Um táxi até o acampamento? — disse eu. — Você sabe quanto dinheiro...

— Deixe comigo.

Eu hesitei.

— E Tyson?

Imaginei-me escoltando meu amigo gigante até o Acampamento Meio-Sangue. Se ele ficava fora de si em um playground comum com valentões comuns, como agiria em um campo de treinamento para semideuses? Por outro lado, os policiais estariam procurando por nós.

— Não podemos simplesmente deixá-lo aqui — concluí. — Ele também vai estar encrencado.

— Sim. — Annabeth pareceu contrariada. — Sem dúvida, precisamos levá-lo. Agora venha.

Não gostei do modo como ela disse aquilo, como se Tyson fosse uma grande doença que precisávamos levar ao hospital, mas a segui pelo beco. Juntos, nós três nos esgueiramos pelas ruelas do centro, enquanto uma enorme coluna de fumaça se erguia do ginásio da escola, atrás de nós.

— Aqui. — Annabeth nos deteve na esquina da Thomas com a Trimble. Vasculhou a mochila. — Espero que ainda tenha sobrado uma.

Ela parecia ainda pior do que eu percebera de início. Tinha um corte no queixo. Havia gravetos e grama embaraçados em seu rabo de cavalo, como se tivesse dormido várias noites ao relento. Os rasgos nas barras da calça jeans pareciam ter sido feitos por garras.

— O que está procurando? — perguntei.

As sirenes urravam à nossa volta. Calculei que não levaria muito tempo até que passassem mais policiais, procurando delinquentes juvenis bombardeadores de ginásios. Sem dúvida, àquela altura Matt Sloan já teria dado um depoimento. Ele provavelmente deturpara a história para que Tyson e eu fôssemos os canibais sedentos de sangue.

— Encontrei uma. Graças aos deuses. — Annabeth tirou da mochila uma moeda de ouro que reconheci como um dracma, a moeda corrente do Monte Olimpo. Tinha a efígie de Zeus gravada de um lado e o edifício Empire State do outro.

— Annabeth — falei. — Os taxistas de Nova York não vão aceitar isso.

— *Stêthi* — gritou ela em grego antigo. — Ô *hárma diabolês!* Como de costume, no momento em que ela falou na língua do Olimpo eu, de algum modo, entendi. Ela disse: *Pare, Carruagem da Danação!*

Aquilo não me deixou lá muito empolgado com seu plano, fosse qual fosse.

Ela atirou a moeda na rua, mas em vez de cair ruidosamente no asfalto o dracma afundou e desapareceu.

Por um momento, nada aconteceu.

Então, bem no lugar onde a moeda tinha caído, o asfalto escureceu. Fundiu-se em uma poça retangular mais ou menos do tamanho de uma vaga de estacionamento — borbulhando um líquido vermelho como sangue. Então um carro irrompeu daquele lodo.

Era um táxi, sem dúvida, porém, diferentemente de qualquer outro táxi de Nova York, não era amarelo. Era cinza-escuro. Quer dizer, parecia *feito* de fumaça, como se fosse possível atravessá-lo andando. Havia palavras impressas na porta — algo como MÃSIR ZENTSITNA —, mas a dislexia tornou difícil para mim decifrar o que estava escrito.

A janela do passageiro desceu, e uma velha pôs a cabeça para fora. Tinha um tufo de cabelos grisalhos cobrindo os olhos, e falou de um jeito estranho e murmurante, como se tivesse acabado de tomar uma injeção de anestésico.

— Passagem? Passagem?

— Três para o Acampamento Meio-Sangue — disse Annabeth. Ela abriu a porta traseira do táxi e acenou para que eu entrasse, como se aquilo tudo fosse a coisa mais normal do mundo.

— Cruzes! — guinchou a velha. — Não levamos a espécie *dele*! Ela apontou um dedo ossudo para Tyson.

O que era aquilo? Dia da Perseguição aos Garotos Grandes e Feios?

— Eu pago a mais — prometeu Annabeth. — Mais três dracmas quando chegarmos.

— Feito! — berrou a mulher.

Entrei no táxi com relutância. Tyson se espremeu no meio. Annabeth se arrastou para dentro por último.

O interior também era cinza-escuro, mas parecia bastante sólido. O assento era rachado e irregular — não muito diferente dos da maioria dos táxis. Não havia divisória nos separando da velha ao volante... Espere um minuto. Não havia apenas uma velha. Havia três, todas amontoadas no assento dianteiro, cada qual com cabelos pegajosos cobrindo os olhos, mãos ossudas e um vestido de tecido grosso cor de carvão.

A que estava na direção disse:

— Long Island! Bandeira dois! Ha!

Ela pisou fundo o acelerador, e minha cabeça foi de encontro ao encosto. Uma voz gravada veio do alto-falante: *Olá, aqui é Ganimedes*, sommelier *de Zeus, e quando saio para comprar vinho para o Senhor dos Céus sempre ponho o cinto de segurança!*

Olhei para baixo e encontrei uma corrente grande e preta no lugar do cinto. Concluí que não estava assim tão desesperado… ainda.

O táxi disparou e virou na esquina da West Broadway, e a velha cinzenta sentada no meio guinchou:

— Cuidado! Vá para a esquerda!

— Bem, se você tivesse me dado o olho, Tempestade, eu poderia *ver* isso! — queixou-se a motorista.

Espere um minuto. *Dar a ela o olho?*

Não tive tempo de fazer perguntas, porque a motorista guinou para desviar-se de um caminhão de entregas, passou por cima do meio-fio com um tranco de fazer bater os dentes e entrou voando no quarteirão seguinte.

— Vespa! — disse a terceira mulher à motorista. — Passe para mim a moeda da menina! Quero mordê-la.

— Você mordeu da última vez, Ira! — disse a motorista, cujo nome devia ser Vespa. — É a minha vez!

— Não é! — gritou a que se chamava Ira.

A do meio, Tempestade, berrou:

— Sinal vermelho!

— Freie! — berrou Ira.

Em vez disso, Vespa pisou fundo e subiu no meio-fio, cantando os pneus em outra esquina e derrubando uma máquina de vender jornais. Ela deixou meu estômago para trás em algum lugar da rua Broome.

— Desculpe-me — falei —, mas… você enxerga?

— Não! — gritou Vespa, de trás do volante.

— Não! — gritou Tempestade, do meio.

— É claro! — gritou Ira, da janela do passageiro. Olhei para Annabeth.

— Elas são cegas?

— Não totalmente — disse Annabeth. — Têm um olho.

— Um olho?

— Sim.

— Cada uma?

— Não. Um olho ao todo.

Ao meu lado, Tyson gemeu e se agarrou ao assento.

— Não estou me sentindo muito bem.

— Ah, céus! — disse eu, pois já tinha visto Tyson ficar enjoado no carro em excursões da escola, e aquilo *não era* algo que a gente quisesse ver a menos de quinze metros de distância. — Aguente firme, grandão. Alguém tem um saco de lixo ou coisa assim?

As três senhoras cinzentas estavam muito ocupadas discutindo para prestar atenção em mim. Virei-me para Annabeth, que continuava concentrada como quem corre risco de vida, e dei-lhe uma olhada do tipo "Por que você fez isso comigo?".

— Ei — disse ela —, o Táxi das Irmãs Cinzentas é o meio mais rápido de chegar ao acampamento.

— Então, por que você não veio nele da Virgínia?

— Fica fora da área de prestação de serviços delas — disse ela, como se aquilo fosse óbvio. — Elas só trabalham na Grande Nova York e na vizinhança.

— Já tivemos gente famosa neste táxi! — exclamou Ira. — Perseu! Lembram-se dele?

— Não quero nem lembrar! — lamuriou-se Vespa. — E nós não tínhamos um táxi naquele tempo, sua morcega velha. Aquilo foi há três mil anos!

— Me dê o dente! — Ira tentou agarrá-lo na boca de Vespa, mas Vespa afastou a mão dela com um tapa.

— Só se Tempestade me der o olho!

— Não! — guinchou Tempestade. — Você o usou ontem!

— Mas estou dirigindo, sua bruxa velha!

— Desculpas! Vire! Era a sua entrada!

Vespa entrou com violência na rua Delancey, espremendo-me entre Tyson e a porta. Pisou o acelerador, e disparamos pela ponte Williamsburg a oitenta quilômetros por hora.

As três irmãs estavam agora brigando mesmo, estapeando-se, enquanto Ira tentava agarrar a cara de Vespa e Vespa tentava agarrar a de Tempestade. Com os cabelos esvoaçando e a boca aberta, berrando uma com a outra, percebi que nenhuma das irmãs tinha dentes, com exceção de Vespa, que tinha um incisivo amarelo embolorado. Em vez de olhos, elas tinham apenas pálpebras fechadas e

afundadas, com exceção de Ira, que tinha um olho verde injetado que olhava para tudo avidamente, como se nada que visse fosse o bastante.

Por fim, Ira, que tinha a vantagem da visão, conseguiu arrancar o dente da boca da irmã Vespa. Isso a deixou tão furiosa que ela deu uma guinada para a beirada da ponte Williamsburg, gritando:

— Devolva! Devolva!

Tyson gemeu e segurou o estômago.

— Ah! a quem interessar possa — falei —, nós vamos morrer!

— Não se preocupe — disse Annabeth, parecendo muito preocupada. — As Irmãs Cinzentas sabem o que estão fazendo. Elas são muito sábias mesmo.

Aquilo veio da filha de Atena, mas não me senti exatamente reconfortado. Estávamos derrapando ao longo da beira de uma ponte, quarenta metros acima do Rio East.

— Sim, sábias! — Ira arreganhou um sorriso ao retrovisor, mostrando o dente recém-adquirido. — A gente sabe das coisas!

— Todas as ruas de Manhattan! — vangloriou-se Vespa, ainda batendo na irmã. — A capital do Nepal!

— O lugar que você procura! — acrescentou Tempestade. Imediatamente, as irmãs a socaram, uma de cada lado, gritando:

— Quieta! Quieta! Ele ainda nem perguntou!

— O quê? — disse eu. — Que lugar? Eu não estou procurando nenhum...

— Nada! — disse Tempestade. — Você está certo, menino. Não é nada!

— Fale.

— Não! — todas elas gritaram.

— Na última vez que contamos, foi horrível! — disse Tempestade.

— O olho foi parar num lago! — concordou Ira.

— Anos para encontrá-lo de novo! — queixou-se Vespa. — E por falar nisso... Devolva!

— Não! — berrou Ira.

— O olho! — berrou Vespa. — Dê para mim!

Ela bateu com força nas costas da irmã Ira. Ouviu-se um *pop* nauseante e algo saiu voando da cara de Ira. Ela começou a apalpar procurando, tentando agarrá-lo, mas só conseguiu rebatê-lo com as costas da mão. O globo verde e viscoso passou voando por cima de seu ombro e veio parar bem no meu colo.

Dei um pulo tão alto que minha cabeça atingiu o teto e o globo ocular saiu rolando.

— Não consigo enxergar! — berraram as três irmãs.

— Dê o olho para mim! — gemeu Vespa.

— Dê o olho para ela! — gritou Annabeth.

— Não está comigo! — falei.

— Ali, perto do seu pé — disse Annabeth. — Não pise! Pegue!

— Não vou pegar aquilo!

O táxi colidiu com a grade de segurança e arrastou-se por ela com um ruído horrível. O carro inteiro estremeceu, soltando fumaça cinzenta como se fosse se dissolver com o esforço.

— Vou vomitar! — avisou Tyson.

— Annabeth — berrei —, deixe Tyson usar sua mochila!

— Está louco? Pegue o olho!

Vespa deu uma puxada violenta no volante e o táxi se afastou da grade. Disparamos pela ponte em direção ao Brooklyn, mais rápido que qualquer táxi humano. As Irmãs Cinzentas guinchavam, e se esmurravam, e clamavam pelo olho.

Por fim, tomei coragem. Arranquei um pedaço da minha camiseta desbotada, que já estava se desfazendo por causa de todos os buracos de queimadura, e usei-o para pegar o olho no chão.

— Bom menino! — gritou Ira, como se, de algum modo, soubesse que eu estava com seu olho perdido. — Devolva!

— Não, enquanto não explicarem — falei. — O que vocês estavam falando, o lugar que eu procuro?

— Não dá tempo! — gritou Tempestade. — Acelerando! Olhei pela janela. Com certeza, árvores, carros e bairros inteiros passavam ventando, em um borrão cinzento. Já tínhamos saído do Brooklyn e atravessávamos Long Island.

— Percy — advertiu Annabeth —, elas não podem encontrar nosso destino sem o olho. Vamos continuar acelerando até arrebentar em um milhão de pedaços.

— Primeiro elas têm de me dizer. Ou então vou abrir a janela e jogar o olho no meio do trânsito.

— Não! — gemeram as Irmãs Cinzentas. — É perigoso demais!

— Estou abaixando a janela.

— Espere! — berraram as Irmãs Cinzentas. — Trinta, 31, 75, 12!

Elas bradaram como um zagueiro de futebol americano cantando a jogada.

— O que querem dizer? Isso não faz sentido!

— Trinta, 31, 75, 12! — gemeu Ira. — É tudo o que podemos falar. Agora, devolva-nos o olho! Estamos quase no acampamento!

Estávamos agora fora da estrada, disparando pelos campos no norte de Long Island. Pude ver a Colina Meio-Sangue à nossa frente, com seu pinheiro gigante no topo — a árvore de Thalia, que continha a força vital de uma heroína derrotada.

— Percy! — disse Annabeth em um tom mais urgente. — Dê o olho a elas *agora*!

Decidi não discutir. Joguei o olho no colo de Vespa.

A velha o agarrou, empurrou-o para dentro da órbita como alguém que coloca uma lente de contato, e piscou.

— Eia!

Ela pisou o freio. O táxi rodopiou quatro ou cinco vezes em uma nuvem de fumaça e guinchou até parar no meio da estrada vicinal na base da Colina Meio-Sangue.

Tyson soltou um enorme arroto.

— Melhor agora.

— Tudo bem — disse eu às Irmãs Cinzentas. — Agora me digam o que querem dizer aqueles números.

— Não dá tempo! — Annabeth abriu a porta. — Temos de sair *agora*.

Eu ia perguntar por quê, quando ergui os olhos para a Colina Meio-Sangue e entendi.

No topo da colina havia um grupo de campistas. E eles estavam sob ataque.

QUATRO

# TYSON BRINCA COM FOGO

Mitologicamente falando, se existe uma coisa que eu odeio mais do que trios de velhas são touros. No último verão, lutei com o Minotauro no topo da Colina Meio-Sangue. Dessa vez, o que vi lá em cima era ainda pior: dois touros. E não touros comuns, apenas, mas touros de bronze, do tamanho de elefantes. E mesmo *aquilo* não era ruim o bastante. É claro que eles também tinham de soltar fogo.

Assim que saímos do táxi, as Irmãs Cinzentas se safaram a toda rumo a Nova York, onde a vida era mais segura. Nem sequer esperaram pelo pagamento extra de três dracmas. Simplesmente nos largaram à beira da estrada, Annabeth com nada além de sua mochila e a faca, Tyson e eu ainda com as roupas desbotadas de ginástica.

— Ah, céus! — disse Annabeth, olhando para a batalha violenta na colina.

O que mais me preocupou não foram os touros em si. Ou os dez heróis de armadura de batalha completa, cujos traseiros de bronze estavam levando uma surra. O que me preocupava era que os touros estavam se movimentando por toda a colina, inclusive atrás do pinheiro. Aquilo não deveria ser possível. As fronteiras mágicas do acampamento não permitiam que monstros passassem além da árvore de Thalia. Mesmo assim os touros de metal estavam fazendo isso.

Um dos heróis gritou:

— Patrulha de fronteira! Aqui! — Uma voz de menina... rouca e familiar.

Patrulha de fronteira?, pensei. O acampamento *não tinha* patrulha de fronteira.

— É Clarisse — disse Annabeth. — Venha, temos de ajudá-la.

Normalmente, correr para ajudar Clarisse não estaria no topo da minha lista de "coisas a fazer". Ela era uma das maiores encrenqueiras do acampamento. Na

primeira vez que nos vimos ela tentou apresentar minha cabeça a uma privada. Também era filha de Ares, e eu havia tido um desentendimento muito sério com o pai dela no último verão; portanto, agora o deus da guerra e todos os seus filhos basicamente não iam com a minha cara.

Ainda assim ela estava em dificuldades. Seus combatentes estavam se dispersando, correndo em pânico diante do ataque dos touros. A grama estava em chamas em grandes faixas em volta do pinheiro. Um herói gritava e agitava os braços enquanto corria em círculos, o enfeite de crina de cavalo em seu capacete ardendo como um cocar flamejante. A armadura da própria Clarisse estava chamuscada. Ela lutava com um cabo de lança quebrada, a outra extremidade estava cravada inutilmente na junta metálica do ombro de um dos touros.

Tirei a tampa da minha caneta esferográfica. Ela cintilou e foi se tornando cada vez mais comprida e pesada até eu me ver segurando nas mãos a espada de bronze Anaklusmos.

— Tyson, fique aqui. Não quero que se arrisque mais.

— Não! — disse Annabeth. — Precisamos dele.

Olhei para ela.

— Ele é mortal. Teve sorte com as bolas de queimado, mas ele não pode...

— Percy, você sabe o que é aquilo lá em cima? Os touros de Colchis, feitos pelo próprio Hefesto. Não podemos combatê-los sem o Filtro Solar de Medeia, com fator de proteção 50 mil. Vamos ser queimados até virar torresmo.

— *O quê* de Medeia?

Annabeth revirou a mochila e praguejou.

— Eu tinha um pote de essência de coco tropical na minha cabeceira, em casa. Por que não trouxe comigo?

Tinha aprendido muito tempo atrás a não fazer muitas perguntas a Annabeth. Só me deixaria ainda mais confuso.

— Olhe, eu não sei do que você está falando, mas não vou permitir que Tyson seja frito.

— Percy...

— Tyson, fique aqui. — Ergui minha espada. — Vou entrar.

Tyson tentou protestar, mas eu já estava correndo colina acima na direção de Clarisse, que gritava com sua patrulha, tentando organizá-la em formação de falange. Era uma boa ideia. Os poucos que a ouviram formaram uma fileira ombro

a ombro, encaixando seus escudos para forjar uma parede de couro e bronze, as lanças surgindo acima como cerdas de porco-espinho.

Infelizmente, Clarisse só conseguiu reunir seis campistas. Os outros quatro ainda corriam em círculos com o capacete em chamas. Annabeth correu até eles, tentando ajudar. Provocou um dos touros para que a perseguisse e depois ficou invisível, confundindo o monstro completamente. O outro touro investiu contra a linha de Clarisse.

Eu estava a meio caminho colina acima — não era perto o bastante para ajudar. Clarisse ainda nem me vira.

O touro se movimentava depressa demais para uma coisa tão grande. A carcaça metálica brilhava ao sol. Tinha rubis do tamanho de punhos no lugar dos olhos e chifres de prata polida. Quando abria a boca articulada, uma coluna de chamas incandescentes era expelida.

— Mantenham a linha! — ordenou Clarisse a seus guerreiros.

Você podia falar qualquer coisa sobre Clarisse, mas ela era corajosa. Era uma menina grande com olhos cruéis como os do pai. Parecia ter nascido para usar uma armadura de batalha grega, mas até mesmo ela não me parecia capaz de resistir à investida daquele touro.

Por azar, naquele momento, o outro touro perdeu o interesse em encontrar Annabeth. Virou-se e foi atrás de Clarisse, do seu lado desprotegido.

— Atrás de você! — gritei. — Cuidado!

Eu não devia ter dito nada, porque tudo o que consegui foi assustá-la. O Touro Número 1 colidiu contra o escudo dela e a falange se rompeu. Clarisse voou para trás e aterrissou em um pedaço de gramado em chamas. O touro passou direto por ela, mas não sem antes atingir os outros heróis com seu hálito de fogo. Os escudos derreteram instantaneamente em seus braços. Eles deixaram cair as armas e correram enquanto o Touro Número 2 se aproximava de Clarisse para o golpe final.

Eu me adiantei e agarrei Clarisse pelos cordões da armadura. Arrastei-a para fora do caminho bem no momento em que o Touro Número 2 passava como um trem de carga. Dei-lhe um bom golpe com Contracorrente e abri um imenso talho numa de suas laterais, mas o monstro apenas rachou e soltou um mugido, e continuou avançando.

A fera não me tocou, mas pude sentir o calor da sua pele de metal. A temperatura de seu corpo poderia ter cozido um *burrito* congelado.

— Me solte! — Clarisse deu uma pancada na minha mão. — Percy, maldito!

Deixei-a cair como um saco junto ao pinheiro e me virei para enfrentar os touros. Estávamos agora do outro lado da colina, com o vale do Acampamento Meio-Sangue logo abaixo. Os chalés, as áreas de treinamento, a Casa Grande — todos em perigo caso os touros passassem por nós.

Annabeth bradou ordens para os outros heróis, dizendo-lhes que se espalhassem e mantivessem os touros distraídos.

O Touro Número 1 fez uma curva bem aberta e começou a voltar na minha direção. Ao passar pelo meio da colina, onde a linha invisível da fronteira deveria tê-lo detido, ele reduziu um pouco a velocidade, como se lutasse contra um vento forte; mas então rompeu a barreira e continuou avançando. O Touro Número 2 se virou para me enfrentar, com fogo crepitando no corte fundo que eu fizera em seu flanco. Não sei dizer se sentiu alguma dor, mas seus olhos de rubi pareciam fixos em mim como se eu tivesse acabado de levar as coisas para o lado pessoal.

Eu não podia lutar contra os dois touros ao mesmo tempo. Teria de derrubar o Touro Número 2 primeiro e cortar sua cabeça antes que o Touro Número 1 investisse de novo, até ficar ao meu alcance. Eu já sentia os braços cansados. Percebi quanto tempo passara desde a última vez que treinara com Contracorrente, e como perdera a prática.

Ataquei, mas o Touro Número 2 lançou chamas contra mim. Rolei para o lado enquanto o ar se transformava em puro calor. Todo o oxigênio foi sugado de meus pulmões. Meu pé se prendeu em alguma coisa — uma raiz de árvore, talvez — e a dor subiu por meu tornozelo. Ainda assim, consegui desferir um golpe com a espada e decepei um pedaço do focinho do monstro. Ele se afastou galopando, fora de controle e desorientado. Mas, antes que eu pudesse me sentir muito satisfeito com aquilo, tentei ficar de pé e minha perna esquerda fraquejou. O tornozelo estava torcido, talvez quebrado.

O Touro Número 1 investiu na minha direção. Não havia como me arrastar para fora do seu caminho.

Annabeth gritou:

— Tyson, ajude-o!

Em algum lugar por perto, na direção do topo da colina, Tyson lamentou-se:

— Não… posso… atravessar!

— Eu, Annabeth Chase, lhe dou permissão para entrar no acampamento!

Uma trovoada sacudiu a encosta. De repente, Tyson estava lá, disparando em minha direção e gritando:

— Percy precisa de ajuda!

Antes que eu pudesse dizer que não, Tyson se jogou entre mim e o touro bem quando ele soltou uma erupção de fogo nuclear.

— Tyson! — gritei.

A explosão rodopiou em volta dele como um tornado vermelho. Só consegui ver a silhueta negra de seu corpo. Soube com uma terrível certeza que meu amigo acabara de se transformar em uma coluna de cinzas.

Mas, quando o fogo diminuiu, Tyson ainda estava lá, de pé, completamente ileso. Nem mesmo suas roupas surradas foram chamuscadas. O touro deve ter ficado tão surpreso quanto eu, porque antes que pudesse exalar uma segunda erupção Tyson cerrou os punhos e golpeou a cara dele.

— VACA MALVADA!

Seus punhos abriram uma cratera no lugar onde estaria o focinho do touro. Duas pequenas colunas de fogo irromperam dos ouvidos. Tyson acertou-o de novo e amassou o bronze sob suas mãos como papel-alumínio. A cabeça do touro agora parecia um boneco de meia virado do avesso.

— No chão! — berrou Tyson.

O touro cambaleou e caiu de costas. As pernas balançaram debilmente no ar, o vapor escapando pela cabeça e outros lugares esquisitos.

Annabeth correu para ver como eu estava.

Meu tornozelo parecia estar cheio de ácido, mas ela me deu um pouco do néctar do Olimpo em seu cantil e imediatamente comecei a me sentir melhor. Havia um cheiro de queimado que depois percebi que vinha de mim. Os pelos em meus braços tinham ficado completamente chamuscados.

— E o outro touro? — perguntei.

Annabeth apontou colina abaixo. Clarisse tinha cuidado da Vaca Malvada Número 2. Ela a empalara pela pata traseira com uma lança de bronze celestial. Com o focinho semidestruído e um enorme talho no flanco, o bicho tentava correr em câmara lenta, andando em círculos como algum tipo de animal de carrossel.

Clarisse tirou o capacete e marchou em nossa direção. Uma mecha do seu cabelo castanho fibroso estava fumegando, mas ela parecia nem notar.

— Você estragou tudo! — berrou ela para mim. — Eu tinha tudo sob controle!

Eu estava atordoado demais para responder. Annabeth resmungou:

— Bom ver você também, Clarisse.

— Argh! — gritou Clarisse. — Nunca, NUNCA tente me salvar de novo!

— Clarisse — disse Annabeth —, você tem alguns campistas feridos.

Aquilo a fez cair em si. Até mesmo Clarisse se preocupava com os soldados sob seu comando.

— Eu vou voltar — rosnou ela, e depois se afastou pesadamente para avaliar os danos.

Olhei para Tyson.

— Você não morreu.

Tyson baixou os olhos como se estivesse com vergonha.

— Desculpe-me. Vim ajudar. Desobedeci a você.

— Culpa minha — disse Annabeth. — Não tive escolha. Eu tinha de deixar Tyson cruzar a fronteira para salvá-lo. Caso contrário, você teria morrido.

— *Deixá-lo* cruzar a fronteira? — perguntei. — Mas...

— Percy — disse ela —, você já olhou para Tyson com atenção? Quer dizer... para seu rosto. Ignorar a Névoa e *realmente* olhar para ele.

A Névoa faz os seres humanos verem apenas o que seu cérebro pode processar... Eu sabia que ela podia enganar semideuses também, mas...

Olhei para o rosto de Tyson. Não foi fácil. Sempre tive dificuldade de olhar diretamente para ele, embora nunca tivesse entendido muito bem por quê. Achava que era só porque sempre havia manteiga de amendoim nos seus dentes tortos. Forcei-me a focalizar seu nariz grande e sem jeito, depois, um pouco mais acima, seus olhos.

Não, não *olhos*.

*Um* olho. Um grande olho, castanho-bezerro, bem no meio da testa, com cílios grossos e grandes lágrimas escorrendo pelas bochechas dos dois lados.

— Tyson — gaguejei. — Você é um...

— Ciclope — sugeriu Annabeth. — Um bebê, a julgar pela aparência. Provavelmente foi por isso que ele não conseguiu atravessar a fronteira como os

touros. Tyson é um dos órfãos sem-teto.

— Um dos quê?

— Eles estão em quase todas as grandes cidades — disse Annabeth, de um jeito desagradável. — São... *erros*, Percy. Filhos de espíritos da natureza e deuses... Bem, normalmente, um deus em particular... e nem sempre são perfeitos. Ninguém os quer. Eles são jogados de lado. Crescem nas ruas, sozinhos. Não sei como esse o encontrou, mas ele obviamente gosta de você. Devemos levá-lo a Quíron e deixar que ele decida o que fazer.

— Mas o fogo. Como...

— Ele é um ciclope. — Annabeth fez uma pausa, como se estivesse se lembrando de algo desagradável. — Eles operam as forjas dos deuses. *Precisam* ser imunes ao fogo. É o que eu vinha tentando lhe dizer.

Eu estava completamente chocado. Como nunca percebera o que Tyson era?

Mas eu não tinha muito tempo para pensar nisso naquele momento. Toda a encosta da colina estava em chamas. Heróis feridos precisavam de atenção. E ainda havia dois touros derrubados para descartar, e eu não fazia ideia de como eles iriam caber nas nossas caçambas normais de lixo reciclável.

Clarisse voltou e limpou a fuligem da testa.

— Jackson, se você puder aguentar, levante-se. Precisamos carregar os feridos de volta para a Casa Grande e informar a Tântalo o que aconteceu.

— Tântalo? — perguntei.

— O diretor de atividades — disse Clarisse, impaciente.

— O diretor de atividades é Quíron. E onde está Argos? Ele é o encarregado da segurança. Devia estar aqui.

Clarisse fez uma cara amarga.

— Argos foi despedido. Vocês dois estiveram afastados por muito tempo. As coisas estão mudando.

— Mas, Quíron... Ele treina garotos para combater monstros há mais de três mil anos. Não pode ter simplesmente *ido embora*. O que aconteceu?

— *Aquilo* aconteceu — disparou Clarisse.

Ela apontou para a árvore de Thalia.

Todos os campistas conheciam a história da árvore. Seis anos antes, Grover, Annabeth e dois outros semideuses chamados Thalia e Luke chegaram ao Acampamento Meio-Sangue perseguidos por um exército de monstros. Quando se

viram acuados no topo da colina, Thalia, filha de Zeus, montou resistência ali, para dar tempo aos amigos de alcançar a segurança. Quando ela estava morrendo, Zeus se apiedou e a transformou em um pinheiro. Seu espírito reforçou as fronteiras mágicas do acampamento, protegendo-o de monstros. O pinheiro estava lá desde então, forte e saudável.

Mas agora suas folhas estavam amarelas. Uma enorme pilha de folhas mortas se acumulava na base da árvore. No centro do tronco, a um metro do chão, havia uma perfuração do tamanho de um buraco de bala, gotejando seiva verde.

O gelo cortou meu peito. Agora eu entendia por que o acampamento estava em perigo. As fronteiras mágicas estavam falhando porque a árvore de Thalia estava morrendo.

Alguém a envenenara.

CINCO

# MEU NOVO COMPANHEIRO DE CHALÉ

Alguma vez você já chegou em casa e encontrou seu quarto todo bagunçado? Como se alguma pessoa prestimosa (oi, mamãe!) tivesse tentado "arrumá-lo" e, de repente, você não conseguisse encontrar mais nada? E, mesmo que nada esteja faltando, tem aquela sensação arrepiante de que alguém andou olhando suas coisas e limpando tudo com lustra-móveis que cheira a limão?

Foi esse tipo de coisa que senti ao ver o Acampamento Meio-Sangue de novo.

Na superfície, nada parecia assim tão diferente. A Casa Grande ainda estava lá com seu telhado azul e sua varanda em toda a volta. Os campos de morangos ainda se aqueciam ao Sol. Os mesmos prédios com colunas gregas brancas se espalhavam pelo vale — o anfiteatro, a arena de combates, o pavilhão-refeitório que dá para o estreito de Long Island. E, aninhados entre os bosques e o riacho, os mesmos chalés — um sortimento maluco de doze prédios, cada qual representando um deus olimpiano diferente.

Mas agora havia uma atmosfera de perigo.

Dava para perceber que alguma coisa estava errada. Em vez de jogar vôlei na quadra de areia, conselheiros e sátiros armazenavam armas no galpão de ferramentas. Dríades armadas de arcos e flechas conversavam, nervosas, no limite dos bosques. A floresta parecia doente; a grama na campina tinha um tom pálido de amarelo, e as marcas do fogo na Colina Meio-Sangue se destacavam como feias cicatrizes.

Alguém tinha bagunçado meu lugar favorito em todo o mundo, e eu não era… bem, um campista feliz.

Enquanto caminhávamos para a Casa Grande, reconheci uma porção de campistas do último verão. Ninguém parou para conversar. Ninguém disse: "Sejam bem-vindos de volta." Alguns olharam duas vezes quando viram Tyson, mas a maior parte simplesmente passou de cara fechada e seguiu em frente, cumprindo seus deveres — levando mensagens, carregando espadas para afiar nas pedras de amolar. O acampamento parecia uma escola militar. E, acredite, eu as conheço. Fui expulso de algumas.

Nada disso importava para Tyson. Ele estava absolutamente fascinado com tudo o que via.

— O que é aquilo? — ele se espantava.

— Estábulos para pégasos — disse eu. — Os cavalos alados.

— O que é aquilo?

— Hum... aquilo são os banheiros.

— O que é aquilo?

— Os chalés dos campistas. Se não sabem quem é seu pai olimpiano, você é deixado no chalé de Hermes... aquele marrom logo ali... até que se descubra. Então, quando já sabem, juntam-no ao grupo de seu pai, ou de sua mãe.

Ele olhou para mim abismado.

— Você... tem um *chalé*?

— O número 3. — Apontei para uma construção cinzenta e baixa feita de pedras do mar.

— Você mora com amigos no chalé?

— Não. Não, fico sozinho. — Não estava com vontade de explicar. A verdade embaraçosa: eu era o único naquele chalé porque supostamente não deveria estar vivo. Os "Três Grandes" deuses — Zeus, Poseidon e Hades — tinham feito um pacto depois da Segunda Guerra Mundial para não ter mais filhos com mortais. Nós éramos mais poderosos que os meios-sangues normais. E imprevisíveis demais. Quando ficávamos zangados, tendíamos a causar problemas... como a Segunda Guerra Mundial, por exemplo. O pacto dos "Três Grandes" só tinha sido quebrado duas vezes — quando Zeus gerou Thalia e quando Poseidon me gerou. Nenhum de nós devia ter nascido.

Thalia acabou transformada em um pinheiro quando tinha doze anos. Eu... bem, eu estava fazendo o melhor possível para não seguir o exemplo dela. Tinha pesadelos só de pensar no que Poseidon poderia me transformar se algum dia eu

estivesse à beira da morte — plâncton, quem sabe. Ou um agrupamento flutuante de algas marinhas.

Quando chegamos à Casa Grande, encontramos Quíron em seu alojamento, ouvindo suas músicas favoritas da década de 1960 enquanto arrumava seus alforjes. Acho que devo mencionar — Quíron é um centauro. Da cintura para cima parece um sujeito comum, de meia-idade, com cabelo castanho encaracolado e barba desarrumada. Da cintura para baixo, é um corcel branco. Consegue passar por ser humano apertando sua metade inferior em uma cadeira de rodas mágica. De fato, ele se passou por meu professor de latim na sexta série. Mas na maior parte do tempo, se os tetos forem bastante altos, ele prefere circular em sua forma plena de centauro.

Assim que o vimos, Tyson ficou paralisado.

— Pônei! — exclamou, totalmente extasiado.

Quíron se voltou, parecendo ofendido.

— Como disse?

Annabeth e eu subimos correndo e o abraçamos.

— Quíron, o que está acontecendo? Não está... indo embora? — A voz dela estava trêmula. Quíron era como seu segundo pai.

Quíron despenteou o cabelo de Annabeth e lhe deu um sorriso bondoso.

— Olá, criança. E Percy, ora vejam! Você cresceu esse ano!

Engoli em seco.

— Clarisse disse que você foi... foi...

— Despedido. — Os olhos de Quíron brilharam com um humor soturno. — Ah, bem, alguém tinha de levar a culpa. O Senhor Zeus ficou muito aborrecido. A árvore que ele criou do espírito de sua filha foi envenenada! O sr. D precisava punir alguém.

— Quer dizer: se não fosse ele — resmunguei. Só de pensar no diretor do acampamento, sr. D, eu fiquei irritado.

— Mas isso é loucura! — exclamou Annabeth. — Quíron, você não poderia ter nada a ver com o envenenamento da árvore de Thalia!

— Apesar disso — suspirou Quíron —, alguns no Olimpo não confiam em mim agora, dadas as circunstâncias.

— Que circunstâncias? — perguntei.

O rosto de Quíron se anuviou. Ele enfiou um dicionário latim-inglês no alforje enquanto a música de Frank Sinatra soava no micro system.

Tyson ainda olhava para Quíron, encantado. Choramingou como se quisesse acariciar Quíron, mas tivesse medo de chegar mais perto.

— Pônei?

Quíron respirou fundo.

— Meu caro jovem ciclope! Eu sou um *centauro*.

— Quíron — falei. — E a árvore? O que aconteceu?

Ele sacudiu a cabeça com tristeza.

— O veneno usado no pinheiro de Thalia é algo do Mundo Inferior, Percy. Alguma peçonha que eu nunca tinha visto. Deve ter vindo de um monstro da profundeza dos abismos de Tártaro.

— Então sabemos quem é o responsável. Cro…

— Não invoque o nome do titã, Percy. Especialmente, não aqui, e não agora.

— Mas no último verão ele tentou causar uma guerra civil no Olimpo! Isso *tem* de ser ideia dele. Ele convenceu Luke a fazer aquilo, aquele traidor.

— Talvez — disse Quíron. — Mas infelizmente estou sendo responsabilizado porque não evitei que acontecesse e não consigo curá-la. A árvore tem apenas algumas semanas de vida, a não ser…

— A não ser o quê? — perguntou Annabeth.

— Não — disse Quíron. — Um pensamento tolo. O vale inteiro está sentindo o choque do veneno. As fronteiras mágicas estão se deteriorando. O próprio acampamento está morrendo. Só uma fonte de mágica seria forte o bastante para anular o veneno, e ela foi perdida séculos atrás.

— O que é? — perguntei. — Nós vamos encontrá-la!

Quíron fechou seu alforje. Apertou o botão *stop* do seu som. Então se virou e pousou a mão em meu ombro, olhando-me bem nos olhos.

— Percy, você tem de me prometer que não vai agir precipitadamente. Disse à sua mãe que não queria que você viesse para cá neste verão. É perigoso demais. Mas agora que está aqui, *fique* aqui. Treine muito. Aprenda a lutar. Mas não vá embora.

— Por quê? — perguntei. — Quero fazer alguma coisa! Não posso simplesmente deixar todas as fronteiras caírem por terra. O acampamento inteiro será…

— Invadido por monstros — disse Quíron. — Sim, é o que temo. Mas você não deve se deixar tentar por alguma ação impensada! Isso pode ser uma armadilha do senhor dos titãs. Lembre-se do último verão! Ele quase tirou sua vida.

Era verdade, mas ainda assim eu queria muito ajudar. Também queria fazer Cronos pagar. Quer dizer, era de esperar que o senhor dos titãs tivesse aprendido suas lições eras atrás, quando foi derrubado pelos deuses. Era de esperar que ser picado em um milhão de pedacinhos e jogado na parte mais escura do Mundo Inferior lhe desse uma dica sutil de que ninguém o queria por perto. Mas não. Como ele era imortal, ainda estava vivo lá embaixo no Tártaro — sofrendo a dor eterna, faminto por retornar e se vingar do Olimpo. Não podia agir sozinho, mas era muito bom em distorcer a mente de mortais, e até de deuses, para que fizessem seu trabalho sujo.

O envenenamento *tinha* de ser coisa dele. Quem mais seria tão baixo a ponto de atacar a árvore de Thalia, a única coisa que restara de uma heroína que dera a vida para salvar seus amigos?

Annabeth estava se esforçando muito para não chorar. Quíron enxugou uma lágrima da bochecha dela.

— Fique com Percy, criança — disse ele. — Cuide para que ele fique seguro. A profecia... lembre-se dela!

— Eu... eu vou fazer isso.

— Hum... — falei. — A profecia que tem relação comigo, mas que os deuses os proibiram de me contar?

Ninguém respondeu.

— Certo — resmunguei. — Só confirmando.

— Quíron... — disse Annabeth. — Você me contou que os deuses o fizeram imortal somente enquanto você fosse necessário para treinar heróis. Se eles o demitem do acampamento...

— Jure que fará o melhor que puder para manter Percy afastado do perigo — insistiu ele. — Jure pelo rio Estige.

— Juro... juro pelo rio Estige — disse Annabeth.

Trovejou do lado de fora.

— Muito bem — disse Quíron. Ele pareceu um pouquinho mais relaxado. — Talvez meu nome seja limpo, e eu retorne. Até lá, vou visitar meus parentes selvagens, em Everglades. É possível que eles saibam de algum tratamento que eu

tenha esquecido para a árvore envenenada. De qualquer modo, ficarei no exílio até que esse assunto seja resolvido… de um jeito ou de outro.

Annabeth sufocou um soluço. Quíron lhe deu umas palmadinhas desajeitadas no ombro.

— Vamos, vamos, criança. Preciso confiar sua segurança ao sr. D e ao novo diretor de atividades. Precisamos ter esperanças… bem, talvez eles não destruam o acampamento tão depressa quanto temo.

— Afinal, quem é esse tal de Tântalo? — perguntei. — O que ele quer tomando seu emprego?

Uma trombeta de concha soou pelo vale. Eu não tinha percebido como era tarde. Era hora de os campistas se reunirem para o jantar.

— Vão — disse Quíron. — Vocês o encontrarão no pavilhão. Vou entrar em contato com sua mãe, Percy, e avisá-la de que você está em segurança. Sem dúvida, ela deve estar preocupada a essa altura. Só não se esqueça do meu aviso! Você corre grave perigo. Não pense nem por um momento que o senhor dos titãs o esqueceu!

Com isso, ele saiu do apartamento batendo os cascos e desceu para o vestíbulo, enquanto Tyson gritava atrás dele:

— Pônei! Não vá!

Percebi que tinha esquecido de contar a Quíron sobre meu sonho com Grover. Era tarde demais. O melhor professor que já tivera se fora, talvez para sempre.

Tyson começou a chorar alto, quase tanto quanto Annabeth.

Tentei lhe dizer que ia dar tudo certo, mas eu não acreditava nisso.

O Sol estava se pondo atrás do pavilhão de refeições quando os campistas vieram de seus chalés. Ficamos na sombra de uma coluna de mármore e observamos enquanto eles entravam em fila. Annabeth ainda estava bastante abalada, mas prometeu que conversaria conosco mais tarde. Foi então se juntar a seus irmãos do chalé de Atena — uma dúzia de meninos e meninas de cabelos loiros e olhos cinzentos como os dela. Annabeth não era a mais velha, mas passara ali mais verões do que quase todos os outros. Era possível perceber isso só de olhar para o seu colar do acampamento — uma conta para cada verão, e Annabeth tinha seis. Ninguém questionava seu direito de liderar a fila.

A seguir veio Clarisse, liderando o chalé de Ares. Estava com um braço na tipoia e um corte feio na bochecha, mas, a não ser por isso, o encontro com os

touros de bronze não parecia tê-la intimidado. Alguém prendera com fita adesiva um pedaço de papel nas costas dela, que dizia: VOCÊ MUGE, MENINA! Mas ninguém de seu chalé se deu o trabalho de avisá-la.

Depois das crianças de Ares veio o chalé de Hefesto — seis caras liderados por Charles Beckendorf, um garoto grande de quinze anos, afro-americano. Tinha mãos do tamanho de luvas de beisebol e um rosto duro e estrábico de tanto olhar para dentro de uma forja de ferreiro o dia inteiro. Ele era bem simpático depois que você o conhecia, mas ninguém jamais o chamava de Charlie, Chuck ou Charles. A maioria só o chamava de Beckendorf. Dizia-se que ele era capaz de fazer qualquer coisa. Era só lhe dar um pedaço de metal e ele poderia criar uma espada afiada como navalha, um guerreiro robótico ou uma banheira de passarinho musical para o jardim da sua avó. O que a gente quisesse.

Os outros chalés foram entrando em fila: Deméter, Apolo, Afrodite, Dioniso. As náiades emergiram do lago de canoagem. As dríades surgiram das árvores. Da campina veio uma dúzia de sátiros, que me fizeram lembrar de Grover com aflição.

Sempre tive um fraco pelos sátiros. Quando estavam no acampamento, serviam como os quebra-galhos do sr. D, o diretor, mas seu trabalho mais importante era lá fora, no mundo real. Eles eram os olheiros do acampamento. Entravam disfarçados em escolas do mundo inteiro, procurando possíveis meios-sangues, e os escoltavam para o acampamento. Foi como conheci Grover. Ele foi o primeiro a reconhecer que eu era um semideus.

Depois que os sátiros entraram para jantar, o pessoal do chalé de Hermes veio por último. Era sempre o maior chalé. No último verão, foi liderado por Luke, o cara que tinha lutado com Thalia e Annabeth no topo da Colina Meio-Sangue. Por algum tempo, antes de Poseidon me reclamar, eu me alojei no chalé de Hermes. Luke se tornou meu amigo… e depois tentou me matar.

Agora o chalé de Hermes era liderado por Travis e Connor Stoll. Eles não eram gêmeos, mas eram tão parecidos que isso não importava. Nunca conseguia lembrar qual era o mais velho. Ambos eram altos e magros, com os cabelos castanhos caindo nos olhos. Usavam camisetas laranja do Acampamento Meio-Sangue por cima de shorts folgados, e tinham aquelas feições de elfo de todos os meninos de Hermes: sobrancelhas arqueadas, sorriso sarcástico e um brilho nos olhos sempre que fitavam você — como se estivessem prestes a jogar uma bombinha dentro de sua camisa. Sempre achei engraçado que o deus dos ladrões

tivesse filhos com o sobrenome "Stoll", que lembra a palavra "roubou" em inglês, mas na única vez que mencionei isso a Travis e Connor eles me olharam com cara de paisagem, como se não tivessem entendido a piada.

Assim que os últimos campistas entraram, levei Tyson até o meio do pavilhão. As conversas se interromperam. Cabeças se viraram.

— Quem convidou *aquilo*? — murmurou alguém na mesa de Apolo.

Olhei furiosamente na direção deles, mas não consegui discernir quem havia falado.

Da mesa principal, veio uma voz arrastada, familiar.

— Ora, ora, ora, se não é Peter Jackson! O meu milênio está completo.

Trinquei os dentes.

— *Percy Jackson*... senhor.

O sr. D tomou um gole da sua Diet Coke.

— Sim. Bem, como vocês jovens hoje em dia, *tanto faz*.

Ele usava a camisa de sempre, havaiana com estampa de leopardo, bermuda e tênis com meias pretas. A barriga protuberante e a cara vermelha e manchada o faziam parecer um turista de Las Vegas que ficara acordado até tarde nos cassinos. Atrás dele, um sátiro que parecia nervoso tirava as cascas das uvas e as entregava ao sr. D, uma de cada vez.

O verdadeiro nome do sr. D é Dioniso. O deus do vinho. Zeus o nomeou diretor do Acampamento Meio-Sangue para ficar abstêmio por cem anos — um castigo por paquerar uma ninfa proibida dos bosques.

Ao lado dele, onde normalmente se sentava Quíron (ou ficava em pé, na forma de centauro), havia alguém que eu nunca vira — um homem pálido e terrivelmente magro usando um macacão laranja de prisioneiro. O número acima do bolso era 0001. Ele tinha sombras azuis debaixo dos olhos, unhas sujas e cabelo grisalho malcortado, como se seu último corte de cabelo tivesse sido feito com um cortador de grama. Ele olhou para mim; seus olhos me deixaram nervoso. Ele parecia... em frangalhos. Zangado, frustrado e esfomeado, tudo ao mesmo tempo.

— Esse menino — disse-lhe Dioniso —, precisa ficar de olho nele. Filho de Poseidon, você sabe.

— Ah! — disse o prisioneiro. — Aquele.

Seu tom deixou óbvio que ele e Dioniso já haviam conversado extensamente sobre mim.

— Eu sou Tântalo — disse o prisioneiro, sorrindo friamente. — Em missão especial aqui, bem, até que o meu senhor Dioniso decida outra coisa. Quanto a você, Perseu Jackson, *realmente* espero que evite causar mais problemas.

— Problemas? — perguntei.

Dioniso estalou os dedos. Um jornal apareceu sobre a mesa — a primeira página do *New York Post* daquele dia. Trazia minha fotografia do anuário do colégio Meriwether. Era difícil para mim distinguir a manchete, mas eu tinha um bom palpite do que dizia. Algo como: *Maluco de Treze Anos Toca Fogo em Ginásio*.

— Sim, problemas — disse Tântalo com satisfação. — Você causou um bocado deles no último verão, pelo que sei.

Fiquei zangado demais para falar. Como se fosse culpa *minha* que os deuses quase tivessem entrado numa guerra civil.

Um sátiro avançou, tenso, e pôs um prato de churrasco na frente de Tântalo. O novo diretor de atividades lambeu os beiços. Olhou para sua taça vazia e disse:

— Cerveja preta. Reserva especial da Barq's, 1967.

O copo se encheu sozinho de um líquido espumante. Tântalo esticou a mão em dúvida, como se tivesse medo de que a taça estivesse quente.

— Vá em frente, meu velho — disse Dioniso, com um brilho estranho nos olhos. — Talvez agora funcione.

Tântalo tentou agarrar o copo, mas ele escapuliu rapidamente antes que pudesse tocá-lo. Algumas gotas de cerveja preta transbordaram, e Tântalo tentou recolhê-las com os dedos, mas as gotas deslizaram para longe, como se fossem de mercúrio, antes que as alcançasse. Ele gemeu e se virou para o prato de churrasco. Pegou um garfo e tentou espetar um pedaço de peito, mas o prato deslizou até a extremidade da mesa e saiu voando direto para os carvões do braseiro.

— Droga! — resmungou Tântalo.

— Ah! que pena... — disse Dioniso com a voz que transbordava falsa solidariedade. — Talvez daqui a alguns dias. Acredite, meu velho, trabalhar neste acampamento já vai ser tortura suficiente. Tenho certeza de que sua velha maldição, mais dia, menos dia, vai acabar.

— Mais dia, menos dia — murmurou Tântalo, olhando para a Diet Coke de Dioniso. — Você tem ideia de como a garganta de uma pessoa fica seca depois de mil anos?

— Você é aquele espírito dos Campos de Punição — disse eu. — Aquele que fica em pé na lagoa, com a árvore frutífera logo acima, mas não pode comer nem beber.

Tântalo arreganhou um sorriso sarcástico para mim.

— Você é um verdadeiro erudito, não é, menino?

— Deve ter feito alguma coisa realmente horrível quando estava vivo — falei, um pouco impressionado. — O que foi?

Os olhos de Tântalo se estreitaram. Atrás dele, os sátiros sacudiam a cabeça vigorosamente, tentando me alertar.

— Vou ficar de olho em você, Percy Jackson — disse Tântalo. — Não quero problemas no meu acampamento.

— *Seu* acampamento já tem problemas... senhor.

— Ah! vá se sentar, Johnson — suspirou Dioniso. — Acho que aquela mesa ali é a sua... aquela em que ninguém mais quer se sentar.

Meu rosto estava queimando, mas eu sabia que era melhor não reagir. Dioniso era uma criança grande, mas uma criança grande imortal e superpoderosa. Eu disse:

— Vamos, Tyson.

— Ah! não — disse Tântalo. — O monstro fica aqui. Vamos decidir o que fazer com isso.

— Com *ele* — disparei. — Seu nome é Tyson.

O novo diretor de atividades ergueu uma sobrancelha.

— Tyson salvou o acampamento — insisti. — Ele esmagou aqueles touros de bronze. Se não fosse isso, eles teriam queimado este lugar inteiro.

— Sim — suspirou Tântalo —, e que *lamentável* teria sido. Dioniso deu uma risadinha.

— Deixe-nos — ordenou Tântalo — enquanto decidimos o destino da criatura.

Tyson olhou para mim com medo em seu único e grande olho, mas eu sabia que não poderia desobedecer a uma ordem direta dos diretores do acampamento. Pelo menos, não abertamente.

— Vou estar logo ali, grandão — prometi. — Não se preocupe. Vamos achar um lugar legal para você dormir esta noite.

Tyson assentiu.

— Acredito em você. Você é meu amigo.

Eu me senti ainda mais culpado.

Arrastei-me até a mesa de Poseidon e despenquei no banco. Uma ninfa dos bosques me levou um prato de pizza olimpiana de azeitonas e *pepperoni*, mas eu não estava com fome. Quase fui morto duas vezes naquele dia. Tinha conseguido terminar o ano letivo com um desastre completo. O Acampamento Meio-Sangue estava em sérias dificuldades e Quíron me dissera para não fazer nada a esse respeito.

Eu não me sentia muito agradecido, mas levei meu jantar até o braseiro de bronze, como era costume, e joguei parte dele nas chamas.

— Poseidon — murmurei —, aceite minha oferenda.

*E me mande alguma ajuda enquanto isso*, rezei em silêncio. *Por favor*.

A fumaça da pizza queimada se transformou em algo fragrante — o cheiro de uma leve brisa marítima misturado com perfume de flores —, mas eu não sabia muito bem se aquilo significava que meu pai realmente ouvia.

Voltei para meu lugar. Não achava que a situação pudesse piorar muito. Mas então Tântalo mandou um dos sátiros tocar a trombeta de concha para chamar nossa atenção para os avisos.

— Sim, muito bem — disse Tântalo depois que as conversas silenciaram. — Mais uma bela refeição! Ou, ao menos, é o que me disseram. — Enquanto falava, aproximava a mão do prato de jantar reabastecido, como se, quem sabe, a comida não fosse notar o que ele estava fazendo. Mas notou. O prato disparou pela mesa assim que a mão dele chegou a uma distância de quinze centímetros.

— E aqui, no primeiro dia do meu mandato — continuou —, gostaria de dizer que agradável forma de punição é estar aqui. Ao longo do verão, eu espero torturar, digo, interagir com cada um de vocês, crianças. Todos parecem prontos para comer.

Dioniso bateu palmas educadamente, puxando alguns aplausos desanimados dos sátiros. Tyson ainda estava plantado junto à mesa principal, aparentemente desconfortável, mas toda vez que tentava escapar do centro das atenções Tântalo o puxava de volta.

— E agora, algumas mudanças! — Tântalo deu um sorriso torto para os campistas. — Estamos reinstituindo as corridas de bigas!

Murmúrios irromperam em todas as mesas — agitação, medo, incredulidade.

— Agora eu sei — continuou Tântalo, levantando a voz — que essas corridas foram suspensas há alguns anos devido a, ahn... problemas técnicos.

— Três mortes e vinte e seis mutilações — gritou alguém da mesa de Apolo.

— Sim, sim! — disse Tântalo. — Mas sei que todos vocês vão se juntar a mim para dar as boas-vindas ao retorno dessa tradição do acampamento. Louros de ouro serão entregues aos vencedores todos os meses. As equipes podem se registrar pela manhã! A primeira corrida acontecerá dentro de três dias. Vamos liberá-los da maior parte de suas atividades costumeiras para que preparem as bigas e escolham seus cavalos. Ah! e cheguei a mencionar que a equipe do chalé vitorioso será dispensada das obrigações diárias no mês em que vencer?

Uma explosão de conversas animadas — sem trabalho na cozinha um mês inteiro? Sem limpeza de estábulos? Ele estava falando sério?

Então a última pessoa de quem eu esperava uma objeção fez isso.

— Mas, senhor! — disse Clarisse. Ela parecia nervosa, mas ficou em pé para falar da mesa de Ares. Alguns dos campistas riram ao verem o cartaz VOCÊ MUGE, MENINA! nas costas dela. — E o serviço de patrulha? Quer dizer, se abandonarmos tudo para preparar nossas bigas...

— Ah! a heroína do dia — exclamou Tântalo. — A corajosa Clarisse, que sozinha derrotou os touros de bronze!

Clarisse piscou, depois corou.

— Ahn, eu não...

— E modesta também — sorriu Tântalo. — Não se preocupe, querida! Isto é um acampamento de verão. Estamos aqui para nos divertir, certo?

— Mas a árvore...

— E agora — disse Tântalo enquanto diversos companheiros de chalé de Clarisse a puxavam de volta para o banco —, antes que passemos à fogueira e à cantoria, uma pequena questão doméstica: Percy Jackson e Annabeth Chase julgaram apropriado, por alguma razão, trazer aqui *isto*. — Tântalo acenou a mão para Tyson.

Um murmúrio desconfortável se espalhou entre os campistas. Várias pessoas me olharam de lado. Tive vontade de matar Tântalo.

— Agora, é claro — disse ele —, os ciclopes têm reputação de ser monstros sanguinários com uma capacidade cerebral muito pequena. Em circunstâncias

normais, eu soltaria essa besta-fera nos bosques e mandaria vocês em seu encalço com tochas e pedaços de pau. Mas, quem sabe? Talvez este ciclope não seja tão horrível quanto seus irmãos. Até que ele prove ser digno de destruição, precisamos de um lugar para mantê-lo! Pensei nos estábulos, mas isso deixaria os cavalos nervosos. Quem sabe o chalé de Hermes?

Silêncio na mesa de Hermes. Travis e Connor Stoll de repente ficaram muito interessados na toalha de mesa. Eu não poderia culpá-los. O chalé de Hermes estava sempre cheio a ponto de arrebentar. Não havia como abrigar um ciclope de um metro e noventa.

— Vamos, vamos — caçoou Tântalo. — O monstro pode realizar algumas tarefas domésticas. Alguma sugestão sobre onde esta besta-fera deve ser recolhida?

De repente todos ficaram boquiabertos.

Tântalo afastou-se bruscamente de Tyson, surpreso. Tudo o que pude fazer foi olhar incrédulo para a luz verde brilhante que estava prestes a mudar minha vida — uma impressionante imagem holográfica que apareceu acima da cabeça de Tyson.

Com um nó de enjoo no estômago, lembrei-me do que Annabeth dissera sobre os ciclopes: *Eles são filhos de espíritos da natureza e deuses... Bem, normalmente, um deus em particular...*

Rodopiando acima de Tyson havia um reluzente tridente verde — o mesmo símbolo que aparecera sobre mim no dia em que Poseidon me reclamou como seu filho.

Houve um momento de silêncio reverente.

Ser reclamado era um evento raro. Alguns campistas aguardavam a vida inteira em vão. Quando fui reclamado por Poseidon no último verão, todos se ajoelharam respeitosamente. Mas ali eles seguiram o exemplo de Tântalo: e Tântalo caiu na gargalhada.

— Bem! Acho que agora sabemos onde pôr a besta-fera. Pelos deuses, posso ver a familiar semelhança!

Todos riram, exceto Annabeth e alguns dos meus outros amigos.

Tyson pareceu nem notar. Estava perplexo demais, tentando espantar o tridente reluzente que agora desaparecia pouco a pouco. Ele era muito inocente para entender quanto estavam rindo à custa dele, e como as pessoas eram cruéis.

Mas eu entendi.

Eu tinha um novo companheiro de chalé. E tinha um monstro como meio-irmão.

SEIS

# O ATAQUE DOS POMBOS DEMONÍACOS

Os dias que se seguiram foram uma tortura, bem como Tântalo queria.

Primeiro, havia Tyson se mudando para o chalé de Poseidon, dando risadinhas consigo mesmo a cada quinze segundos e dizendo:

— Percy é meu irmão? — Como se tivesse acabado de ganhar na loteria.

— Ei, Tyson — dizia eu. — Não é assim tão simples.

Mas não havia como explicar a ele. Ele estava nas nuvens. E eu... por mais que gostasse do grandão, não podia deixar de me sentir sem graça. Envergonhado. Pronto, falei.

Meu pai, o todo-poderoso Poseidon, ficara enrabichado por algum espírito da natureza, e Tyson era o resultado. Quer dizer, eu tinha lido os mitos sobre os ciclopes. Até lembrava que eles eram, frequentemente, filhos de Poseidon. Mas nunca tinha me dado conta de que isso fazia deles... minha família. Até ter Tyson morando comigo, no beliche ao lado.

Depois, havia os comentários dos outros campistas. De repente, eu não era Percy Jackson, o cara legal que recuperara o relâmpago de Zeus no último verão. Agora eu era Percy Jackson, o pobre idiota que tinha um monstro feioso como irmão.

— Ele não é meu irmão *de verdade*! — eu protestava sempre que Tyson não estava por perto. — Ele é mais como um meio-irmão do lado monstruoso da família. Tipo... um meio-irmão de segundo grau ou coisa assim.

Ninguém caiu nessa.

Eu admito — estava zangado com meu pai. Sentia que ser seu filho passara a ser uma piada.

Annabeth tentou fazer com que eu me sentisse melhor. Sugeriu que formássemos uma equipe para a corrida de bigas, para desviar a cabeça dos problemas. Não me entenda mal — nós dois odiávamos Tântalo e estávamos preocupadíssimos com o acampamento —, mas não sabíamos o que fazer. Até que nos ocorresse algum plano brilhante para salvar a árvore de Thalia, calculamos que poderíamos muito bem participar das corridas. Afinal, a mãe de Annabeth, Atena, inventara a carruagem, e meu pai criara os cavalos. Juntos, aquela pista *ia ser nossa*.

Uma bela manhã Annabeth e eu estávamos sentados junto ao lago de canoagem rabiscando esboços de bigas quando alguns engraçadinhos do chalé de Afrodite passaram por lá e me perguntaram se eu precisava de um delineador para o olho…

— Ah! desculpe, *olhos*.

Enquanto eles se afastavam dando risada, Annabeth resmungou:

— O que você precisa fazer, Percy, é ignorá-los. Você não tem culpa de ter um monstro como irmão.

— Ele *não* é meu irmão! — disparei. — E ele também não é um monstro!

Annabeth ergueu as sobrancelhas.

— Ei, não se zangue comigo! E, tecnicamente, ele é, sim, um monstro.

— Bem, *você* lhe deu permissão para entrar no acampamento.

— Porque era o único jeito de salvar sua vida! Quer dizer, sinto muito, Percy, eu não esperava que Poseidon o *reclamasse*. Os ciclopes são as criaturas mais enganadoras, traiçoeiras…

— Ele não é! O que você tem contra os ciclopes, afinal?

As orelhas de Annabeth ficaram rosadas. Tive a sensação de que havia algo que ela não estava me contando — algo ruim.

— Esqueça — disse ela. — Agora, o eixo para essa biga…

— Você o trata como se ele fosse uma coisa horrível — falei. — Ele salvou minha vida.

Annabeth jogou o lápis no chão e se levantou.

— Então talvez você deva projetar uma carruagem com *ele*.

— Talvez eu deva.

— Ótimo!

— Ótimo!

Ela foi embora tempestuosamente e eu me senti ainda pior do que antes.

Nos dias seguintes, tentei manter a cabeça longe dos problemas.

Silena Beauregard, uma das meninas mais agradáveis do chalé de Afrodite, me deu minha primeira aula de equitação em um pégaso. Explicou que havia apenas um cavalo alado imortal chamado Pégaso, que ainda vagava livre em algum lugar nos céus, mas com o passar das eras ele havia gerado uma porção de filhos, nenhum de fato tão veloz ou heroico, mas todos com o mesmo nome do primeiro e maior.

Sendo filho do deus do mar, jamais gostei de andar pelo céu. Meu pai tinha uma rivalidade com Zeus, portanto eu tentava permanecer fora dos domínios do senhor dos ares tanto quanto possível. Mas a sensação de cavalgar um cavalo alado foi diferente. Aquilo não me deixou nem perto do nervosismo de estar em um avião. Talvez fosse porque meu pai criara cavalos da espuma do mar e, assim, os pégasos eram uma espécie de... território neutro. Eu conseguia entender seus pensamentos. Não ficava surpreso quando meu pégaso saía galopando pelas copas das árvores ou perseguia um bando de gaivotas para dentro de uma nuvem.

O problema era que Tyson também queria montar nos "pôneis-galinhas", mas os pégasos ficavam ariscos sempre que ele se aproximava. Disse a eles por telepatia que Tyson não iria machucá-los, mas eles pareciam não acreditar. Isso fazia Tyson chorar.

A única pessoa no acampamento que não tinha o menor problema com Tyson era Beckendorf, do chalé de Hefesto. O deus ferreiro sempre trabalhara com ciclopes nas suas forjas, assim Beckendorf levou Tyson para o arsenal para ensiná-lo a trabalhar com metais. Disse que faria Tyson fabricar itens mágicos como um mestre num piscar de olhos.

Depois do almoço, eu treinava na arena com o chalé de Apolo. A esgrima sempre fora meu ponto forte. As pessoas diziam que eu era melhor nisso do que qualquer campista nos últimos cem anos, com exceção, talvez, de Luke. Eu era sempre comparado com Luke.

Eu derrotava os caras de Apolo com facilidade. Devia praticar contra os chalés de Ares e Atena, já que eles tinham os melhores espadachins, mas não me dava bem com Clarisse e seus irmãos, e depois da discussão com Annabeth simplesmente não queria vê-la.

Eu ia às aulas de arco e flecha, muito embora fosse péssimo nisso, e não era a mesma coisa sem Quíron ensinando. Nas artes e nos trabalhos manuais, comecei a esculpir um busto de Poseidon, mas estava ficando tão parecido com Sylvester Stallone que o descartei. Escalava a parede de treinamento em nível de dificuldade máximo, com lava e terremoto. E à noite fazia a patrulha de fronteira. Muito embora Tântalo tivesse insistido em que esquecêssemos de tentar proteger o acampamento, alguns dos campistas mantiveram discretamente a vigia, montando uma escala em nossas horas vagas.

Eu me sentava no topo da Colina Meio-Sangue e observava as dríades indo e vindo, cantando para o pinheiro moribundo. Sátiros levavam suas flautas de junco e tocavam melodias mágicas da natureza, e por algum tempo as agulhas do pinheiro pareciam ficar mais encorpadas. O aroma das flores da colina ficava um pouco mais doce e a grama parecia mais verde. Mas, assim que a música parava, a doença tomava de novo o ar. A colina inteira parecia estar infectada, morrendo do veneno que se infiltrara nas raízes da árvore. Quanto mais eu ficava lá sentado, mais me enfurecia.

Luke tinha feito aquilo. Eu me lembrei de seu sorriso dissimulado, da cicatriz de garra de dragão que atravessava seu rosto. Ele fingira ser meu amigo e todo o tempo fora o servo número I de Cronos.

Abri a palma da mão. A cicatriz que Luke me fizera no último verão estava desaparecendo, mas eu ainda podia vê-la — uma ferida branca em forma de asterisco onde seu escorpião das profundezas me dera uma ferroada.

Pensei no que Luke dissera na noite antes de tentar me matar: *Adeus, Percy. Uma nova Idade do Ouro está chegando. Você não será parte dela.*

À noite, eu tinha mais sonhos com Grover. Às vezes ouvia apenas fragmentos da voz dele. Certa vez o ouvi dizer: É *aqui*. Em outra: *Ele gosta de carneiros*.

Pensei em contar a Annabeth meus sonhos, mas eu me sentiria um bobo. Isto é: *Ele gosta de carneiros?* Ela teria achado que eu estava maluco.

Na noite anterior à corrida, Tyson e eu terminamos nossa biga. Ficou legal. Tyson tinha feito as partes metálicas nas forjas do arsenal. Eu havia lixado a madeira e montado a carruagem. Era azul e branca, com desenhos de ondas nas laterais e um tridente pintado na frente. Depois daquele trabalhão, era mais do que

justo que Tyson fosse meu copiloto, embora eu soubesse que os cavalos não iriam gostar disso e que o peso extra de Tyson nos atrasaria.

Quando estávamos indo para a cama, Tyson disse:

— Você está zangado?

Percebi que estava de cara feia.

— Não. Não estou zangado.

Ele se deitou em seu beliche e ficou em silêncio no escuro. Seu corpo era grande demais para a cama. Quando puxava as cobertas, os pés ficavam de fora.

— Eu sou um monstro.

— Não diga isso.

— Tudo bem. Eu vou ser um *bom* monstro. Assim você não vai precisar ficar zangado.

Eu não sabia o que dizer. Olhei para o teto e me senti como se estivesse morrendo devagar, junto com a árvore de Thalia.

— É só que... eu nunca tive um meio-irmão antes. — Tentei impedir que minha voz falhasse. — É mesmo diferente para mim. E estou preocupado com o acampamento. E um outro amigo meu, Grover... ele pode estar com problemas. Fico me sentindo como se devesse fazer alguma coisa para ajudar, mas não sei o quê.

Tyson não disse nada.

— Desculpe-me — falei. — Não é sua culpa. Estou zangado com Poseidon. Sinto que ele está tentando me atrapalhar, tipo, está tentando nos confrontar ou coisa assim, e eu não entendo por quê.

Ouvi um som surdo e profundo. Tyson estava roncando.

Eu suspirei.

— Boa noite, grandão.

E também fechei os olhos.

No meu sonho, Grover estava usando um vestido de noiva.

Não lhe caía muito bem. O vestido era comprido demais e a barra estava encrostada de lama seca. O decote ficava escorregando dos ombros. Um véu esfarrapado cobria seu rosto.

Ele estava em uma caverna úmida, iluminada somente por tochas. Havia um catre num canto e um tear antiquado em outro, com um pedaço de pano branco

tecido na armação. E Grover olhava diretamente para mim, como se eu fosse um programa de tevê que ele aguardava.

— Graças aos deuses! — gemeu ele. — Você pode me ouvir?

Meu o eu do sonho demorou a responder. Ainda estava olhando em volta, tentando entender o teto de estalactites, o mau cheiro de carneiros e bodes, os sons de rosnados, resmungos e balidos que pareciam vir de trás de uma rocha do tamanho de uma geladeira, que bloqueava a única saída do recinto como se houvesse uma caverna muito maior atrás dela.

— Percy? — disse Grover. — Por favor, não tenho forças para me projetar melhor. Você *precisa* me ouvir!

— Estou ouvindo — falei. — Grover, o que está acontecendo?

De trás da rocha, uma voz monstruosa gritou:

— Docinho! Você já está pronta?

Grover se encolheu. Ele gritou em falsete:

— Ainda não, meu amor! Mais alguns dias!

— Ah! Já não se passaram duas semanas?

— N-não, meu amor. Só cinco dias. Ainda faltam mais doze.

O monstro ficou em silêncio, talvez tentando fazer a conta. Ele devia ser pior do que eu em aritmética, porque disse:

— Está bem, mas ande logo! Eu quero VEEEEER embaixo desse véu, he-he-he.

Grover virou-se novamente para mim.

— Você precisa me ajudar! Não há mais tempo! Estou preso nesta caverna. Em uma ilha, no mar.

— *Onde?*

— Não sei exatamente! Fui para a Flórida e entrei à esquerda.

— O quê? Como você...

— É uma armadilha! — disse Grover. — Por isso nenhum sátiro jamais retornou de sua missão. Ele é um pastor, Percy! E ele *está* com aquilo. Sua natureza mágica é *tão* poderosa que cheira exatamente como o grande deus Pan! Os sátiros vêm aqui pensando que encontraram Pã e são apanhados e comidos por Polifemo!

— Poli-quem?

— O ciclope! — disse Grover, exasperado. — Quase escapei. Fui até Santo Agostinho.

— Mas ele o seguiu — falei, lembrando meu primeiro sonho. — E o encurralou numa loja de noivas.

— É isso — disse Grover. — Minha primeira conexão empática deve ter funcionado, então. Olhe, este vestido de noiva é a única coisa que me mantém vivo. Ele gostou do meu cheiro, mas eu lhe disse que era apenas um perfume com aroma de bode. Por sorte ele não enxerga muito bem. O olho ainda está meio cego, da última vez em que alguém o golpeou. Mas logo vai perceber quem eu sou. Está só me dando duas semanas para terminar a cauda do vestido, e está ficando impaciente!

— Espere um minuto. O ciclope pensa que você é…

— Sim! — resmungou Grover. — Ele pensa que sou uma dama ciclope, e quer se casar comigo!

Em circunstâncias diferentes, eu teria explodido numa gargalhada, mas a voz de Grover era muito séria. Ele estava tremendo de medo.

— Eu vou salvá-lo — prometi. — Onde você está?

— No Mar de Monstros, é claro!

— Mar de *quê?*

— Já disse! Não sei exatamente onde fica! E, olhe, Percy… Ahn, eu sinto muito por isso, mas essa conexão empática… bem, eu não tive escolha. Nossas emoções estão ligadas agora. Se eu morrer…

— Nem me diga. Eu morro também.

— Ah, bem, talvez não! Você pode viver por anos em estado vegetativo. Mas, ahn, seria muito melhor se você me tirasse daqui.

— Docinho! — berrou o monstro. — É hora do jantar! Ai, que delícia, carne de carneiro!

Grover choramingou.

— Preciso ir. Venha depressa!

— Espere! Você disse que "aquilo" estava aí. Aquilo o quê?

Mas a voz de Grover já ficava mais fraca.

— Bons sonhos. Não me deixe morrer!

O sonho se apagou, e acordei assustado. Era o começo da manhã. Tyson estava me olhando, seu único olho castanho cheio de preocupação.

— Você está bem? — perguntou.

A voz me deu um calafrio na espinha, pois era exatamente como a do monstro que eu ouvira em meu sonho.

A manhã da corrida estava quente e úmida. A névoa estava baixa sobre a terra, como vapor de sauna. Milhões de pássaros se empoleiravam nas árvores — gordos pombos cinza e brancos, só que eles não arrulhavam como pombos comuns. Soltavam aqueles desagradáveis guinchos metálicos que me lembravam radar de submarino.

A pista da corrida fora construída em um campo gramado entre a linha de arco e flecha e os bosques. O chalé de Hefesto usou os touros de bronze, completamente domesticados depois que as cabeças foram esmagadas, para preparar uma pista oval em questão de minutos.

Havia fileiras de degraus de pedra para os espectadores — Tântalo, os sátiros, algumas dríades e todos os campistas que não estavam participando. O sr. D não apareceu. Ele nunca acordava antes das dez horas.

— Certo! — anunciou Tântalo quando as equipes começaram a se reunir. Uma náiade levara para ele um grande prato de doces, e enquanto Tântalo falava, sua mão direita perseguia uma bomba de chocolate pela mesa do juiz. — Vocês todos conhecem as regras. Uma pista de quatrocentos metros. Duas voltas para vencer. Dois cavalos por biga. Cada equipe será composta de um auriga e um lutador. São permitidas armas. Esperem por truques sujos. Mas tentem não matar ninguém! — Tântalo sorriu para nós como se todos fôssemos crianças travessas. — Qualquer morte resultará em punição severa. Sem guloseimas junto à fogueira por uma semana! Agora, preparem suas carruagens!

Beckendorf liderou a equipe de Hefesto até a pista. Eles tinham uma biga toda de bronze e ferro — inclusive os cavalos, que eram autômatos mágicos, como os touros da Cólquida da história dos argonautas. Não tinha dúvidas de que a carruagem deles tinha todos os tipos de armadilhas mecânicas, e itens mais sofisticados que os de uma super Maserati.

A biga de Ares era vermelho-sangue, puxada por dois medonhos esqueletos de cavalo. Clarisse embarcou com um feixe de lanças, clavas, bolas de pregos e outros brinquedos detestáveis.

A de Apolo era elegante e graciosa, inteiramente dourada, puxada por dois belos cavalos baios. Seu lutador estava armado com um arco, embora tivesse

prometido não disparar flechas comuns, com ponta, contra os aurigas oponentes.

A de Hermes era verde e tinha aparência de um pouco velha, como se não saísse da garagem havia anos. Não parecia nada especial, mas era conduzida pelos irmãos Stoll, e estremeci só de pensar nos truques sujos que eles haviam armado.

Restavam duas carruagens: uma, conduzida por Annabeth, e outra, por mim.

Antes do começo da corrida, tentei me aproximar de Annabeth e lhe contar meu sonho.

Ela se animou quando mencionei Grover, mas quando mencionei o que ele dissera, ela ficou distante outra vez, desconfiada.

— Você está tentando me distrair — concluiu.

— O quê? Não, não estou!

— Ora! Como se Grover, por mero acaso, tivesse tropeçado na *única* coisa que poderia salvar o acampamento.

— O que você quer dizer?

Ela revirou os olhos.

— Volte para sua biga, Percy.

— Eu não estou inventando isso. Ele está em perigo, Annabeth.

Ela hesitou. Pude perceber que tentava decidir se devia ou não confiar em mim. A despeito das brigas ocasionais, passamos por muita coisa juntos, e eu sabia que ela jamais desejaria que algo de ruim acontecesse a Grover.

— Percy, uma conexão empática é muito difícil de ser feita. Quer dizer, é mais provável que você estivesse mesmo sonhando.

— O Oráculo — disse eu. — Podíamos consultar o Oráculo.

Annabeth franziu a testa.

No último verão, antes de minha missão, eu visitara o estranho espírito que morava no sótão da Casa Grande, e ele me fizera uma profecia que se realizara de um modo que eu jamais imaginaria. A experiência tinha me aterrorizado por meses. Annabeth sabia que eu nunca sugeriria voltar lá se não estivesse falando realmente a sério.

Antes que ela pudesse responder, a trombeta de concha soou.

— Aurigas! — bradou Tântalo. — Aos seus lugares!

— Conversamos mais tarde — disse Annabeth. — *Depois* que eu vencer.

Enquanto eu caminhava de volta para a biga, notei que havia mais pombos nas árvores — guinchando como loucos, fazendo a floresta inteira farfalhar. Ninguém

mais parecia estar prestando muita atenção, mas eles me deixavam nervoso. Os bicos cintilavam de modo estranho. Os olhos pareciam mais brilhantes que os de pássaros comuns.

Tyson estava tendo problemas em controlar nossos cavalos. Precisei conversar com eles por um bom tempo até se acalmarem.

*Ele é um monstro, senhor!*, eles se queixaram para mim.

*Ele é um filho de Poseidon*, disse a eles. *Assim como... bem, assim como eu.*

*Não!*, eles insistiram. *Monstro! Comedor de cavalos! Não confiamos!*

*Eu lhes darei torrões de açúcar no final da corrida*, falei.

*Torrões de açúcar?*

*Torrões de açúcar muito grandes. E maçãs. Eu tinha falado das maçãs?*

Por fim, concordaram em deixar que eu os atrelasse.

Agora, se você nunca viu uma biga grega, ela é construída para ser veloz, não para conforto e segurança. É basicamente um cesto de madeira, aberto atrás, montado sobre um eixo entre duas rodas. Quem conduz fica em pé o tempo todo, e a gente sente cada solavanco da estrada. É feita com uma madeira tão leve que se você perder o controle nas curvas fechadas em uma extremidade ou outra da pista provavelmente vai capotar, esmigalhando tanto a carruagem como a si mesmo. Tem mais adrenalina que andar de skate.

Segurei as rédeas e manobrei para a linha de partida. Entreguei a Tyson uma vara de três metros e disse a ele que sua função seria empurrar para longe as outras bigas se elas chegassem perto demais, e desviar qualquer coisa que tentassem atirar em nós.

— Sem bater nos pôneis com o pau — insistiu ele.

— Certo — concordei. — Nem nas pessoas, se você puder evitar. Vamos jogar limpo. Apenas afaste as distrações e deixe que eu me concentre em conduzir.

— Vamos vencer! — ele alardeou.

A gente ia perder *feio*, pensei comigo mesmo, mas eu *tinha* de tentar. Queria mostrar aos outros... bem, não sabia o quê, exatamente. Que Tyson não era um cara assim tão mau? Que eu não estava envergonhado de ser visto com ele em público? Que eles não tinham me ofendido com todas as suas piadas e provocações?

Quando as carruagens se alinharam, mais pombos de olhos brilhantes se juntaram nos bosques. Guinchavam tão alto que os campistas na arquibancada

estavam começando a reparar, olhando nervosos para as árvores, que tremiam sob o peso dos pássaros. Tântalo não parecia preocupado, mas teve de falar mais alto para ser ouvido.

— Aurigas! — bradou ele. — Tomem suas posições!

Ele ergueu a mão e o sinal de partida desceu. As carruagens dispararam, fazendo barulho. Cascos ressoaram contra o pó. A multidão vibrou.

Quase imediatamente se ouviu um alto e desagradável *crac!* Olhei para trás a tempo de ver a biga de Apolo virar de repente. Hermes colidira com ela — talvez por engano, talvez não. A equipe de Hermes — Travis e Connor — riu da boa sorte, mas não por muito tempo. Os cavalos de Apolo chocaram-se contra os dela, e a biga de Hermes também virou, deixando uma pilha de madeira quebrada e quatro cavalos empinando na poeira.

Duas carruagens eliminadas nos primeiros seis metros. Adorei o esporte.

Voltei a prestar atenção à minha frente. Nosso tempo era bom, estávamos na frente de Ares, mas a vantagem da biga de Annabeth era muito grande. Ela já estava contornando a primeira coluna, seu lanceiro com um sorriso arreganhado, acenando para nós e gritando:

— Até mais!

A carruagem de Hefesto também começava a nos alcançar.

Beckendorf apertou um botão e um painel se abriu na lateral da sua carruagem.

— Desculpe-me, Percy! — gritou ele. Três conjuntos de bolas e correntes foram atirados diretamente para nossas rodas. Teriam nos destroçado por completo se Tyson não as tivesse desviado para o lado com um movimento rápido de sua vara. Ele deu um bom empurrão na biga de Hefesto, que saiu deslizando de lado enquanto seguíamos em frente.

— Bom trabalho, Tyson! — gritei.

— Passarinhos! — gritou.

— O quê?

Estávamos em tal disparada que era difícil ouvir ou ver alguma coisa, mas Tyson apontou para os bosques, e vi o que o preocupava. Os pombos tinham saído das árvores. Estavam voando em espiral como um enorme tornado, em direção à pista.

*E daí*, disse para mim mesmo. *São apenas pombos.*

Tentei me concentrar na corrida.

Completamos nossa primeira volta, as rodas rangendo embaixo de nós, a biga ameaçando tombar, mas agora estávamos a apenas três metros de Annabeth. Se ao menos pudesse chegar um pouco mais perto, Tyson poderia usar sua vara…

O guerreiro de Annabeth não estava mais sorrindo. Puxou um dardo de sua coleção e mirou em mim. Estava prestes a lançá-lo quando ouvimos os gritos.

Os pombos estavam se aglomerando — milhares deles mergulhando sobre os espectadores na arquibancada, atacando as outras bigas. Beckendorf estava cercado. Seu guerreiro tentou espantar os pássaros a pauladas, mas não conseguia enxergar nada. A biga deu uma guinada e saiu rasgando um caminho no meio dos campos de morangos, os cavalos mecânicos soltando vapor.

Na carruagem de Ares, Clarisse gritou uma ordem para seu guerreiro, que rapidamente jogou uma tela de camuflagem por cima de seu cesto. Os pássaros enxamearam em volta dela, bicando e arranhando as mãos do guerreiro enquanto ele tentava segurar a rede no alto, mas Clarisse apenas trincou os dentes e continuou guiando. Seus cavalos esqueléticos pareciam imunes à distração. Os pombos bicavam inutilmente as órbitas vazias e voavam por entre suas costelas, mas os corcéis continuavam correndo.

Os espectadores não tiveram tanta sorte. Os pássaros atacavam qualquer pedaço de carne exposta, levando todos ao pânico. Agora que os pássaros estavam mais perto, ficou claro que não eram pombos normais. Seus olhos eram pequenos, brilhantes e perversos. Os bicos eram de bronze e, a julgar pelos gritos dos campistas, deviam ser afiados como navalhas.

— Pássaros de Estinfália! — gritou Annabeth. Ela reduziu a velocidade e emparelhou sua biga com a minha. — Vão descarnar todo o mundo até os ossos se não os espantarmos!

— Tyson — disse eu —, meia-volta!

— Pegamos o caminho errado? — perguntou ele.

— Sempre — resmunguei, mas manobrei a biga na direção da arquibancada.

Annabeth seguia bem ao meu lado. Ela gritou:

— Heróis, às armas!

Mas eu não tinha certeza se alguém poderia ouvi-la, com os guinchos dos pássaros e todo aquele caos.

Segurei as rédeas com uma das mãos e consegui empunhar Contracorrente, enquanto uma onda de pássaros mergulhava sobre meu rosto, os bicos metálicos

batendo. Golpeei-os no ar, e eles explodiram em pó e penas, mas ainda restavam milhões deles. Um me pegou no traseiro, e quase pulei para fora da biga.

Annabeth não estava com muito mais sorte. Quanto mais perto chegávamos da arquibancada, mais compacta ficava a nuvem de pássaros.

Alguns dos espectadores tentavam se defender. Os campistas de Atena gritavam por escudos. Os arqueiros do chalé de Apolo carregaram seus arcos e flechas, prontos para exterminar a ameaça, mas com tantos campistas misturados com os pássaros não era seguro disparar.

— São pássaros demais! — gritei para Annabeth. — Como a gente se livra deles?

Ela golpeou um pombo com a faca.

— Hércules usou barulho! Címbalos de bronze! Ele os espantou com o som mais horrível que conseguiu…

Os olhos dela se arregalaram.

— Percy… A coleção de Quíron!

Entendi imediatamente.

— Acha que vai funcionar?

Ela entregou as rédeas ao guerreiro e pulou de sua biga para a minha como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

— Para a Casa Grande! É nossa única chance!

Clarisse acabara de cruzar a linha de chegada, sem adversários, e parecia só então ter notado como era sério o problema dos pássaros.

Quando viu que nos afastávamos, gritou:

— Vocês estão *fugindo*? A luta é aqui, seus covardes!

Ela puxou a espada e investiu para a arquibancada.

Fiz os cavalos galoparem. A biga passou com barulho pelos campos de morangos, atravessou a quadra de vôlei e parou bruscamente na frente da Casa Grande. Annabeth e eu corremos para dentro, disparando pelo corredor até o alojamento de Quíron.

O aparelho de som ainda estava na mesa-de-cabeceira, e também seus CDs favoritos. Agarrei o mais repulsivo que pude encontrar, Annabeth agarrou o aparelho e corremos juntos de volta para fora.

Na pista, as carruagens estavam em chamas. Campistas feridos corriam em todas as direções, com pássaros dilacerando-lhes as roupas e arrancando-lhes os

cabelos, enquanto Tântalo perseguia doces do café-da-manhã em volta da arquibancada, gritando de vez em quando:

— Está tudo sob controle! Não se preocupem!

Paramos a carruagem na linha de chegada. Annabeth preparou o som. Rezei para as pilhas não estarem fracas.

Apertei o play, e o favorito de Quíron começou a tocar — *Os maiores sucessos de Dean Martin*. De repente o ar se encheu com o som de violinos e de um bando de caras resmungando em italiano.

Os pombos demoníacos enlouqueceram. Começaram a voar em círculos, colidindo uns com os outros como se quisessem explodir seus miolos. Depois, abandonaram de vez a pista e voaram para o céu em uma enorme onda escura.

— Agora! — bradou Annabeth. — Arqueiros!

Sem obstrução, a mira dos arqueiros de Apolo era infalível. A maioria conseguia disparar cinco ou seis flechas de uma vez. Em minutos, o chão estava coalhado de pombos de bico de bronze mortos, e os sobreviventes eram um distante rasto de fumaça no horizonte.

O acampamento estava a salvo, mas a devastação não era bonita de ver. A maioria das bigas tinha sido completamente destruída. Quase todos estavam feridos, sangrando com bicadas múltiplas dos pássaros. As meninas do chalé de Afrodite gritavam porque seus penteados tinham sido arruinados e suas roupas estavam sujas de cocô de pombo.

— Bravo! — disse Tântalo, mas não estava olhando para mim ou Annabeth. — Temos nossa primeira vencedora! — Ele foi até a linha de chegada e premiou com os louros dourados uma Clarisse perplexa.

Ele então se virou e sorriu para mim.

— E, agora, a punição para os desordeiros que tumultuaram a corrida.

SETE

# EU ACEITO PRESENTES DE UM ESTRANHO

Na visão de Tântalo, os pássaros de Estinfália estavam simplesmente na deles, nos bosques, e não teriam atacado se Annabeth, Tyson e eu não os tivéssemos perturbado ao conduzirmos mal nossas bigas.

Aquilo foi tão completamente injusto que mandei Tântalo ir perseguir um *donut*, o que não contribuiu para melhorar seu estado de espírito. Ele nos condenou a prestar serviço na cozinha — lavar panelas e pratos a tarde inteira na cozinha subterrânea com as harpias da limpeza. As harpias lavavam com lava, em vez de água, para obter aquele brilho extralimpo e matar noventa e nove vírgula nove por cento de todos os germes; portanto, Annabeth e eu tivemos de usar luvas e aventais de asbesto.

Tyson não se importou. Mergulhou as mãos sem proteção e começou a esfregar, mas Annabeth e eu tivemos de sofrer durante horas de trabalho quente e perigoso, especialmente porque havia toneladas de pratos extras. Tântalo ordenara um banquete especial para celebrar a vitória da carruagem de Clarisse — uma refeição completa, incluindo pássaros-da-morte de Estinfália fritos à moda caipira.

A única coisa boa no nosso castigo foi ter proporcionado a Annabeth e a mim um inimigo comum e muito tempo para conversar. Depois de ouvir novamente meu sonho com Grover, ela pareceu começar a acreditar.

— Se ele encontrou mesmo aquilo — murmurou ela —, e se nós pudermos resgatar...

— Espere aí — disse eu. — Você age como se *aquilo*... o que quer que Grover tenha encontrado, fosse a única coisa do mundo capaz de salvar o acampamento. O que é *aquilo*?

— Vou lhe dar uma dica. O que você consegue quando arranca a pele de um carneiro?

— Ficar todo sujo?

Ela suspirou.

— Um *velocino*. A pele do carneiro se chama velocino. E se por acaso o carneiro tem lã de ouro…

— O Velocino de Ouro. Você está falando sério?

Annabeth jogou um prato cheio de ossos de pássaro-da-morte na lava.

— Percy, está lembrado das Irmãs Cinzentas? Elas disseram que sabiam onde estava aquilo que você procura. E mencionaram Jasão. Três mil anos atrás, elas disseram *a ele* como encontrar o Velocino de Ouro. Conhece a história de Jasão e dos argonautas?

— Sim — falei. — Aquele filme antigo com os esqueletos de barro.

Annabeth revirou os olhos.

— Ah, meus deuses, Percy! Você não tem jeito mesmo.

— *O quê?* — perguntei.

— Apenas ouça. A verdadeira história do Velocino: havia aqueles dois filhos de Zeus, Frixo e Hele, certo? Eles estavam para ser oferecidos como sacrifício humano quando imploraram a Zeus que os salvasse. Então Zeus enviou aquele carneiro voador mágico com sua lã de ouro, que os recolheu na Grécia e os transportou até Cólquida, na Ásia Menor. Bem, na verdade ele transportou Frixo. Hele caiu e morreu no caminho, mas isso não é importante.

— Provavelmente foi importante para ela.

— A *questão* é que, quando Frixo chegou a Cólquida, sacrificou o carneiro de ouro aos deuses e pendurou o Velocino em uma árvore no meio do reino. O Velocino levou prosperidade à terra. Os animais pararam de adoecer. As plantas cresceram melhor. Os lavradores tiveram colheitas fartas. Nunca havia o castigo das pragas. É por isso que Jasão queria o Velocino. Ele é capaz de revitalizar qualquer terra onde for colocado. Cura doenças, fortalece a natureza, limpa a poluição…

— Poderia curar a árvore de Thalia.

Annabeth assentiu.

— E deixar as fronteiras do Acampamento Meio-Sangue muito mais fortes. Mas, Percy, o Velocino está desaparecido há séculos. Toneladas de heróis já

buscaram por ele e não tiveram sorte.

— Mas Grover o encontrou — falei. — Ele saiu à procura de Pã e encontrou o Velocino em vez disso, porque ambos irradiam uma natureza mágica. Faz sentido, Annabeth. Podemos salvá-lo e salvar o acampamento ao mesmo tempo. É perfeito!

Annabeth hesitou.

— Um pouco perfeito *demais*, não acha? E se for uma armadilha?

Lembrei-me do último verão, quando Cronos manobrou nossa missão. Ele quase nos enrolou, e íamos ajudá-lo a começar uma guerra que teria destruído a civilização ocidental.

— Que escolha temos? — perguntei. — Você vai me ajudar a salvar Grover ou não?

Ela deu uma olhada para Tyson, que perdera o interesse na conversa e estava alegremente fazendo barcos de brinquedo com copos e colheres na lava.

— Percy — disse ela em voz baixa —, vamos ter de lutar contra um ciclope. Polifemo, o *pior* deles. E só existe um lugar onde pode estar a ilha dele. O Mar de Monstros.

— Onde fica isso?

Ela me olhou como se pensasse que eu estava me fazendo de bobo.

— O Mar de Monstros. O mesmo mar onde Ulisses navegou, e também Jasão, Eneias e todos os outros.

— Você quer dizer o Mediterrâneo?

— Não. Bem, sim... mas não.

— Mais uma resposta direta. Obrigado.

— Veja, Percy, o Mar de Monstros é o mar que todos os heróis atravessam em suas aventuras. Costumava ficar no Mediterrâneo, sim. Mas, como tudo mais, muda de lugar quando muda o centro de poder do Ocidente.

— Como o Monte Olimpo no alto do edifício Empire State — disse eu. — E o Hades embaixo de Los Angeles.

— Certo.

— Mas um mar inteiro de monstros... como você poderia esconder algo assim? Os mortais não teriam notado coisas estranhas acontecendo... tipo, navios sendo devorados e coisas do gênero?

— É claro que eles notam. Não entendem, mas sabem que algo é estranho naquela parte do oceano. O Mar de Monstros agora fica na Costa Leste dos Estados Unidos, logo a noroeste da Flórida. Os mortais até têm um nome para ele.

— O Triângulo das Bermudas?

— Exatamente.

Deixei aquilo amadurecer na minha cabeça. Acho que não era mais estranho do que as outras coisas que tinha aprendido desde que fora para o Acampamento Meio-Sangue.

— Certo… então pelo menos sabemos onde procurar.

— Ainda assim, é uma área enorme, Percy. Procurar uma ilha minúscula em águas infestadas por monstros…

— Ei, sou filho do deus do mar. É o meu território. Não pode ser tão difícil.

Annabeth juntou as sobrancelhas.

— Vamos precisar falar com Tântalo, conseguir aprovação para uma missão. Ele vai dizer não.

— Não se contarmos hoje à noite junto à fogueira, na frente de todo mundo. O acampamento inteiro irá ouvir. Vão pressioná-lo. Ele não vai poder recusar.

— Talvez. — Um pouquinho de esperança surgiu na voz de Annabeth. — É melhor terminarmos com esses pratos. Passe o pulverizador de lava, por favor.

Naquela noite, junto à fogueira, o chalé de Apolo liderou a cantoria. Eles tentaram melhorar o humor de todos, mas não foi fácil depois do ataque dos pássaros naquela tarde. Sentamo-nos em um semicírculo de degraus de pedra, cantando sem entusiasmo e observando a fogueira arder, enquanto os caras de Apolo tocavam seus violões e tangiam suas liras.

Cantamos todas as canções tradicionais do acampamento: *Às margens do Egeu*, *Eu sou meu próprio ta-ta-ta-ta-taravô*, *Esta terra é a terra de Minos*. A fogueira era encantada — assim, quanto mais alto se cantava, mais alto ela queimava, a cor e o calor variando de acordo com o humor do pessoal. Num dia bom, eu a vira subir a seis metros, tão quente que todos os *marshmallows* que estavam mais perto explodiram em chamas. Naquela noite, o fogo chegou a apenas um metro e meio de altura, quase morno, e as chamas tinham a cor de uma compressa de algodão.

Dioniso foi embora cedo. Depois de aguentar algumas canções, resmungou que até mesmo jogar *pinochle* com Quíron era mais empolgante que aquilo. Então deu uma olhada desagradável para Tântalo e dirigiu-se de volta à Casa Grande.

Quando a última canção acabou, Tântalo disse:

— Bem, isso foi adorável!

Ele avançou com um *marshmallow* assado na ponta de um galho fino e tentou arrancá-lo, com muita naturalidade. Mas, antes que pudesse tocá-lo, o *marshmallow* saiu voando do galho. Tântalo tentou apanhá-lo no ar, mas o *marshmallow* cometeu suicídio, mergulhando nas chamas.

Tântalo voltou-se para nós sorrindo friamente.

— Agora, então, alguns avisos sobre a programação de amanhã.

— Senhor — disse eu.

O olho de Tântalo contraiu-se num espasmo.

— Nosso menino da cozinha tem algo a dizer?

Alguns dos campistas de Ares soltaram risadinhas, mas eu não pretendia deixar que ninguém me deixasse sem graça a ponto de me calar. Fiquei de pé e olhei para Annabeth. Graças aos deuses, ela se levantou comigo.

Eu disse:

— Temos uma ideia para salvar o acampamento.

Silêncio mortal. Mas pude perceber que ganhara a atenção de todos, porque a fogueira chamejou em amarelo vivo.

— É mesmo? — disse Tântalo, agradavelmente. — Bem, se tiver algo a ver com bigas…

— O Velocino de Ouro — disse eu. — Sabemos onde ele está.

As chamas arderam em cor laranja. Antes que Tântalo pudesse me impedir, despejei meu sonho com Grover e a ilha de Polifemo. Annabeth interveio e lembrou a todos o que o Velocino poderia fazer. Pareceu mais convincente vindo dela.

— O Velocino pode salvar o acampamento — concluiu. — Tenho certeza disso.

— Bobagem, bobagem — disse Tântalo. — Não precisamos ser salvos.

Todos o olharam fixamente, até que ele começou a parecer constrangido.

— Além disso — acrescentou depressa —, e o Mar de Monstros? Dificilmente se poderia dizer que esse é um local exato. Vocês não saberiam nem onde procurar.

— Sim, eu saberia — falei.

Annabeth se inclinou para mim e sussurrou:

— Jura?

Assenti, porque Annabeth refrescara algo na minha memória quando me lembrou da viagem de táxi com as Irmãs Cinzentas. Naquela ocasião, a informação que elas me deram não fez sentido. Mas agora…

— Trinta, 31, 75, 12 — disse eu.

— Ah, legal! — disse Tântalo. — Obrigado por compartilhar esses números sem sentido.

— São coordenadas de navegação. Latitude e longitude. Eu, ahn, aprendi isso em estudos sociais.

Até Annabeth pareceu impressionada.

— Trinta graus, 31 minutos Norte, 75 graus, 12 minutos Oeste. Ele está certo! As Irmãs Cinzentas nos deram essas coordenadas. Deve ser algum lugar do Atlântico, além da costa da Flórida. O Mar de Monstros. Precisamos de uma missão!

— Esperem só um minuto — disse Tântalo.

Mas os campistas embarcaram no coro.

— Precisamos de uma missão! Precisamos de uma missão!

As chamas se ergueram mais alto.

— Isso não é necessário! — insistiu Tântalo.

— PRECISAMOS DE UMA MISSÃO! PRECISAMOS DE UMA MISSÃO!

— Ótimo! — gritou Tântalo, os olhos inflamados de raiva. — Vocês, moleques, querem que eu lhes atribua uma missão?

— SIM!

— Muito bem — concordou. — Vou autorizar um campeão a empreender essa perigosa jornada, resgatar o Velocino de Ouro e trazê-lo para o acampamento. Ou morrer tentando.

Meu coração se encheu de empolgação. Eu não ia deixar que Tântalo me assustasse. Aquilo era o que eu precisava fazer. Iria salvar Grover e o acampamento. Nada iria me deter.

— Vou permitir que nosso campeão consulte o Oráculo! — anunciou Tântalo. — E escolha dois companheiros para a jornada. E acho que a escolha do campeão é óbvia.

Tântalo olhou para mim e Annabeth como se quisesse nos esfolar vivos.

— O campeão deverá ser alguém que conquistou o respeito do acampamento, alguém que provou ser capaz nas corridas de bigas, e corajoso na defesa do acampamento. *Você* deverá liderar a missão... Clarisse!

O fogo tremeluziu em mil cores diferentes. O chalé de Ares começou a bater os pés e a aplaudir:

— CLARISSE! CLARISSE!

Clarisse levantou-se, parecendo atordoada. Então engoliu em seco, e seu peito se inflou de orgulho.

— Eu aceito a missão!

— Espere! — gritei. — Grover é meu amigo. O sonho veio para *mim*!

— Sente-se! — gritou um dos campistas de Ares. — Você teve sua chance no último verão!

— Sim, ele só quer ser o centro das atenções outra vez! — disse outro.

Clarisse olhou furiosamente para mim.

— Aceito a missão! — repetiu ela. — Eu, Clarisse, filha de Ares, vou salvar o acampamento!

Os campistas de Ares aplaudiram ainda mais. Annabeth protestou, e os outros campistas de Atenas se juntaram a ela. Todos começaram a tomar partido — gritando e discutindo, e atirando *marshmallows*. Pensei que aquilo fosse se transformar em uma completa guerra de guloseimas, até que Tântalo gritou:

— Silêncio, moleques!

Seu tom impressionou até a mim.

— Sentem-se! — ordenou. — E vou lhes contar uma história de fantasma.

Eu não sabia o que ele estava pretendendo, mas todos voltamos, indecisos, aos nossos lugares. A aura malévola que se irradiava de Tântalo era tão forte quanto a de qualquer monstro que eu já enfrentara.

— Era uma vez um rei mortal amado pelos deuses! — Tântalo pôs a mão no peito, e eu tive a sensação de que falava de si mesmo.

— Esse rei — disse — tinha permissão até para se banquetear no Monte Olimpo. Mas, quando tentou levar um pouco de néctar e ambrosia para a Terra, para descobrir a receita... apenas uma pequena quentinha, vejam só... os deuses o puniram. Eles o baniram de seus salões para sempre! Sua própria gente zombou

dele! Seus filhos o repreenderam! E, ah!, sim, campistas, ele tinha filhos horríveis. Filhos... iguaizinhos... a vocês!

Ele apontou um dedo torto para diversas pessoas da plateia, inclusive eu.

— Sabem o que ele fez com os filhos ingratos? — perguntou Tântalo suavemente. — Sabem como ele retribuiu aos deuses sua punição cruel? Convidou os olimpianos para um banquete em seu palácio, só para mostrar que não havia rancor. Ninguém reparou que seus filhos não estavam presentes. E quando ele serviu o jantar aos deuses, meus caros campistas, vocês podem adivinhar o que havia no cozido?

Ninguém ousou responder. A luz do fogo brilhou em azul profundo, refletindo-se de modo maligno no rosto deformado de Tântalo.

— Ah! os deuses o castigaram na vida após a morte — coaxou Tântalo. — Eles fizeram isso, ah!, se fizeram. Mas ele teve seu momento de satisfação, não teve? Os filhos nunca mais lhe responderam nem questionaram sua autoridade. E vocês sabem o que mais? Diz-se que o espírito do rei agora reside exatamente neste acampamento, aguardando uma oportunidade de se vingar das crianças ingratas e rebeldes. E agora... mais alguma reclamação antes que mandemos Clarisse em sua missão?

Silêncio.

Tântalo acenou com a cabeça para Clarisse.

— O Oráculo, querida. Vá em frente.

Ela mudou de posição, constrangida, como se mesmo *ela* não quisesse a glória ao preço de ser a queridinha de Tântalo.

— Senhor...

— Vá! — rosnou ele.

Ela fez uma reverência desajeitada e correu para a Casa Grande.

— E quanto a você, Percy Jackson? — perguntou Tântalo. — Mais algum comentário do nosso lavador de pratos?

Não falei nada. Não ia lhe dar o prazer de me castigar de novo.

— Bom — disse Tântalo. — E deixem-me lembrar a todos: ninguém parte deste acampamento sem minha permissão. Qualquer um que tentar... bem, se sobreviver à tentativa, será expulso para sempre. Mas as coisas não chegarão a esse ponto. As harpias irão reforçar o toque de recolher de agora em diante, e elas estão sempre com fome! Boa noite, queridos campistas. Durmam bem.

Com um aceno de Tântalo, o fogo se extinguiu, e os campistas seguiram devagar para seus chalés, no escuro.

Eu não conseguia explicar a situação a Tyson. Ele sabia que eu estava triste. Sabia que eu queria sair numa viagem e que Tântalo não me deixava.

— Você vai de qualquer jeito? — perguntou ele.

— Não sei — admiti. — Seria difícil. Muito difícil.

— Eu vou ajudar.

— Não. Eu... ahn, não poderia lhe pedir isso, grandão. É perigoso demais.

Tyson baixou o olhar para os pedaços de metal que estava montando no colo — molas e engrenagens, e pequenos arames. Beckendorf lhe dera algumas ferramentas e peças sobressalentes, e agora Tyson passava todas as noites trabalhando, embora eu não soubesse muito bem como suas mãos enormes conseguiam manejar pecinhas tão delicadas.

— O que está construindo? — perguntei.

Tyson não respondeu. Em vez disso, fez um som lamuriento no fundo da garganta.

— Annabeth não gosta dos ciclopes. Você... você não me quer por perto?

— Ah! não é isso — falei sem muito entusiasmo. — Annabeth gosta de você. De verdade.

Ele tinha lágrimas no canto do olho.

Lembrei que Grover, como todos os sátiros, podia ler as emoções humanas. Fiquei pensando se os ciclopes não teriam o mesmo dom.

Tyson enrolou seu projeto em um oleado. Deitou-se na cama e abraçou sua trouxa como se fosse um ursinho de pelúcia. Quando se virou para a parede, pude ver as estranhas cicatrizes em suas costas, como se alguém tivesse passado um arado por cima dele, com um trator. Me perguntei pela milionésima vez como teria se machucado.

— Papai sempre se preocupou comigo — fungou ele. — Agora... acho que ele foi malvado em ter um menino-ciclope. Eu não devia ter nascido.

— Não fale assim! Poseidon o reclamou, não foi? Então... ele deve se preocupar com você... muito...

Minha voz sumiu quando pensei em todos aqueles anos em que Tyson vivera nas ruas de Nova York, em uma caixa de geladeira de papelão. Como Tyson podia

pensar que Poseidon se preocupava com ele? Que tipo de pai é esse que deixa aquilo acontecer com o filho, mesmo que ele seja um monstro?

— Tyson... o acampamento será um bom lar para você. Os outros vão se acostumar com você. Eu prometo.

Tyson suspirou. Esperei que dissesse alguma coisa. Então me dei conta de que ele já estava dormindo.

Deitei-me em minha cama e tentei fechar os olhos, mas não consegui. Estava com medo de ter outro sonho com Grover. Se a conexão empática fosse real... se algo acontecesse com Grover... será que eu ia acordar?

A lua cheia brilhava pela janela. O som das ondas rugia na distância. Eu podia sentir o cheiro morno dos campos de morangos, e ouvir os risos das dríades perseguindo corujas pela floresta. Mas algo parecia errado naquela noite — a doença da árvore de Thalia, se espalhando pelo vale.

Será que Clarisse poderia salvar a Colina Meio-Sangue? Pensei que seria mais fácil eu ganhar de Tântalo um prêmio de "Melhor Campista".

Levantei-me e me vesti. Peguei uma toalha de praia e uma embalagem de seis Coca-Colas embaixo da cama. As Cocas eram contra as regras. Não eram permitidos lanches ou bebidas de fora do acampamento, mas se a gente falasse com o cara certo no chalé de Hermes e lhe pagasse alguns dracmas de ouro, ele podia contrabandear quase tudo da loja de conveniência mais próxima.

Dar uma fugida depois do toque de recolher também era contra as regras. Se fosse pego, estaria numa encrenca enorme, ou seria comido pelas harpias. Mas eu queria ver o oceano. Sempre me sentia melhor ali. Meus pensamentos ficavam mais claros. Saí do chalé e fui em direção à praia.

Estendi a toalha perto do mar e abri uma Coca. Por alguma razão, o açúcar e a cafeína sempre acalmavam meu cérebro hiperativo. Tentei decidir o que fazer para salvar o acampamento, mas não me ocorreu nada. Desejei que Poseidon falasse comigo, que me desse um conselho ou o que fosse.

O céu estava claro e estrelado. Eu estava conferindo as constelações que Annabeth me ensinara — Sagitário, Hércules, Coroa Boreal — quando alguém disse:

— Lindas, não são?

Quase cuspi o refrigerante.

Em pé, bem ao meu lado, havia um cara de short de corrida de náilon e camiseta da Maratona de Nova York. Era magro, estava em boa forma, com cabelo grisalho e um sorriso zombeteiro. Parecia meio familiar, mas não consegui imaginar por quê.

Meu primeiro pensamento foi que ele devia estar dando sua corrida da meia-noite na praia e fora parar dentro dos limites do acampamento. Isso não era para acontecer. Mortais comuns não podiam entrar no vale. Mas, talvez, com o enfraquecimento da magia da árvore, ele tivesse conseguido se infiltrar. Mas no meio da noite? E ali não havia nada a não ser terras de fazendas e reservas estaduais. De onde aquele cara poderia ter saído?

— Posso acompanhá-lo? — perguntou ele. — Há eras que eu não me sento.

Bem, eu sei — um cara estranho no meio da noite. Pelo bom senso, eu deveria ter saído correndo e gritando por socorro etc. Mas o cara agiu de modo tão calmo em relação a tudo que achei difícil ficar com medo.

Eu disse:

— Ahn, claro.

Ele sorriu.

— Sua hospitalidade é louvável. Ah, e Coca-Cola! Posso?

Ele se sentou na outra ponta da toalha, abriu um refrigerante e deu um gole.

— Ah!... é exatamente o de que eu precisava. Paz e sossego em...

Um telefone celular tocou no bolso dele.

O corredor suspirou. Puxou o telefone e meus olhos se arregalaram, porque aquilo brilhava com uma luz azulada. Quando ele puxou a antena, duas criaturas começaram a se contorcer em volta dela — cobras verdes, não maiores do que minhocas.

O corredor pareceu nem notar. Conferiu o visor e praguejou.

— Vou ter de atender. Só um segundo...

E, então, ao telefone: "Alô?"

Ele escutou. As minicobras se contorciam para cima e para baixo na antena bem ao lado do ouvido dele.

"Sim", disse o corredor. "Escute... eu sei, mas... Não me importa se ele *está* acorrentado a uma rocha com abutres bicando seu fígado, se ele não tem um número de protocolo, não podemos localizar seu pacote... Um presente para a humanidade, grande... Tem ideia de quantos desses nós entregamos... Ah, deixe

para lá! Escute, mande-o falar com Éris, no atendimento ao cliente. Preciso desligar."

Ele desligou.

— Desculpe-me. O negócio de expresso noturno está em alta. Mas como eu ia dizendo…

— Você tem cobras no seu telefone.

— O quê? Ah! elas não mordem. Digam olá, George e Martha.

*Olá, George e Martha,* disse uma voz masculina estridente dentro da minha cabeça.

*Não seja sarcástico,* disse uma voz feminina.

*Por que não?,* perguntou George. *Sou eu que faço todo o trabalho* de verdade.

— Ora, não vamos começar com isso outra vez! — O corredor enfiou o telefone de volta no bolso. — Agora, onde estávamos… Ah, sim! Paz e sossego.

Ele cruzou os pés e olhou para as estrelas.

— Faz tanto tempo desde que consegui relaxar pela última vez! Desde o telégrafo é só… correr, correr, correr. Você tem uma constelação favorita, Percy?

Eu ainda estava meio intrigado com as cobrinhas verdes que ele enfiara no bolso do short, mas disse:

— Ahn, eu gosto de Hércules.

— Por quê?

— Bem… porque ele tinha um azar desgraçado. Pior ainda que o meu. Faz eu me sentir melhor.

O corredor riu.

— Não é porque ele era forte, famoso e tudo isso?

— Não.

— Você é um jovem interessante. Então, e agora?

Entendi imediatamente o que ele estava perguntando. O que eu pretendia fazer a respeito do Velocino?

Antes que pudesse responder, a voz abafada de Martha, a cobra, veio do bolso dele: *Estou com Deméter na linha dois.*

— Agora não — disse o corredor. — Diga a ela para deixar uma mensagem.

*Ela não vai gostar disso. Na última vez em que você a dispensou, todas as flores da divisão de entregas florais murcharam.*

— Diga-lhe apenas que estou em uma reunião! — O corredor revirou os olhos. — Desculpe de novo, Percy. Você estava dizendo…

— Ahn... quem é você, exatamente?

— Ainda não adivinhou, um menino esperto como você?

*Mostre a ele!*, implorou Martha. *Não fico do tamanho normal há meses*

*Não dê ouvidos a ela!*, disse George. *Ela só quer se mostrar!*

O homem pegou o telefone de novo.

— Forma original, por favor.

O telefone luziu em azul brilhante. Alongou-se até virar um bastão com um metro de comprimento e asas de pombos brotando no topo. George e Martha, agora cobras verdes de tamanho real, estavam enrolados no meio. Era um caduceu, o símbolo do Chalé 11.

Senti um aperto na garganta. Percebi quem o corredor me lembrava, com suas feições de elfo, o brilho travesso nos olhos...

— Você é o pai de Luke — falei. — Hermes.

O deus fez um muxoxo. Fincou o caduceu na areia como se fosse um cabo de guarda-sol.

— "Pai de Luke." Normalmente não é esse o modo como as pessoas costumam me apresentar. Deus dos ladrões, sim. Deus dos mensageiros e dos viajantes, se quiserem ser gentis.

*Deus dos ladrões funciona*, disse George.

*Ah! não ligue para George.* Martha vibrou a língua para mim. *Ele só está azedo porque Hermes gosta mais de mim.*

*Não gosta!*

*Gosta sim!*

— Comportem-se, vocês dois — advertiu Hermes —, ou vou transformá-los de novo em um telefone e pôr no vibra-call! Agora, Percy, você ainda não respondeu à minha pergunta. O que pretende fazer com respeito à missão?

— Eu... eu não tenho permissão para ir.

— Não, de fato não. Isso vai detê-lo?

— Eu quero ir. Preciso salvar Grover.

Hermes sorriu.

— Certa vez conheci um menino... Ah, de longe mais jovem que você! Apenas um bebê, na verdade.

*Lá vamos nós de novo*, disse George. *Sempre falando de si mesmo.*

*Quieto!*, disparou Martha. *Quer ser posto no vibra-call?*

Hermes os ignorou.

— Uma noite, quando a mãe do menino não estava olhando, ele se esgueirou para fora da caverna e roubou algumas cabeças de gado que pertenciam a Apolo.

— Ele foi explodido em pedacinhos? — perguntei.

— Humm... não. Na verdade, tudo acabou muito bem. Para compensar o roubo, o menino deu a Apolo um instrumento que inventara... uma lira. Apolo ficou tão encantado com a música que se esqueceu da raiva.

— Então, qual é a moral?

— A moral? — perguntou Hermes. — Céus, você age como se fosse uma fábula. É uma história verdadeira. A verdade tem moral?

— Ahn...

— Que tal: "Roubar nem sempre é ruim?"

— Não acho que minha mãe fosse gostar disso.

*Ratos são deliciosos,* comentou George.

*O que isso tem a ver com a história?,* perguntou Martha.

*Nada,* disse George. *Mas eu estou com fome.*

— Já sei — disse Hermes. — Os jovens nem sempre fazem o que lhes mandam, mas se conseguem se dar bem e fazer algo maravilhoso, às vezes escapam do castigo. Que tal?

— Você está dizendo que eu deveria ir de qualquer jeito — falei —, mesmo sem permissão.

Os olhos de Hermes brilharam.

— Martha, quer me passar o primeiro pacote, por favor?

Martha abriu a boca... e continuou a abri-la até o vão ficar do tamanho do meu braço. Expeliu um recipiente de inox — uma garrafa térmica de lancheira à moda antiga, com tampa de plástico preto. Era decorada com cenas da Grécia Antiga em vermelho e amarelo — um herói matando um leão; um herói levantando Cérbero, o cão de três cabeças.

— É Hércules — disse eu. — Mas como...

— Nunca questione um presente — repreendeu Hermes. — Isto é um item de colecionador de *Hércules arrebenta cabeças*. Primeira temporada.

— *Hércules arrebenta cabeças?*

— Uma grande série — suspirou Hermes. — Da época em que a tevê Hefesto não era só *reality shows*. É claro que valeria muito mais se eu tivesse a lancheira

completa…

*Ou se ela não tivesse estado na boca de Martha,* acrescentou George.

*Vou pegá-lo por isso.* Martha começou a persegui-lo em volta do caduceu.

— Espere um minuto — falei. — Isso é um presente?

— O primeiro de dois presentes — disse Hermes. — Vá em frente, pegue.

Quase deixei a garrafa cair, porque estava fria de congelar de um lado e queimando de tão quente do outro. O mais esquisito era que, quando eu virava a garrafa, o lado que ficava de frente para o oceano — o norte — era sempre o lado frio…

— É uma bússola! — falei.

Hermes pareceu surpreso.

— Muito engenhoso. Eu nunca tinha pensado nisso. Mas sua utilidade é muito mais radical. Destampe-a e vai libertar os ventos dos quatro cantos da Terra para despachá-lo mais depressa em seu caminho. Agora não! E, por favor, quando chegar o momento, desenrosque a tampa só um pouquinho. Os ventos são um pouco como eu — sempre inquietos. Se todos os quatro escaparem de uma vez… ah! mas tenho certeza de que você vai tomar cuidado. E agora, meu segundo presente. George?

*Ela está encostando em mim,* reclamou George enquanto ele e Martha deslizavam em volta do bastão.

— Ela está *sempre* encostando em você — disse Hermes. — Vocês estão entrelaçados. E se não pararem com isso vão acabar se dando um nó outra vez!

As cobras pararam de brigar.

George desconjuntou a mandíbula e tossiu um pequeno frasco de plástico cheio de pastilhas de vitaminas.

— Você está brincando — disse eu. — Têm formato de Minotauro?

Hermes pegou o frasco e o chacoalhou.

— As de limão, sim. As de uva são Fúrias, eu acho, ou seriam hidras? De um jeito ou de outro, essas são poderosas. Não tome uma delas a não ser que precise muito, muito mesmo.

— Como vou saber se preciso muito, muito mesmo?

— Você saberá, acredite. Nove vitaminas essenciais, minerais, aminoácidos… ah! tudo o de que você precisa para se sentir você mesmo outra vez.

Ele me jogou o frasco.

— Ahn, obrigado — disse eu. — Mas Senhor Hermes, por que está me ajudando?

Ele me deu um sorriso melancólico.

— Talvez porque eu espere que você possa salvar muitas pessoas nessa missão, Percy. Não apenas seu amigo Grover.

Olhei para ele.

— Você não quer dizer... *Luke?*

Hermes não respondeu.

— Olhe — falei. — Senhor Hermes, quer dizer, obrigado e tudo mais, mas você pode pegar de volta seus presentes. Luke não pode ser salvo. Mesmo que eu conseguisse encontrá-lo... Ele me disse que queria destruir o Olimpo pedra por pedra. Traiu todos os que conhecia. Ele... ele odeia você, especialmente.

Hermes olhou de modo contemplativo para as estrelas.

— Meu caro jovem primo, se há algo que aprendi ao longo das eras, é que você *não pode* desistir da sua família, não importa quanto se sinta tentado a isso. Não importa que eles o odeiem, o envergonhem ou simplesmente não apreciem seu gênio por ter inventado a Internet...

— Você inventou a Internet?

*Foi ideia minha,* disse Martha.

*Ratos são deliciosos,* disse George.

— Foi *minha* ideia! — falou Hermes. — Quer dizer, a Internet, não os ratos. Mas isso não vem ao caso. Percy, você entende o que estou dizendo sobre a família?

— Eu... eu não tenho certeza.

— Um dia entenderá. — Hermes levantou-se e sacudiu a areia das pernas. — Enquanto isso, preciso ir andando.

*Você tem sessenta chamadas para retornar,* disse Martha.

*E mil e trinta e oito e-mails,* acrescentou George. *Sem contar as ofertas para comprar ambrosia on-line com desconto.*

— E você, Percy — disse Hermes —, tem um prazo mais curto do que imagina para completar sua missão. Seus amigos devem estar chegando mais ou menos... agora.

Ouvi a voz de Annabeth chamando meu nome das dunas. Tyson, também, estava gritando um pouco mais longe.

— Espero ter feito as malas para vocês direito — disse Hermes. — Tenho certa experiência com viagens.

Ele estalou os dedos e três sacos de viagem amarelos apareceram aos meus pés.

— À prova d'água, é claro. Se você pedir educadamente, seu pai é capaz de ajudá-los a chegar até o navio.

— Navio?

Hermes apontou. É claro: um grande navio de cruzeiro estava atravessando o estreito de Long Island, as luzes brancas e douradas brilhando na água escura.

— Espere — disse eu. — Não estou entendendo nada disso. Eu nem mesmo concordei em ir!

— Eu me decidiria nos próximos cinco minutos, se fosse você — aconselhou Hermes. — É quando as harpias chegarão para comê-lo. Agora, boa noite, primo, e... será que ouso dizer? Que os deuses o acompanhem.

Ele abriu a mão e o caduceu voou para ela.

*Boa sorte*, disse Martha.

*Traga para mim um rato*, disse George.

O caduceu se transformou no telefone celular e Hermes o enfiou no bolso.

Ele saiu correndo pela praia. Vinte passos depois, tremeluziu e desapareceu, deixando-me sozinho com uma garrafa térmica, um frasco de vitaminas e cinco minutos para tomar uma decisão muito difícil.

OITO

# NÓS EMBARCAMOS NO *PRINCESA ANDRÔMEDA*

Eu estava olhando para as ondas quando Annabeth e Tyson me acharam.

— O que está acontecendo? — perguntou ela. — Ouvi você gritando por socorro!

— Eu também! — disse Tyson. — Ouvi você gritar: "Coisas ruins estão atacando!"

— Eu não chamei vocês — falei. — Estou bem.

— Mas então quem... — Annabeth notou os três sacos de viagem amarelos, depois a garrafa térmica e o frasco de vitaminas que eu estava segurando. — Que...

— Ouçam bem. Não temos muito tempo.

Contei-lhes minha conversa com Hermes. Quando terminei, pude ouvir guinchos a distância — a patrulha de harpias identificando nosso cheiro.

— Percy — disse Annabeth. — Temos de partir na missão.

— Vamos ser expulsos, você sabe. Confie em mim, sou especialista em ser expulso.

— E daí? Se fracassarmos, não haverá nenhum acampamento para voltar.

— Sim, mas você prometeu a Quíron...

— Prometi que ia manter você afastado do perigo. Só posso fazer isso indo com você! Tyson pode ficar e contar a eles...

— Eu quero ir — disse Tyson.

— Não! — A voz de Annabeth soou quase em pânico. — Quer dizer... Vamos lá, Percy. Você sabe que é impossível.

Outra vez me perguntei o porquê da antipatia dela pelos ciclopes. Havia alguma coisa que Annabeth não estava me contando.

Ela e Tyson me olharam, esperando uma resposta. Enquanto isso, o navio de cruzeiro se afastava cada vez mais.

A questão era que parte de mim não queria a companhia de Tyson. Eu passara os últimos três dias muito perto do cara, sendo ridicularizado pelos outros campistas e envergonhado um milhão de vezes por dia, constantemente lembrado de que éramos parentes. Precisava de um pouco de espaço.

Além disso, não sabia quanta ajuda ele poderia oferecer, ou como eu faria para mantê-lo em segurança. Sem dúvida, ele era forte, mas era uma criancinha em termos de ciclopes, talvez sete ou oito anos de idade mental. Eu podia imaginá-lo perdendo o controle e começando a chorar enquanto tentávamos passar por algum monstro ou coisa assim. Íamos ser mortos por causa dele.

Por outro lado, o som das harpias estava chegando mais perto...

— Não podemos deixá-lo — decidi. — Tântalo vai castigá-lo por termos partido.

— Percy — disse Annabeth, tentando manter a calma —, estamos indo para a ilha de Polifemo! Polifemo é um c-i-c... um c-i-c... — Ela bateu os pés de frustração. Por mais esperta que fosse, Annabeth também era disléxica. Poderíamos ficar lá a noite inteira enquanto ela tentava soletrar ciclope. — Você sabe o que eu quero dizer!

— Tyson pode vir — insisti —, se ele quiser.

Tyson bateu palmas.

— Eu quero!

Annabeth me fuzilou com o olhar, mas acho que ela percebeu que eu não ia mudar de ideia. Ou talvez simplesmente soubesse que não tínhamos tempo para discutir.

— Tudo bem — disse ela. — Como chegamos até aquele navio?

— Hermes disse que meu pai ajudaria.

— E então, Cabeça de Alga? Está esperando o quê?

Eu sempre achei difícil chamar meu pai, ou rezar, ou o que seja, mas avancei para as ondas.

— Ahn, pai? — chamei. — Como vão as coisas?

— Percy! — sussurrou Annabeth. — Estamos com pressa!

— Precisamos da sua ajuda — falei um pouco mais alto. — Precisamos chegar até aquele navio, tipo antes que sejamos comidos ou coisa parecida, então…

De início, nada aconteceu. As ondas quebravam na praia, como sempre. As harpias pareciam estar logo atrás das dunas. Então, cerca de cem metros mar adentro, três linhas brancas apareceram na superfície. Moveram-se com velocidade em direção à praia, como garras rasgando o oceano.

Quando se aproximaram, as águas se abriram e as cabeças de três corcéis brancos se ergueram das ondas.

Tyson prendeu a respiração.

— Peixes-pôneis!

Ele estava certo. Quando as criaturas se arrastaram para a areia, vi que eram cavalos apenas na frente; a metade traseira era de corpos prateados de peixe, com escamas reluzentes e nadadeiras de arco-íris na cauda.

— Cavalos-marinhos! — disse Annabeth. — São lindos.

O mais próximo relinchou, agradecendo, e esfregou o focinho em Annabeth.

— Vamos admirá-los depois — falei. — Vamos!

— Ali! — guinchou uma voz atrás de nós. — Crianças más fora dos chalés! Hora do lanche para harpias sortudas!

Cinco delas estavam pairando acima das dunas — pequenas bruxas gorduchas, com a cara chupada, garras e asas de penas, pequenas demais para o corpo. Elas me lembravam um cruzamento de atendente de lanchonete com passarinho. Não eram muito rápidas, graças aos deuses, mas eram ferozes quando pegavam alguém.

— Tyson! — disse eu. — Agarre um saco de viagem!

Ele ainda estava olhando boquiaberto para os cavalos-marinhos.

— Tyson!

— Ahn?

— Venha!

Com a ajuda de Annabeth, consegui fazê-lo se mexer. Recolhemos os sacos e montamos nossos corcéis. Poseidon devia saber que Tyson era um dos passageiros, pois um dos cavalos-marinhos era muito maior que os outros dois — do tamanho certo para transportar um ciclope.

— Eah! — disse eu.

Meu cavalo-marinho se virou e mergulhou nas ondas. Annabeth e Tyson seguiram logo atrás.

As harpias nos amaldiçoaram, implorando a seus lanches que voltassem, mas os cavalos-marinhos dispararam sobre a água na velocidade de jet skis. As harpias ficaram para trás, e logo a praia do Acampamento Meio-Sangue nada mais era senão uma mancha escura. Será que eu voltaria a ver aquele lugar? Naquele momento, porém, eu tinha outros problemas.

O navio de cruzeiro agora crescia diante de nós — nossa carona para a Flórida e o Mar de Monstros.

Montar o cavalo-marinho era ainda mais fácil do que montar um pégaso. Nos deslocamos depressa, com o vento no rosto, disparando nas ondas de modo tão suave e firme que mal precisei me segurar.

Quando nos aproximamos do navio, percebi quanto era enorme. Era como olhar para um edifício em Manhattan. O casco branco tinha pelo menos dez andares, e acima dele havia mais uma dúzia de conveses com balcões e vigias iluminados. O nome do navio estava pintado logo acima da linha de proa, em letras pretas, iluminadas por um refletor. Levei alguns segundos para decifrá-lo:

*PRINCESA ANDRÔMEDA*

Presa à proa havia uma enorme figura — uma mulher com três andares de altura vestindo uma túnica grega branca, esculpida para parecer que estava acorrentada à frente do navio. Ela era jovem e linda, com cabelos pretos flutuantes, mas sua expressão era de terror absoluto. Por que alguém iria querer uma princesa aos gritos na frente do navio de suas férias, eu não tinha ideia.

Lembrei-me do mito de Andrômeda e de como ela fora acorrentada a uma rocha pelos próprios pais, como sacrifício a um monstro marinho. Talvez seu boletim fosse horrível ou coisa assim. De qualquer modo, meu xará Perseu a salvara no último minuto e transformara o monstro marinho em pedra usando a cabeça da Medusa.

*Aquele* Perseu sempre vencia. É por isso que minha mãe me deu seu nome, muito embora ele fosse um filho de Zeus, e eu, de Poseidon. O Perseu original foi um dos únicos heróis dos mitos gregos que teve final feliz. Os outros morreram — traídos, espancados, mutilados, envenenados ou amaldiçoados pelos deuses. Minha

mãe esperava que eu herdasse a sorte dele. Do jeito como minha vida ia até ali, eu não estava lá muito otimista.

— Como vamos embarcar? — gritou Annabeth, mais alto que o barulho das ondas.

Mas os cavalos-marinhos pareciam saber o que era preciso. Deslizaram ao longo do estibordo do navio, passando facilmente através da enorme esteira, e encostaram-se junto a uma escada de serviço rebitada ao casco.

— Você primeiro — disse a Annabeth.

Ela jogou o saco de viagem no ombro e agarrou o primeiro degrau. Depois que ela se içou para a escada, seu cavalo-marinho relinchou uma despedida e mergulhou na água. Annabeth começou a escalar. Deixei-a subir alguns degraus, e então a segui.

Por fim restara somente Tyson na água. Seu cavalo-marinho o estava divertindo com aéreos de trezentos e sessenta graus e saltos para trás, e Tyson ria histericamente, o som reverberando no casco do navio.

— Tyson, shhh! Venha, grandão!

— Não podemos levar Arco-Íris? — perguntou, o sorriso sumindo.

Olhei para ele.

— *Arco-Íris?*

O cavalo-marinho relinchou, como se tivesse gostado de seu novo nome.

— Ahn, nós temos de ir — disse eu. — Arco-Íris… bem, ele não pode subir escadas.

Tyson fungou. Ele enterrou a cara na crina do hipocampo.

— Vou sentir saudade, Arco-Íris!

O cavalo-marinho emitiu um som de relincho que eu podia jurar que era choro.

— Quem sabe a gente encontra com ele de novo — sugeri.

— Ah, por favor! — disse Tyson, animando-se imediatamente. — Amanhã!

Não fiz nenhuma promessa, mas consegui convencer Tyson a dizer adeus e a se agarrar à escada. Com um último relincho triste, Arco-Íris, o hipocampo, deu um salto-mortal para trás e mergulhou no mar.

A escada levava a um convés de manutenção cheio de botes salva-vidas amarelos. Havia uma porta dupla trancada, que Annabeth conseguiu arrombar com sua faca e uma boa dose de pragas em grego antigo.

Imaginei que teríamos de nos esgueirar por ali, já que éramos clandestinos e tudo mais, mas depois de examinar alguns corredores e espiar, por cima de um balcão, um enorme corredor central ladeado por lojas fechadas, comecei a me dar conta de que não havia ninguém de quem nos esconder. Quer dizer, é claro que estávamos no meio da noite, mas andamos metade da extensão do navio e não encontramos ninguém. Passamos por quarenta ou cinquenta portas de cabines e não ouvimos ruído algum atrás delas.

— É um navio-fantasma — murmurei.

— Não — disse Tyson, manuseando a alça do seu saco de viagem. — Cheiro ruim.

Annabeth franziu o cenho.

— Não sinto cheiro de nada.

— Os ciclopes são como os sátiros — disse eu. — Eles podem farejar monstros. Não é verdade, Tyson?

Ele fez que sim, nervoso. Agora que estávamos longe do Acampamento Meio-Sangue, a Névoa distorcia seu rosto de novo. A não ser que eu me concentrasse muito, parecia que ele tinha dois olhos, não um.

— Certo — disse Annabeth. — Então está sentindo cheiro de quê, exatamente?

— Coisa ruim — respondeu Tyson.

— Beleza — resmungou ela. — Isso esclarece tudo.

Fomos para fora, no deque da piscina. Havia fileiras de espreguiçadeiras vazias e um bar fechado com uma cortina de correntes. A água da piscina brilhava de modo fantasmagórico, ondulando de um lado para o outro com os movimentos do navio.

Acima de nós, à frente e atrás, havia mais deques — uma parede de escalada, uma pista de minigolfe, um restaurante giratório, mas nenhum sinal de vida.

E no entanto… Eu senti algo familiar. Algo perigoso. Tinha a impressão de que, se não estivesse tão cansado e exausto de tanta adrenalina por causa de nossa longa noite, talvez conseguisse dar um nome ao que estava errado.

— Precisamos de um esconderijo — disse eu. — Algum lugar seguro para dormir.

— Dormir — concordou Annabeth, cansada.

Exploramos mais alguns corredores até chegarmos a uma suíte vazia no nono deque. A porta estava aberta, o que me pareceu estranho. Havia uma cesta de

chocolates sobre a mesa, uma garrafa gelada de cidra espumante sobre a mesa-de-cabeceira e uma pastilha de hortelã em cima do travesseiro com um bilhete manuscrito que dizia: *Aproveite seu cruzeiro!*

Abrimos nossos sacos de viagem e descobrimos que Hermes realmente pensara em tudo — roupas, artigos de toalete, rações de acampamento, um saco ziploc cheio de dinheiro, uma bolsa de couro cheia de dracmas de ouro. Conseguira até mesmo incluir o oleado de Tyson com suas ferramentas e pedaços de metal, e o boné de invisibilidade de Annabeth, o que fez os dois se sentirem um pouco melhor.

— Vou estar na porta ao lado — disse Annabeth. — Vocês, garotos, *não* bebam nem comam nada.

— Acha que este lugar é encantado?

Ela franziu a testa.

— Não sei. Alguma coisa não está certa. De qualquer jeito… tenham cuidado.

Trancamos nossas portas.

Tyson desabou na cama. Ele mexeu por alguns minutos em seu projeto de trabalho em metal — que ainda não me mostrara —, mas logo começou a bocejar. Enrolou seu oleado e adormeceu.

Fiquei deitado na cama, olhando pela vigia. Pensei ter ouvido vozes no corredor, como sussurros. Sabia que não era possível. Andamos pelo navio inteiro e não vimos ninguém. Mas as vozes me mantiveram acordado. Elas me lembraram a viagem ao Mundo Inferior — os ruídos que os espíritos dos mortos faziam ao passarem.

Por fim meu cansaço levou a melhor. Caí no sono… e tive meu pior pesadelo até então.

Eu estava em uma caverna, à beira de um poço enorme. Conhecia muito bem o lugar. A entrada para o Tártaro. E reconheci a risada fria que ecoava da escuridão abaixo.

*Ora, ora, o jovem herói.* A voz era como a lâmina de uma faca raspando pedra. *A caminho de outra grande vitória.*

Eu quis gritar para que Cronos me deixasse em paz. Quis sacar Contracorrente e derrubá-lo com um golpe. Mas não conseguia me mover. E, mesmo que conseguisse, como iria matar alguém que já tinha sido destruído — picado em pedacinhos e lançado nas trevas eternas?

*Não permita que eu o detenha,* disse o titã. *Talvez dessa vez, quando fracassar, vá perguntar a si mesmo se vale a pena ser escravo dos deuses. Como foi mesmo que seu pai demonstrou agradecimento nos últimos tempos?*

Sua gargalhada encheu a caverna, e subitamente a cena mudou.

Era uma caverna diferente — o quarto-prisão de Grover no covil do ciclope.

Grover estava sentado junto ao tear usando seu vestido de noiva encardido, desfazendo em desespero os fios da cauda inacabada do vestido.

— Docinho! — gritou o monstro de trás da rocha.

Grover ganiu e começou a tecer os fios de volta.

O quarto estremeceu quando a rocha foi empurrada para o lado. Assomando à porta estava um ciclope tão enorme que fazia Tyson parecer verticalmente desafiado. Tinha dentes amarelos e tortos e mãos ásperas quase do meu tamanho. Usava uma camiseta roxa desbotada que dizia EXPO MUNDIAL DE CARNEIROS 2001. Devia medir pelo menos cinco metros, porém o mais assustador era seu enorme olho leitoso, marcado e recoberto por uma teia de cataratas. Se não era completamente cego, estava muito perto disso.

— O que está fazendo? — perguntou o monstro.

— Nada! — disse Grover em sua voz de falsete. — Só tecendo a cauda do meu vestido de noiva, como pode ver.

O ciclope estendeu uma das mãos para dentro do quarto e tateou até encontrar o tear. Apalpou o tecido.

— Não ficou nem um pouco maior!

— Ah! ahn, sim, ficou, querido. Está vendo? Acrescentei pelo menos três centímetros.

— Está demorando demais! — urrou o monstro. Então ele farejou o ar. — Você tem um cheiro bom! Como os bodes!

— Ah! — Grover forçou uma fraca risadinha. — Você gosta? É *Eau de Chévre*. Eu uso só para você.

— Mmmm! — O ciclope mostrou os dentes pontudos. — Bom de comer!

— Ah, você é tão galanteador!

— Chega de atrasos!

— Mas, querido, eu não estou pronta!

— Amanhã!

— Não, não. Mais dez dias.

— Cinco!

— Ah! bem, então sete. Se você insiste.

— Sete! Isso é menos que cinco, certo?

— Certamente. Ah, sim!

O monstro resmungou, não muito satisfeito com sua negociação, mas deixou Grover continuar tecendo e rolou a rocha de volta a seu lugar.

Grover fechou os olhos e respirou fundo, trêmulo, tentando acalmar os nervos.

— Depressa, Percy — murmurou ele. — Por favor, por favor, por favor!

Acordei com um apito do navio e uma voz no alto-falante — alguém com um sotaque australiano que parecia alegre demais.

— Bom dia, passageiros! Hoje estaremos no mar o dia inteiro. Tempo excelente para a festa de mambo à beira da piscina! Não esqueçam o bingo de um milhão de dólares no Salão do Kraken à uma hora, e para os nossos *hóspedes especiais*, exercícios de estripação no convés principal!

Sentei-me na cama.

— O que ele disse?

Tyson gemeu, ainda meio dormindo. Estava deitado na cama de barriga para baixo, os pés tão além da beirada que foram parar no banheiro.

— O homem alegre disse... exercício com equipamentos? Esperava que ele estivesse certo, mas então ouvi uma batida insistente na porta interna da suíte. Annabeth enfiou a cabeça para dentro — os cabelos loiros pareciam um ninho de rato.

— Exercício de *estripação*?

Depois de vestidos nos aventuramos a caminhar pelo navio. Ficamos surpresos ao vermos outras pessoas. Uma dúzia de idosos indo tomar o café-da-manhã. Um pai levando os filhos para um mergulho matinal na piscina. Tripulantes em impecáveis uniformes brancos tocando os chapéus em saudação para os passageiros.

Ninguém perguntou quem éramos. Ninguém prestou muita atenção em nós. Mas havia algo errado.

Quando a família de nadadores passou por nós, o pai disse aos filhos:

— Estamos num cruzeiro. Estamos nos divertindo.

— Sim — disseram as três crianças em uníssono, a expressão vazia. — Estamos nos divertindo à beça. Vamos mergulhar na piscina.

Afastaram-se.

— Bom-dia! — disse-nos um tripulante, os olhos vidrados. — Estamos nos divertindo a bordo do *Princesa Andrômeda*. Tenham um bom dia. — Ele se afastou.

— Percy, isso é muito estranho — sussurrou Annabeth. — Estão todos em uma espécie de transe.

Depois passamos por uma lanchonete e vimos nosso primeiro monstro. Era um cão do inferno — um mastim preto, na fila do bufê, apoiado nas patas traseiras e com o focinho enfiado nos ovos mexidos. Devia ser jovem, pois era pequeno em comparação com a maioria — não maior que um urso-escuro. Ainda assim, meu sangue gelou. Eu quase tinha sido morto por um daqueles antes. O que era mais estranho: um casal de meia-idade estava na fila do bufê logo atrás do cão-demônio, esperando pacientemente sua vez de se servir dos ovos. Pareciam não estar notando nada de extraordinário.

— Perdi a fome — murmurou Tyson.

Antes que Annabeth ou eu pudéssemos responder, uma voz reptiliana veio do corredor:

— Maisss ssseisss chegaram ontem.

Annabeth fez gestos frenéticos em direção ao esconderijo mais próximo — o banheiro feminino —, e nós três entramos depressa. Eu estava tão apavorado que nem me ocorreu ficar com vergonha.

Alguma coisa, ou melhor, *duas* coisas passaram deslizando pela porta do banheiro, fazendo um barulho como o de uma lixa esfregada contra o carpete.

— Ssssim — disse uma segunda voz reptiliana. — Ele osss atrai. Logo esssssstaremossss fortessss.

As coisas deslizaram para dentro da lanchonete com um silvo frio que poderia bem ser risada de cobra.

Annabeth olhou para mim.

— Temos de dar o fora daqui.

— Acha que eu *quero* ficar no banheiro das meninas?

— Do navio, Percy! Temos de dar o fora do navio.

— Cheira mal — concordou Tyson. — E os cachorros comem todos os ovos. Annabeth tem razão. Precisamos dar o fora do banheiro e do navio.

Eu estremeci. Se Annabeth e Tyson estavam *concordando* em alguma coisa, calculei que seria melhor escutá-los.

Então ouvi outra voz do lado de fora — uma voz que me deixou mais gelado que a de qualquer monstro.

— … só uma questão de tempo. Não me pressione, Agrio!

Era Luke, sem dúvida alguma. Jamais esqueceria a voz dele.

— Não estou pressionando! — resmungou um outro cara. Sua voz era mais profunda e ainda mais zangada que a de Luke. — Só estou dizendo que se esse jogo não compensar…

— Vai compensar — disparou Luke. — Eles vão morder a isca. Agora venha, temos de ir até a suíte do almirantado e verificar o caixão.

As vozes se afastaram pelo corredor.

Tyson choramingou.

— Saímos agora?

Annabeth e eu trocamos olhares e entramos num acordo silencioso.

— Não podemos — disse a Tyson.

— Temos de descobrir o que Luke está aprontando — concordou Annabeth. — E, se possível, vamos lhe dar uma surra, acorrentá-lo e arrastá-lo para o Monte Olimpo.

NOVE

# MINHA PIOR REUNIÃO DE FAMÍLIA DE TODOS OS TEMPOS

Annabeth se ofereceu para ir sozinha, já que tinha o boné de invisibilidade, mas eu a convenci de que era perigoso demais. Ou íamos todos juntos, ou não ia ninguém.

— Ninguém! — votou Tyson. — Por favor.

Mas no fim ele foi junto, roendo nervosamente suas unhas enormes. Paramos na cabine só pelo tempo de juntar nossas coisas. Sabíamos que, independentemente do que acontecesse, *não* passaríamos outra noite a bordo do navio de zumbis, mesmo que eles tivessem um bingo de um milhão de dólares. Conferi se Contracorrente estava no meu bolso, e se as vitaminas e a garrafa térmica de Hermes estavam logo na boca do saco de viagem. Não queria que Tyson carregasse tudo, mas ele insistiu, e Annabeth disse que eu não me preocupasse com isso. Tyson era capaz de carregar no ombro três sacos de viagem cheios com a mesma facilidade com que eu carregava uma mochila.

Nós nos esgueiramos pelos corredores, seguindo as placas de VOCÊ ESTÁ AQUI em direção à suíte do almirantado. Annabeth foi na frente, invisível. Toda vez que passava alguém a gente se escondia, mas a maioria das pessoas que víamos era apenas passageiros zumbis de olhos vidrados.

Quando subimos as escadas para o convés 13, onde deveria estar a suíte do almirantado, Annabeth sussurrou:

— Escondam-se! — e nos empurrou para dentro de um pequeno almoxarifado.

Ouvi dois caras descendo o corredor.

— Você viu aquele dragão etíope no porão de carga? — disse um deles.

O outro riu.

— Sim, é impressionante.

Annabeth ainda estava invisível, mas apertou meu braço com força. Tive a impressão de que conhecia a voz do segundo cara.

— Ouvi dizer que vêm vindo mais dois — disse a voz familiar. — Se continuarem chegando nesse ritmo, rapaz! Não haverá concurso!

As vozes foram sumindo no corredor.

— Aquele era Chris Rodrigues! — Annabeth tirou o boné e ficou visível. — Você lembra… do Chalé 11.

Eu me lembrava vagamente de Chris, do verão anterior. Era um dos campistas indeterminados que ficaram empacados no chalé de Hermes porque seu pai olimpiano, ou sua mãe, nunca o reclamaram. Ali, pensando nisso, percebi que não tinha visto Chris no acampamento.

— O que um outro meio-sangue está fazendo aqui?

Annabeth sacudiu a cabeça, claramente perturbada.

Continuamos seguindo pelo corredor. Eu não precisava mais de mapas para saber que estava chegando perto de Luke. Sentia algo frio e desagradável — a presença do mal.

— Percy. — Annabeth parou de repente. — Olhe.

Ela estava diante de uma parede de vidro que dava para um cânion de vários andares, que atravessava o meio do navio. No fundo estava o convés principal — um centro comercial cheio de lojas —, mas não foi isso que chamou a atenção de Annabeth.

Um grupo de monstros estava reunido na frente da doceria: uma dúzia de gigantes lestrigões, como os que me atacaram com bolas de queimado, dois cães monstruosos com três cabeças e cauda de dragão e algumas criaturas ainda mais estranhas — fêmeas humanoides com caudas duplas de serpente, em vez de pernas.

— *Dracaenae* da Cítia — sussurrou Annabeth. — Mulheres-dragão.

Os monstros estavam em um semicírculo em volta de um jovem de armadura grega que despedaçava um boneco de palha. Fiquei com um nó na garganta quando percebi que o boneco usava uma camiseta laranja do Acampamento Meio-Sangue. Enquanto olhávamos, o cara de armadura deu uma estocada na barriga do boneco e rasgou-o de baixo para cima. Voou palha para todos os lados. Os monstros aplaudiram e gritaram.

Annabeth se afastou da janela. Seu rosto estava cinzento.

— Vamos — disse-lhe, tentando parecer mais valente do que me sentia. — Quanto antes acharmos Luke, melhor.

No fim do corredor havia uma porta dupla de carvalho que parecia levar a algum lugar importante. Quando estávamos a dez metros, Tyson parou.

— Vozes lá dentro.

— Você pode ouvir de tão longe? — perguntei.

Tyson fechou os olhos como se estivesse se concentrando ao máximo. Então sua voz mudou, transformando-se numa imitação rouca da voz de Luke.

— … a profecia nós mesmos. Os idiotas não vão saber para que lado virar.

Antes que eu pudesse reagir, a voz de Tyson mudou de novo, agora mais profunda e ríspida, como a do outro cara que ouvimos falando com Luke do lado de fora da lanchonete.

— Acha mesmo que o velho homem-cavalo se foi para sempre? Tyson riu a risada de Luke.

— Não podem confiar nele. Não com aqueles esqueletos no armário *dele*. O envenenamento da árvore foi a última gota.

Annabeth estremeceu.

— Pare com isso, Tyson! Como você faz isso? É sinistro!

Tyson abriu o olho e pareceu confuso.

— Estava só ouvindo.

— Continue — disse eu. — O que mais eles estão dizendo? Tyson fechou o olho de novo.

Ele sussurrou na voz do homem zangado:

— Silêncio!

E, então, na voz de Luke, cochichando:

— Você tem certeza?

— Sim — disse Tyson na voz rouca. — Bem aí fora.

Era tarde demais quando percebi o que estava acontecendo.

— Corram!

Foi só o que tive tempo de dizer, quando as portas do camarote se abriram violentamente e lá estava Luke, ladeado por dois gigantes peludos armados com dardos, as pontas de bronze apontadas diretamente para os nossos peitos.

— Bem — disse Luke, com um sorriso torto. — Ora, ora, são os meus dois primos favoritos. Vão entrando.

O camarote era lindo, e era horrível.

A parte linda: enormes janelas curvas ao longo da parede dos fundos, dando para a popa do navio. Mar verde e céu azul se estendiam até o horizonte. Um tapete persa cobria o chão. Dois sofás de pelúcia ocupavam o meio da sala, uma cama com dossel em um canto e uma mesa de jantar de mogno no outro. A mesa estava lotada de comida — caixas de pizza, garrafas de refrigerante e uma pilha de sanduíches de rosbife em cima de uma bandeja de prata.

A parte horrível: sobre uma plataforma de veludo no fundo da sala havia um caixão dourado de três metros. Um sarcófago, decorado com cenas de cidades da Grécia Antiga em chamas e heróis morrendo de modo pavoroso. Apesar da luz do sol que se filtrava pelas janelas, o caixão fazia a sala inteira parecer fria.

— Bem — disse Luke, abrindo os braços com orgulho. — Um pouco mais agradável do que o Chalé 11, hein?

Ele mudara desde o último verão. Em vez de bermudas e camiseta, usava uma camisa toda abotoada, calça cáqui e mocassins de couro. Seu cabelo cor de areia, que era tão rebelde, agora estava aparado curto. Parecia um modelo do mal, mostrando o que os vilões fashion de idade universitária usavam em Harvard naquele verão.

Ainda tinha a cicatriz embaixo do olho — uma linha branca irregular, de sua batalha com um dragão. E encostada no sofá estava sua espada mágica, Mordecostas, brilhando estranhamente com sua lâmina meio-aço, meio-bronze celestial, que podia matar tanto mortais como monstros.

— Sentem-se — disse-nos. Acenou com a mão, e três cadeiras de jantar deslizaram sozinhas para o centro da sala.

Nenhum de nós se sentou.

Os amigos enormes de Luke ainda apontavam seus dardos para nós. Pareciam gêmeos, mas não eram humanos. Mediam cerca de dois metros e meio, para começar, e usavam apenas jeans, provavelmente porque os peitos enormes já eram recobertos por grossas felpas marrons. Tinham garras no lugar de unhas e os pés eram como patas. Os narizes eram focinhos animalescos e os dentes eram todos caninos pontudos.

— Que falta de cortesia a minha — disse Luke, suavemente.

— Estes são meus assistentes, Agrio e Oreios. Talvez vocês já tenham ouvido falar deles.

Eu não disse nada. Apesar dos dardos apontados para mim, não eram os gêmeos ursos que me assustavam.

Tinha imaginado meu reencontro com Luke muitas vezes desde que ele tentara me matar no último verão. Eu me via corajosamente de pé diante dele, desafiando-o para um duelo. Mas, agora que estávamos cara a cara, eu mal conseguia impedir que minhas mãos tremessem.

— Vocês não conhecem a história de Agrio e Oreios? — perguntou Luke. — A mãe deles... bem, é triste, de verdade. Afrodite ordenou à jovem mulher que se apaixonasse. Ela se recusou e correu para Ártemis pedindo ajuda. Ártemis deixou que ela se tornasse uma das suas caçadoras virgens, mas Afrodite teve sua vingança. Enfeitiçou a jovem para que se apaixonasse por um urso. Quando Ártemis descobriu, ela abandonou a moça, enojada. Típico dos deuses, não acha? Eles brigam entre si e os pobres humanos são apanhados no meio. Os filhos gêmeos da moça, aqui, Agrio e Oreios, não morrem de amores pelo Olimpo. Mas gostam bastante de meios-sangues, contudo...

— Para o almoço — rosnou Agrio. Sua voz rouca era a que eu tinha ouvido falando com Luke.

— Hehe! Hehe! — riu seu irmão, Oreios, lambendo os beiços peludos. Ele continuou rindo como se estivesse tendo uma crise de asma até que Luke e Agrio o olharam.

— Cale a boca, seu idiota! — rosnou Agrio. — Vá se castigar!

Oreios choramingou. Arrastou-se até o canto da sala, deixou-se cair em uma banqueta e bateu a testa contra a mesa de jantar, fazendo tilintar os pratos de prata.

Luke agiu como se aquele fosse um comportamento perfeitamente normal. Acomodou-se no sofá e pôs os pés em cima da mesa de café.

— Bem, Percy, deixamos você sobreviver mais um ano. Espero que tenha gostado. Como vai sua mãe? Como vai a escola?

— Você envenenou a árvore de Thalia.

Luke suspirou.

— Direto ao ponto, não é? O.k., envenenei mesmo a árvore. E daí?

— Como pôde fazer isso? — Annabeth parecia tão zangada que pensei que ela fosse explodir. — Thalia salvou sua vida! *Nossas* vidas! Como pôde desonrá-la…

— Eu não a desonrei! — disparou Luke. — Os deuses a desonraram, Annabeth! Se Thalia estivesse viva, estaria do meu lado.

— Mentiroso!

— Se você soubesse o que ia acontecer, entenderia…

— Eu entendo que você quer destruir o acampamento! — gritou ela. — Você é um monstro!

Luke sacudiu a cabeça.

— Os deuses a cegaram. Você não consegue imaginar um mundo sem eles, Annabeth? De que adianta a história antiga que você estuda? Três mil anos de bagagem! O Ocidente está podre até a alma. Precisa ser destruído. Junte-se a mim! Podemos refazer o mundo do zero. Podemos usar sua inteligência, Annabeth.

— Porque você não tem inteligência nenhuma!

Os olhos dele se estreitaram.

— Conheço você, Annabeth. Você merece coisa melhor do que ir atrás de uma missão sem chances para salvar o acampamento. A Colina Meio-Sangue será invadida por monstros em menos de um mês. Os heróis que sobreviverem não terão escolha senão juntar-se a nós ou ser caçados até a extinção. Você realmente quer estar em um time perdedor… com uma companhia dessa? — Luke apontou para Tyson.

— Ei! — disse eu.

— Viajando com um ciclope — caçoou Luke. — E falando sobre desonrar a memória de Thalia! Estou surpreso com você, Annabeth. Você, de todas as pessoas…

— Pare com isso! — gritou ela.

Não sabia do que Luke estava falando, mas Annabeth enterrou a cabeça nas mãos como se estivesse a ponto de chorar.

— Deixe-a em paz — disse eu. — E deixe Tyson fora disso.

Luke riu.

— Ah! sim, ouvi dizer. Seu pai o reclamou.

Devo ter parecido surpreso, pois Luke sorriu.

— Sim, Percy, eu sei tudo sobre isso. E sobre seu plano de encontrar o Velocino. Quais eram mesmo aquelas coordenadas… 30, 31, 75, 12? Como vê,

ainda tenho amigos no acampamento que me mantêm informado.

— Espiões, você quer dizer.

Ele deu de ombros.

— Quantos insultos de seu pai você pode aguentar, Percy? Acha que ele é grato a você? Acha que Poseidon se importa com você mais do que se importa com esse monstro?

Tyson cerrou os punhos e fez um ruído surdo na garganta.

Luke apenas deu uma risadinha.

— Os deuses estão *usando* você Percy. Tem ideia do que está reservado para você se chegar ao décimo sexto aniversário? Quíron já lhe contou a profecia?

Tive vontade de falar umas verdades na cara de Luke, mas, como é de praxe, ele conhecia a maneira de me deixar desconcertado.

*Décimo sexto aniversário?*

Quer dizer, eu sabia que Quíron tinha recebido uma profecia do Oráculo muitos anos atrás. Sabia que, parte, era sobre mim. Mas *se* eu chegar ao décimo sexto aniversário? Não gostei muito de ouvir aquilo.

— Eu sei o que preciso saber — consegui dizer. — Por exemplo, quem são os meus inimigos.

— Então você é um bobo.

Tyson reduziu a cadeira mais próxima a estilhaços.

— Percy não é um bobo!

Antes que eu pudesse detê-lo, ele avançou para Luke. Seus punhos desceram na direção da cabeça de Luke — uma pancada dupla que teria aberto um buraco em titânio, mas os gêmeos ursos a interceptaram. Cada um segurou um dos braços de Tyson e eles o detiveram na hora. Empurraram-no para trás, e Tyson cambaleou. Caiu no tapete com tanta força que o convés balançou.

— Que pena, ciclope — disse Luke. — Parece que os meus amigos pardos juntos são mais do que páreo para a sua força. Talvez eu devesse deixá-los…

— Luke — interrompi. — Escute. Seu pai nos mandou.

O rosto dele ficou da cor de *pepperoni*.

— Não se *atreva* a mencionar o nome dele.

— Ele nos disse para pegar este navio. Achei que fosse só uma carona, mas ele nos mandou aqui para encontrá-lo. Disse que não vai desistir de você, não importa quanto você esteja zangado.

— *Zangado?* — rugiu Luke. — *Desistir de mim?* Ele me abandonou, Percy! Quero o Olimpo destruído! Cada trono esmagado até virar entulho! E você diga a Hermes que isso vai acontecer. A cada vez que um meio-sangue se junta a nós, os olimpianos ficam mais fracos e nós ficamos mais fortes. *Ele* fica mais forte. — Luke apontou para o sarcófago de ouro.

O caixão me apavorava, mas eu estava determinado a não demonstrar.

— E daí? — perguntei. — O que há de tão especial...

E então caiu a ficha do que poderia estar dentro do sarcófago. A temperatura na sala pareceu baixar vinte graus.

— Epa, você não quer dizer...

— Ele está se reconstituindo — disse Luke. — Pouco a pouco estamos resgatando sua força vital para fora do poço. A cada recruta que se junta à nossa causa mais um pedacinho aparece...

— Isso é nojento! — disse Annabeth.

Luke a olhou com desprezo.

— Sua mãe nasceu do crânio partido de Zeus, Annabeth. Eu não falaria nada. Logo haverá o bastante do senhor titã para torná-lo inteiro de novo. Vamos montar um corpo novo para ele, um trabalho digno das forjas de Hefesto.

— Você é louco — disse Annabeth.

— Junte-se a nós e será recompensada. Temos amigos poderosos, patrocinadores bastante ricos para comprar este navio de cruzeiro e muito mais. Percy, sua mãe nunca mais precisará trabalhar. Você poderá comprar uma mansão para ela. Você poderá ter poder, fama — tudo o que quiser. Annabeth, você poderá realizar seu sonho de ser arquiteta. Poderá construir um monumento para durar mil anos. Um templo para os senhores da nova era!

— Vá para o Tártaro — disse ela.

Luke suspirou.

— Uma pena.

Ele pegou algo que parecia um controle remoto de tevê e apertou um botão vermelho. Em segundos a porta do camarote se abriu e dois tripulantes uniformizados entraram, armados com cassetetes. O olhar vidrado era o mesmo dos outros mortais que eu tinha visto, mas tive a impressão de que isso não os tornaria menos perigosos numa luta.

— Ah! bom, seguranças! — disse Luke. — Infelizmente temos aqui alguns clandestinos.

— Sim, senhor — disseram eles, com ar sonhador. Luke se virou para Oreios.

— Já é hora de alimentar o dragão etíope. Leve esses tolos para baixo e mostre-lhes como fazemos.

Oreios sorriu de modo estúpido.

— Hehe! Hehe!

— Deixe-me ir também — resmungou Agrio. — Meu irmão é um inútil. Aquele ciclope…

— Ele não é uma ameaça — disse Luke. Deu uma olhadela para o caixão dourado, como se alguma coisa o incomodasse. — Agrio, fique aqui. Temos assuntos importantes a discutir.

— Mas…

— Oreios, não me desaponte. Fique no porão e certifique-se de que o dragão seja alimentado como deve.

Oreios nos cutucou com seu dardo e nos tocou para fora do camarote, seguido pelos dois seguranças humanos.

Enquanto andava pelo corredor com o dardo de Oreios me cutucando nas costas, pensei no que Luke dissera — que os gêmeos ursos *juntos* eram páreo para a força de Tyson. Mas quem sabe separados…

Saímos do corredor no meio do navio e caminhamos por um deque aberto ladeado por botes salva-vidas. Eu conhecia bem o navio para perceber que aquela seria nossa última visão da luz do sol. Uma vez do outro lado, tomaríamos o elevador para descer ao porão, e seria o fim.

Olhei para Tyson e disse:

— Agora.

Graças aos deuses, ele entendeu. Virou-se e lançou Oreios dez metros para trás, dentro da piscina, bem no meio da família de turistas-zumbis.

— Ah! — gritaram as crianças em uníssono. — Nós *não* estamos nos divertindo à beça na piscina!

Um dos seguranças sacou o cassetete, mas Annabeth o deixou sem fôlego com um pontapé bem dado. O outro segurança correu para o alarme mais próximo.

— Pegue-o! — gritou Annabeth, mas foi tarde demais.

Um instante antes que eu o atingisse na cabeça com uma cadeira ele tocou o alarme.

Luzes vermelhas piscaram. Sirenes uivaram.

— Bote salva-vidas! — gritei.

Corremos para o mais próximo.

Quando conseguimos descobri-lo, monstros e mais seguranças invadiram o convés, empurrando turistas e garçons com bandejas de drinques tropicais. Um cara de armadura grega sacou a espada e investiu, mas escorregou em uma poça de *piña colada*. Arqueiros lestrigões se reuniram no convés acima de nós, alinhando flechas em seus arcos enormes.

— Como se lança esta coisa? — gritou Annabeth.

Um daqueles cães monstruosos pulou para cima de mim, mas Tyson o atirou para o lado com um extintor de incêndio.

— Entrem! — gritei. Tirei a tampa de Contracorrente e com um golpe desviei uma saraivada de flechas no ar. A qualquer segundo seríamos vencidos.

O bote salva-vidas estava pendurado na lateral do navio, muito acima da água. Annabeth e Tyson não conseguiam manejar a polia de lançamento.

Pulei para dentro ao lado deles.

— Segurem-se! — gritei, e cortei as cordas.

Uma chuva de flechas assobiou por cima de nossas cabeças enquanto íamos em queda livre na direção do oceano.

DEZ

# PEGAMOS UMA CARONA COM CONFEDERADOS MORTOS

— A garrafa térmica! — gritei enquanto despencávamos para a água.

— *O quê?* — Annabeth deve ter pensado que eu tinha perdido a cabeça. Estava agarrada às alças do bote como se sua vida dependesse disso, os cabelos voando para o alto, como uma tocha.

Mas Tyson entendeu. Conseguiu abrir meu saco de viagem e tirar de lá a garrafa mágica sem largar o saco nem o bote.

Flechas e dardos passaram por nós assobiando.

Agarrei a garrafa térmica e torci para estar fazendo a coisa certa.

— Segurem firme!

— Eu *estou* segurando firme! — gritou Annabeth.

— Mais firme!

Enganchei o pé embaixo do banco inflável do bote, e enquanto Tyson nos segurava pelas costas das camisas dei um quarto de volta na tampa da garrafa.

No mesmo instante, uma lufada branca de vento escapou e nos arremessou para o lado, transformando o mergulho vertical em uma aterrissagem de emergência a quarenta e cinco graus.

O vento pareceu dar risadas quando escapou da garrafa térmica, como se estivesse contente por se ver livre. Quando atingimos o oceano, batemos uma, duas vezes, quicando como uma pedra, e então disparamos como uma lancha, com água salgada borrifando o rosto e nada além de mar à nossa frente.

Ouvi um grito de indignação vindo do navio atrás de nós, mas já estávamos fora do alcance das armas. O *Princesa Andrômeda* foi ficando menor a distância, até parecer um barquinho branco de brinquedo, e depois desapareceu.

Enquanto disparávamos pelo mar, Annabeth e eu tentamos enviar uma mensagem de Íris para Quíron. Pensamos que seria importante contar a alguém o que Luke estava fazendo, e não sabíamos em quem mais confiar.

O vento da garrafa agitou um ótimo borrifo de mar que formou um arco-íris à luz do sol — perfeito para uma mensagem de Íris —, mas nossa conexão ainda era fraca. Quando Annabeth atirou um dracma de ouro na névoa e rezou à deusa do arco-íris para nos mostrar Quíron, o rosto dele apareceu, mas havia algum tipo estranho de luz estroboscópica ao fundo e rock em volume alto, como se ele estivesse em alguma casa noturna.

Contamos a ele sobre a fuga do acampamento e sobre Luke, o *Princesa Andrômeda* e o caixão dourado para os restos de Cronos, mas com o barulho do lado dele e o ruído do vento e da água do nosso lado, não sabia o que ele tinha ouvido.

— Percy — gritou Quíron —, você precisa tomar cuidado com…

Sua voz foi abafada por uma gritaria alta atrás dele — uma porção de vozes aos berros, como guerreiros comanches.

— O quê? — gritei.

— Malditos parentes! — Quíron desviou-se quando um prato passou voando por cima da sua cabeça e se estilhaçou em algum lugar fora de vista. — Annabeth, você não devia ter deixado Percy sair do acampamento! Mas se vocês *de fato* conseguirem pegar o Velocino…

— *Yeah, baby!* — berrou alguém atrás de Quíron. — *Iuhuuuuuuu!*

O volume da música aumentou, as caixas de som ficaram tão altos que fizeram o bote vibrar.

— … Miami — gritava Quíron. — Vou tentar ficar atento…

Nossa tela de névoa se despedaçou como se alguém do outro lado tivesse atirado uma garrafa contra ela, e Quíron se foi.

Uma hora depois, avistamos terra — uma longa extensão de praia com edifícios altos de hotéis. A água se tornou abarrotada de barcos de pesca e petroleiros. Uma lancha da guarda costeira passou a estibordo, depois virou como se quisesse dar uma segunda olhada. Acho que não é todos os dias que eles veem um bote salva-vidas amarelo sem motor navegando a cem nós por hora, tripulado por três crianças.

— Aquela é Virginia Beach! — disse Annabeth quando nos aproximamos do litoral. — Ah! meus deuses, como o *Princesa Andrômeda* chegou tão longe em uma noite? São cerca de…

— Quinhentas e trinta milhas náuticas — disse eu.

Ela olhou para mim.

— Como você sabe?

— Eu… eu não tenho certeza.

Annabeth pensou um momento.

— Percy, qual é a nossa posição?

— Trinta e seis graus e 44 minutos Norte, 76 graus e 2 minutos Oeste — falei, imediatamente. Então sacudi a cabeça. — Epa! Como é que eu soube isso?

— Por causa de seu pai — supôs Annabeth. — Quando você está no mar, tem um senso de orientação perfeito. Isso é *muito* legal.

Eu não estava tão certo daquilo. Não queria ser um GPS humano. Mas, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Tyson bateu em meu ombro.

— Um outro barco vem vindo.

Olhei para trás. O barco da guarda costeira sem dúvida estava agora atrás de nós. As luzes piscavam e ele ganhava velocidade.

— Não podemos deixar que nos peguem — falei. — Vão fazer perguntas demais.

— Continue na direção da baía de Chesapeake — disse Annabeth. — Sei de um lugar onde podemos nos esconder.

Não perguntei o que ela queria dizer, ou como conhecia tão bem a área. Arrisquei afrouxar a tampa da garrafa térmica mais um pouco, e uma nova lufada de vento nos arremessou como um foguete, contornamos a extremidade norte de Virginia Beach e entramos na baía de Chesapeake. O barco da guarda costeira ficava cada vez mais para trás. Não reduzimos a velocidade até as margens da baía se estreitarem dos dois lados, e percebi que estávamos adentrando o estuário de um rio.

Pude sentir a passagem da água salgada para a água doce. De repente me senti exausto e irritado, como se tivesse acabado de sair de uma overdose de açúcar. Não sabia mais onde estava nem para que direção guiar o barco. Felizmente, Annabeth estava me orientando.

— Ali — disse ela. — Depois daquele banco de areia.

Desviamos para uma área pantanosa coberta de capim-d'água. Atraquei o barco ao pé de um cipreste gigante.

Árvores cobertas de trepadeiras cresciam acima de nós. Insetos faziam ruídos no mato. O ar estava quente e úmido, e o vapor subia do rio. Em essência, aquilo não era Manhattan, e eu não gostei.

— Vamos — disse Annabeth —, é só seguirmos a margem.

— O quê?

— Siga-me apenas. — Ela agarrou um saco de viagem. — E é melhor cobrirmos o bote. Não queremos chamar atenção.

Depois de esconder o bote salva-vidas com galhos, Tyson e eu seguimos Annabeth ao longo da margem, os pés afundando na lama vermelha. Uma cobra deslizou perto do meu sapato e desapareceu no meio do capim.

— Não é um bom lugar — disse Tyson. Ele matava os mosquitos que estavam formando uma fila para jantar no seu braço.

Depois de mais alguns minutos, Annabeth disse:

— Aqui.

Tudo o que vi foi uma moita espinhenta. Então Annabeth empurrou para o lado um círculo de ramos entrelaçados, como uma porta, e percebi que estava olhando para um abrigo camuflado.

O lado de dentro era grande o suficiente para três, mesmo com o terceiro sendo Tyson. As paredes eram feitas com partes de plantas, como uma cabana de nativos, mas pareciam ser bem à prova d'água. Empilhadas em um canto havia todas as coisas que a gente poderia querer em um acampamento — sacos de dormir, cobertores, uma geladeira portátil e um lampião a querosene. Havia também provisões para semideuses — ponteiras de bronze para dardos, uma aljava cheia de flechas, uma espada sobressalente e uma caixa de ambrosia. O lugar tinha cheiro de mofo, como se estivesse vazio havia muito tempo.

— Um esconderijo de meio-sangue. — Olhei para Annabeth, pasmado. — Você *fez* este lugar?

— Thalia e eu — disse ela, baixinho. — E Luke.

Aquilo não deveria me incomodar. Quer dizer, eu sabia que Thalia e Luke tinham cuidado de Annabeth quando ela era pequena. Sabia que os três, juntos, eram fugitivos se escondendo de monstros, sobrevivendo sozinhos antes que Grover os encontrasse e tentasse levá-los para a Colina Meio-Sangue. Mas, sempre que

Annabeth falava do tempo que passara com eles, eu me sentia… não sei. Desconfortável?

Não. Não é esta a palavra.

A palavra era *enciumado*.

— Então… — falei. — Não acha que Luke vai nos procurar aqui?

Ela sacudiu a cabeça.

— Fizemos uma dúzia de abrigos como este. Duvido que Luke sequer se lembre de onde ficam. Ou que se importe.

Ela se jogou em cima dos cobertores e começou a revirar o saco de viagem. Sua linguagem corporal deixava muito claro que ela não queria conversar.

— Hum, Tyson? — falei. — Você se incomodaria em dar uma volta de reconhecimento lá fora? Tipo procurar uma loja de conveniência silvestre ou coisa assim?

— Loja de conveniência?

— Sim, para comprar lanches. *Donuts* polvilhados com açúcar ou sei lá. Só não vá muito longe.

— *Donuts* com açúcar — disse Tyson muito sério. — Vou procurar *donuts* polvilhados com açúcar no mato. — Ele foi saindo e começou a chamar: — *Donuts!* Aqui!

Depois que ele se foi, sentei-me em frente a Annabeth.

— Ei, sinto muito, sabe, por você ter visto Luke.

— A culpa não é sua. — Ela desembainhou sua faca e começou a limpá-la com um trapo.

— Ele nos deixou partir com muita facilidade — falei.

Eu torcia para estar imaginando aquilo, mas Annabeth assentiu.

— Estava pensando a mesma coisa. Aquilo que o ouvimos falar, sobre um jogo e que "eles vão morder a isca"… Acho que estava falando de nós.

— O Velocino é a isca? Ou Grover?

Ela estudou o fio da faca.

— Não sei, Percy. Talvez ele queira o Velocino. Talvez espere que façamos o trabalho para depois roubá-lo de nós. Não consigo acreditar que ele fosse capaz de envenenar a árvore.

— O que ele quis dizer — perguntei — quando falou que Thalia teria ficado do lado dele?

— Ele está errado.

— Você não parece segura.

Annabeth me olhou com raiva, e comecei a desejar que não tivesse falado aquilo enquanto ela segurava uma faca.

— Percy, você sabe quem você me lembra muito? *Thalia*. Vocês são tão parecidos que chega a assustar. Quer dizer, ou vocês seriam melhores amigos ou teriam se estrangulado.

— Vamos ficar com "melhores amigos".

— Thalia, às vezes, ficava zangada com o pai dela. Como você. *Você* se voltaria contra o Olimpo por causa disso?

Olhei para a aljava cheia de flechas no canto.

— Não.

— Certo. Ela também não. Luke está errado.

Annabeth fincou a lâmina da faca na terra.

Quis perguntar sobre a profecia que Luke mencionara, e o que aquilo tinha a ver com meu décimo sexto aniversário. Mas imaginei que ela não fosse me contar. Quíron deixara claro que eu não tinha permissão para ouvi-la até que os deuses decidissem o contrário.

— Então, o que Luke quis dizer a respeito de ciclopes? — perguntei. — Ele disse que você, entre todas as pessoas…

— Eu sei o que ele disse. Ele… ele estava falando sobre a *verdadeira* razão de Thalia ter morrido.

Esperei, sem saber muito bem o que dizer.

Annabeth respirou fundo, indecisa.

— A gente nunca pode confiar em ciclopes, Percy. Há seis anos, na noite em que Grover estava nos levando para a Colina Meio-Sangue…

Ela foi interrompida quando a porta da cabana se abriu com um rangido. Tyson se arrastou para dentro.

— *Donuts* com açúcar! — disse, orgulhoso, mostrando uma caixa de doces.

Annabeth olhou para ele espantada.

— Onde conseguiu isso? Estamos no meio do mato. Não há nada num raio de…

— Quinze metros — disse Tyson. — Uma loja Donuts Monstro, logo depois da colina.

— Isso é mau — murmurou Annabeth.

Estávamos agachados atrás de uma árvore, olhando para a loja de *donuts* no meio do mato. Parecia nova em folha, com janelas iluminadas, uma área de estacionamento e uma estradinha conduzindo para dentro da floresta, mas não havia mais nada em volta, e nenhum carro estacionado. Conseguimos ver um empregado que lia uma revista atrás da caixa registradora. E era tudo. Sobre a marquise da loja, em enormes letras pretas que até eu consegui ler, estava escrito:

DONUTS MONSTRO

Um ogro de desenho animado estava dando uma mordida no *O* de monstro. O lugar cheirava bem, como *donuts* de chocolate fresquinhos.

— Isso não deveria estar aqui — sussurrou Annabeth. — Está errado.

— O que está errado? — perguntei. — É uma loja de *donuts*.

— Psiu!

— Por que estamos sussurrando? Tyson entrou e comprou uma dúzia. Não aconteceu nada com ele.

— *Ele* é um monstro.

— Ora, vamos, Annabeth. Donuts Monstro não quer dizer monstros! É uma rede. Nós temos em Nova York.

— Uma rede — concordou. — E não acha estranho que uma loja dessas tenha aparecido imediatamente depois de você mandar Tyson comprar *donuts*? Bem aqui, no meio do mato?

Pensei naquilo. De fato parecia meio estranho, mas, quer dizer, lojas de *donuts* realmente não estavam no topo da minha lista de forças sinistras.

— Pode ser um ninho — explicou Annabeth.

Tyson choramingou. Duvido que ele tenha entendido o que Annabeth estava dizendo muito melhor do que eu, mas o tom dela o deixava nervoso. Ele havia avançado em meia dúzia de *donuts* da caixa e estava com açúcar polvilhado na cara inteira.

— Um ninho do quê? — perguntei.

— Você já se perguntou como essas lojas de franquia surgem tão depressa? — perguntou ela. — Um dia não existe nada, e então, no dia seguinte... *bum*, surge uma nova casa de hambúrgueres ou uma cafeteria, ou o que for. Primeiro uma

única loja, depois duas, depois quatro… réplicas exatas se espalhando por todo o país.

— Ahn, não. Nunca pensei nisso.

— Percy, algumas redes se multiplicam tão depressa porque todos os seus pontos estão magicamente ligados à força vital de um monstro. Algumas crianças de Hermes descobriram como fazer isso já nos anos 1950. Elas procriam…

Ela ficou paralisada.

— O quê? — perguntei. — Elas criam o quê?

— Não… se… mexa — disse Annabeth, como se a vida dela dependesse disso. — Muito devagar, dê meia-volta.

Então eu ouvi: o barulho de algo raspando, como se algo grande se arrastasse de barriga pelas folhas.

Virei-me e vi uma *coisa* do tamanho de um rinoceronte se movendo pelas sombras das árvores. Estava sibilando, a metade da frente se retorcendo em todas as direções. De início não consegui entender o que era. Então percebi que a coisa tinha múltiplos pescoços — pelo menos sete, cada um com uma cabeça de réptil, sibilando. A pele era coriácea, e os pescoços usavam babadores nos quais estava escrito: EU SOU UMA CRIANÇA MONSTER DONUT!

Tirei do bolso minha caneta esferográfica, mas Annabeth fixou os olhos nos meus — um aviso silencioso. *Ainda não.*

Eu entendi. Muitos monstros têm péssima visão. Era possível que a Hidra passasse por nós sem nos notar. Mas, se eu destampasse minha espada, o brilho do bronze certamente chamaria sua atenção.

Nós esperamos.

A Hidra estava a apenas alguns metros. Parecia farejar a terra e as árvores como se estivesse caçando alguma coisa. Então notei que duas das cabeças estavam dilacerando um pedaço de lona amarela — um dos nossos sacos de viagem. A coisa já estivera em nosso acampamento. Estava seguindo nosso cheiro.

Meu coração bateu forte. Eu já tinha visto uma cabeça de Hidra empalhada como troféu no acampamento, mas aquilo não me preparara para a coisa real. Cada cabeça tinha forma de losango, como a de uma cascavel, mas nas bocas havia fileiras irregulares de dentes de tubarão.

Tyson estava tremendo. Ele recuou um passo e sem querer quebrou um graveto. Imediatamente, as sete cabeças se viraram para nós e sibilaram.

— Espalhem-se! — gritou Annabeth.

Ela mergulhou para a direita.

Eu rolei para a esquerda. Uma das cabeças da Hidra cuspiu um arco de líquido verde que passou rente ao meu ombro e atingiu o tronco de um olmo. O tronco fumegou e começou a se desintegrar. A árvore inteira tombou na direção de Tyson, que ainda não tinha se movido, petrificado pelo monstro que agora estava bem na frente dele.

— Tyson! — Eu o empurrei com toda a minha força, derrubando-o de lado bem no momento em que a Hidra investia e a árvore desmoronava em cima de duas de suas cabeças.

A Hidra cambaleou para trás, puxando violentamente as duas cabeças e soltando-as, e depois urrando indignada para a árvore caída. Todas as sete cabeças lançaram ácido, e o olmo se derreteu em uma poça fumegante de imundície.

— Mexa-se! — disse a Tyson.

Corri para um lado e destampei Contracorrente, esperando chamar a atenção do monstro.

Funcionou.

A visão do bronze celestial é odiosa para a maioria dos monstros. Assim que minha lâmina reluzente apareceu, a Hidra moveu todas as cabeças como chicotes na direção dela, sibilando e mostrando os dentes.

A boa notícia: Tyson por enquanto estava fora de perigo. A má notícia: eu estava prestes a ser derretido em uma poça de líquido pegajoso.

Uma das cabeças tentou me abocanhar. Sem pensar, ergui a espada.

— Não! — gritou Annabeth.

Tarde demais. Cortei a cabeça da Hidra. Aquilo rolou para longe, no meio do capim, deixando um coto descontrolado se agitando no ar, o qual logo parou de sangrar e começou a inflar como um balão.

Em questão de segundos o pescoço ferido se dividiu em dois, e em cada um brotou uma cabeça completa. Agora eu estava olhando para uma Hidra de oito cabeças.

— Percy! — repreendeu Annabeth. — Você acaba de abrir mais uma loja Donuts Monstro em algum lugar!

Desviei-me de um jato de ácido.

— Estou prestes a morrer, e você está preocupada com *isso*? Como a matamos?

— Fogo! — disse Annabeth. — Precisamos de fogo!

Assim que ela disse isso lembrei a história. As cabeças da Hidra só parariam de se multiplicar se queimássemos os cotos antes que crescessem de novo. Bem, foi o que Héracles fez. Mas não tínhamos fogo.

Recuei em direção ao rio. A Hidra me seguiu.

Annabeth ficou à minha esquerda e tentou distrair uma das cabeças, duelando com seus dentes com a faca, mas outra cabeça se moveu para um lado e, como um porrete, derrubou-a na gosma.

— Não pode bater nos meus amigos! — Tyson investiu, interpondo-se entre a Hidra e Annabeth. Quando Annabeth se pôs de pé, Tyson começou a socar as cabeças do monstro tão depressa que me lembrou um jogo de fliperama. Mas nem mesmo Tyson poderia combater a Hidra para sempre.

Continuamos recuando centímetro a centímetro, desviando-nos dos jatos de ácido e nos esquivando das cabeças que tentavam nos morder sem decepá-las, mas eu sabia que estávamos apenas adiando nossa morte. No final, acabaríamos cometendo um erro, e a coisa nos mataria.

Então ouvi um som estranho — um *chug-chug-chug* que de início achei que fosse meu coração. Era tão potente que sacudiu a margem do rio.

— Que barulho é esse? — gritou Annabeth, sem tirar os olhos da Hidra.

— Máquina a vapor — disse Tyson.

— *O quê?* — Eu me esquivei enquanto a Hidra cuspia ácido por cima da minha cabeça.

Então, do rio atrás de nós, uma voz feminina familiar gritou:

— Ali! Preparem o canhão de dez quilos!

Não ousei desviar os olhos da Hidra, mas se quem estava atrás de nós era quem eu pensava, calculei que agora tínhamos inimigos em duas frentes.

Uma voz masculina áspera disse:

— Eles estão muito perto, *milady*!

— Danem-se os heróis! — disse a garota. — Em frente a todo o vapor!

— Sim, *milady*.

— Dispare à vontade, capitão!

Annabeth entendeu o que estava acontecendo uma fração de segundo antes de mim. Ela gritou:

— Para o chão!

E nós mergulhamos quando um *BUUUM* ensurdecedor ecoou, vindo do rio. Houve um clarão, uma coluna de fumaça, e a Hidra explodiu bem na nossa frente, fazendo chover um muco verde repugnante que se vaporizou assim que nos atingiu, como costuma acontecer com as tripas dos monstros.

— Que nojo! — gritou Annabeth.

— Navio a vapor! — berrou Tyson.

Levantei, tossindo por causa da nuvem de fumaça de pólvora que rolava das margens do rio.

Avançando ruidosamente pelo rio em nossa direção estava o navio mais estranho que já vira. Navegava baixo como um submarino, o convés revestido de ferro. No meio havia uma casamata na forma de trapézio, com aberturas laterais para canhões. Uma bandeira oscilava no topo — um javali selvagem e uma lança em um campo vermelho-sangue. Enfileirados no convés havia zumbis de uniformes cinzentos — soldados mortos com feições tremeluzentes que escondiam o crânio apenas em parte, como os *ghouls* que eu tinha visto no Mundo Inferior, guardando o palácio de Hades.

O navio era um encouraçado. Um cruzador da Guerra Civil. Mal pude distinguir o nome na proa em letras cobertas de musgo: Navio Confederado *Birmingham*.

E plantada junto ao canhão fumegante que quase nos matara, usando uma armadura de batalha grega completa, estava Clarisse.

— Perdedores — zombou ela. — Mas acho que preciso salvá-los. Subam a bordo.

ONZE

# CLARISSE DETONA TUDO

— Vocês estão *muito* encrencados — disse Clarisse.

Tínhamos acabado de fazer uma excursão que não queríamos pelo navio, por acomodações escuras lotadas de marinheiros mortos. Vimos o depósito de carvão, as caldeiras e o motor, que bufava e gemia como se fosse explodir a qualquer minuto. Vimos a casa do leme, o paiol de pólvora e o convés de artilharia (o favorito de Clarisse), com dois canhões Dahlgren de cano liso a bombordo e a estibordo e um canhão Brooke estriado de nove polegadas na proa e na popa — todos especialmente adaptados para disparar balas de bronze celestial.

Em todos os lugares aonde íamos, marinheiros confederados mortos nos olhavam fixamente, as caras barbadas fantasmagóricas tremeluzindo nos crânios. Eles aprovaram Annabeth, porque ela lhes disse que era da Virgínia. Também estavam interessados em mim, porque meu nome era Jackson — como o do general sulista —, mas então estraguei tudo dizendo que era de Nova York. Todos vaiaram e resmungaram pragas contra os ianques.

Tyson ficou aterrorizado com eles. Durante toda a excursão insistiu para que Annabeth segurasse sua mão, o que não a deixou muito feliz.

Finalmente, fomos escoltados para o jantar. O alojamento do capitão do *Birmingham* era mais ou menos do tamanho de um closet, mas ainda assim muito maior do que qualquer outro recinto a bordo. A mesa estava posta com linho branco e porcelana. Manteiga de amendoim, sanduíches de geleia, batatas fritas e refrigerantes foram servidos por tripulantes esqueléticos. Eu não queria comer nada que fosse servido por fantasmas, mas minha fome foi maior que o medo.

— Tântalo expulsou vocês por toda a eternidade — disse Clarisse, com ar de superioridade. — O senhor D disse que se mostrarem a cara de novo no acampamento vai transformá-los em esquilos e passar por cima com sua caminhonete.

— Foram *eles* que deram este navio a você? — perguntei.

— Claro que não. Foi meu pai.

— *Ares?*

Clarisse sorriu, sarcástica.

— Acha que seu pai é o único que tem poderes no mar? Os espíritos do lado perdedor em todas as guerras devem tributo a Ares. É sua maldição por terem sido derrotados. Pedi a meu pai um transporte naval, e aqui está ele. Esses caras vão fazer tudo o que eu mandar. Não é, capitão?

O capitão estava em pé atrás dela, rígido e zangado. Seus olhos verdes e brilhantes me fixaram com um olhar faminto.

— Se isso significa dar fim a essa guerra infernal, madame, finalmente a paz, vamos fazer qualquer coisa. Destruir qualquer um.

Clarisse sorriu.

— Destruir qualquer um. Eu gosto disso.

Tyson engoliu em seco.

— Clarisse — disse Annabeth. — Luke também pode estar atrás do Velocino. Nós o vimos. Ele tem as coordenadas e está indo em direção ao sul. Tem um navio de cruzeiro cheio de monstros…

— Bom! Vou explodi-lo para fora da água.

— Você não está entendendo — disse Annabeth. — Precisamos unir nossas forças. Deixe-nos ajudá-la…

— Não! — Clarisse deu um murro na mesa. — Esta é a *minha* missão, garota esperta! Finalmente chegou *minha* vez de ser a heroína, e vocês dois *não* vão roubar minha chance.

— Onde estão seus colegas de chalé? — perguntei. — Você teve permissão de trazer dois amigos, não teve?

— Eles não… Eu os deixei para trás. Para proteger o acampamento.

— Você quer dizer que nem mesmo as pessoas do seu próprio chalé quiseram ajudá-la?

— Cale a boca, Percy! Eu não preciso deles! Nem de você!

— Clarisse — falei. — Tântalo está usando você. Ele não se importa com o acampamento. Adoraria vê-lo destruído. Está armando para você fracassar.

— Não! Não me importa o que o Oráculo… — ela se interrompeu.

— O quê? — disse eu. — O que o Oráculo lhe contou?

— Nada. — As orelhas de Clarisse ficaram rosadas. — Tudo o que vocês precisam saber é que vou terminar essa missão e vocês *não* vão ajudar. Por outro lado, não posso deixá-los ir…

— Então somos prisioneiros? — perguntou Annabeth.

— Hóspedes. Por enquanto. — Clarisse apoiou os pés na toalha branca de linho e abriu outro refrigerante. — Capitão, leve-os para baixo. Ceda redes para eles no convés-dormitório. Se eles não se comportarem bem, mostre-lhes como lidamos com espiões inimigos.

O sonho veio assim que adormeci.

Grover estava sentado ao tear, desmanchando desesperadamente a cauda de seu vestido, quando a porta de rocha rolou para o lado e o ciclope berrou:

— Aha!

Grover ganiu.

— Querido! Eu não… você entrou tão quieto!

— Desmanchando! — rugiu Polifemo. — Então é esse o problema!

— Ah, não! Eu… eu não estava…

— Venha! — Polifemo agarrou Grover pela cintura e carregou, em parte arrastou o sátiro pelos túneis da caverna. Grover lutou para manter os sapatos de salto alto nos cascos. Seu véu balançando na cabeça, ameaçando cair.

O ciclope o puxou para dentro de uma caverna do tamanho de um armazém decorada com bugigangas de carneiros. Havia uma cadeira reclinável e um televisor cobertos de lã, toscas estantes de livros cheias de objetos colecionáveis sobre carneiros — canecas de café com o formato de cabeça de carneiro, estatuetas de gesso de carneiros, jogos de tabuleiro de carneiros, livros ilustrados e bonecos. O chão estava atulhado de pilhas de ossos de carneiro e outros não muito parecidos com os de carneiros — ossos de sátiros que tinham ido à ilha à procura de Pan.

Polifemo pôs Grover no chão apenas por tempo suficiente para mover outra rocha enorme. A luz do dia se infiltrou na caverna e Grover choramingou, saudoso. Ar fresco!

O ciclope o arrastou para fora até o topo de uma colina de onde se avistava a ilha mais bonita que eu já vira.

Tinha a forma de uma sela partida ao meio por um machado. Havia colinas verdes luxuriantes dos dois lados e um largo vale entre elas, cortado por uma ravina atravessada por uma ponte de corda. Lindos riachos corriam até a beira do cânion e caíam em cascatas nas cores do arco-íris. Papagaios voavam entre as árvores. Flores cor-de-rosa e roxas floresciam nos arbustos. Centenas de carneiros pastavam nas campinas, a lã brilhando de modo estranho, como moedas de cobre e prata.

E no centro da ilha, bem ao lado da ponte de corda, havia um carvalho enorme e retorcido, com alguma coisa reluzindo em seu galho mais baixo.

O Velocino de Ouro.

Mesmo em sonho, pude sentir seu poder se irradiando pela ilha, tornando a grama mais verde, as flores mais bonitas. Era quase possível sentir o cheiro da magia da natureza fazendo seu trabalho. Fiquei imaginando como aquele perfume seria poderoso para um sátiro.

Grover choramingou.

— Sim — disse Polifemo com orgulho. — Está vendo ali adiante? O Velocino é o troféu mais valioso da minha coleção! Roubei-o dos heróis muito tempo atrás, e desde então... comida de graça! Chegam aqui sátiros do mundo inteiro, como traças atraídas pelas chamas. Sátiros são boa comida! E agora...

Polifemo pegou uma tosquiadeira de bronze de aparência ameaçadora.

Grover gemeu, mas Polifemo agarrou o carneiro mais próximo como se fosse um animal empalhado e cortou rente sua lã. Ele entregou a massa fofa para Grover.

— Ponha isso na roca! — disse ele, arrogante. — É mágica. Não pode ser desfeita.

— Ah!... bem...

— Pobre docinho! — sorriu Polifemo. — Tecedeira ruim. Ha-ha! Não se preocupe. Esse fio resolverá o problema. Acabe a cauda do vestido até amanhã!

— Muito... atencioso da sua parte!

— Hehe.

— Mas... mas, querido — Grover engoliu em seco. — E se alguém quisesse salvar... digo, atacar esta ilha? — Grover olhou diretamente para mim, e eu sabia

que estava querendo minha ajuda. — O que os impediria de marchar direto para cá, para a sua caverna?

— Esposinha assustada! Que gracinha! Não se preocupe. Polifemo tem um sistema de segurança de última geração. Eles terão de passar pelos meus bichinhos de estimação.

— Bichinhos de estimação?

Grover correu os olhos pela ilha, mas não havia nada para ver, exceto carneiros pastando em paz nas campinas.

— E depois — rosnou Polifemo —, terão de passar por mim!

Deu um murro na rocha mais próxima, que rachou e se partiu ao meio.

— Agora venha! — bradou ele. —De volta à caverna.

Grover pareceu a ponto de chorar — tão perto da liberdade, mas tão irremediavelmente longe. Lágrimas brotaram de seus olhos enquanto a porta de rocha se fechava rolando, aprisionando-o de novo na fedorenta caverna iluminada por tochas do ciclope.

Acordei com sirenes soando pelo navio.

A voz áspera do capitão:

— Todos para o convés superior! Encontrem *lady* Clarisse! Onde está aquela garota?

Então sua cara fantasmagórica apareceu acima de mim.

— Levante-se, ianque. Seus amigos já estão lá em cima. Estamos nos aproximando da entrada.

— A entrada do quê?

Ele me deu um sorriso esquelético.

— Do Mar de Monstros, é claro.

Enfiei meus poucos pertences que haviam sobrevivido à Hidra em um saco de marinheiro de lona e o pendurei no ombro. Tinha a leve suspeita de que, de um jeito ou de outro, não passaria outra noite a bordo do *Birmingham*.

Eu estava subindo quando alguma coisa me fez congelar. Uma presença próxima — algo familiar e desagradável. Sem nenhuma razão especial, tive vontade

de arrumar uma briga. Queria esmurrar um confederado morto. A última vez que tinha sentido esse tipo de raiva…

Em vez de subir, eu me arrastei até a beira da grade de ventilação e espiei lá embaixo, no convés das caldeiras.

Clarisse estava logo abaixo de mim, falando com uma imagem que tremeluzia no vapor das caldeiras — um homem musculoso, com roupas de motociclista de couro preto, corte de cabelo militar, óculos escuros de lentes vermelhas e uma faca presa do lado por uma correia.

Meus punhos se fecharam. Era meu olimpiano menos favorito: Ares, o deus da guerra.

— Não quero saber de desculpas, garotinha! — rosnou ele.

— S… sim, pai — murmurou Clarisse.

— Você não quer me ver zangado, quer?

— Não, pai.

— *Não, pai* — Ares imitou-a. — Você é patética. Eu devia ter deixado um dos meus *filhos* assumir essa missão.

— Eu vou conseguir! — prometeu Clarisse, com a voz trêmula. — Vou deixá-lo orgulhoso.

— É melhor mesmo — advertiu ele. — Você me pediu essa missão, garota. Se deixar aquele desprezível do Jackson roubá-la de você…

— Mas o Oráculo disse…

— NÃO ME IMPORTA O QUE O ORÁCULO DISSE! — urrou Ares, com tamanha força que sua imagem tremeu. — Você *vai* conseguir. Se não…

Ele ergueu o punho. Muito embora fosse apenas uma figura no vapor, Clarisse se encolheu.

— Estamos entendidos? — rosnou Ares.

As sirenes tocaram de novo. Ouvi vozes vindo em minha direção, oficiais gritando ordens para preparar os canhões.

Eu me afastei da grade de ventilação engatinhando e fui encontrar Annabeth e Tyson no convés superior.

— Qual é o problema? — perguntou-me Annabeth. — Outro sonho?

Fiz que sim, mas não falei nada. Não sabia o que pensar a respeito do que vira lá embaixo. Aquilo me incomodara quase tanto quanto o sonho com Grover.

Clarisse subiu as escadas logo atrás de mim. Tentei não olhar para ela.

Ela agarrou o par de binóculos de um oficial zumbi e olhou na direção do horizonte.

— Até que enfim. Capitão, adiante, a todo o vapor!

Olhei na mesma direção que ela, mas não consegui ver muita coisa. O céu estava encoberto. O ar era nevoento e úmido, como o vapor de um ferro de passar. Se eu apertasse os olhos com muita força, podia apenas distinguir um par de manchas escuras indistintas a distância.

Meu senso de orientação náutico dizia que estávamos em algum lugar na costa norte da Flórida; portanto, tínhamos avançado uma longa distância durante a noite, mais longe do que qualquer navio mortal seria capaz de navegar.

O motor gemeu quando aumentamos a velocidade.

Tyson murmurou, nervoso:

— Pressão demais nos pistões. O motor não foi feito para águas profundas.

Não tinha a menor ideia de como ele sabia disso, mas aquilo me deixou nervoso.

Depois de mais alguns minutos, as manchas escuras à nossa frente entraram em foco. Ao norte, uma enorme massa de rocha se erguia do mar — uma ilha com falésias de pelo menos trinta metros de altura. Cerca de um quilômetro ao sul, a outra mancha de escuridão era uma tempestade que se formava. O céu e o mar ferviam juntos em uma massa trovejante.

— Furacão? — perguntou Annabeth.

— Não — disse Clarisse. — Caríbdis.

Annabeth empalideceu.

— Você está louca?

— É a única entrada para o Mar de Monstros. Bem entre Caríbdis e sua irmã Cila.

Clarisse apontou para o topo das falésias e minha impressão foi a de que lá em cima vivia algo que eu não tinha vontade de conhecer.

— O que você quer dizer com única entrada? — perguntei. — O mar é tão largo! É só contorná-las.

Clarisse revirou os olhos.

— Você não sabe nada? Se eu tentar contornar elas vão simplesmente aparecer no meu caminho de novo. Se quer entrar no Mar de Monstros *precisa* navegar por entre as duas.

— E as Simplégadas, as Rochas Colidentes? — disse Annabeth. — São outro portal. Jasão o usou.

— Eu não consigo explodir rochas com os meus canhões — disse Clarisse. — Mas monstros, por outro lado…

— Você é louca — concluiu Annabeth.

— Observe e aprenda, Garota Esperta. — Clarisse voltou-se para o capitão. — Em curso para Caríbdis!

— Sim, *milady*.

O motor gemeu, as chapas de ferro chacoalharam e o navio começou a ganhar velocidade.

— Clarisse — falei —, Caríbdis suga o mar. Não é essa a história?

— E o cospe de volta depois, sim.

— E Cila?

— Ela vive em uma caverna, no alto daquelas falésias. Se chegarmos perto demais, suas cabeças de serpente vão descer e começar a arrancar marinheiros do navio.

— Então escolha Cila — disse. — Todo mundo vai para o convés de baixo e passamos direto.

— Não! — insistiu Clarisse. — Se Cila não conseguir sua comida facilmente, poderá pegar o navio inteiro. Além disso, fica muito no alto para conseguirmos uma boa mira. Meus canhões não conseguem atirar para cima. Caríbdis fica sentada lá, no centro do seu redemoinho. Vamos avançar diretamente para ela, mirar nossos canhões e mandá-la para o Tártaro!

Ela disse isso com tanto gosto que quase tive vontade de acreditar.

O motor zumbia. As caldeiras estavam esquentando tanto que eu podia sentir o convés se aquecendo embaixo de meus pés. As chaminés vomitavam rolos de fumaça. A bandeira vermelha de Ares tremulava ao vento.

À medida que nos aproximávamos dos monstros, o som de Caríbdis era cada vez mais alto — um horrível rugido molhado, como a descarga do maior vaso sanitário da galáxia. A cada vez que Caríbdis inspirava, o navio estremecia e era arremessado para a frente. A cada vez que ela expirava, subíamos na água e éramos castigados por ondas de três metros.

Tentei cronometrar o redemoinho. Até onde pude perceber, Caríbdis levava cerca de três minutos para sugar e destruir tudo num raio de um quilômetro. Para

evitá-la, teríamos de passar bem perto das falésias de Cila. E, por pior que Cila pudesse ser, aquelas falésias não estavam me parecendo nada boas.

Os marinheiros mortos vivos realizavam com calma suas tarefas no convés superior. Imagino que já tivessem lutado por uma causa perdida antes, portanto aquilo não os incomodava. Ou talvez não se preocupassem com a possibilidade de ser destruídos, porque já eram defuntos. Nenhum dos dois pensamentos fez com que me sentisse melhor.

Annabeth estava ao meu lado, agarrando-se à amurada.

— Você ainda tem sua garrafa térmica cheia de vento? Fiz que sim.

— Mas é perigoso demais usá-la no meio de um redemoinho como aquele. Liberar mais vento só vai tornar as coisas ainda piores.

— E que tal controlar a água? — perguntou ela. — Você é filho de Poseidon. Já fez isso antes.

Annabeth estava certa. Fechei os olhos e tentei acalmar o oceano, mas não conseguia me concentrar. O ruído de Caríbdis era alto e forte demais. As ondas não me respondiam.

— Eu... eu não consigo — falei com tristeza.

— Precisamos de um plano B — disse Annabeth. — Isso não vai dar certo.

— Annabeth está certa — disse Tyson. — O motor não está bom.

— O que você quer dizer? — perguntou ela.

— Pressão. Os pistões precisam de conserto.

Antes que ele pudesse explicar, o vaso sanitário cósmico deu descarga com um possante *chuáááá!* O navio se lançou para a frente e eu fui arremessado no convés. Estávamos no redemoinho.

— Retaguarda total! — gritou Clarisse mais alto que o barulho.

O mar se agitava à nossa volta, as ondas arrebentavam no convés. As chapas de ferro agora estavam tão quentes que fumegavam.

— Levem-nos à linha de tiro! Preparem os canhões de estibordo!

Os confederados mortos corriam de um lado para o outro. O motor entrou em reverso ruidosamente, tentando reduzir a marcha do navio, mas continuamos a deslizar em direção ao centro do vórtice.

Um marinheiro-zumbi de repente saiu do porão e correu até Clarisse. Seu uniforme cinzento fumegava. A barba estava em chamas.

— A sala da caldeira está superaquecendo, madame! Vai explodir!

— Bem, desça até lá e conserte!

— Impossível! — gritou o marinheiro. — Estamos nos vaporizando com o calor.

Clarisse deu um murro na lateral da casamata.

— Só preciso de mais alguns minutos! Só o bastante para chegar à linha de tiro!

— Estamos indo depressa demais — disse o capitão em tom sinistro. — Preparem-se para morrer.

— Não! — Tyson urrou. — Eu posso consertar.

Clarisse olhou para ele, incrédula.

— Você?

— Ele é um ciclope — disse Annabeth. — É imune ao fogo. E entende de mecânica.

— Vá! — berrou Clarisse.

— Tyson, não! — agarrei o braço dele. — É perigoso demais! Ele deu uma palmadinha na minha mão.

— É o único jeito, irmão. — Sua expressão era determinada… confiante, até. Eu nunca o vira daquele jeito. — Vou consertar. Volto já.

Enquanto o olhava seguindo o marinheiro incandescente pela escotilha, tive uma sensação terrível. Quis correr atrás dele, mas o navio de novo foi lançado para a frente — e, então, vi Caríbdis.

Ela surgiu algumas centenas de metros adiante, em meio a um turbilhão de névoa, fumaça e água. A primeira coisa que notei foi o recife — um rochedo negro de coral com uma figueira agarrada ao topo, algo estranhamente tranquilo no meio da confusão. Por toda a volta, a água girava como num funil, como luz ao redor de um buraco negro. Então vi a coisa horrível ancorada no recife logo abaixo do nível da água — uma enorme boca com lábios viscosos e dentes cobertos de musgo do tamanho de botes a remo. E, pior, os dentes tinham um aparelho, tiras de metal corroído e infecto com pedaços de peixes, madeira podre e lixo flutuante presos entre eles.

Caríbdis era o pesadelo de um ortodontista. Nada mais que uma enorme boca negra, com dentes estragados e mal alinhados, os caninos e os incisivos exageradamente projetados sobre os dentes de baixo, e que havia séculos não fazia nada a não ser comer sem escovar os dentes depois das refeições. Enquanto eu

olhava, todo o mar à sua volta foi sugado para o vazio — tubarões, cardumes de peixes, uma lula gigante. E percebi que em poucos segundos o *Birmingham* seria o próximo.

— *Lady* Clarisse! — bradou o capitão. — Canhões de estibordo e de proa ao alcance!

— Fogo! — ordenou Clarisse.

Três projéteis foram disparados para dentro da boca do monstro. Um arrancou um pedaço de um incisivo. Outro desapareceu em sua garganta. O terceiro atingiu o metal do aparelho e ricocheteou de volta, arrancando do mastro a bandeira de Ares.

— De novo! — ordenou ela.

Os artilheiros recarregaram os canhões, mas eu sabia que seria inútil. Teríamos de golpear o monstro cem vezes mais para causar algum dano real, e não tínhamos todo esse tempo. Estávamos sendo sugados depressa demais.

Então as vibrações no convés mudaram. O zumbido do motor ficou mais forte e mais firme. O navio estremeceu e começamos a nos afastar da boca.

— Tyson conseguiu! — disse Annabeth.

— Espere! — disse Clarisse. — Precisamos ficar perto!

— Vamos morrer! — falei. — *Temos* de nos afastar.

Agarrei-me à amurada enquanto o navio lutava para não ser sugado. A bandeira arrancada de Ares passou voando por nós e se alojou no aparelho de Caríbdis. Não estávamos fazendo muito progresso, mas ao menos mantínhamos a posição. De algum modo, Tyson nos dera força suficiente apenas para impedir que o navio fosse tragado.

De repente, a boca se fechou. O mar ficou absolutamente calmo. A água encobriu Caríbdis.

Então, com a mesma rapidez com que se fechara, a boca se abriu numa explosão, cuspindo uma muralha de água, ejetando tudo o que não era comestível, inclusive nossas balas de canhão, uma das quais atingiu o costado do *Birmingham* com um *plim!*, como o da sineta de um brinquedo de parque de diversões.

Fomos lançados para trás em uma onda que devia medir uns doze metros. Usei todo o meu poder para impedir que o navio emborcasse, mas ainda estávamos rodopiando fora de controle, movendo-nos a toda na direção das falésias no lado oposto do estreito.

Outro marinheiro incandescente saiu de repente do porão e foi de encontro a Clarisse, quase lançando ambos ao mar.

— O motor está a ponto de explodir!

— Onde está Tyson? — perguntei.

— Ainda lá embaixo — disse o marinheiro. — Segurando as pontas, não sei como, mas acho que não por muito mais tempo.

O capitão disse:

— Temos de abandonar o navio.

— Não! — berrou Clarisse.

— Não temos escolha, *milady*. O casco já está rachando. Ela não pode…

Não chegou a terminar a frase. Rápida como um raio, alguma coisa marrom e verde desceu do céu, agarrou o capitão e o levou embora. Tudo o que restou foram suas botas de couro.

— Cila! — gritou um marinheiro, enquanto outra coluna de carne reptiliana se lançava da falésia e o arrastava para cima. Aconteceu tão depressa que era como ver um raio laser, e não um monstro. Não pude nem distinguir a cara da coisa, só um relance de dentes e escamas.

Destampei Contracorrente e tentei golpear o monstro quando ele levou mais um tripulante, mas fui lento demais.

— Todo o mundo para baixo! — berrei.

— Não podemos! — Clarisse sacou sua espada. — O convés inferior está em chamas.

— Botes salva-vidas! — disse Annabeth. — Depressa!

— Eles nunca passarão pelas falésias — disse Clarisse. — Vamos ser todos comidos.

— Temos de tentar. Percy, a garrafa térmica.

— Não posso abandonar Tyson!

— Temos de preparar os botes!

Clarisse aceitou a ordem de Annabeth. Ela e alguns dos seus marinheiros mortos vivos removeram a cobertura de um dos dois botes de emergência enquanto as cabeças de Cila despencavam do céu como uma chuva de meteoros com dentes, catando um marinheiro confederado após outro.

— Pegue o outro barco. — Joguei a garrafa para Annabeth. — Vou buscar Tyson.

— Você não pode! — disse ela. — O calor vai matá-lo!

Não dei ouvidos. Corri para a escotilha da sala das caldeiras, mas de repente meus pés não estavam mais tocando o convés. Eu estava voando para cima, o vento assobiando em meus ouvidos, a parede da falésia a apenas alguns centímetros do rosto.

De algum modo Cila me pegara pelo saco de viagem, e me içava para sua cova. Sem pensar, dei um golpe para trás com a espada e consegui acertar a coisa em seu olho amarelo e redondo. Ela grunhiu e me soltou.

A queda já teria sido bastante ruim, considerando que eu estava a trinta metros de altura, mas, enquanto eu caía, o *Birmingham* explodiu lá embaixo.

*CA-BUUUUUM!*

A casa de máquinas foi pelos ares, lançando pedaços de couraça de ferro em todas as direções, como asas flamejantes.

— Tyson! — gritei.

Os botes tinham conseguido escapar do navio, mas não para muito longe. Choviam destroços em chamas. Clarisse e Annabeth seriam esmagadas, queimadas ou arrastadas para o fundo pelo movimento do casco que afundava, e isso sendo otimista — presumindo que escapassem de Cila.

Então ouvi um tipo diferente de explosão — o som da garrafa mágica de Hermes sendo aberta um pouco demais. Um vendaval branco soprou em todas as direções, espalhando os botes, erguendo-me da queda livre e me atirando pelo oceano.

Não consegui ver mais nada. Girei no ar, fui atingido na cabeça por alguma coisa dura e caí na água com um impacto que teria quebrado todos os ossos do meu corpo se eu não fosse filho do deus do mar.

A última coisa de que me lembro foi ter afundado em um mar em chamas, sabendo que Tyson se fora para sempre e desejando ser capaz de me afogar.

DOZE

# NOSSA ESTADA NO SPA E RESORT DE C. C.

Acordei em um bote a remo com uma vela improvisada, costurada com tecido de uniformes cinzentos. Annabeth estava sentada ao meu lado, ajustando a posição da vela ao vento.

Tentei me sentar e imediatamente senti tontura.

— Descanse — disse ela. — Você vai precisar.

— Tyson...?

Ela sacudiu a cabeça.

— Percy, sinto muito, mesmo.

Ficamos em silêncio enquanto as ondas nos jogavam para cima e para baixo.

— Ele pode ter sobrevivido — disse ela, num tom desanimado. — Quer dizer, o fogo não pode matá-lo.

Assenti, mas não havia motivo para ter esperanças. Tinha visto aquela explosão rasgar o ferro sólido. Se Tyson estava embaixo, na casa de máquinas, não era possível que tivesse escapado vivo.

Ele dera a vida por nós, e tudo em que eu conseguia pensar era nas vezes em que me senti envergonhado por causa dele, em que tinha negado que éramos irmãos.

As ondas batiam suavemente no barco. Annabeth me mostrou algumas coisas que salvara dos destroços — a garrafa de Hermes (então vazia), um saquinho com zíper cheio de ambrosia, duas camisas de marinheiro e uma garrafa de refrigerante. Ela me tirara da água e achara meu saco de viagem, mordido no meio pelos dentes de Cila. A maior parte das minhas coisas havia sido levada pela água, mas eu ainda tinha o frasco de multivitaminas de Hermes e, é claro, tinha Contracorrente. A

caneta esferográfica sempre aparecia de volta em meu bolso, não importava onde eu a perdesse.

Navegamos por horas. Agora que estávamos no Mar de Monstros, a água reluzia em um verde mais brilhante, como o ácido da Hidra. O vento tinha um cheiro fresco e salgado, mas trazia também um odor metálico — como se uma tempestade se aproximasse. Ou algo ainda mais perigoso. Eu sabia em que direção devíamos seguir. Sabia que estávamos a exatamente cento e trinta milhas náuticas a oés-noroeste do nosso destino. Mas isso não fazia com que me sentisse menos perdido.

Não importava para que lado nos virássemos, o sol parecia incidir bem nos meus olhos. Nós nos revezamos dando goles no refrigerante, tentando, do jeito que dava, ficar à sombra da vela. E conversamos sobre meu último sonho com Grover.

Pela estimativa de Annabeth, tínhamos menos de vinte e quatro horas para encontrar Grover, supondo que meu sonho estivesse correto, e supondo também que o ciclope Polifemo não tivesse mudado de ideia e tentado se casar com Grover mais cedo.

— É — disse com amargura. — Não se pode confiar em um ciclope.

Annabeth olhou fixamente para a água.

— Desculpe-me, Percy. Eu estava errada sobre Tyson, o.k.? Queria poder dizer isso a ele.

Tentei continuar zangado com ela, mas não era fácil. Passamos por muita coisa juntos. Ela salvara minha vida uma porção de vezes. Era tolice da minha parte ficar ressentido com ela.

Baixei os olhos para os nossos magros pertences — a garrafa de vento vazia, o frasco de multivitaminas. Pensei na cara de raiva de Luke quando tentei falar com ele sobre seu pai.

— Annabeth, qual é a profecia de Quíron?

Ela apertou os lábios.

— Percy, eu não devia…

— Sei que Quíron prometeu aos deuses que não iria me contar. Mas *você* não prometeu, não é?

— Saber de uma coisa nem sempre é bom para a gente.

— Sua mãe é a deusa da sabedoria!

— Eu sei! Mas cada vez que os heróis ficam sabendo o futuro tentam mudá-lo, e isso nunca dá certo.

— Os deuses estão preocupados com alguma coisa que vou fazer quando ficar mais velho — sugeri. — Algo quando eu fizer dezesseis anos.

Annabeth torceu seu boné dos Yankees nas mãos.

— Percy, eu não sei da profecia completa, mas ela avisa sobre um filho meio-sangue dos Três Grandes... o próximo a viver até os dezesseis anos. É a verdadeira razão de Zeus, Poseidon e Hades terem feito o juramento, depois da Segunda Guerra Mundial, de não ter mais filhos. O próximo filho dos Três Grandes que chegar aos dezesseis anos será uma arma perigosa.

— Por quê?

— Porque esse herói irá decidir o destino do Olimpo. Ele, ou ela, vai tomar uma decisão que poderá salvar a Era dos Deuses, ou destruí-la.

Deixei aquilo amadurecer na minha cabeça. Não costumo ficar mareado, mas de repente senti enjoo.

— Foi por isso que Cronos não me matou no último verão. Ela fez que sim.

— Você poderia ser muito útil para ele. Se conseguir você como aliado, os deuses terão sérios problemas.

— Mas se sou *eu* na profecia...

— Só vamos saber se você sobreviver mais três anos. O que pode ser bastante tempo para um meio-sangue. Quando Quíron soube de Thalia, imaginou que a profecia se referisse a *ela*. É por isso que estava tão desesperado para levá-la ao acampamento em segurança. Então ela morreu lutando e foi transformada em pinheiro, e nenhum de nós sabia o que pensar. Até você aparecer.

A bombordo do nosso barco uma nadadeira dorsal pontiaguda com cerca de cinco metros de comprimento surgiu na água e desapareceu.

— Essa criança na profecia... ele, ou ela, não poderia ser, tipo, um ciclope? — perguntei. — Os Três Grandes têm uma porção de filhos monstros.

Annabeth sacudiu a cabeça.

— O Oráculo disse "meio-sangue". Isso sempre significa meio-humano, meio-deus. Na verdade não existe ninguém vivo que se encaixe na definição a não ser você.

— Então, por que os deuses me deixam viver? Seria mais seguro que me matassem.

— Você tem razão.

— Muito obrigado.

— Percy, eu não sei. Acho que alguns dos deuses *gostariam* de matá-lo, mas eles provavelmente têm medo de ofender Poseidon. Outros deuses... talvez o estejam observando, tentando perceber que tipo de herói você vai ser. Você poderia ser uma arma para a sobrevivência deles, afinal. A verdadeira questão é... o que você vai fazer em três anos? Que decisão vai tomar?

— A profecia deu alguma dica?

Annabeth hesitou.

Talvez ela fosse me contar mais, mas bem nesse momento uma gaivota mergulhou saindo do nada e pousou no nosso mastro improvisado. Annabeth pareceu perplexa quando a ave deixou cair uma pequena porção de folhas no colo dela.

— Terra — disse ela. — Há terra por perto!

Sentei. E havia mesmo uma linha azul e marrom a distância. Mais um minuto e pude distinguir uma ilha com uma pequena montanha no centro, um ajuntamento de prédios de um branco deslumbrante, uma praia pontilhada de palmeiras e um porto cheio de um estranho agrupamento de barcos.

A corrente estava puxando nosso bote na direção daquilo que parecia ser um paraíso tropical.

— Bem-vindos! — disse a moça com a prancheta.

Ela parecia uma comissária de bordo — *tailleur* azul, maquiagem perfeita, cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo. Apertou nossas mãos quando desembarcamos no cais. Pelo sorriso deslumbrante que ela nos deu, dava para pensar que acabávamos de descer do *Princesa Andrômeda*, e não de um bote a remo desconjuntado.

Mas, por outro lado, nosso bote não era a embarcação mais esquisita no porto. Juntamente com um grupo de agradáveis iates, havia um submarino da Marinha dos Estados Unidos, diversas canoas escavadas em troncos e um antiquado veleiro de três mastros. Havia um heliporto com um helicóptero da base aérea de Fort Lauderdale pousado e uma curta pista de pouso e decolagem com um Learjet e um avião a hélice que parecia um caça da Segunda Guerra Mundial. Talvez fossem réplicas para os turistas verem, ou coisa assim.

— Primeira vez conosco? — perguntou a moça da prancheta. Annabeth e eu trocamos olhares. Annabeth disse:

— Ahn...

— Primeira vez no spa — disse a moça, escrevendo na sua prancheta. — Vejamos...

Ela nos olhou criteriosamente de cima a baixo.

— Humm. Para começar, um emplastro de ervas para a mocinha. E, é claro, uma transformação completa para o jovem cavalheiro.

— O quê? — perguntei.

Ela estava atarefada demais tomando notas para responder.

— Certo! — disse ela com um sorriso jovial. — Bem, estou certa de que C. C. vai querer falar com vocês pessoalmente antes do luau. Venham, por favor.

O negócio era o seguinte: Annabeth e eu estávamos acostumados com armadilhas, e usualmente aquelas armadilhas pareciam coisas boas no começo. Portanto, esperava que a qualquer minuto a prancheta da moça se transformasse em uma serpente, um demônio ou coisa assim. Mas, por outro lado, tínhamos passado a maior parte do dia flutuando em um bote a remo. Eu estava encalorado, cansado e faminto, e quando a moça mencionou um luau, meu estômago sentou nas patas traseiras e implorou como um cachorrinho.

— Acho que mal não pode fazer — murmurou Annabeth.

É claro que podia, mas nós seguimos a moça assim mesmo. Mantive as mãos nos bolsos onde eu guardava minhas únicas defesas mágicas — as multivitaminas de Hermes e Contracorrente —, mas quanto mais adentrávamos o balneário mais eu me esquecia delas.

O lugar era surpreendente. Havia mármore branco e água azul para onde quer que eu olhasse. Havia terraços na encosta da montanha, com piscinas em todos os níveis, conectadas por tobogãs de água, e cascatas, e tubos pelos quais dava para nadar. Fontes aspergiam água no ar, tomando formas impossíveis, como águias voando e cavalos galopando.

Tyson adorava cavalos, e eu sabia que ele iria adorar aquelas fontes. Quase me virei para ver a expressão em seu rosto antes de lembrar que Tyson se fora.

— Você está bem? — perguntou Annabeth. — Parece pálido.

— Estou bem — menti. — É só... Vamos seguir andando.

Passamos por todo tipo de animal domesticado. Uma tartaruga marinha cochilava em uma pilha de toalhas de praia. Um leopardo dormia esticado no trampolim. Os hóspedes do *resort* — só mulheres jovens, até onde eu podia ver — descansavam em espreguiçadeiras, bebendo coquetéis de frutas ou lendo revistas enquanto substâncias pegajosas de ervas secavam em seus rostos e manicures de uniforme branco faziam suas unhas.

Quando subimos uma escadaria em direção ao que parecia ser o edifício principal, ouvi uma mulher cantando. Sua voz pairava no ar como uma canção de ninar. A letra era em alguma língua que não o grego antigo, mas igualmente velha — minoico, talvez, ou algo assim. Eu conseguia entender sobre o que era — luar em olivais, as cores da aurora. E mágica. Algo sobre mágica. A voz parecia me erguer dos degraus e me transportar em sua direção.

Entramos em um grande salão cuja parede da frente era toda de janelas. A parede de trás estava coberta de espelhos, assim o salão parecia não acabar nunca. Havia um conjunto de móveis brancos aparentemente caros, e sobre uma mesa em um canto havia uma grande gaiola de arame. A gaiola parecia deslocada, mas não pensei muito nisso, porque justamente nesse instante vi a moça que estava cantando… e, uau!

Estava sentada em frente a um tear do tamanho de uma tevê de tela grande, as mãos tecendo fios coloridos para cima e para baixo com espantosa habilidade. A tapeçaria cintilava como se fosse tridimensional — o cenário de uma cascata tão real que eu podia ver a água se movendo e as nuvens pairando em um céu de tecido.

Annabeth tomou fôlego.

— É lindo.

A mulher se virou. Era ainda mais bonita que seu tecido. Os longos cabelos escuros estavam trançados com fios de ouro. Tinha olhos verdes penetrantes e usava um vestido preto sedoso com formas que pareciam mover-se no tecido: sombras de animais, preto sobre preto, como cervos correndo por uma floresta à noite.

— Você gosta de tecelagem, minha querida? — perguntou a mulher.

— Ah, sim, senhora! — disse Annabeth. — Minha mãe é…

Ela se interrompeu. Você não pode simplesmente sair por aí anunciando que sua mãe é Atena, a deusa que inventou o tear. A maioria das pessoas iria trancá-lo em um quarto de hospício.

Nossa anfitriã apenas sorriu.

— Tem bom gosto, minha querida. Estou tão contente por você ter vindo. Meu nome é C. C.

Os animais na gaiola do canto começaram a guinchar. Pelo som, deviam ser porquinhos-da-índia.

Nós nos apresentamos a C. C. Ela me examinou com um quê de desaprovação, como se eu não tivesse passado em algum tipo de teste. Eu imediatamente me senti mal. Por alguma razão, queria muito agradar aquela moça.

— Ah! céus — suspirou ela. — Você *realmente* precisa da minha ajuda.

— Senhora? — perguntei.

C.C. chamou a moça de *tailleur*.

— Hylla, quer levar Annabeth para dar uma volta? Mostre a ela o que temos disponível. As roupas precisarão ser trocadas. E o cabelo, céus! Faremos uma consultoria de imagem completa depois que eu falar com este jovem cavalheiro.

— Mas... — O tom de Annabeth pareceu magoado. — O que há de errado com meu cabelo?

C.C. deu um sorriso bondoso.

— Minha querida, você é adorável. Sem dúvida! Mas não está mostrando a si mesma ou seus talentos nem um pouco. É muito potencial desperdiçado!

— Desperdiçado?

— Bem, você certamente não está feliz do jeito que é! Céus, não existe uma única pessoa que esteja. Mas não se preocupe. Podemos melhorar qualquer um aqui no spa. Hylla vai lhe mostrar o que quero dizer. Você, minha querida, precisa revelar seu verdadeiro eu!

Os olhos de Annabeth brilharam de ansiedade. Eu nunca a tinha visto tão sem palavras.

— Mas... e Percy?

— Ah! sem a menor dúvida — disse C. C., lançando-me um olhar triste. — Percy requer minha atenção pessoal. Ele vai dar *muito* mais trabalho que você.

Normalmente, se alguém me dissesse aquilo eu ficaria zangado, mas quando C. C. falou eu senti tristeza. Eu a desapontara. Tinha de descobrir como me sair melhor.

Os porquinhos-da-índia guincharam como se estivessem com fome.

— Bem... — disse Annabeth. — Acho que...

— Por aqui, querida — disse Hylla.

E Annabeth permitiu que a levassem embora para o jardim com cascatas do spa.

C.C. pegou meu braço e me guiou em direção à parede de espelhos.

— Como vê, Percy... para liberar seu potencial você vai precisar de uma grande ajuda. O primeiro passo é admitir que você não é feliz do jeito que é.

Fiquei inquieto na frente do espelho. Odiava pensar na minha aparência — como a primeira espinha que surgira no meu nariz no começo do ano letivo, ou o fato de que meus dois dentes da frente não eram perfeitamente iguais, ou que meu cabelo nunca assentava direito.

A voz de C. C. me trouxe à lembrança todas essas coisas, como se ela estivesse me observando por um microscópio. E minhas roupas não eram legais, eu sabia disso.

Quem se importa? Pensou uma parte de mim. Mas, de pé diante do espelho de C. C., era difícil ver algo de bom em mim mesmo.

— Vamos, vamos... — consolou-me C. C. — Que tal se tentarmos... isso.

Ela estalou os dedos e uma cortina azul-céu desceu diante do espelho. Ela cintilava como o tecido em seu tear.

— O que você vê? — perguntou C. C.

Olhei para o pano azul, sem saber muito bem o que ela queria dizer.

— Eu não...

Então ele mudou de cor. Eu vi a mim mesmo — um reflexo, mas não um reflexo. Ali cintilando no pano estava uma versão melhorada de Percy Jackson — com as roupas certas, um sorriso confiante no rosto. Meus dentes estavam alinhados. Nenhuma espinha. Um bronzeado perfeito. Mais atlético. Talvez alguns centímetros mais alto. Era eu, sem os defeitos.

— Uau — consegui dizer.

— Você quer assim? — perguntou C. C. — Ou devo tentar um diferente...

— Não — falei. — Isso é... isso é incrível. Você pode realmente...

— Posso lhe proporcionar uma transformação completa — prometeu C. C.

— Qual é o truque? Eu preciso, tipo... entrar numa dieta especial?

— Ah! é muito fácil — disse C. C. — Muitas frutas frescas, um leve programa de exercícios e é claro... isso.

Ela foi até seu bar e encheu um copo com água. Depois rasgou um envelope de mistura para refresco e despejou um pouco de pó vermelho. A mistura começou a brilhar. Depois que o brilho se extinguiu, a bebida parecia exatamente um milk-shake de morango.

— Um desses no lugar de uma refeição normal — disse C. C. — Garanto que vai ver os efeitos imediatamente.

— Como é possível?

Ela riu.

— Por que questionar? Quer dizer, você não quer o seu eu perfeito agora mesmo?

Alguma coisa lá no fundo me incomodava.

— Por que não há nenhum homem neste spa?

— Ah! mas há, sim — assegurou-me C. C. — Logo você os encontrará. Apenas experimente a mistura. Você vai ver.

Olhei para a tapeçaria azul, para o reflexo que era eu mas não era eu.

— Agora, Percy — repreendeu C. C. — A parte mais difícil do processo de transformação é abrir mão do controle. Você tem de decidir: quer confiar no *seu* julgamento sobre o que você deve ser ou no *meu* julgamento?

Senti a garganta seca. Eu me ouvi dizendo:

— No seu julgamento.

C.C. sorriu e me entregou o copo. Levei-o aos lábios.

Tinha o sabor que aparentava — milk-shake de morango. Quase imediatamente uma sensação calorosa se espalhou pelas minhas entranhas: agradável de início, depois dolorosamente quente, escaldante, como se a mistura estivesse fervendo dentro de mim.

Eu me curvei e deixei o copo cair.

— O que você... o que está acontecendo?

— Não se preocupe, Percy — disse C. C. — A dor vai passar. Olhe! Como eu prometi. Resultados imediatos.

Alguma coisa estava terrivelmente errada.

A cortina caiu, e no espelho eu vi minhas mãos murchando, se encurvando, enquanto cresciam garras compridas e delicadas. Pelos brotaram em meu rosto, embaixo da camisa, em todos os lugares mais constrangedores que você possa imaginar. Os dentes pareciam muito pesados na minha boca. Minhas roupas

estavam ficando grandes demais, ou C. C. estava ficando alta demais — não, eu estava encolhendo.

Num flash medonho, afundei em uma caverna escura de pano. Estava enterrado em minha própria camisa. Tentei correr, mas mãos me agarraram — mãos do meu tamanho. Tentei gritar por socorro, mas tudo o que saiu da minha boca foi:

— *Iiik, iiik, iiik!*

As mãos gigantes me espremeram pelo tronco, me erguendo no ar. Eu me debati e esperneei com pernas e braços que pareciam muito curtos e grossos, e então eu estava olhando, aterrorizado, para a enorme cara de C. C.

— Perfeito! — retumbou a voz dela.

Eu me contorci, alarmado, mas ela apenas me apertou mais em volta da barriga peluda.

— Está vendo, Percy? Você revelou seu verdadeiro eu!

Ela me segurou diante do espelho, e o que vi me fez gritar de terror.

— *Iiik, iiik, iiik!*

Ali estava C. C., linda e sorrindo, segurando uma criatura fofa, dentuça, de garras pequeninas e pelagem branca e laranja. Quando me torci, a criatura peluda no espelho fez o mesmo. Eu era... eu era...

— Um porquinho-da-índia — disse C. C. — Adorável, não é? Os homens são porcos, Percy Jackson. Eu costumava transformá-los em porcos *de verdade*, mas eles eram tão fedidos e grandes, e difíceis de manter... Porquinhos-da-índia são muito mais convenientes! Agora venha, e conheça os outros homens.

— *Iiik!* — protestei, tentando arranhá-la, mas C. C. me apertou com tanta força que eu quase desmaiei.

— Nada disso, pequenino — repreendeu ela —, senão vou oferecê-lo às corujas. Entre na gaiola como um bom animalzinho. Amanhã, se você se comportar, poderá ir embora. Há sempre uma sala de aula precisando de um novo porquinho-da-índia.

Minha cabeça estava tão disparada quanto meu coraçãozinho. Precisava voltar até as minhas roupas, que estavam amontoadas no chão. Se conseguisse fazer isso, poderia tirar Contracorrente do bolso e... e o quê? Eu não conseguiria destampar a caneta. E, mesmo que conseguisse, não poderia segurar a espada.

Eu me contorci, indefeso, enquanto C. C. me levava para a gaiola de porquinhos-da-índia e abria a porta de arame.

— Conheça os meus problemas de disciplina, Percy — advertiu ela. — Eles nunca serão bons animaizinhos de sala de aula, mas podem lhe ensinar algo sobre boas maneiras. A maioria já está nessa gaiola há trezentos anos. Se não quiser ficar com eles para sempre, sugiro que você...

A voz de Annabeth chamou:

— Senhorita C. C.?

C.C. praguejou em grego antigo. Ela me jogou dentro da gaiola e fechou a porta. Guinchei e arranhei as barras, mas não adiantava nada. Fiquei olhando enquanto C. C. chutava depressa minhas roupas para baixo do tear bem no momento em que Annabeth entrou.

Eu quase não a reconheci. Estava usando um vestido de seda sem mangas como o de C. C., só que branco. O cabelo loiro estava recém-lavado e trançado com ouro. E o pior de tudo era que ela estava maquiada, coisa que eu pensava que Annabeth nunca seria pega usando. Quer dizer, ela estava bonita. Bonita à beça. Talvez eu ficasse sem fala se fosse capaz de dizer qualquer coisa além de *iiik, iiik, iiik*. Mas havia algo de totalmente errado naquilo. Aquilo não era Annabeth.

Ela olhou em volta e franziu a testa.

— Onde está Percy?

Eu guinchei uma tempestade, mas ela pareceu não me ouvir.

C.C. sorriu.

— Ele está passando por um dos nossos tratamentos, minha querida. Não se preocupe. Você está maravilhosa! O que achou da sua excursão?

Os olhos de Annabeth brilharam.

— Sua biblioteca é impressionante!

— Sim, de fato — disse C. C. — O melhor da sabedoria dos três últimos milênios. Qualquer coisa que você queira estudar, qualquer coisa que queira *ser*, minha querida.

— Quero ser arquiteta.

— Bah! — disse C. C. — Você, minha querida, tem tudo o que é preciso para ser uma feiticeira. Como eu.

Annabeth deu um passo atrás.

— Uma feiticeira?

— Sim, minha querida. — C. C. ergueu a mão. Uma chama apareceu na palma e dançou entre as pontas dos seus dedos. — Minha mãe é Hécate, a deusa da

mágica. Conheço uma filha de Atena quando a vejo. Não somos tão diferentes, você e eu. Ambas buscamos o conhecimento. Ambas admiramos a grandeza. Nenhuma de nós precisa ficar à sombra de homens.

— Eu... eu não entendo.

Outra vez, guinchei o melhor que podia, tentando chamar a atenção de Annabeth, mas ou ela não podia me ouvir ou não achava que os ruídos fossem importantes. Nesse meio-tempo, os outros porquinhos-da-índia estavam saindo de sua casinha para me examinar. Não imaginava que porquinhos-da-índia pudessem parecer maus, mas aqueles pareciam. Havia meia dúzia, com o pelo sujo, dentes rachados e olhos redondos e vermelhos. Estavam cobertos de serragem e o cheiro era de quem realmente estava ali havia trezentos anos, sem que ninguém limpasse a gaiola.

— Fique comigo — C. C. estava dizendo a Annabeth. — Estude comigo. Você pode se juntar à nossa equipe, tornar-se uma feiticeira, aprender a dobrar os outros à sua vontade. Você se tornará imortal!

— Mas...

— Você é inteligente demais, minha querida — disse C. C. — Pode fazer mais do que apostar naquele acampamento bobo de heróis. Quantas grandes mulheres heroínas meio-sangue você pode citar?

— Ahn, Atalanta, Amelia Earhart...

— Bah! Os homens ficam com toda a glória. — C. C. fechou o punho e extinguiu a chama mágica. — O único caminho das mulheres para o poder é a feitiçaria. Medeia, Calipso, essas eram mulheres poderosas! E eu, é claro. A maior de todas.

— Você... C. C.... Circe!

— Sim, minha querida.

Annabeth recuou, e Circe riu.

— Não precisa se preocupar. Não lhe farei mal.

— O que fez com Percy?

— Só o ajudei a concretizar sua verdadeira forma.

Annabeth esquadrinhou a sala. Finalmente, viu a gaiola, e me viu arranhando as barras, com todos os outros porquinhos-da-índia à minha volta. Seus olhos se arregalaram.

— Esqueça-o — disse Circe. — Junte-se a mim e aprenda os caminhos da feitiçaria.

— Mas…

— Seu amigo será bem cuidado. Ele será despachado para um maravilhoso novo lar no continente. As crianças do jardim-de-infância vão adorá-lo. Enquanto isso, você será sábia e poderosa. Terá tudo o que sempre quis.

Annabeth ainda olhava fixamente para mim, mas estava com uma expressão sonhadora no rosto. Estava do mesmo jeito que eu quando Circe me enfeitiçou para beber o milk-shake de porquinho-da-índia. Eu guinchei e arranhei, tentando alertá-la para despertar, mas estava absolutamente impotente.

— Deixe-me pensar a respeito — murmurou Annabeth. — Só… preciso de um minuto sozinha. Para dizer adeus.

— É claro, minha querida — arrulhou Circe. — Um minuto. Ah!… e para que você tenha privacidade absoluta…

Ela acenou a mão e barras de ferro desceram nas janelas. Saiu da sala e ouvi as trancas da porta se fecharem atrás dela.

O ar sonhador derreteu-se do rosto de Annabeth.

Ela correu até minha gaiola.

— Muito bem, qual é você?

Eu guinchei, mas todos os outros porquinhos-da-índia também guincharam. Annabeth parecia desesperada. Esquadrinhou a sala e avistou a barra dos meus jeans aparecendo embaixo do tear.

— Sim!

Correu para lá e vasculhou os bolsos.

Mas, em vez de puxar Contracorrente, encontrou o frasco de multivitaminas de Hermes e começou a lutar com a tampa.

Tive vontade de gritar para ela que aquele não era o momento para tomar suplementos! Ela tinha de sacar a espada!

Ela jogou uma pastilha de limão na boca no momento em que a porta se abriu e Circe voltou, a seu lado duas das assistentes de *tailleur*.

— Bem — suspirou Circe —, como um minuto passa depressa! Qual é sua resposta, minha querida?

— Esta — disse Annabeth, e sacou sua faca de bronze.

A feiticeira deu um passo atrás, mas sua surpresa logo passou. Olhou-a com desprezo.

— Realmente, menininha, uma faca contra a *minha* mágica? Será que isso é sensato?

Circe olhou para as assistentes atrás dela, que sorriram. Elas ergueram as mãos como se estivessem se preparando para lançar um feitiço.

*Corra!*, eu quis dizer a Annabeth, mas tudo o que consegui fazer foram ruídos de roedor. Os outros porquinhos-da-índia guincharam aterrorizados e correram pela gaiola. Meu impulso foi entrar em pânico e me esconder também, mas tinha de pensar em alguma coisa! Não ia suportar perder Annabeth como perdera Tyson.

— Como será a transformação de Annabeth? — refletiu Circe. — Algo pequeno e mal-humorado. Já sei... um musaranho!

Chamas azuis se contorceram saindo de seus dedos e se enroscaram como serpentes em Annabeth.

Eu fiquei olhando, horrorizado, mas nada aconteceu. Annabeth continuou sendo Annabeth, só que mais zangada. Ela saltou para a frente e colocou a ponta da faca no pescoço de Circe.

— Que tal me transformar em uma pantera, em vez disso? Uma pantera que está com as garras na sua garganta!

— Como? — gemeu Circe.

Annabeth ergueu meu frasco de vitaminas para a feiticeira ver.

Circe uivou de frustração.

— Maldito seja Hermes, com suas multivitaminas! Elas não passam de uma moda passageira! Não podem fazer *nada* por você.

— Faça Percy voltar a ser humano, senão... — disse Annabeth.

— Eu não posso!

— Então você vai ter o que pediu.

As assistentes de Circe avançaram um passo, mas sua senhora disse:

— Recuem! Ela é imune à mágica até que passe o efeito daquela maldita vitamina.

Annabeth arrastou Circe até a gaiola dos porquinhos-da-índia, derrubou a parte de cima e despejou o restante das pastilhas lá dentro.

— Não! — gritou Circe.

Eu fui o primeiro a conseguir uma vitamina, mas todos os outros porquinhos-da-índia também correram para experimentar o novo alimento.

À primeira mordida, eu me senti pegando fogo por dentro. Roí a vitamina até que ela não parecesse mais tão enorme. E a gaiola ficou menor. E então, de repente, *bum!*, a gaiola explodiu. Eu estava sentado no chão, humano de novo — de algum modo, de volta a minhas roupas normais, graças aos deuses —, com seis outros caras que pareciam todos desorientados, piscando e sacudindo a serragem dos cabelos.

— Não! — gritou Circe. — Você não entende! Aqueles são os piores!

Um dos homens se pôs em pé — um cara enorme, com uma barba comprida e emaranhada, preta como piche, e dentes da mesma cor. Usava roupas que não combinavam, de lã e couro, botas até os joelhos e um chapéu de feltro mole. Os outros homens estavam vestidos de maneira mais simples — calções amarrados abaixo do joelho e camisas brancas manchadas. Todos estavam descalços.

— Argggh! — urrou o homenzarrão. — O que a bruxa fez comigo!

— Não! — gemeu Circe.

Annabeth respirou fundo.

— Eu conheço você! Edward Teach, filho de Ares?

— Sim, garota — rosnou o homenzarrão. — Mas a maioria me chama de Barba-Negra! E aquela é a feiticeira que nos capturou, rapazes. Acabem com ela, e depois quero arranjar uma grande tigela de aipo para mim. Argggggh!

Circe gritou. Ela e suas assistentes saíram correndo da sala, perseguidas pelos piratas.

Annabeth embainhou sua faca e olhou para mim.

— Obrigado… — balbuciei. — Realmente, sinto muito…

Antes que eu pudesse pensar em um jeito de me desculpar por ter sido tão idiota, ela me pegou em um abraço, depois se afastou com igual velocidade.

— Estou feliz por você não ser um porquinho-da-índia.

— Eu também. — Esperei que meu rosto não estivesse tão vermelho quanto me parecia.

Ela desfez as tranças de ouro em seu cabelo.

— Venha, Cabeça de Alga. Precisamos dar o fora enquanto Circe está ocupada.

Corremos colina abaixo pelos terraços, passando por funcionárias do spa aos berros e piratas saqueando o *resort*. Os homens do Barba-Negra quebraram as

tochas polinésias do luau, jogaram emplastros de ervas na piscina e chutaram mesas com toalhas de sauna.

Eu quase me senti mal por deixar os piratas rebeldes escapar, mas achei que eles mereciam algum divertimento melhor do que a roda de exercícios dos porquinhos-da-índia depois de ficarem presos em uma gaiola por três séculos.

— Qual navio? — disse Annabeth quando chegamos ao cais. Olhei em volta atordoado. Não podíamos pegar nosso velho bote a remo. Tínhamos de escapar da ilha depressa, mas o que mais poderíamos usar? Um submarino? Um caça a jato? Eu não sabia pilotar nenhuma daquelas coisas. E então eu vi.

— Ali — falei.

Annabeth piscou.

— Mas...

— Posso fazê-lo funcionar.

— Como?

Não consegui explicar. De algum modo eu sabia que uma velha embarcação a vela seria a melhor aposta. Agarrei a mão de Annabeth e a puxei para o navio de três mastros. Pintado na proa estava o nome que eu só iria decifrar mais tarde: *Vingança da Rainha Ana*.

— Argggh! — berrou Barba-Negra em algum lugar atrás de nós. — Aqueles patifes estão tomando meu navio! Peguem-nos, rapazes!

— Nunca vamos conseguir zarpar a tempo! — gritou Annabeth enquanto embarcávamos.

Olhei em volta para o impossível emaranhado de velas e cordas. O navio estava em ótimas condições para seus trezentos anos, mas mesmo uma tripulação de cinquenta homens levaria várias horas para colocá-lo em movimento. Não tínhamos várias horas. Eu podia ver os piratas correndo escadas abaixo, agitando tochas e talos de aipo.

Fechei os olhos e me concentrei nas ondas que batiam no casco, nas correntes oceânicas, nos ventos que me cercavam. De repente, a palavra certa apareceu em minha cabeça.

— Mastrodamezena! — gritei.

Annabeth me olhou como se eu fosse maluco, mas no segundo seguinte o ar se encheu com o assobio das cordas sendo bruscamente esticadas, o barulho de lonas se desfraldando e polias de madeira rangendo.

Annabeth se esquivou quando um cabo voou por cima da sua cabeça e se enroscou nos gurupés.

— Percy, como…

Eu não tinha uma resposta, mas podia sentir o navio reagindo como se fosse parte do meu corpo. Fiz com que as velas se içassem tão facilmente como se estivesse movendo um braço. E fiz o leme virar.

O *Vingança da Rainha Ana* afastou-se do cais numa guinada, e quando os piratas chegaram perto da água já estávamos a caminho, navegando o Mar de Monstros.

TREZE

# ANNABETH TENTA IR NADANDO PARA CASA

Por fim eu encontrara alguma coisa em que era realmente bom.

O *Vingança da Rainha Ana* respondia ao meu comando. Eu sabia que cordas içar, que velas levantar, em que direção pilotar. Avançamos nas ondas a uma velocidade que estimei em cerca de dez nós. Eu até entendia perfeitamente como aquilo era rápido. Para um navio à vela, extremamente veloz.

Tudo parecia perfeito — o vento no rosto, as ondas quebrando na proa.

Mas, agora que estávamos fora de perigo, eu só pensava na falta que Tyson me fazia, e em como estava preocupado com Grover.

Não conseguia me recuperar da tremenda trapalhada que tinha feito na ilha de Circe. Se não fosse por Annabeth, ainda seria um roedor, escondido em uma casinha com um bando de piratas fofinhos e peludos. Ficava pensando no que Circe dissera: *Está vendo, Percy? Você revelou seu verdadeiro eu!*

Eu ainda me sentia transformado. Não só porque de repente tinha vontade de comer alface. Estava inquieto, como se o instinto de ser um animalzinho assustado fosse agora parte de mim. Ou talvez sempre tivesse estado ali. É o que de fato me preocupava.

Navegamos noite adentro.

Annabeth tentou me ajudar a manter a vigilância, mas navegar não era para ela. Depois de algumas horas balançando de um lado para outro, seu rosto estava da cor de *guacamole* e ela foi para baixo, deitar numa rede.

Eu observava o horizonte. Avistei monstros mais de uma vez. Um jorro de água alto como um arranha-céu foi cuspido à luz da lua. Uma fileira de saliências verdes

e pontudas serpenteou nas ondas — algo com talvez trinta metros de comprimento, reptiliano. Eu não queria saber.

Uma vez vi nereidas, os espíritos femininos luminescentes do mar. Tentei acenar, mas elas desapareceram nas profundezas e fiquei sem saber se tinham ou não me visto.

Pouco depois da meia-noite Annabeth subiu para o convés. Estávamos passando por uma ilha vulcânica fumegante. Na costa, o mar borbulhava e o vapor subia.

— Uma das forjas de Hefesto — disse Annabeth. — Onde ele faz seus monstros de metal.

— Como os touros de bronze?

Ela fez que sim.

— Dê a volta. Passe bem longe.

Ela não precisou dizer duas vezes. Navegamos afastados da ilha, que logo era apenas uma mancha vermelha de neblina atrás de nós.

Olhei para Annabeth.

— A razão da raiva que tem dos ciclopes… a história sobre como Thalia realmente morreu. O que aconteceu?

Era difícil ver sua expressão no escuro.

— Acho que você merece saber — disse ela afinal. — Na noite em que Grover estava nos escoltando para o acampamento, ele ficou confuso, errou o caminho algumas vezes. Lembra que ele lhe contou isso?

Eu concordei.

— Bem, o pior erro levou à cova de um ciclope no Brooklyn.

— Eles têm ciclopes no Brooklyn? — perguntei.

— Você não acreditaria quantos, mas não se trata disso. Esse ciclope, ele nos enganou. Conseguiu nos separar dentro de um labirinto de corredores em uma casa velha em Flatbush. E conseguia falar com a voz de qualquer um, Percy. Exatamente como Tyson fez a bordo do *Princesa Andrômeda*. Ele nos atraiu, um de cada vez. Thalia pensou que estava correndo para salvar Luke. Luke pensou ter me ouvido gritar por socorro. E eu… eu fiquei sozinha no escuro. Tinha sete anos. Não conseguia nem achar a saída.

Ela afastou o cabelo do rosto.

— Lembro que encontrei a sala principal. Havia ossos espalhados por todo o piso. E lá estavam Thalia, Luke e Grover, com as mãos amarradas e amordaçados, pendurados no teto como presunto defumado. O ciclope estava acendendo um fogo bem ali no piso. Puxei minha faca, mas ele me ouviu. Virou-se e sorriu. Ele falou e, de algum modo, conhecia a voz do meu pai. Acho que simplesmente a extraiu da minha cabeça. Ele disse: "Agora, Annabeth, não se preocupe. Eu amo você. Você pode ficar aqui comigo. Você pode ficar para sempre."

Eu estremeci. O modo como ela contou aquilo — mesmo ali, seis anos depois — me apavorou mais que qualquer história de fantasma que já ouvira.

— O que você fez?

— Eu o esfaqueei no pé.

Olhei para ela.

— Você está brincando? Tinha sete anos e esfaqueou um ciclope adulto no pé?

— Ah! ele teria me matado. Mas eu o surpreendi. Isso só me deu tempo de correr até Thalia e cortar as cordas das mãos dela. Daí em diante, ela assumiu.

— Sim, mas ainda assim... foi muita coragem, Annabeth. Ela sacudiu a cabeça.

— Foi por pouco que escapamos. Ainda tenho pesadelos, Percy. O modo como o ciclope falou com a voz do meu pai. Foi por causa dele que demoramos tanto para chegar ao acampamento. Todos os monstros que estavam nos perseguindo tiveram tempo de nos alcançar. Na verdade, foi por isso que Thalia morreu. Se não fosse aquele ciclope, ela ainda estaria viva.

Nós nos sentamos no convés, observando a constelação de Hércules erguer-se no céu.

— Vá para baixo — disse Annabeth por fim. — Você precisa descansar um pouco.

Eu assenti. Meus olhos estavam pesados. Mas quando cheguei embaixo e encontrei uma rede levei muito tempo para adormecer. Fiquei pensando na história de Annabeth. Se eu fosse ela, pensei, será que teria coragem para partir naquela missão, de navegar para a cova de outro ciclope?

Eu não sonhei com Grover.

Em vez disso, estava de volta ao camarote de Luke a bordo do *Princesa Andrômeda*. As cortinas estavam abertas. Do lado de fora era noite. Sombras giravam no ar. Vozes sussurravam à minha volta — espíritos dos mortos.

*Cuidado,* elas sussurravam. *Armadilhas. Ardis.*

O sarcófago de ouro de Cronos brilhava discretamente — a única fonte de luz no recinto.

Um riso frio me assustou. Parecia vir de quilômetros abaixo do navio. *Você não tem coragem, jovenzinho. Não pode me deter.*

Eu sabia o que tinha de fazer. Precisava abrir aquele caixão.

Destampei Contracorrente. Fantasmas esvoaçavam à minha volta como um tornado. *Cuidado!*

Meu coração batia forte. Eu não conseguia obrigar meus pés a se mexer, mas tinha de deter Cronos. Precisava destruir o que quer que estivesse naquela caixa.

Então uma menina falou bem ao meu lado:

— E então, Cabeça de Alga?

Olhei, esperando ver Annabeth, mas a menina não era ela. Usava roupas estilo punk com correntes de prata nos pulsos. Tinha cabelo preto espetado, delineador escuro em volta dos olhos azuis tempestuosos e sardas espalhadas no nariz. Parecia conhecida, mas eu não sabia muito bem por quê.

— E então? — perguntou. — Você vai detê-lo ou não?

Eu não conseguia responder. Não conseguia me mexer.

A menina revirou os olhos.

— Ótimo. Deixe comigo e Aegis.

Ela tocou seu pulso e as correntes de prata se transformaram — achatando-se e se expandindo em um enorme escudo. Era de prata e bronze, com a cara monstruosa da Medusa se projetando do centro. Parecia uma máscara mortuária, como se a verdadeira cabeça da górgona tivesse sido prensada no metal. Eu não sabia se aquilo era de verdade ou se o escudo podia de fato me transformar em pedra, mas desviei o olhar. Só o fato de estar perto daquilo me deixava gelado de medo. Tive a sensação de que, numa luta de verdade, derrotar o portador daquele escudo seria quase impossível. Qualquer inimigo daria meia-volta e sairia correndo.

A menina puxou sua espada e avançou para o sarcófago. Os fantasmas escuros se separaram para deixá-la passar, espalhando-se frente à terrível aura de seu escudo.

— Não — tentei adverti-la.

Mas ela não me deu ouvidos. Marchou direto para o sarcófago e empurrou a tampa dourada para o lado.

Por um momento ficou ali parada, olhando fixamente para o que havia dentro da caixa.

O caixão começou a brilhar.

— Não. — A voz da menina tremia. — Não pode ser.

Das profundezas do oceano, Cronos riu tão alto que fez tremer o navio inteiro.

— Não! — A menina gritou, e o sarcófago a engoliu em uma explosão de luz dourada.

— Ah! — Sentei na rede em um salto.

Annabeth me sacudia.

— Percy, você estava tendo um pesadelo. — Precisa levantar.

— O que... o que foi? — esfreguei os olhos. — O que está errado?

— Terra — disse ela num tom soturno. — Estamos nos aproximando da ilha das sereias.

Mal pude distinguir a ilha à nossa frente — apenas um ponto escuro na névoa.

— Quero que me faça um favor — disse Annabeth. — As sereias... estaremos ao alcance do canto delas em breve.

Lembrei-me das histórias sobre as sereias. Elas cantavam de modo tão encantador que sua voz enfeitiçava os marinheiros e os seduzia para a morte.

— Sem problemas — assegurei-lhe. — Podemos simplesmente tapar os ouvidos. Há um grande barril de cera de vela no convés de baixo...

— Eu quero ouvi-las.

Eu pisquei.

— Por quê?

— Dizem que as sereias cantam a verdade sobre o que a gente deseja. Contam coisas a seu respeito que nem você mesmo percebe. É isso que é tão encantador. Se você sobrevive... se torna mais sábio. Eu quero ouvi-las. Quantas vezes terei uma oportunidade dessas?

Vindo da maioria das pessoas, aquilo não teria feito sentido. Mas sendo Annabeth quem era — bem, ela se empenhava em livros de arquitetura grega antiga e gostava de documentários do History Channel, acho que as sereias também podiam interessar.

Ela me contou seu plano. Com relutância, ajudei-a a se preparar.

Assim que avistamos a costa rochosa da ilha, ordenei a uma das cordas que se enrolasse na cintura de Annabeth, amarrando-a ao mastro principal.

— Não me desamarre — disse ela —, não importa o que aconteça nem quanto eu implore. Minha vontade vai ser correr para a amurada e me jogar.

— Você está querendo me tentar?

— Ha-ha.

Prometi que a manteria segura. Então peguei duas grandes bolas de cera de vela e amassei até que tivessem o formato de tampões, que enfiei nos ouvidos.

Annabeth assentiu com sarcasmo, dando a entender que os tampões de ouvido eram a última moda. Fiz uma careta para ela e fui para o timão.

O silêncio era assustador. Eu não conseguia ouvir nada a não ser o sangue correndo na minha cabeça. Quando nos aproximamos da ilha, rochas pontiagudas assomaram no nevoeiro. Ordenei ao *Vingança da Rainha Ana* que as contornasse. Se chegássemos mais perto, aquelas rochas iriam retalhar o casco como lâminas de liquidificador.

Dei uma olhada para trás. De início, Annabeth pareceu totalmente normal. Depois ficou com uma expressão intrigada. Seus olhos se arregalaram.

Ela forçou as cordas. Chamou meu nome — eu sabia só de ler seus lábios. Sua expressão era clara: precisava se soltar. Era questão de vida ou morte. Eu tinha de soltá-la das cordas *imediatamente*.

Parecia tão infeliz que foi difícil não libertá-la.

Forcei-me a desviar os olhos. Encorajei o *Vingança da Rainha Ana* a ir mais depressa.

Eu ainda não conseguia ver a ilha muito bem — apenas nevoeiro e rochas —, mas flutuando na água havia pedaços de madeira e fibra de vidro, destroços de velhos navios, e até alguns assentos flutuantes de aviões.

Como a música podia desviar tantas vidas de seu curso? Quer dizer, com certeza havia algumas canções entre as mais tocadas que me faziam querer mergulhar nas chamas em queda livre, mas ainda assim... Sobre o que as sereias deviam cantar?

Por um momento perigoso entendi a curiosidade de Annabeth. Fiquei tentado a tirar os tampões de ouvido, só para ter ideia da canção. Podia sentir as vozes das sereias vibrando no madeirame do navio, pulsando em meus ouvidos junto com o ruído do sangue.

Annabeth implorava. Lágrimas escorriam em seu rosto. Lutava com as cordas como se a estivessem impedindo de alcançar tudo o que mais importava para ela.

*Como pode ser tão cruel?*, parecia me perguntar. *Pensei que fosse meu amigo.*

Olhei fixamente para a ilha enevoada. Tive vontade de destampar minha espada, mas não havia nada contra o que lutar. Como se luta contra uma canção?

Tentei muito não olhar para Annabeth. Consegui fazer isso por cerca de cinco minutos.

Foi meu grande erro.

Quando não pude aguentar mais, olhei para trás e encontrei... uma pilha de cordas cortadas. Um mastro vazio. A faca de bronze de Annabeth estava caída no convés. De algum modo, ela conseguira se contorcer até pegá-la. Tinha me esquecido completamente de desarmá-la.

Corri para a amurada do barco e a vi dando braçadas desesperadas em direção à ilha, as ondas a arrastando direto para as rochas pontiagudas.

Gritei seu nome, mas, se ela me ouviu, de nada adiantou. Estava hipnotizada, nadando rumo à morte.

Olhei para o timão atrás de mim e gritei:

— Pare!

E então pulei da amurada.

Caí na água e ordenei que a correnteza contornasse meu corpo, num fluxo que me atirou para a frente.

Cheguei à superfície e avistei Annabeth, mas uma onda a pegou, arrastando-a por entre duas presas de pedra afiadas como navalhas.

Não tive escolha. Lancei-me atrás dela.

Mergulhei por baixo do casco destroçado de um iate, trancei por entre uma coleção de bolas flutuantes de metal presas a correntes que, depois, percebi que eram minas. Tive de usar todo o meu poder sobre as águas para evitar que fosse esmagado contra as rochas ou preso nas redes de arame farpado esticadas logo abaixo da superfície.

Atirei-me entre as duas presas de pedra e me vi em uma baía em forma de meia-lua. A água estava atulhada de mais rochas, destroços de navios e minas flutuantes. A praia era de areia negra vulcânica.

Olhei em volta desesperado, à procura de Annabeth.

Ali estava ela.

Por sorte ou por azar, era boa nadadora. Conseguira passar pelas minas e pelas rochas. Estava quase na praia negra.

Então o nevoeiro se espalhou e eu as vi — as sereias.

Imagine um bando de abutres do tamanho de pessoas — com plumagem preta enlameada, garras cinzentas e pescoço rosado e enrugado. Agora imagine cabeças humanas em cima desses pescoços, mas as cabeças humanas ficavam mudando.

Eu não conseguia ouvi-las, mas podia ver que estavam cantando. Enquanto as bocas se moviam, os rostos se transformavam nos de pessoas que eu conhecia — minha mãe, Poseidon, Grover, Tyson, Quíron. Todas as pessoas que eu mais queria ver. Elas sorriam de modo tranquilizador, convidando-me a prosseguir. Mas, não importava que forma tomassem, as bocas eram gordurosas e recobertas de restos de antigas refeições. Como abutres, enfiavam a cara na comida, e tudo levava a crer que não tinham se banqueteado na Donuts Monstro.

Annabeth nadava na direção delas.

Eu sabia que não podia deixá-la sair da água. O mar era minha única vantagem. Sempre me protegera, de um jeito ou de outro. Impeli o corpo para a frente e agarrei o tornozelo dela.

No momento em que a toquei, um choque atravessou meu corpo, e vi as sereias do modo como Annabeth devia estar vendo.

Três pessoas sentadas sobre uma toalha de piquenique no Central Park. Havia um banquete espalhado na frente delas. Reconheci o pai de Annabeth pelas fotos que ela me mostrara — um cara de aparência atlética, cabelos cor de areia, com seus quarenta anos. Estava de mãos dadas com uma linda mulher muito parecida com Annabeth. Ela estava vestida de modo informal — calça jeans, blusa de algodão e botas de caminhada —, mas algo na mulher irradiava poder. Sabia que estava olhando para a deusa Atena. Ao lado dela sentava-se um rapaz... Luke.

Toda a cena estava iluminada por uma luz cálida, amanteigada. Os três conversavam e riam, e quando viram Annabeth seus rostos se iluminaram de satisfação. A mãe e o pai estenderam as mãos de modo convidativo. Luke sorriu e fez um gesto para que Annabeth sentasse a seu lado — como se ele nunca a tivesse traído, como se ainda fosse seu amigo.

Atrás das árvores do Central Park erguia-se a silhueta de uma cidade. Perdi o fôlego, porque era Manhattan, mas *não* era Manhattan. Estava totalmente reconstruída em mármore branco, deslumbrante, maior e mais grandiosa que

nunca — com janelas douradas e jardins suspensos. Era melhor que Nova York. Melhor que o Monte Olimpo.

Soube imediatamente que Annabeth a projetara inteira. Ela era a arquiteta de todo um novo mundo. Ela reunira os pais. Salvara Luke. Tinha feito tudo o que sempre quis.

Pisquei com força. Quando abri os olhos, tudo o que vi ali foram as sereias — abutres horrendos com feições humanas, prontos para devorar mais uma vítima.

Puxei Annabeth de volta para as ondas. Não pude ouvi-la, mas percebi que estava gritando. Ela me chutou no rosto, mas continuei segurando.

Ordenei às correntes que nos arrastassem para dentro da baía. Annabeth me esmurrava e me chutava, dificultando minha concentração. Ela se debateu tanto que quase colidimos com uma mina flutuante. Eu não sabia o que fazer. Jamais chegaria ao navio, vivo, se ela continuasse lutando.

Afundamos, e Annabeth parou de se debater. Sua expressão ficou confusa. Então nossas cabeças afloraram e ela começou a lutar de novo.

A água! O som não se propagava bem embaixo d'água. Se eu conseguisse submergi-la por tempo suficiente, poderia quebrar o encantamento da música. É claro, Annabeth não ia conseguir respirar, mas naquele momento isso parecia ser um problema menor.

Agarrei-a pela cintura e ordenei às ondas que nos empurrassem para baixo.

Mergulhamos nas profundezas — três metros, seis metros. Eu sabia que teria de tomar cuidado, porque era capaz de suportar muito mais pressão do que Annabeth. Ela lutou e se debateu para respirar enquanto bolhas subiam à nossa volta.

*Bolhas.*

Eu estava desesperado. Tinha de manter Annabeth viva. Imaginei todas as bolhas do mar — sempre se agitando, subindo. Imaginei-as se juntando, sendo empurradas até mim.

O mar obedeceu. Houve um turbilhão de branco, uma sensação de cócegas, e quando minha visão clareou Annabeth e eu tínhamos uma enorme bolha de ar ao nosso redor. Apenas as pernas continuavam mergulhadas em água.

Ela engasgou e tossiu. Seu corpo todo estremeceu, mas quando ela me olhou soube que o encantamento tinha sido quebrado.

Annabeth começou a soluçar — quer dizer, soluços horríveis, de partir o coração. Encostou a cabeça em meu ombro e eu a abracei.

Os peixes se juntaram para nos olhar — um cardume de barracudas, alguns espadartes curiosos.

*Fora!*, disse a eles.

Eles se afastaram, mas pude perceber que saíram relutantes. Juro que entendi as intenções deles. Estavam prestes a espalhar boatos pelo mar sobre o filho de Poseidon e uma garota no fundo da baía das sereias.

— Vamos voltar ao navio. Está tudo bem. Apenas aguente firme.

Annabeth balançou a cabeça para me dizer que estava melhor, depois murmurou algo que não pude ouvir por causa da cera nos ouvidos.

Fiz a corrente manobrar nosso pequeno e estranho submarino de ar por entre as rochas e o arame farpado, e de volta para o casco do *Vingança da Rainha Ana*, que mantinha o curso lento e estável, fugindo do alcance da voz das sereias. Então subi para a superfície e nossa bolha de ar se desfez.

Ordenei que uma escada de corda descesse por cima do costado do navio, e subimos a bordo.

Mantive meus tampões de ouvido, só por garantia. Navegamos até a ilha ficar completamente fora de vista. Annabeth ficou sentada, aconchegando-se em um cobertor no convés dianteiro. Por fim ela ergueu os olhos, confusa e triste, e murmurou, *salvos*.

Removi os tampões. Nenhuma cantoria. A tarde estava silenciosa, a não ser pelo som das ondas batendo no casco. O nevoeiro se desfizera e o céu estava azul, como se a ilha das sereias nunca tivesse existido.

— Você está bem? — perguntei. No momento em que disse isso, percebi a besteira que tinha falado. É claro que ela não estava bem.

— Eu não sabia — murmurou ela.

— O quê?

Seus olhos estavam da mesma cor que a névoa sobre a ilha das sereias.

— Como a tentação seria poderosa.

Não queria admitir que tinha visto o que as sereias haviam prometido a ela. Eu me sentia um intruso. Mas imaginei que devesse isso a Annabeth.

— Eu vi o modo como você reconstruiu Manhattan — contei. — E Luke e os seus pais.

Ela corou.

— Você viu aquilo?

— O que Luke lhe disse no *Princesa Andrômeda*, sobre refazer o mundo do zero… aquilo de fato impressionou você, não é?

Ela se enrolou no cobertor.

— Meu defeito mortal. Foi isso que as sereias me mostraram. Meu defeito mortal é o húbris.

Eu pisquei.

— Aquela coisa marrom que passam nos sanduíches vegetarianos?

Ela revirou os olhos.

— Não, Cabeça de Alga. Aquilo é homus. Húbris é pior.

— O que poderia ser pior do que homus?

— Húbris quer dizer orgulho, insolência, Percy. Achar que você pode fazer as coisas melhor do que qualquer um… inclusive os deuses.

— Você se sente assim?

Ela baixou os olhos.

— Nunca teve a impressão de que… que o mundo realmente *está* todo errado? E se *pudéssemos* refazer tudo do começo? Guerras nunca mais. Ninguém sem teto. Nunca mais dever de casa no verão.

— Estou ouvindo.

— Quer dizer, o Ocidente representa muitas das melhores coisas que a humanidade já fez… é por isso que a chama ainda arde. É por isso que o Olimpo ainda existe. Mas, às vezes, a gente só vê o que não presta, entende? E começa a pensar do mesmo jeito que Luke: "Se conseguir destruir tudo isso, posso fazer melhor." Nunca se sentiu assim? Como se *você* pudesse fazer um serviço melhor se fosse o dono do mundo?

— Humm… não. Eu governando o mundo seria uma espécie de pesadelo.

— Então você tem sorte. O húbris não é seu defeito mortal.

— E o que é?

— Não sei, Percy, mas todo herói tem um. Se você não descobrir e aprender a controlá-lo… bem, não é à toa que o chamam de "mortal".

Pensei naquilo. E não fiquei lá muito animado.

Também notei que Annabeth não falou muito sobre as coisas *particulares* que ela mudaria — como conseguir reunir os pais, ou salvar Luke. Eu entendi. Não queria

admitir quantas vezes sonhara em reunir meus pais.

Imaginei minha mãe, sozinha em nosso pequeno apartamento no Upper East Side. Tentei me lembrar do cheiro dos seus waffles azuis na cozinha. Parecia tão distante!

— E então, valeu a pena? — perguntei a Annabeth. — Você se sente… mais sábia?

O olhar dela se perdeu na distância.

— Não tenho certeza. Mas *precisamos* salvar o acampamento. Se não pararmos Luke…

Ela não precisou terminar. Se o modo de pensar de Luke podia tentar até Annabeth, não dava para imaginar quantos outros meios-sangues poderiam juntar-se a ele.

Pensei no sonho com a menina e o sarcófago dourado. Não sabia muito bem o que significava, mas tive a sensação de que estava deixando alguma coisa passar. Alguma coisa terrível que Cronos planejava. O que a menina tinha visto quando abriu a tampa do caixão?

De repente os olhos de Annabeth se arregalaram.

— Percy.

Eu me virei.

À frente havia uma outra mancha de terra — uma ilha em forma de sela com colinas cobertas de florestas, praias de areia branca e campinas verdes —, exatamente como eu tinha visto em meus sonhos.

Meus sentidos náuticos confirmaram. Trinta graus e 31 minutos Norte, 75 graus e 12 minutos Oeste.

Tínhamos chegado ao lar do ciclope.

CATORZE

# NOSSO ENCONTRO COM O CARNEIRO DA PERDIÇÃO

Quando a gente pensa em "ilha de monstros" imagina penhascos e ossos espalhados pela praia, como na ilha das sereias.

A ilha do ciclope não tinha nada a ver com isso. Quer dizer, tudo bem, havia uma ponte de corda em cima de um precipício, o que não era bom sinal. É quase o mesmo que pendurar um cartaz dizendo: ALGO MALIGNO VIVE AQUI. Mas, com exceção disso, o lugar parecia um cartão-postal do Caribe. Tinha campos verdejantes, árvores de frutas tropicais e praias de areia branca. Enquanto navegávamos em direção à costa, Annabeth respirou fundo o ar perfumado.

— O Velocino — disse ela.

Eu assenti. Ainda não podia ver o Velocino, mas podia sentir sua força. Era possível acreditar que ele curaria qualquer coisa, até mesmo a árvore envenenada de Thalia.

— Se nós o levarmos embora, a ilha vai morrer?

Annabeth sacudiu a cabeça.

— Ela vai se esgotar. Voltar ao que seria normalmente, o que quer que fosse.

Eu me senti um pouco culpado por arruinar aquele paraíso, mas lembrei a mim mesmo que não tínhamos escolha. O Acampamento Meio-Sangue estava em dificuldades. E Tyson... Tyson ainda estaria conosco se não fosse por aquela missão.

Na campina na base da ravina várias dúzias de carneiros andavam em círculos. Pareciam bastante pacíficos, mas eram enormes — do tamanho de hipopótamos. Logo além deles havia um caminho que levava às colinas. No topo do caminho,

perto da beira do cânion, estava o grandioso carvalho que eu vira em meus sonhos. Algo dourado brilhava em seus galhos.

— Isso está fácil demais — disse eu. — Podemos simplesmente subir até lá e pegá-lo?

Os olhos de Annabeth se estreitaram.

— Deveria haver um guardião. Um dragão ou…

Foi quando um cervo emergiu dos arbustos. Ele trotou para a campina, provavelmente em busca de grama para comer, quando os carneiros baliram todos de uma vez e assustaram o animal. Aconteceu tão depressa que o cervo tropeçou e se perdeu em um mar de lã e cascos batendo. Grama e tufos de pelo voavam pelo ar.

Um segundo depois todos os carneiros se afastaram, de volta às suas pacíficas perambulações. Onde estivera o cervo, havia agora uma pilha de ossos limpos e brancos.

Annabeth e eu nos entreolhamos.

— Eles são como piranhas — disse ela.

— Piranhas com lã. Como é que nós…

— Percy! — arfou Annabeth, agarrando meu braço. — Olhe.

Ela apontou para a praia, logo abaixo da campina dos carneiros, onde um pequeno bote fora arrastado para a terra… o outro bote salva-vidas do *Birmingham.*

Concluímos que não havia como passar pelos carneiros comedores de gente. Annabeth queria se esgueirar invisível pelo caminho acima e agarrar o Velocino, mas no fim eu a convenci de que alguma coisa iria dar errado. Os carneiros poderiam sentir seu cheiro. Outro guardião poderia aparecer. Alguma coisa. E se aquilo acontecesse eu estaria longe demais para ajudar.

Além disso, nossa primeira obrigação era achar Grover e quem quer que tivesse chegado à costa naquele bote — supondo que tivesse conseguido passar pelos carneiros. Eu estava nervoso demais para falar sobre minha esperança secreta… de que Tyson ainda pudesse estar vivo.

Ancoramos o *Vingança da Rainha Ana* no lado de trás da ilha, onde as falésias subiam em linha reta uns bons sessenta metros. Imaginei que seria menos provável que vissem o navio ali.

Escalar as falésias até parecia possível — com um grau de dificuldade mais ou menos igual ao da parede de lava no acampamento. Pelo menos não havia carneiros. Eu esperava que Polifemo não criasse também cabras montanhesas carnívoras.

Remamos num bote salva-vidas até a base das rochas e começamos a subir, muito devagar. Annabeth foi primeiro porque escalava melhor.

Ficamos perto de morrer umas seis ou sete vezes, só, o que considerei muito bom. Em certo momento deixei escapar uma das mãos e me vi pendurado por um braço numa saliência quinze metros acima da arrebentação rochosa. Mas achei outro ponto de apoio e continuei escalando. Um minuto depois Annabeth pisou em musgos escorregadios e seu pé deslizou. Felizmente, ela encontrou alguma outra coisa em que apoiá-lo. Por azar, tratava-se da minha cara.

— Desculpe — murmurou ela.

— Tudo bem — resmunguei, embora na verdade não quisesse saber qual era o sabor do tênis de Annabeth.

Finalmente, quando meus dedos já pareciam chumbo derretido e os músculos do meu braço tremiam de exaustão, nos arrastamos sobre o topo da falésia e desmoronamos.

— Ugh — disse eu.

— Ai — gemeu Annabeth.

— Grrrr! — Urrou outra voz.

Se eu não estivesse tão cansado teria pulado mais uns sessenta metros. Girei o corpo, mas não pude ver quem rosnara.

Annabeth tampou minha boca com a mão. Ela apontou.

A saliência sobre a qual estávamos sentados era mais estreita do que eu pensava. O lado oposto era um desfiladeiro, e era de lá que vinha a voz — logo abaixo de nós.

— Você é bem agressiva! — rugiu a voz profunda.

— Enfrente-me! — Era a voz de Clarisse, sem dúvida. — Devolva minha espada e lutarei com você!

O monstro riu estrondosamente.

Annabeth e eu nos arrastamos até a beirada. Estávamos logo acima da entrada da caverna do ciclope. Abaixo, estavam Polifemo e Grover, ainda de vestido de noiva. Clarisse estava amarrada, pendurada de cabeça para baixo acima de um

caldeirão de água fervente. De certa forma, torcia para que Tyson também estivesse lá embaixo. Mesmo que ele estivesse em perigo, ao menos eu saberia que estava vivo. Mas não havia sinal dele.

— Hummm — ponderou Polifemo. — Comer a menina fanfarrona ou esperar o banquete de casamento? O que acha minha noiva?

Ele se voltou para Grover, que recuou e quase tropeçou na cauda de seu vestido, terminada.

— Ah!, ahn, eu não estou com fome agora, querido. Talvez...

— Você disse *noiva*? — perguntou Clarisse. — Quem... Grover?

Ao meu lado Annabeth murmurou:

— Cale a boca. Ela tem de calar a boca.

Polifemo olhou enfurecido.

— Que "Grover"?

— O sátiro! — berrou Clarisse.

— Ah! — ganiu Grover. — Os miolos da pobrezinha estão fervendo por causa daquela água quente. Puxe-a para baixo, querido!

Os cílios de Polifemo se estreitaram sobre o maligno olho leitoso, como se ele tentasse enxergar Clarisse mais claramente.

O ciclope era uma visão ainda mais horrível do que nos meus sonhos. Em parte, porque seu cheiro rançoso agora estava muito próximo. Em parte, porque ele vestia sua roupa de casamento — um saiote tosco e uma manta nos ombros, feitos de smokings azul-bebê costurados um no outro, como se ele tivesse despido uma festa de casamento inteira.

— Que sátiro? — perguntou Polifemo. — Sátiros são boa comida. Você me trouxe um sátiro?

— Não, seu grande idiota! — berrou Clarisse. — *Aquele* sátiro! Grover! Aquele de vestido de noiva!

Eu quis torcer o pescoço de Clarisse, mas era tarde demais. Tudo o que pude fazer foi olhar enquanto Polifemo se virava e arrancava o véu de noiva de Grover — revelando seu cabelo encaracolado, a barba desmazelada de adolescente, os pequenos chifres.

Polifemo respirou pesadamente, tentando conter a raiva.

— Eu não enxergo muito bem — rosnou. — Desde muitos anos atrás, quando o outro herói me furou o olho. Mas VOCÊ... NÃO É... UMA DAMA...

CICLOPE!

O ciclope agarrou o vestido de Grover e o arrancou. Embaixo, o velho Grover reapareceu, com seu jeans e sua camiseta. Ele gemeu e se abaixou quando o monstro desferiu um golpe que passou acima de sua cabeça.

— Pare! — implorou Grover. — Não me coma cru! Eu... eu tenho uma boa receita!

Estendi a mão para minha espada, mas Annabeth sussurrou:

— Espere!

Polifemo estava hesitando, uma grande pedra na mão, prestes a esmagar sua pretensa noiva.

— Receita? — perguntou a Grover.

— Ah, s-sim! Você não pode me comer cru. Vai pegar uma infecção, e botulismo, e toda sorte de coisas horríveis. Vou ficar muito mais gostoso grelhado em fogo lento. Com *chutney* de manga! Você pode pegar algumas mangas agora mesmo, lá embaixo no bosque. Ficarei esperando aqui.

O monstro pensou naquilo. Meu coração martelava contra as costelas. Calculei que morreria se atacasse. Mas não poderia deixar que o monstro matasse Grover.

— Sátiro grelhado com *chutney* de manga — pensou Polifemo. Ele olhou de novo para Clarisse, ainda pendurada acima do caldeirão de água fervente.

— Você também é um sátiro?

— Não, seu grande monte de esterco! — berrou ela. — Eu sou uma menina! Filha de Ares! Agora me desamarre para que eu possa arrancar seus braços!

— Arrancar os meus braços — repetiu Polifemo.

— E enfiá-los garganta abaixo!

— Você tem coragem.

— Ponha-me no chão!

Polifemo ergueu Grover como se ele fosse um cachorrinho desobediente.

— Agora tenho de pastorear carneiros. Casamento adiado para de noite. Então comeremos sátiro como prato principal!

— Mas... você ainda vai se casar? — Grover pareceu ofendido. — Quem é a noiva?

Polifemo olhou na direção do caldeirão fervente.

Clarisse soltou um som estrangulado.

— Ah, não! Você não pode estar falando sério. Eu não sou...

Antes que Annabeth ou eu pudéssemos fazer alguma coisa, Polifemo a arrancou da corda como se ela fosse uma maçã madura e a jogou junto com Grover no fundo da caverna.

— Fiquem à vontade! Voltarei ao pôr-do-sol para o grande evento!

Então o ciclope assobiou e um rebanho misto de bodes e carneiros — menores que os comedores de gente — saiu da caverna, passando por seu amo. Enquanto eles seguiam para o pasto, Polifemo dava palmadinhas nas costas de alguns e os chamava pelo nome — Beltbuster, Tammany, Lockhart etc.

Quando o último carneiro se afastou bamboleando, Polifemo rolou uma rocha na frente da entrada tão facilmente como se fechasse uma porta de geladeira, isolando o som dos gritos de Clarisse e Grover lá dentro.

— Mangas — resmungou Polifemo consigo mesmo. — O que são mangas?

Ele foi caminhando tranquilamente montanha abaixo em sua roupa de noivo azul-bebê, deixando-nos sozinhos com um caldeirão de água fervente e uma rocha de seis toneladas.

Tentamos pelo que nos pareceram horas, mas não adiantou. A rocha não se movia. Gritamos para dentro de fendas, batemos na pedra, fizemos tudo em que podíamos pensar para transmitir um sinal a Grover, mas, se ele nos ouviu, não podíamos saber.

Mesmo se por algum milagre conseguíssemos matar Polifemo, não adiantaria. Grover e Clarisse morreriam dentro da caverna fechada. A única maneira de mover a rocha seria conseguir que o ciclope o fizesse.

Em total frustração, golpeei Contracorrente contra a rocha. Voaram fagulhas, mas não aconteceu nada além disso. Uma grande rocha não é o tipo de inimigo que se possa combater com uma espada mágica.

Annabeth e eu nos sentamos no cume, desesperados, e observamos a forma distante em azul-bebê do ciclope enquanto ele se movia entre seus rebanhos. Sabiamente, ele separara os animais comuns dos carneiros comedores de gente, colocando cada grupo de um lado da enorme fenda que dividia a ilha. O único meio de atravessar era a ponte de corda, e as tábuas eram separadas demais para cascos de carneiros.

Observamos enquanto Polifemo visitava seu rebanho carnívoro, no lado mais distante. Infelizmente, eles não o comeram. Na verdade, nem ao menos pareciam

incomodá-lo. Ele lhes deu pedaços de carne misteriosa de uma grande cesta de vime, o que apenas reforçou a sensação que eu tinha desde que Circe me transformara em porquinho-da-índia: talvez fosse hora de me juntar a Grover e me tornar vegetariano.

— Um truque — concluiu Annabeth. — Não podemos vencê-lo pela força, portanto teremos de usar um truque.

— Certo. Que truque?

— Ainda não resolvi essa parte.

— Beleza.

— Polifemo terá de mover a rocha para deixar os carneiros entrar.

— Ao pôr-do-sol — falei. — Que é quando ele vai se casar com Clarisse e jantar Grover. Ainda não decidi o que é mais nojento.

— Posso ficar invisível e entrar.

— E eu?

— Os carneiros — ponderou Annabeth. Ela me deu um daqueles olhares travessos que sempre me deixavam desconfiado. — Você gosta muito de carneiros?

— Só não se solte! — disse Annabeth, invisível em algum lugar à minha direita. Para ela, era fácil falar. Ela não estava pendurada de cabeça para baixo na barriga de um carneiro.

Agora, admito que não fora tão difícil quanto eu pensara. Já tinha me arrastado para baixo de um carro antes, para trocar o óleo para minha mãe, e isso não era tão diferente. O carneiro não se importou. Até mesmo o menor dos carneiros do ciclope era bastante grande para suportar meu peso, e eles tinham uma lã espessa. Eu simplesmente a torci, formando alças para as minhas mãos, enganchei os pés nos ossos das coxas do carneiro e pronto: eu me sentia como um pequeno canguru, zanzando acomodado contra o peito do carneiro, tentando manter a lã longe da boca e do nariz.

Caso você esteja intrigado, a parte de baixo de um carneiro não tem um cheiro assim tão bom. Imagine um suéter de inverno que foi arrastado pela lama e deixado no cesto de roupa suja por uma semana. É algo assim.

O sol estava se pondo.

Nem bem fiquei em posição, o ciclope rugiu:

— Oi! Bodinhos! Carneirinhos!

O rebanho, obediente, começou a caminhar laboriosamente ladeiras acima, em direção à caverna.

— É isso aí! — sussurrou Annabeth. — Vou estar por perto. Não se preocupe.

Fiz uma promessa silenciosa aos deuses de que, se sobrevivêssemos àquilo, diria a Annabeth que ela é um gênio. O assustador era que eu sabia que os deuses iriam me cobrar.

Meu táxi-carneiro começou a subir a colina. Depois de uma centena de metros, minhas mãos e meus pés começaram a doer. Agarrei a lã com mais força, e o animal fez um ruído inarticulado. Não o culpei. Eu mesmo não gostaria de alguém escalando por meus cabelos. Mas, se eu não me agarrasse, certamente cairia ali mesmo, bem na frente do monstro.

— Hasenpfeffer! — disse o ciclope, afagando um dos carneiros na minha frente. — Einstein! Widget... Ei, Widget!

Polifemo deu uns tapinhas no meu carneiro e quase me derrubou no chão.

— Ganhando um pouco de lã extra, hein?

*Epa*, pensei, é *agora*.

Mas Polifemo apenas riu e deu uma palmada no traseiro do carneiro, empurrando-nos para a frente.

— Vá andando, gorducho! Logo Polifemo irá comê-lo no café-da-manhã!

E, simples assim, eu estava dentro da caverna.

Pude ver o último dos carneiros entrando. Se Annabeth não começasse logo a distraí-lo...

O ciclope estava para rolar a rocha de volta a seu lugar quando, de algum canto do lado de fora, Annabeth gritou:

— Olá, feioso!

Polifemo ficou rígido.

— Quem disse isso?

— Ninguém! — gritou Annabeth.

Aquilo provocou exatamente a reação que ela esperava. A cara do monstro ficou vermelha de raiva.

— Ninguém! — Polifemo berrou de volta. — Eu me lembro de você!

— Você é estúpido demais para se lembrar de alguém — provocou Annabeth. — Muito menos de Ninguém.

Pedi aos deuses que ela já estivesse em movimento quando disse aquilo, porque Polifemo urrou furiosamente, agarrou a rocha mais próxima (que por acaso era sua porta da frente) e a atirou na direção do som da voz de Annabeth. Ouvi a pedra se despedaçar em mil fragmentos.

Por um momento terrível fez-se silêncio. Então Annabeth gritou:

— Você também não aprendeu a atirar pedras melhor! Polifemo uivou.

— Venha para cá! Deixe-me matar você, Ninguém!

— Você não pode matar Ninguém, seu imbecil estúpido — provocou ela. — Venha me achar!

Polifemo disparou colina abaixo na direção da voz dela.

Essa coisa de "Ninguém" poderia não ter feito sentido para outras pessoas, mas Annabeth me explicara que era esse o nome que Ulisses usara para enganar Polifemo séculos atrás, antes que ele acertasse o olho do ciclope com uma grande estaca quente. Annabeth calculou que Polifemo ainda guardaria rancor daquele nome, e estava certa. No frenesi para encontrar o velho inimigo, ele se esqueceu de fechar novamente a entrada da caverna. Parecia nem ter parado para pensar que a voz de Annabeth era feminina, enquanto o primeiro Ninguém era homem. Por outro lado, ele queria casar com Grover, portanto não era assim tão brilhante nessa questão de masculino/feminino.

Eu só esperava que Annabeth pudesse permanecer viva e continuar distraindo o monstro por tempo suficiente para que eu encontrasse Grover e Clarisse.

Desci da minha carona, dei uma palmadinha na cabeça de Widget e pedi desculpas. Procurei na sala principal, mas não havia sinal de Grover e Clarisse. Forcei passagem por entre a multidão de carneiros e bodes, em direção ao fundo da caverna.

Muito embora tivesse sonhado com aquele lugar, foi difícil encontrar meu caminho pelo labirinto. Desci corredores atulhados de ossos, passei por salas cheias de tapetes de pele de carneiro e carneiros de cimento em tamanho real, que reconheci como obra da Medusa. Havia coleções de camisetas de carneiro; grandes tonéis de creme de lanolina; casacos, meias de lã e chapéus de lã com chifres de carneiro. Finalmente, encontrei a sala do tear, onde Grover estava agachado num canto, tentando cortar as amarras de Clarisse com uma tesoura.

— Não adianta — disse Clarisse. — Essa corda parece ferro!

— Só mais alguns minutos!

— Grover — gritou ela, exasperada. — Você está trabalhando nisso há horas!

E então ela me viu.

— *Percy?* — disse Clarisse. — Você devia ter sido explodido!

— Bom ver você também. Agora fique quieta enquanto eu...

— Perrrrrrrcy! — baliu Grover, e se atracou em mim com um abraço de bode. — Você me ouviu! Você veio!

— Sim, parceiro — falei. — É claro que eu vim.

— Onde está Annabeth?

— Lá fora — respondi. — Mas não temos tempo para conversa. Clarisse, fique parada.

Destampei Contracorrente e cortei as cordas. Ela se pôs em pé, rígida, esfregando os pulsos. Olhou-me com raiva por um momento, depois fitou o chão e murmurou:

— Obrigada.

— De nada — falei. — Então, havia mais alguém a bordo do seu bote salva-vidas?

Clarisse pareceu surpresa.

— Não. Só eu. Todos os outros a bordo do *Birmingham*... bem, eu nem sabia que vocês tinham escapado.

Uma explosão ecoou pela caverna, seguida por um grito que me fez perceber que poderia ser tarde demais. Era Annabeth gritando de medo.

QUINZE

# NINGUÉM CONSEGUE O VELOCINO

— Eu peguei Ninguém! — exultou Polifemo.

Arrastamo-nos para a entrada da caverna e vimos o ciclope com um sorriso perverso segurando ar vazio no alto. O monstro sacudiu o punho e um boné de beisebol esvoaçou para o chão. Lá estava Annabeth, pendurada pelas pernas, de cabeça para baixo.

— Ah! — disse o ciclope. — Menina invisível detestável! Já tenho a mal-humorada para esposa. Isso quer dizer que você vai ser grelhada com *chutney* de manga!

Annabeth se debateu, mas parecia atordoada. Tinha um corte feio na testa. Seus olhos estavam vidrados.

— Vou pegá-lo — sussurrei para Clarisse. — Nosso navio está na parte de trás da ilha. Você e Grover…

— Claro que não — disseram eles ao mesmo tempo.

Clarisse havia se armado com uma lança de chifre de carneiro, verdadeira peça de colecionador da caverna do ciclope. Grover encontrara um fêmur de carneiro, o que não o deixou muito satisfeito, mas o segurava como um porrete, pronto para atacar.

— Vamos pegá-lo juntos — rosnou Clarisse.

— Sim — disse Grover. Ele então piscou, como se não pudesse acreditar que acabara de concordar com Clarisse.

— Tudo bem — disse eu. — Plano de ataque Macedônia.

Eles assentiram. Tínhamos passado pelos mesmos cursos de treinamento no Acampamento Meio-Sangue. Eles sabiam do que eu estava falando. Iriam dar a

volta e se aproximar, um de cada lado, atacando o ciclope pelos flancos enquanto eu atraía sua atenção na frente. Provavelmente, isso significava que iríamos *todos* morrer, e não apenas eu, mas fiquei grato pela ajuda.

Ergui minha espada e gritei:

— Ei, feioso!

O gigante se virou para mim.

— *Mais um?* Quem é você?

— Ponha minha amiga no chão. Fui *eu* quem o insultou.

— *Você* é Ninguém?

— Certo, seu balde fedorento de meleca de nariz! — Aquilo não pareceu tão bom quanto os insultos de Annabeth, mas foi tudo em que pude pensar. — Eu sou Ninguém e me orgulho disso! Agora, coloque-a no chão e venha até aqui. Quero furar seu olho de novo.

— RAAAAR! — urrou ele.

A boa notícia: ele deixou cair Annabeth. A má notícia: ele a deixou cair de cabeça nas pedras, onde ela ficou imóvel como uma boneca de trapos.

A outra má notícia: Polifemo investiu contra mim, meia tonelada de ciclope que eu teria de enfrentar com uma espada muito pequena.

— Por Pan! — Grover atacou pela direita. Arremessou o osso de carneiro, que ricocheteou sem efeito na testa do monstro. Clarisse atacou pela esquerda e apoiou sua lança no chão bem a tempo de o ciclope pisar em cima dela. Ele uivou de dor, e Clarisse se atirou para fora do caminho, para evitar ser pisoteada. Mas o ciclope simplesmente puxou a lança como se fosse uma grande farpa e continuou em minha direção.

Eu avancei com Contracorrente.

O monstro tentou me agarrar. Rolei de lado e lhe dei uma estocada na coxa.

Eu esperava vê-lo se desintegrar, mas o monstro era grande e forte demais.

— Pegue Annabeth! — gritei para Grover.

Ele correu até lá, agarrou o boné de invisibilidade e a levantou do chão enquanto Clarisse e eu tentávamos manter Polifemo distraído.

Tenho de admitir, Clarisse foi valente. Ela investiu contra o ciclope vezes seguidas. Ele esmurrou o chão, tentou pisá-la, agarrá-la, mas ela era rápida demais. E, assim que ela atacava, eu a seguia, furando o monstro no dedão do pé, no tornozelo ou na mão.

Mas não poderíamos continuar com aquilo para sempre. Acabaríamos nos cansando, ou o monstro poderia ter seu lance de sorte. Bastaria uma pancada para nos matar.

Com o canto do olho vi Grover carregando Annabeth pela ponte de corda. Essa não teria sido minha primeira escolha, considerando os carneiros comedores de gente do outro lado, mas, naquele momento, parecia melhor do que o lado do precipício *onde estávamos*, e isso me deu uma ideia.

— Recue! — disse para Clarisse.

Ela rolou enquanto o punho do ciclope esmagava a oliveira ao lado dela.

Corremos para a ponte, Polifemo logo atrás de nós. Ele estava todo cortado e mancava por causa dos muitos ferimentos, mas tudo o que tínhamos feito foi deixá-lo mais lento e enfurecido.

— Vou moê-los para fazer comida de carneiro! — prometeu. — Mil maldições sobre Ninguém!

— Mais depressa! — disse eu para Clarisse.

Disparamos colina abaixo. A ponte era nossa única chance. Grover acabara de atravessar para o outro lado e estava deitando Annabeth no chão. Tínhamos de passar antes que o gigante nos pegasse.

— Grover! — gritei. — Pegue a faca de Annabeth!

Seus olhos se arregalaram quando ele viu o ciclope atrás de nós, mas balançou a cabeça como se tivesse entendido. Quando Clarisse e eu nos precipitamos pela ponte, Grover começou a cortar as cordas.

O primeiro fio de corda arrebentou com um estalo.

Polifemo pulou atrás de nós, fazendo a ponte oscilar loucamente.

A corda agora já estava metade cortada. Clarisse e eu mergulhamos para a terra firme, aterrissando ao lado de Grover. Num golpe, cortei os fios restantes com minha espada.

A ponte despencou no precipício, e o ciclope uivou... de prazer, pois estava em pé bem ao nosso lado.

— Fracasso! — berrou, felicíssimo. — Ninguém fracassou!

Clarisse e Grover tentaram atacá-lo, mas o monstro os afastou com um tapa, como se fossem moscas.

Minha raiva aumentou. Eu não podia acreditar que tinha chegado até ali, depois de perder Tyson, de sofrer e passar por tanta coisa, apenas para fracassar —

detido por um monstro grande e estúpido de saiote azul-bebê feito de smokings. Ninguém iria derrubar meus amigos como moscas daquele jeito! Quer dizer… *ninguém*, não Ninguém. Ah, você sabe o que eu quero dizer!

A força percorreu meu corpo. Ergui a espada e ataquei, esquecendo que estava em irremediável desvantagem. Golpeei o ciclope na barriga. Quando ele se dobrou de dor, eu o atingi no nariz com o punho da espada. Cortei, chutei e bati até que, quando me dei conta, Polifemo estava estatelado de costas no chão, atordoado e gemendo, e eu estava em pé em cima dele, com a ponta da espada pairando sobre o seu olho.

— Uhhhhhhhhhhh — gemeu Polifemo.

— Percy! — arfou Grover. — Como você…

— Por favor, nããããão! — gemeu o ciclope, olhando com tristeza para mim. Seu nariz sangrava. Uma lágrima se formou no canto do olho meio cego. — M-m-meus carneirinhos precisam de mim. Estava só tentando proteger meus carneiros!

Ele começou a soluçar.

Eu vencera. Tudo o que tinha de fazer era fincar a espada — um golpe rápido.

— Mate-o! — berrou Clarisse. — O que está esperando?

O ciclope parecia tão desolado, tão parecido com… com Tyson.

— Ele é um ciclope! — avisou Grover. — Não confie nele! Eu sabia que ele estava certo. Sabia que Annabeth teria dito a mesma coisa.

Mas Polifemo soluçava… e pela primeira vez entrou na minha cabeça o fato de que *ele também* era filho de Poseidon. Como Tyson. Como eu. Como eu poderia simplesmente matá-lo a sangue frio?

— Nós só queremos o Velocino — disse ao monstro. — Você concorda em nos deixar levá-lo?

— Não! — gritou Clarisse. — Mate-o!

O monstro fungou.

— Meu lindo Velocino. Orgulho da minha coleção. Leve-o, ser humano cruel. Leve-o, e parta em paz.

— Vou recuar bem devagar — disse eu ao monstro. — Um movimento em falso…

Polifemo balançou a cabeça como se entendesse.

Dei um passo atrás... e, rápido como uma cobra, Polifemo me deu uma pancada que me jogou na beira do penhasco.

— Mortal insensato! — urrou ele, pondo-se em pé. — Levar o meu Velocino? Rá! Vou comê-lo primeiro.

Ele abriu a boca enorme, e percebi que seus molares podres seriam a última coisa que eu veria na vida.

Então algo passou zunindo por cima da minha cabeça e *bam!*

Uma pedra do tamanho de uma bola de basquete foi parar na garganta de Polifemo — um arremesso perfeito, uma linda cesta de três pontos! O ciclope engasgou, tentando engolir a pílula inesperada. Cambaleou para trás, mas não havia espaço para cambalear. Seu calcanhar escorregou, a beirada do penhasco desmoronou e o grande Polifemo agitou os braços como uma galinha batendo as asas, o que não o ajudou em nada a voar enquanto despencava no abismo.

Eu me virei.

A meio caminho da trilha para a praia, completamente ileso no meio de um rebanho de carneiros assassinos, estava um velho amigo.

— Polifemo mau — disse Tyson. — Nem todos os ciclopes são tão bonzinhos como parecem.

Tyson nos deu uma versão resumida: Arco-Íris, o cavalo-marinho — que aparentemente vinha nos seguindo desde o estreito de Long Island, esperando para brincar com Tyson —, encontrara-o afundando sob os destroços do *Birmingham* e o puxara para um lugar seguro. Ele e Tyson estiveram vasculhando o Mar de Monstros desde então, tentando nos achar, até que Tyson sentiu o cheiro de carneiros e encontrou esta ilha.

Tive vontade de abraçar o grandalhão bobo, só que ele estava no meio dos carneiros assassinos.

— Tyson, graças aos deuses. Annabeth está ferida!

— Você agradece aos deuses porque ela está ferida? — perguntou ele, confuso.

— Não! — Ajoelhei-me ao lado de Annabeth e fiquei nauseado de preocupação com o que vi. O talho na testa dela era pior do que eu imaginara. A linha dos seus cabelos estava empapada de sangue. Sua pele estava pálida, fria e úmida.

Grover e eu trocamos olhares nervosos. Então uma ideia me ocorreu.

— Tyson, o Velocino. Pode ir buscá-lo para mim?

— Qual deles? — disse Tyson, olhando em volta para as centenas de carneiros.

— Na árvore! — disse eu. — O de ouro!

— Ah! Bonito. Sim.

Tyson caminhou pesadamente até lá, tomando cuidado para não pisar os carneiros. Se algum de nós tivesse tentado se aproximar do Velocino, teria sido comido vivo, mas acho que Tyson tinha o mesmo cheiro que Polifemo, porque o rebanho não o incomodou. Apenas se aconchegaram nele e baliram afetuosamente, como se esperassem ganhar guloseimas de carneiro da grande cesta de vime. Tyson estendeu o braço e ergueu o Velocino do seu galho. No mesmo instante as folhas do carvalho ficaram amarelas. Tyson começou a voltar lentamente na minha direção, mas eu gritei:

— Não dá tempo! Jogue para cá!

A pele dourada de carneiro saiu voando pelo ar como um Frisbee de pelúcia brilhante. Agarrei-a com um gemido. Era mais pesada do que eu esperava — vinte e cinco ou trinta quilos de preciosa lã de ouro.

Estendi o Velocino sobre Annabeth, cobrindo tudo, menos o rosto, e rezei silenciosamente para todos os deuses em que pude pensar, até os de que não gostava.

*Por favor. Por favor.*

As cores voltaram ao rosto dela. Seus cílios tremeram e se abriram. O corte na testa começou a se fechar. Ela viu Grover e disse, fraca:

— Você não… se casou?

Grover arreganhou um sorriso.

— Não. Meus amigos me convenceram a não fazer isso.

— Annabeth — falei —, fique quieta.

Mas, a despeito de nossos protestos, ela sentou, e notei que o corte em seu rosto estava quase completamente cicatrizado. Ela estava com uma aparência muito melhor. Na verdade, reluzia de saúde, como se alguém lhe tivesse dado uma injeção de brilho.

Nesse meio-tempo, Tyson estava começando a ter problemas com os carneiros.

— Para baixo! — ele lhes disse quando tentaram escalá-lo, procurando comida. Alguns estavam farejando o ar em nossa direção. — Não, carneirinhos. Por aqui! Venham para cá!

Eles obedeceram, mas era óbvio que estavam com fome, e começavam a perceber que Tyson não tinha nenhuma guloseima para eles. Não iriam aguentar muito tempo com tanta carne fresca por perto.

— Temos de ir — disse eu. — Nosso navio está…

O *Vingança da Rainha Ana* estava muito, muito longe. O caminho mais curto seria pelo precipício, e tínhamos acabado de destruir a única ponte. A outra possibilidade era por entre os carneiros.

— Tyson — chamei —, você pode levar o rebanho para o mais longe possível?

— Os carneiros querem comida.

— Eu sei! Eles querem comida humana! Tente afastá-los do caminho. Dê-nos tempo para chegar até a praia. Depois nos encontre lá.

Tyson pareceu indeciso, mas assobiou.

— Venham carneirinhos! Ahn, comida humana por aqui! Ele correu para a campina, os carneiros no seu encalço.

— Mantenha-se enrolada no Velocino — disse a Annabeth. — Só para o caso de você ainda não estar completamente curada. Dá para ficar de pé?

Ela tentou, mas seu rosto ficou pálido de novo.

— Ohh. *Não* completamente curada.

Clarisse abaixou-se ao lado dela e apalpou seu tórax, o que fez Annabeth gemer.

— Costelas quebradas — disse Clarisse. — Estão se recompondo, mas com certeza estão quebradas.

— Como você sabe? — perguntei.

Clarisse me fulminou com o olhar.

— Porque eu já quebrei algumas, nanico! Vou ter de carregá-la.

Antes que eu pudesse discutir, Clarisse ergueu Annabeth como um saco de farinha e a carregou até a praia. Grover e eu fomos atrás.

Assim que chegamos à beira d'água, me concentrei no *Vingança da Rainha Ana*. Ordenei-lhe que levantasse a âncora e se deslocasse até mim. Depois de alguns minutos ansiosos avistei o navio dobrando a extremidade da ilha.

— Chegando! — gritou Tyson. Ele estava aos pulos trilha abaixo para juntar-se a nós, os carneiros cerca de cinquenta metros atrás, balindo de frustração porque o amigo ciclope saíra correndo sem alimentá-los.

— Eles provavelmente não nos seguirão dentro d'água — disse eu aos outros. — Tudo o que temos de fazer é nadar até o navio.

— Com Annabeth nesse estado? — protestou Clarisse.

— Podemos fazer isso — insisti. Eu estava começando a me sentir confiante de novo. Estava de volta ao meu ambiente, o mar. — Depois que chegarmos ao navio, estaremos em segurança.

De novo, nós quase conseguimos.

Tínhamos acabado de atravessar a entrada da ravina quando ouvimos um tremendo rugido e vimos Polifemo, arranhado e esfolado, porém ainda muito vivo, o traje de casamento azul-bebê em farrapos, andando na nossa direção com uma pedra em cada mão.

DEZESSEIS

# EU AFUNDO COM O NAVIO

— E a gente imaginou que o estoque de pedras dele tivesse acabado — resmunguei.

— Saiam nadando! — disse Grover.

Ele e Clarisse mergulharam nas ondas. Annabeth se agarrou ao pescoço de Clarisse e tentou remar com uma das mãos, o Velocino molhado pesando sobre ela.

Mas a atenção do monstro não estava no Velocino.

— Você, jovem ciclope! — rugiu Polifemo. — Traidor da nossa espécie!

Tyson parou.

— Não dê ouvidos a ele! — implorei. — Venha.

Puxei o braço de Tyson, mas era como se estivesse puxando uma montanha. Ele se virou e enfrentou o ciclope mais velho.

— Não sou um traidor.

— Você serve a mortais! — bradou Polifemo. — Seres humanos ladrões!

Polifemo atirou sua primeira pedra. Tyson rebateu-a para o lado com o punho.

— Não sou traidor — disse Tyson. — E você *não* é da minha espécie.

— Morte ou vitória!

Polifemo avançou para as ondas, mas seu pé ainda estava ferido. Ele imediatamente tropeçou e caiu de cara. Aquilo teria sido engraçado, só que ele começou a se levantar, cuspindo água salgada e rosnando.

— Percy! — gritou Clarisse. — Venha!

Eles já estavam quase no navio com o Velocino. Se ao menos eu pudesse manter o monstro distraído mais um pouco…

— Vá — disse-me Tyson. — Eu seguro o Grandão Feioso.

— Não! Ele vai matá-lo. — Eu já havia perdido Tyson uma vez. Não ia perdê-lo de novo. — Vamos enfrentá-lo juntos.

— Juntos — concordou Tyson.

Puxei minha espada.

Polifemo avançou cautelosamente, mancando como nunca. Mas não havia nada de errado com seu braço. Ele atirou a segunda pedra. Mergulhei para um lado, mas ainda teria sido esmagado se Tyson não a tivesse arrebentado, transformando-a em cascalho.

Desejei que o mar subisse. Uma onda de seis metros se ergueu, levantando-me na crista. Peguei um jacaré em direção ao ciclope e chutei-o no olho, pulando por cima da cabeça dele enquanto a água o atirava na praia.

— Vou destruí-lo! — bradou Polifemo. — Ladrão de Velocino!

— *Você* roubou o Velocino — gritei. — Você o está usando para atrair sátiros para a morte!

— E daí? Sátiros são boa comida!

— O Velocino deve ser usado para curar! Ele pertence aos filhos dos deuses!

— *Eu* sou um filho dos deuses! — Polifemo tentou me varrer com um golpe, mas eu me desviei para o lado. — Pai Poseidon, amaldiçoe este ladrão! — Ele piscava muito agora, como se mal pudesse enxergar, e percebi que estava se guiando pelo som da minha voz.

— Poseidon não vai me amaldiçoar — falei, recuando enquanto o ciclope agarrava o ar. — Eu também sou seu filho. Ele não vai escolher um favorito.

Polifemo rugiu. Ele arrancou uma oliveira da encosta do penhasco e golpeou com ela o lugar onde eu estava um momento antes.

— Os seres humanos não são mais os mesmos! Maus, trapaceiros, mentirosos!

Grover estava ajudando Annabeth a embarcar no navio. Clarisse acenava freneticamente para mim, me chamando.

Tyson deu a volta, tentando ficar atrás de Polifemo.

— Jovem ciclope! — chamou o ciclope mais velho. — Onde está você? Ajude-me!

Tyson parou.

— Você não foi criado como deveria! — lamuriou-se Polifemo, sacudindo seu porrete de oliveira. — Pobre irmão órfão! Ajude-me!

Ninguém se mexeu. Nenhum som além do oceano e das batidas do meu coração. Então Tyson deu um passo à frente, erguendo as mãos na defensiva.

— Não lute, irmão ciclope. Abaixe a...

Polifemo girou o corpo na direção da voz dele.

— Tyson! — gritei.

A árvore atingiu-o com tamanha força que teria me achatado como uma pizza de Percy com uma porção extra de azeitonas. Tyson voou de costas, cavando uma trincheira na areia. Polifemo avançou atrás dele, mas eu gritei:

— Não! — E me atirei o mais longe que pude com Contracorrente. Esperava atingir Polifemo na parte de trás da coxa, mas consegui pular um pouquinho mais alto.

— Béééééé! — Polifemo baliu exatamente como seus carneiros, e me golpeou com sua árvore.

Eu mergulhei, mas ainda assim uma dúzia de galhos pontudos arranhou minhas costas. Estava sangrando, contundido e exausto. O porquinho-da-índia dentro de mim quis fugir. Mas eu engoli o medo.

Polifemo desferiu outro golpe com a árvore, mas dessa vez eu estava preparado. Agarrei um galho quando ela passou, ignorando a dor nas mãos ao ser jogado para o céu, e deixei o ciclope me erguer no ar. No topo do arco eu me soltei e caí diretamente na cara do gigante — aterrissando com os dois pés no seu olho já machucado.

Polifemo ululou de dor. Tyson se atracou com ele, puxando-o para baixo. Eu caí ao lado deles — espada na mão, à distância de uma estocada no coração do monstro. Mas meus olhos cruzaram os de Tyson e vi que não poderia fazer aquilo. Simplesmente não era certo.

— Largue-o — disse a Tyson. — Corra.

Com um último e enorme esforço, Tyson empurrou o ciclope mais velho, que praguejava, para longe, e nós corremos para as ondas.

— Eu vou esmagá-lo! — berrou Polifemo, dobrando-se de dor. Ele pôs as mãos enormes em concha sobre o olho.

Tyson e eu mergulhamos nas ondas.

— Onde está você? — berrou Polifemo.

Ele pegou o porrete de árvore e lançou-o para a água. Aquilo caiu à nossa direita.

Ordenei a uma corrente que nos carregasse, e começamos a ganhar velocidade. Eu estava começando a pensar que conseguiríamos chegar ao navio quando Clarisse gritou do convés:

— Aí, Jackson! Se ferrou, ciclope!

*Cale a boca*, eu quis gritar.

— Rarrrr! — Polifemo pegou uma pedra. Ele a atirou na direção da voz de Clarisse, mas ela não chegou até lá, e por pouco não acertou Tyson e eu.

— Aí, aí! — provocou Clarisse. — Você joga pedras como um fracote! Vou ensiná-lo a tentar se casar comigo, seu idiota!

— Clarisse! — berrei, incapaz de aguentar aquilo. — Cale a boca!

Tarde demais. Polifemo atirou outra pedra, e dessa vez fiquei olhando impotente enquanto ela voava por cima da minha cabeça e acertava o casco do *Vingança da Rainha Ana*.

Você não acreditaria em como um navio pode afundar depressa. O *Vingança da Rainha Ana* rangeu, gemeu e se inclinou para a frente como se fosse descer por um escorrega de parque de diversões.

Eu praguejei, desejando que o mar nos empurrasse mais depressa, mas os mastros do navio já estavam submergindo.

— Mergulhe! — disse a Tyson.

E enquanto outra pedra voava por cima de nossas cabeças, submergimos.

Meus amigos estavam afundando depressa, tentando nadar, mas sem sorte, na esteira borbulhante dos destroços do navio.

Nem todo o mundo sabe que quando um navio afunda funciona como um ralo de pia, puxando tudo o que está em volta dele para baixo. Clarisse era uma nadadora vigorosa, mas nem ela conseguiu fazer qualquer progresso. Grover agitava freneticamente seus cascos. Annabeth se agarrava ao Velocino, que brilhava na água como uma onda de moedinhas novas.

Eu nadei até eles, sabendo que poderia não ter força para puxar meus amigos para fora. Pior ainda, pedaços de madeira redemoinhavam em volta deles; nenhum dos meus poderes com a água iria ajudar se uma viga acertasse minha cabeça.

*Precisamos de ajuda*, pensei.

*Sim.* A voz de Tyson, alta e clara na minha cabeça.

Olhei para ele, perplexo. Já tinha ouvido nereidas e outros espíritos da água falando comigo embaixo d'água, mas nunca me ocorrera... Tyson era filho de Poseidon. Podíamos nos comunicar.

*Arco-Íris,* disse Tyson.

Fiz que sim, e então fechei os olhos e me concentrei, somando minha voz à de Tyson: *ARCO-ÍRIS! Precisamos de você!*

Formas tremeluziram na escuridão embaixo de nós imediatamente — três cavalos com cauda de peixe, galopando para cima mais rápido que golfinhos. Arco-Íris e seus amigos olharam em nossa direção e pareceram ler nossos pensamentos. Eles se moveram com velocidade para o meio dos destroços e, um momento depois, explodiram para o alto numa nuvem de bolhas — Grover, Annabeth e Clarisse, cada qual agarrado ao pescoço de um cavalo-marinho.

Arco-Íris, o maior, estava com Clarisse. Correu até nós e permitiu que Tyson se agarrasse à sua crina. Seu amigo que trazia Annabeth fez o mesmo comigo.

Chegamos à superfície e nos afastamos depressa da ilha de Polifemo. Atrás de nós, pude ouvir o ciclope rugindo triunfante:

— Consegui! Finalmente afundei Ninguém!

Esperei que ele jamais descobrisse que estava errado.

Deslizamos pelo mar enquanto a ilha ia encolhendo, até se transformar em um ponto e depois desaparecer.

— Conseguimos — murmurou Annabeth, exausta. — Nós...

Ela tombou no pescoço do cavalo-marinho e adormeceu instantaneamente.

Eu não sabia até onde os cavalos-marinhos poderiam nos levar. Não sabia aonde estávamos indo. Apenas apoiei Annabeth para que ela não caísse, cobri-a com o Velocino de Ouro que tanto trabalho nos custara e fiz uma oração silenciosa em agradecimento.

O que me lembrou... Eu ainda tinha uma dívida com os deuses.

— Você é um gênio — disse a Annabeth baixinho.

Então encostei a cabeça no Velocino e, antes que percebesse, também estava dormindo.

DEZESSETE

# UMA SURPRESA NOS AGUARDA EM MIAMI BEACH

— Percy, acorde.

Pingos de água salgada em meu rosto. Annabeth estava sacudindo meu ombro.

A distância, o sol se punha atrás da silhueta de uma cidade. Pude ver uma rodovia litorânea ladeada por palmeiras, fachadas de lojas brilhando em neon vermelho e azul, um porto cheio de veleiros e navios de cruzeiro.

— Miami, eu acho — disse Annabeth. — Mas os cavalos-marinhos estão agindo de um jeito engraçado.

Certamente, nossos amigos aquáticos tinham reduzido a velocidade e estavam relinchando e nadando em círculos, farejando a água. Não pareciam felizes. Um deles espirrou. Pude entender o que estavam pensando.

— Aqui é o mais longe que eles podem nos levar — disse eu. — Seres humanos demais. Poluição demais. Teremos de nadar até a praia sozinhos.

Nenhum de nós ficou muito entusiasmado com aquilo, mas agradecemos a Arco-Íris e seus amigos pela carona. Tyson chorou um pouco. Soltou o alforje improvisado que tinha feito, contendo seu conjunto de ferramentas e um par de outras coisas salvas dos destroços do *Birmingham*. Depois abraçou o pescoço de Arco-Íris, deu-lhe uma manga encharcada que colhera na ilha e disse adeus.

Depois que as crinas brancas dos cavalos-marinhos desapareceram no mar, nadamos para a praia. As ondas nos empurraram para a frente e num piscar de olhos estávamos de volta ao mundo mortal. Perambulamos pelos cais dos navios de cruzeiro, abrindo passagem por entre uma multidão que chegava para viagens de férias. Carregadores se ocupavam com carrinhos de bagagem. Taxistas gritavam um para o outro em espanhol e tentavam furar a fila para pegar

passageiros. Se alguém reparou em nós — cinco crianças encharcadas e com aparência de quem acaba de lutar com um monstro —, não deixou transparecer.

Agora que estávamos de volta entre mortais, o olho único de Tyson estava velado pela Névoa. Grover enfiara seu boné e os tênis. Até o Velocino se transformara, de uma pele de carneiro em uma jaqueta colegial de couro vermelha e dourada com um grande ômega reluzente no bolso.

Annabeth correu para a banca de jornais mais próxima e conferiu a data no *Miami Herald*. Ela praguejou.

— Dezoito de junho! Estivemos longe do acampamento por dez dias!

— É impossível! — disse Clarisse.

Mas eu sabia que não era. O tempo passava de um jeito diferente em lugares monstruosos.

— A árvore de Thalia já deve estar quase morta — lamentou-se Grover. — Temos de levar o Velocino para lá *esta noite*!

Clarisse desmoronou na calçada.

— Como vamos fazer isso? — A voz dela tremeu. — Estamos a centenas de quilômetros de distância. Sem dinheiro. Sem transporte. Exatamente como disse o Oráculo. A culpa é *sua,* Jackson! Se você não tivesse se metido…

— Culpa de Percy? — explodiu Annabeth. — Clarisse, como pode dizer isso? Você é a maior…

— Parem com isso! — falei.

Clarisse enfiou a cabeça nas mãos. Annabeth bateu o pé de frustração.

O fato era: eu quase esquecera que aquela missão deveria ser de Clarisse. Por um momento assustador, vi as coisas do ponto de vista dela. Como me sentiria se um bando de outros heróis tivesse se metido e me deixado mal?

Pensei no que tinha ouvido na sala das caldeiras do *Birmingham* — Ares gritando com Clarisse, avisando que era melhor ela não fracassar. Ares pouco se importava com o acampamento, mas se Clarisse manchasse sua reputação…

— Clarisse — disse eu —, o que foi exatamente que o Oráculo lhe disse?

Ela ergueu os olhos. Pensei que fosse gritar comigo, mas em vez disso ela respirou fundo e recitou a profecia:

*Navegarás com guerreiros de osso em navio de ferro,*
*O que procuras, hás de encontrar, e teu o tornarás,*

*Mas sem esperança dirás, minha vida em pedra enterro,*
*Sem amigos falharás e, voando só, retornarás.*

— Ui! — murmurou Grover.

— Não — disse eu. — Não… espere um minuto. Eu entendi.

Vasculhei meus bolsos procurando dinheiro, e não encontrei nada a não ser um dracma de ouro.

— Alguém tem algum dinheiro?

Annabeth e Grover sacudiram a cabeça devagar. Clarisse puxou do bolso um dólar da época da Guerra Civil encharcado e suspirou.

— Dinheiro? — perguntou Tyson, hesitante. — Tipo… papel verde?

Eu olhei para ele. — É.

— Como o que veio nos sacos de viagem?

— É, mas nós perdemos aqueles sacos dias a-t-t…

Gaguejei até parar enquanto Tyson vasculhava seu alforje e tirava de lá um saco ziploc cheio de dinheiro que Hermes incluíra nos nossos suprimentos.

— Tyson! — disse eu. — Como você…

— Pensei que fosse um saco de ração para Arco-Íris — disse ele. — Achei flutuando no mar, mas só tinha papel dentro. Pena.

Ele me entregou a grana. Notas de cinco e dez, pelo menos trezentos dólares.

Corri para o meio-fio e peguei um táxi que acabava de desembarcar uma família de passageiros de um cruzeiro.

— Clarisse — gritei. — Venha. Você vai para o aeroporto. Annabeth, entregue o Velocino a ela.

Não sei muito bem qual das duas pareceu mais perplexa quando tirei a jaqueta-Velocino de Annabeth, enfiei o dinheiro no bolso dela e a coloquei nos braços de Clarisse.

Clarisse disse:

— Você vai me deixar…

— É sua missão — disse eu. — Nós só temos dinheiro suficiente para um voo. Além disso, eu não posso viajar pelo ar. Zeus me explodiria em um milhão de pedaços. É isso o que queria dizer a profecia: você falharia sem amigos, o que significa que precisava de nossa ajuda, mas teria de voar para casa sozinha. Você precisa levar o Velocino em segurança.

Eu podia ver a cabeça dela trabalhando — desconfiada de início, imaginando que truque eu estaria armando, depois, finalmente, concluindo que eu queria mesmo dizer o que tinha dito.

Ela pulou para dentro do táxi.

— Pode contar comigo. Não vou falhar.

— Não falhar seria bom…

O táxi arrancou em uma nuvem de fumaça do escapamento.

O Velocino estava a caminho.

— Percy — disse Annabeth —, aquilo foi tão…

— Generoso? — sugeriu Grover.

— *Maluco* — corrigiu Annabeth. — Você está apostando a vida de todos no acampamento que Clarisse levará o Velocino em segurança para lá esta noite?

— É a missão dela — disse eu. — Ela merece uma chance.

— Percy é legal — disse Tyson.

— Percy é legal *demais* — resmungou Annabeth. Mas eu não pude deixar de pensar que talvez, apenas talvez, ela estivesse um pouco impressionada. De qualquer modo, eu a surpreendera. E isso não era coisa fácil de fazer.

— Vamos — disse aos meus amigos. — Vamos encontrar outro jeito de ir para casa.

Foi então que me virei e encontrei uma ponta de espada na minha garganta.

— Oi, primo — disse Luke. — Bem-vindo de volta aos Estados Unidos.

Seus homens-urso brutamontes surgiram pelos dois lados. Um agarrou Annabeth e Grover pela gola das camisetas. O outro tentou agarrar Tyson, mas Tyson o derrubou em uma pilha de malas e rugiu para Luke.

— Percy — disse Luke calmamente —, diga ao seu gigante para recuar ou mandarei Oreios esmagar a cabeça dos seus amigos uma contra a outra.

Oreios arreganhou um sorriso e ergueu Annabeth e Grover do chão, os dois esperneando e gritando.

— O que você quer, Luke? — rosnei.

Ele sorriu, fazendo ondular a cicatriz no seu rosto.

Fez um gesto em direção à extremidade do cais, e notei o que deveria ter sido óbvio. A maior embarcação no porto era o *Princesa Andrômeda*.

— Ora, Percy — disse Luke. — Eu quero estender minha hospitalidade, é claro.

Os gêmeos ursos nos tocaram para dentro do *Princesa Andrômeda*. Jogaram-nos no convés dianteiro, na frente de uma piscina com fontes borbulhantes que formavam um repuxo no ar. Uma dúzia dos variados capangas de Luke — homens-cobra, lestrigões, semideuses de armadura de batalha — tinha se reunido para nos ver receber um pouco de "hospitalidade".

— E então, o Velocino, onde está? — perguntou Luke

Ele nos examinou, espetando minha camisa com a ponta da espada, cutucando os jeans de Grover.

— Ei! — gritou Grover. — Há uma pele de bode de verdade aí embaixo!

— Desculpe, velho amigo. — Luke sorriu. — Entregue o Velocino e deixarei você partir de volta à sua, ahn, pequena missão natural.

— Blaa-ha-ha! — protestou Grover. — Raio de velho amigo!

— Talvez vocês não tenham me ouvido. — A voz de Luke era perigosamente calma. — Onde... está... o... Velocino?

— Não está aqui — falei.

Provavelmente, eu não devia ter contado nada a ele, mas era uma boa sensação jogar-lhe a verdade na cara.

— Nós o despachamos na nossa frente. Você se deu mal. Os olhos de Luke se estreitaram.

— Você está mentindo. Você não pode ter... — Seu rosto se avermelhou quando uma horrível possibilidade lhe ocorreu. — Clarisse?

Fiz que sim.

— Você confiou... você deu... — É.

— Agrio!

O gigante urso se encolheu.

— S-sim?

— Vá lá embaixo e prepare meu corcel. Traga-o para o convés. Preciso voar para o aeroporto de Miami, depressa!

— Mas, patrão...

— Faça isso! — berrou Luke. — Ou você vai virar comida de dragão!

O homem-urso engoliu em seco e disparou escada abaixo. Luke ficou andando de um lado para o outro na frente da piscina, praguejando em grego antigo, agarrado em sua espada com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

O restante da tripulação de Luke parecia inquieta. Talvez nunca tivessem visto o patrão tão enlouquecido.

Comecei a pensar... Se eu pudesse usar a raiva de Luke, fazê-lo falar de modo que todos pudessem ouvir como seus planos eram insanos...

Olhei para a piscina, para as fontes borrifando água no ar, criando um arco-íris ao pôr-do-sol. E de repente tive uma ideia.

— Você estava nos usando o tempo todo — disse. — Queria que trouxéssemos o Velocino para você e o poupássemos do esforço de pegá-lo.

Luke fez uma careta.

— É claro, seu idiota! E você estragou tudo!

— Traidor! — Tirei meu último dracma de ouro do bolso e o joguei em Luke. Como eu esperava, ele se esquivou facilmente. A moeda voou para dentro do repuxo de água com as cores do arco-íris.

Esperei que minha prece silenciosa fosse aceita. Pensei de todo o coração: Ó *deusa, aceite minha oferenda.*

— Você enganou todos nós! — gritei para Luke. — Até DIONISO no ACAMPAMENTO MEIO-SANGUE!

Atrás de Luke, a fonte começou a tremeluzir, mas eu precisava que a atenção de todos estivesse em mim, então destampei Contracorrente.

Luke apenas deu um sorriso sarcástico.

— Não é hora para heroísmos, Percy. Largue sua espadinha insignificante ou vou mandar matá-lo mais cedo, e não mais tarde.

— Quem envenenou a árvore de Thalia, Luke?

— Fui eu, é claro — rosnou ele. — Eu já lhe disse isso. Usei peçonha da velha Píton, diretamente das profundezas do Tártaro.

— Quíron não tem nada a ver com isso?

— Ah! Você sabe que ele nunca faria isso. O velho idiota não teria coragem.

— Chama isso de coragem? Trair seus amigos? Pôr em risco o acampamento inteiro?

Luke ergueu a espada.

— Você não entende nem a metade. Eu ia deixar você levar o Velocino... depois que eu tivesse terminado com ele.

Aquilo me fez hesitar. Por que ele permitiria que eu levasse o Velocino? Devia estar mentindo. Mas eu não podia me permitir perder a atenção dele.

— Você ia curar Cronos — disse eu.

— Sim! A mágica do Velocino teria acelerado dez vezes o processo de recuperação dele. Mas você não vai nos deter, Percy. Você só nos atrasou um pouco.

— Então você envenenou a árvore, traiu Thalia e nos preparou uma armadilha… tudo para ajudar Cronos a destruir os deuses.

Luke rangeu os dentes.

— Você sabe disso! Por que fica me perguntando?

— Porque eu quero que todo o público o ouça.

— *Que* público?

Então seus olhos se estreitaram. Ele olhou para trás, e seus facínoras fizeram o mesmo. Eles engasgaram e recuaram, cambaleando.

Acima da piscina, tremeluzindo na névoa do arco-íris, estava uma visão em mensagem de Íris de Dioniso, Tântalo e o acampamento inteiro no pavilhão-refeitório. Estavam sentados num silêncio perplexo nos assistindo.

— Bem — disse Dioniso ironicamente —, um entretenimento inesperado no jantar.

— Senhor D, você ouviu — falei. — Vocês todos ouviram Luke. O envenenamento da árvore não foi culpa de Quíron.

O senhor D suspirou.

— Acho que não.

— A mensagem de Íris pode ser um truque — sugeriu Tântalo, mas sua atenção estava dirigida principalmente ao seu *cheeseburger*, que ele tentava encurralar com as duas mãos.

— Infelizmente, não — disse o senhor D, olhando com nojo para Tântalo. — Parece que terei de reintegrar Quíron como diretor de atividades. Acho mesmo que sinto falta dos jogos de *pinochle* do velho cavalo.

Tântalo agarrou o *cheeseburger*. Que não escapuliu para longe. Tântalo o ergueu do prato e olhou para aquilo estupefato, como se fosse o maior diamante do mundo.

— Peguei! — cacarejou ele.

— Não precisamos mais dos seus serviços, Tântalo — anunciou o senhor D.

Tântalo pareceu perplexo.

— O quê? Mas…

— Você pode voltar ao Mundo Inferior. Está despedido.

— Não! Mas… Nãããããããããããão!

Enquanto se dissolvia em névoa, seus dedos apertaram o *cheeseburger*, tentando levá-lo à boca. Mas era tarde demais. Tântalo desapareceu e o *cheeseburger* caiu de volta no prato. Os campistas explodiram em vivas.

Luke urrou de raiva. Golpeou a fonte com a espada e a mensagem de Íris se dissolveu, mas estava feito.

Eu estava me sentindo muito bem comigo mesmo, até que Luke se virou e me lançou um olhar sanguinário.

— Cronos tinha razão, Percy. Você é uma arma pouco confiável. Precisa ser substituído.

Não entendi muito bem o que ele queria dizer, mas não tive tempo de pensar a respeito. Um de seus homens soprou um apito de bronze, e as portas do convés se abriram violentamente. Mais uma dúzia de guerreiros foi despejada, formando um círculo à nossa volta, as pontas de bronze das lanças na nossa direção.

Luke sorriu para mim.

— Vocês não sairão vivos deste navio.

DEZOITO

# A INVASÃO DOS PÔNEIS DE FESTA

— Mano a mano — desafiei Luke. — Do que você tem medo?

Luke franziu o lábio. Os soldados que estavam prestes a nos matar hesitaram, aguardando as ordens dele.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Agrio, o homem-urso, irrompeu no convés levando um cavalo voador. Era o primeiro pégaso preto puro que eu já vira, com as asas de um corvo gigante. O pégaso empinou e relinchou. Pude entender seus pensamentos. Ele estava chamando Agrio e Luke de nomes tão feios que Quíron teria lavado seu focinho com sabão para selas.

— Senhor! — bradou Agrio, esquivando-se dos cascos do pégaso. — Seu corcel está pronto!

Luke manteve os olhos fixos em mim.

— Eu lhe disse no último verão, Percy — disse ele. — Você não pode me atrair para uma luta.

— E você continua evitando uma — reparei. — Com medo de que seus guerreiros o vejam ser derrotado?

Luke lançou um olhar para seus homens, e viu que eu o tinha pego numa armadilha. Se ele recuasse, pareceria fraco. Se me enfrentasse, perderia um tempo precioso em sua caçada a Clarisse. De minha parte, o melhor que podia esperar era distraí-lo, dando aos meus amigos oportunidade de escapar. Se alguém pudesse pensar em um plano para tirá-los dali, seria Annabeth. O lado negativo era que eu sabia o quanto Luke era bom em esgrima.

— Vou matá-lo rapidamente — decidiu ele, e ergueu sua arma.

Mordecostas era meio metro mais longa que a minha espada. Sua lâmina reluzia com uma luz maligna cinza e ouro, onde o aço humano fora fundido com o bronze celestial. Eu quase pude sentir a lâmina lutando contra si mesma, como ímãs de polos opostos amarrados juntos. Não sabia como a lâmina tinha sido feita, mas senti algo trágico. Alguém morrera no processo. Luke assobiou para um dos seus homens, que lhe jogou um escudo redondo de couro e bronze.

Ele me lançou um sorriso maligno.

— Luke — disse Annabeth —, pelo menos dê a ele um escudo.

— Sinto muito, Annabeth — disse ele. — Nesta festa, a gente traz o próprio equipamento.

O escudo era um problema. Lutar com as duas mãos segurando apenas uma espada nos dá mais força, mas lutar com uma das mãos e um escudo nos dá melhor defesa e versatilidade. Há mais movimentos, mais opções, mais maneiras de matar. Pensei em Quíron, que me dissera para ficar no acampamento não importasse a que preço, e aprendesse a lutar. Agora ia pagar por não lhe ter dado ouvidos.

Luke quase me matou na primeira investida. Sua espada passou embaixo do meu braço, rasgando minha camisa e roçando minhas costelas.

Pulei para trás, contra-ataquei com Contracorrente, mas Luke desviou minha lâmina com o escudo.

— Ora, Percy — caçoou —, você está fora de forma.

Ele avançou de novo com um golpe na altura da minha cabeça. Eu me defendi e devolvi com uma estocada. Ele desviou facilmente para o lado.

O corte nas minhas costelas doía. Meu coração estava disparado. Quando Luke investiu de novo, pulei para trás, para dentro da piscina, e senti uma explosão de força. Girei embaixo d'água, criando um turbilhão que emergiu da parte mais funda, explodindo diretamente na cara de Luke.

A força da água o derrubou, o fez cuspir, sem enxergar. Mas, antes que eu pudesse atacar, ele rolou de lado e se pôs de pé novamente.

Ataquei e cortei fora a beira de seu escudo, mas aquilo não o intimidou. Ele se agachou e investiu contra as minhas pernas. De repente minha coxa ficou em fogo, com uma dor tão intensa que desabei. Meus jeans estavam rasgados acima do joelho. Eu estava ferido. Não sabia com que gravidade. Luke deu um golpe para

baixo e eu rolei para trás de uma espreguiçadeira. Tentei me levantar, mas minha perna não suportava o peso.

— Perrrrrrcy! — baliu Grover.

Rolei de novo quando a espada de Luke partiu a espreguiçadeira ao meio, com os tubos de metal e tudo.

Arrastei-me em direção à piscina, tentando desesperadamente não desmaiar. Eu nunca conseguiria. Luke sabia disso. Ele avançou devagar, sorrindo. O fio de sua espada estava tingido de vermelho.

— Uma coisa que eu quero que você veja antes de morrer, Percy. — Ele olhou para o homem-urso Oreios, que ainda estava segurando Annabeth e Grover pelo pescoço. — Você pode comer o seu jantar agora, Oreios. *Bon appetit.*

— He-he! He-he! — O homem-urso ergueu meus amigos e mostrou os dentes.

Foi quando o Hades inteiro foi libertado.

*Zummm!*

Uma flecha com penas vermelhas brotou na boca de Oreios. Com uma expressão surpresa na cara peluda, ele desmoronou no convés.

— Irmão! — gemeu Agrio.

Ele afrouxou as rédeas do pégaso apenas por tempo suficiente para o corcel negro escoiceá-lo na cabeça e escapar voando, livre, sobre a baía de Miami.

Por uma fração de segundo os guardas de Luke ficaram atordoados demais para fazer qualquer coisa a não ser olhar para os corpos dos gêmeos ursos se dissolvendo em fumaça.

Então se ouviu um coro selvagem de brados de guerra e um estrépito de cascos contra metal. Uma dúzia de centauros irrompeu da escadaria principal.

— Pôneis! — exclamou Tyson, empolgado.

Minha cabeça teve dificuldade de processar tudo o que vi. Quíron estava no meio da multidão, mas seus parentes não pareciam quase nada com ele. Eram centauros com corpo de garanhões árabes, outros com pelo dourado de palomino, outros com manchas laranja e brancas como *paint horses*. Alguns usavam camisetas de cores vivas com letras fosforescentes que diziam PÔNEIS DE FESTA: DIVISÃO DO SUL DA FLÓRIDA. Alguns estavam armados com arcos, alguns com bastões de beisebol, alguns com pistolas de *paintball*. Um tinha a cara pintada como um guerreiro comanche e agitava uma enorme mão de isopor mostrando um grande Número I. Outro estava de peito nu e inteiramente pintado de verde. Um terceiro

usava óculos com olhos vesgos presos a molas, balançando para cima e para baixo, e um daqueles bonés de beisebol que têm latas de refrigerante com canudinhos penduradas dos dois lados.

Eles estouraram no convés com tamanha ferocidade e tanto colorido que por um momento até Luke ficou atordoado. Eu não sabia dizer se eles tinham chegado para comemorar ou atacar.

Tudo levava a crer que as duas coisas. Enquanto Luke erguia sua espada para convocar as tropas, um centauro disparou uma flecha diferenciada, com uma luva de boxe na ponta. Ela atingiu Luke na cara e o mandou para dentro da piscina.

Seus guerreiros se espalharam por todos os lados. Eu não podia culpá-los. Enfrentar os cascos de um garanhão empinado já é bastante assustador, mas sendo ele um centauro, armado com um arco e aos gritos, usando um chapéu com latas de refrigerante, até o mais bravo dos guerreiros bateria em retirada.

— Venham, acertem alguns! — gritou um dos pôneis de festa.

Eles mandaram ver com suas pistolas de *paintball*. Uma onda de azul e amarelo explodiu contra os guerreiros de Luke, cegando-os e emporcalhando-os da cabeça aos pés. Eles tentaram correr, apenas para escorregar e cair.

Quíron galopou até Annabeth e Grover, pegou-os com facilidade do convés e os colocou nas costas.

Tentei me levantar, mas minha perna ferida ainda parecia estar em fogo.

Luke se arrastava para fora da piscina.

— Ataquem, seus idiotas! — ordenou às suas tropas.

Em algum lugar sob o convés um grande sino bateu.

Eu sabia que a qualquer segundo seríamos esmagados pelos reforços de Luke. Seus guerreiros já estavam se recuperando da surpresa, avançando para os centauros com espadas e lanças erguidas.

Tyson jogou meia dúzia de lado com um tabefe, derrubando-os por cima da amurada na baía de Miami. Porém mais guerreiros vinham subindo pelas escadas.

— Irmãos, retirar! — disse Quíron.

— Você não vai escapar dessa impune, homem-cavalo! — berrou Luke.

Ele ergueu a espada, mas levou um murro na cara em outra flechada de luva de boxe, e caiu sentado numa espreguiçadeira.

Um centauro palomino me içou para seu lombo.

— Cara, chame seu amigo grandalhão!

— Tyson! — gritei. — Venha!

Tyson largou os dois guerreiros que estava prestes a amarrar em um nó e correu atrás de nós. Ele pulou para o lombo do centauro.

— Cara! — gemeu o centauro, quase cedendo sob o peso de Tyson. — As palavras "dieta de baixo carboidrato" significam alguma coisa para você?

Os guerreiros de Luke estavam se organizando em uma falange. Mas quando estavam prontos para avançar os centauros já tinham galopado para a beirada do convés e pulado sem medo por cima da amurada, como se aquilo fosse uma corrida de obstáculos e não dez andares acima do chão. Tive certeza de que íamos morrer. Despencamos para o cais, mas os centauros atingiram o asfalto praticamente sem um solavanco sequer e saíram galopando, bradando entusiasmados e gritando provocações para o *Princesa Andrômeda* enquanto galopávamos para as ruas do centro de Miami.

Não tenho ideia do que os moradores de Miami pensaram quando passamos galopando.

Ruas e edifícios começaram a se tornar indistintos enquanto os centauros ganhavam velocidade. A sensação era de que o espaço estava se compactando — como se cada passo de centauro nos levasse por quilômetros e quilômetros. Num piscar de olhos, deixamos a cidade para trás. Disparamos por campos pantanosos, capim alto, lagos e árvores anãs.

Finalmente, estávamos em um acampamento de trailers à beira de um lago. Os trailers eram todos puxados por cavalos, incrementados com televisores, frigobares e mosquiteiros. Era um acampamento de centauros.

— Cara! — disse um pônei de festa enquanto descarregava seu equipamento. — Você viu aquele sujeito urso? Parecia que estava dizendo: "Epa! Tem uma flecha na minha boca!"

O centauro com os óculos de olhos vesgos riu.

— Aquilo foi fantástico! Trombada de cabeça!

Os dois centauros investiram um contra o outro com força total e bateram as cabeças, depois saíram cambaleando um para cada lado, com sorrisos bobos na cara.

Quíron suspirou. Pôs Annabeth e Grover sobre uma toalha de piquenique ao meu lado.

— Preferiria que meus primos não batessem as cabeças. Eles não têm neurônios sobrando.

— Quíron — disse eu, ainda surpreso com o fato de ele estar ali. — Você nos salvou.

Ele me deu um sorriso seco.

— Bem, eu não poderia deixar que morressem, especialmente por terem limpado meu nome.

— Mas como sabia onde estávamos? — perguntou Annabeth.

— Planejamento avançado, minha querida. Eu calculei que vocês seriam trazidos pelas águas para perto de Miami, se conseguissem sair do Mar de Monstros vivos. Quase tudo o que é esquisito é trazido para Miami pelas águas.

— Puxa, obrigado — murmurou Grover.

— Não, não — disse Quíron. — Eu não quis dizer… Ah, não importa! Eu *estou* contente em vê-lo, meu jovem sátiro. A questão é que consegui bisbilhotar a mensagem de Íris de Percy e rastrear o sinal. Íris e eu somos amigos há séculos. Pedia a ela que me alertasse sobre quaisquer comunicações importantes nesta área. Então não foi preciso grande esforço para convencer meus primos a vir em sua ajuda. Como veem, nós, centauros, somos capazes de nos deslocar bem depressa quando queremos. Nossa noção de distância é diferente da dos seres humanos.

Olhei para a fogueira, onde três pôneis de festa ensinavam Tyson a usar uma pistola de *paintball*. Torci para que soubessem no que estavam se metendo.

— Então, e agora? — perguntei a Quíron. — Simplesmente deixamos Luke ir embora? Ele está com Cronos a bordo daquele navio. Ou partes dele, de qualquer modo.

Quíron se ajoelhou, dobrando cuidadosamente as pernas dianteiras embaixo de si. Abriu a bolsa de remédios em seu cinto e começou a tratar meus ferimentos.

— Infelizmente, Percy, aconteceu hoje uma espécie de empate. Nós não tínhamos vantagem numérica para tomar aquele navio. E Luke não estava suficientemente organizado para nos perseguir. Ninguém venceu.

— Mas nós temos o Velocino! — disse Annabeth. — Clarisse está agora mesmo voltando com ele para o acampamento.

Quíron assentiu, embora ainda parecesse inquieto.

— Vocês todos são heróis de verdade. E assim que deixarmos Percy em condições, vocês devem voltar ao Acampamento Meio-Sangue. Os centauros

poderão levá-los.

— Você também vem? — perguntei.

— Ah, sim, Percy! Ficarei aliviado em ir para casa. Os meus irmãos aqui simplesmente não apreciam a música de Dean Martin. Além disso, preciso trocar algumas palavras com o senhor D. Temos o restante do verão para planejar. Muito treinamento para fazer. E eu quero ver… estou curioso a respeito do Velocino.

Eu não sabia exatamente o que ele queria dizer, mas aquilo me deixou preocupado com o que Luke dissera: *Eu ia deixar você levar o Velocino… depois que eu tivesse terminado com ele.*

Ele estaria simplesmente mentindo? Eu aprendera com Cronos que sempre há um plano dentro de um plano. O senhor titã não era chamado de O Tortuoso à toa. Tinha meios de conseguir que as pessoas fizessem o que ele queria sem sequer se darem conta das verdadeiras intenções dele.

Junto à fogueira, Tyson estava à vontade com sua pistola de *paintball*. Um projétil azul explodiu contra um dos centauros, arremessando-o de costas para dentro do lago. O centauro saiu sorrindo, coberto de lama do pântano e tinta azul, e com as duas mãos fez sinal de positivo para Tyson.

— Annabeth — disse Quíron —, quem sabe você e Grover poderiam ir tomar conta de Tyson e dos meus primos antes que eles, ahn, ensinem maus hábitos demais um ao outro?

Annabeth olhou-o nos olhos. Houve algum tipo de entendimento entre eles.

— Claro, Quíron — disse Annabeth. — Venha, garoto-bode.

— Mas eu não gosto de *paintball*.

— Sim, você gosta. — Ela pôs Grover sobre seus cascos e o levou em direção à fogueira.

Quíron acabou de enfaixar minha perna.

— Percy, tive uma conversa com Annabeth a caminho daqui. Uma conversa sobre a profecia.

O-oh, pensei.

— Não foi culpa dela — disse eu. — Eu a fiz contar.

Seus olhos pestanejaram com irritação. Tinha certeza de que ele iria me dar uma bronca, mas então seu olhar demonstrou cansaço.

— Acho que não poderia mantê-la em segredo para sempre.

— Então sou mesmo *eu* na profecia?

Quíron enfiou as ataduras de volta na bolsa.

— Eu gostaria de saber, Percy. Você ainda não tem dezesseis anos. Por ora, devemos simplesmente treiná-lo o melhor possível, e deixar o futuro para as Parcas.

As Parcas. Eu não pensava naquelas velhas senhoras fazia um bom tempo, mas assim que Quíron as mencionou, a ficha caiu em minha cabeça.

— É isso que aquilo significava.

Quíron franziu o cenho.

— É isso que *o quê* significava?

— No último verão. O agouro das Parcas quando as vi arrebentar a linha da vida de alguém. Pensei que significasse que eu ia morrer imediatamente, mas é pior que isso. Tem algo a ver com sua profecia. A morte que elas previram... vai acontecer quando eu tiver dezesseis anos.

A cauda de Quíron varreu nervosamente a grama.

— Meu menino, você não pode ter certeza disso. Nós nem sabemos se a profecia é sobre você.

— Mas não existe nenhum outro filho meio-sangue dos Três Grandes!

— Que nós saibamos.

— E Cronos está retornando. Ele vai destruir o Monte Olimpo!

— Ele vai tentar — concordou Quíron. — E a civilização ocidental junto, se não o detivermos. Mas nós *vamos* detê-lo. Você não estará sozinho nessa luta.

Eu sabia que ele estava tentando me fazer sentir melhor, mas me lembrei do que Annabeth contara. Caberia a um só herói. Uma decisão que iria salvar ou destruir o Ocidente. E eu tinha certeza de que as Parcas me deram algum tipo de aviso sobre isso. Algo terrível iria acontecer, ou para mim ou para alguém próximo de mim.

— Eu sou apenas uma *criança*, Quíron — disse eu, sem forças. — De que adianta um heroizinho de nada contra uma coisa como Cronos?

Quíron conseguiu sorrir.

— "De que adianta um heroizinho de nada?", Joshua Lawrence Chamberlain me disse algo parecido certa vez, pouco antes de, sozinho, mudar o curso da Guerra Civil.

Ele puxou uma flecha de sua aljava e girou a ponta afiada como navalha de um jeito que a fez brilhar à luz da fogueira.

— Bronze celestial, Percy. Uma arma imortal. O que aconteceria se você disparasse isto contra um ser humano?

— Nada — disse eu. — Passaria através dele.

— Certo — disse ele. — Os seres humanos não existem no mesmo nível que os imortais. Eles não podem nem mesmo ser feridos pelas nossas armas. Mas você, Percy... você é parte deus, parte humano. Vive em ambos os mundos. Pode ser ferido por ambos, e pode influenciar ambos. É *isso* que torna os heróis tão especiais. Você transporta as esperanças da humanidade para a esfera do eterno. Os monstros nunca morrem. Eles renascem do caos e do barbarismo que sempre fermentam embaixo da civilização, o próprio material que torna Cronos mais forte. Precisam ser derrotados de novo, e de novo, mantidos encurralados. Os heróis personificam essa luta. Você enfrenta as batalhas que a humanidade precisa vencer, a cada geração, a fim de continuar sendo humana. Entende?

— Eu... eu não sei.

— Você precisa tentar, Percy. Porque, seja você ou não a criança da profecia, Cronos acha que você pode ser. E, depois de hoje, ele finalmente desistirá de levá-lo para o lado dele. *Essa* é a única razão de ele ainda não tê-lo matado, você sabe. Assim que ele tiver certeza de que não poderá usá-lo, irá destruí-lo.

— Você fala como se o conhecesse.

Quíron franziu os lábios.

— Mas eu o conheço.

Olhei para ele. Eu às vezes me esquecia de como Quíron era velho. — É por isso que o senhor D culpou você quando a árvore foi envenenada? Por isso disse que algumas pessoas não confiam em você?

— Sem dúvida.

— Mas, Quíron... Quer dizer, ora vamos! Por que eles haveriam de pensar que você iria trair o acampamento por Cronos?

Os olhos de Quíron eram de um castanho profundo, cheios de milhares de anos de tristeza.

— Percy, lembre-se de seu treinamento. Lembre-se dos estudos de mitologia. Qual é a minha conexão com o senhor titã?

Tentei pensar, mas minha mitologia sempre foi toda confusa. Mesmo ali, quando ela era tão real, tão importante para minha vida, eu tinha problemas em guardar direito todos os nomes e os fatos. Sacudi a cabeça.

— Você, ahn, deve a Cronos algum favor ou coisa assim? Ele poupou sua vida?

— Percy — disse Quíron, a voz inimaginavelmente suave. — O titã Cronos é meu pai.

DEZENOVE

# A CORRIDA DE CARRUAGENS TERMINA COM UMA EXPLOSÃO

Chegamos a Long Island logo depois de Clarisse, graças à capacidade de deslocamento dos centauros. Cavalguei no lombo de Quíron, mas não conversamos muito, especialmente sobre Cronos. Eu sabia que tinha sido difícil para ele me contar. Não queria pressioná-lo com mais perguntas. Quer dizer, eu conheci uma grande quantidade de parentes embaraçosos, mas, Cronos, o maligno senhor titã que queria destruir a civilização ocidental? Não era o tipo de pai que a gente convida para a escola no "dia da profissão".

Quando chegamos ao acampamento, os centauros estavam ansiosos por conhecer Dioniso. Tinham ouvido falar que ele promovia festas insanas, mas ficaram desapontados. O deus do vinho não estava com disposição para celebrar quando o acampamento inteiro se reuniu no topo da Colina Meio-Sangue.

O acampamento acabara de passar por duas semanas difíceis. O chalé de artes e ofícios fora totalmente queimado no ataque de um *Draco Aionius* (que, até onde pude imaginar, é um nome latino para "enorme lagarto que faz as coisas irem pelos ares"). Os quartos da Casa Grande estavam transbordando de feridos. As crianças do chalé de Apolo, que eram os melhores curandeiros, estiveram trabalhando horas a fio nos primeiros socorros. Todos pareciam exaustos e maltratados quando nos amontoamos em volta da árvore de Thalia.

No momento em que Clarisse pendurou o Velocino de Ouro no galho mais baixo, o luar pareceu clarear, passando de cinzento para um prata-claro. Uma brisa fresca sussurrou entre os galhos e fez o capim ondular até o vale. Tudo

entrou em um foco mais nítido — a luz dos vaga-lumes nos bosques, o aroma dos campos de morangos, o som das ondas na praia.

Aos poucos, as agulhas do pinheiro começaram a esverdear, perdendo o tom marrom.

Todos vibraram. Estava acontecendo devagar, mas não havia dúvida — a mágica do Velocino penetrava na árvore, enchendo-a com uma força nova e expelindo o veneno.

Quíron ordenou vigia vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, no topo da colina, pelo menos até que pudesse arranjar um monstro apropriado para proteger o Velocino. Disse que publicaria um anúncio no *Semanário do Olimpo* imediatamente.

Nesse meio-tempo, Clarisse foi carregada nos ombros por seus companheiros de chalé até o anfiteatro, onde foi homenageada com uma coroa de louros e muita comemoração em volta da fogueira.

Ninguém deu a menor atenção a Annabeth ou a mim. Era como se nunca tivéssemos partido. Acho que era o melhor agradecimento que poderíamos receber, porque, se admitissem que tínhamos escapulido furtivamente do acampamento para realizar a missão, teriam de nos expulsar. E, na verdade, eu não queria mesmo mais nenhuma atenção. Era boa a sensação de ser apenas um dos campistas, para variar.

Mais tarde, naquela noite, quando estávamos assando guloseimas e ouvindo os irmãos Stoll nos contarem uma história de fantasmas sobre um rei perverso que fora comido vivo por doces demoníacos no café da manhã, Clarisse me empurrou por trás e sussurrou ao meu ouvido:

— Não é porque você foi legal uma vez, Jackson, que está fora de perigo com Ares. Ainda estou esperando a oportunidade certa para transformá-lo em pó.

Dei-lhe um sorriso de má vontade.

— O quê? — perguntou ela.

— Nada — disse eu. — É bom estar em casa.

Na manhã seguinte, depois que os pôneis de festa partiram de volta para a Flórida, Quíron fez um aviso de surpresa: as corridas de bigas seriam realizadas conforme programado. Todos tínhamos imaginado que elas ficariam para trás, já que Tântalo se fora, mas completá-las parecia ser a coisa certa a fazer, especialmente agora que Quíron estava de volta e o acampamento estava seguro.

Tyson não ficou muito entusiasmado com a ideia de entrar novamente numa biga depois da nossa primeira experiência, e ficou feliz em deixar que eu formasse uma equipe com Annabeth. Eu conduziria, Annabeth defenderia e Tyson atuaria como nosso mecânico de *pit-stop*. Enquanto eu trabalhava com os cavalos, Tyson consertou a carruagem de Atena e acrescentou todo um pacote de modificações especiais.

Passamos os dois dias seguintes treinando como loucos. Annabeth e eu concordamos que, caso vencêssemos, o prêmio de nenhum trabalho na cozinha durante um mês inteiro seria dividido entre nossos dois chalés. Como Atena tinha mais campistas, teria a maior parte da folga, o que, por mim, estava o.k. Eu não me importava com o prêmio. Só queria vencer.

Na noite anterior à corrida, fiquei acordado até tarde nos estábulos. Estava conversando com nossos cavalos, dando-lhes as instruções finais, quando alguém bem atrás de mim disse:

— Belos animais, os cavalos. Gostaria de ter pensado neles.

Um cara de meia-idade em uniforme dos correios estava encostado na porta do estábulo. Era magro, com cabelo preto encaracolado embaixo do elmo branco, e carregava um malote postal pendurado no ombro.

— Hermes? — gaguejei.

— Olá, Percy. Não me reconheceu sem as roupas de corrida?

— Ahn… — Eu não sabia muito bem se deveria me ajoelhar, comprar selos ou o quê. Então me ocorreu por que ele devia estar ali. — Ah!, escute, senhor Hermes, quanto a Luke…

O deus arqueou as sobrancelhas.

— Ahn, nós o vimos, tudo bem — disse eu —, mas…

— Vocês não conseguiram fazê-lo ouvir a voz da razão?

— Bem, nós tentamos nos trucidar mutuamente em um duelo até a morte.

— Entendo. Você tentou a aproximação diplomática.

— Sinto muito mesmo. Quer dizer, você nos deu aqueles presentes impressionantes e tudo. E eu sei que você queria que Luke voltasse. Mas… ele se tornou mau. Mau *mesmo*, pra valer. Ele disse que tem a sensação de que você o abandonou.

Esperei Hermes ficar furioso. Imaginei que ele me transformaria em um *hamster* ou coisa assim, e eu *não* tinha a menor vontade de ser de novo um roedor.

Em vez disso, ele apenas suspirou.

— *Você* já teve a impressão de que seu pai o abandonou, Percy?

Ai, ai, ai.

Tive vontade de dizer: "Só algumas centenas de vezes por dia." Eu não falava com Poseidon desde o último verão. Nunca estivera sequer em seu palácio submarino. E também havia toda aquela coisa com Tyson — nenhum aviso, nenhuma explicação. Simples mente, *bum*! Você tem um irmão. É de se imaginar que uma pessoa mereça uma ligadinha para avisar, ou coisa assim.

Quanto mais eu pensava nisso, mais zangado ficava. Percebi que realmente *queria* reconhecimento pela missão que completara, mas não dos outros campistas. Queria que meu pai dissesse alguma coisa. Que reparasse em mim.

Hermes acomodou melhor o malote no ombro.

— Percy, a parte mais difícil de ser um deus é que você, muitas vezes, precisa agir indiretamente, em especial quando se trata dos próprios filhos. Se fôssemos interferir todas as vezes em que os nossos filhos têm um problema… bem, isso só iria criar mais problemas e mais ressentimento. Mas eu acredito que se você pensar um pouco nisso verá que Poseidon tem prestado atenção em você. Ele respondeu às suas preces. Posso apenas esperar que algum dia Luke também perceba isso em relação a mim. Quer você ache que teve sucesso, quer não, lembrou a Luke quem era ele. Você falou com ele.

— Eu tentei matá-lo.

Hermes encolheu os ombros.

— Famílias são complicadas. Famílias imortais são eternamente complicadas. Às vezes, o melhor que podemos fazer é lembrar um ao outro que somos aparentados, aconteça o que acontecer… e tentar limitar ao mínimo as mortes e mutilações.

Aquilo não pareceu exatamente uma receita para a família perfeita. Mas, por outro lado, pensando na minha missão, percebi que talvez Hermes estivesse certo. Poseidon enviara os cavalos marinhos para nos ajudar. Ele me dera poderes sobre o mar de que nunca ouvira falar antes. E havia Tyson. Será que Poseidon nos pusera juntos de propósito? Quantas vezes Tyson salvara minha vida naquele verão?

A distância, soou a trombeta de concha, anunciando a hora de recolher.

— Você precisa ir para a cama — disse Hermes. — Eu já o ajudei a se meter em encrencas suficientes este verão. Na verdade, só vim para fazer esta entrega.

— Uma entrega?

— Eu *sou* o mensageiro dos deuses, Percy. — Ele tirou um aparelho de protocolo eletrônico de sua mala postal e entregou para mim. — Assine aqui, por favor.

Peguei a caneta do aparelho antes de perceber que nela havia um par de minúsculas serpentes verdes entrelaçadas.

— Ah! — Deixei a caneta cair.

*Ai!*, disse George.

*Realmente, Percy*, ralhou Martha. *Você gostaria de ser derrubado no chão de um estábulo?*

— Ah!, ahn, desculpe.

Eu não gostava muito de tocar em serpentes, mas peguei de novo o aparelho e a caneta. Martha e George se retorceram embaixo dos meus dedos formando uma espécie de apoio para lápis, como os que meu professor de educação especial me fazia usar na segunda série.

*Você me trouxe um rato?*, perguntou George.

— Não… — disse eu. — Nós, ahn, não encontramos nenhum. *E um porquinho-da-índia?*

*George!*, repreendeu Martha. *Não provoque o menino.*

Assinei e devolvi o aparelho para Hermes.

Em troca, ele me entregou um envelope azul-mar.

Meus dedos tremeram. Mesmo antes de abrir, percebi que era do meu pai. Pude sentir seu poder no papel azul frio, como se o próprio envelope tivesse sido dobrado com uma onda do oceano.

— Boa sorte amanhã — disse Hermes. — É uma bela parelha de cavalos que você tem ali, mas vai ter de me desculpar se eu torcer pelo chalé de Hermes.

*E não fique desanimado demais depois de ler isto, meu querido*, disse Martha. *Ele de fato se preocupa com você.*

— O que você quer dizer? — perguntei.

*Não ligue para ela*, disse George. *E da próxima vez, lembre-se, as serpentes trabalham por gorjetas.*

— Já basta, vocês dois — disse Hermes. — Adeus, Percy. Por enquanto.

Pequenas asas brancas brotaram em seu elmo. Ele começou a brilhar, e eu sabia o bastante sobre os deuses para desviar os olhos antes que ele revelasse sua

verdadeira forma divina. Com um brilhante clarão branco, ele se foi, e fiquei sozinho com os cavalos.

Olhei para o envelope azul em minhas mãos. Estava endereçado em uma caligrafia forte, mas elegante, que eu já vira uma vez, em um pacote que Poseidon me enviara no último verão.

a/c Percy Jackson
Acampamento Meio-Sangue
Farm Road, 3.141
Long Island, Nova York, 11954

Uma carta de verdade do meu pai. Talvez ele dissesse que eu tinha feito um bom trabalho ao conseguir o Velocino. Explicasse a respeito de Tyson, ou pedisse desculpas por não ter falado comigo antes. Havia tantas coisas que eu gostaria que estivessem naquela carta.

Abri o envelope e desdobrei o papel.

Era simples o que estava escrito no meio da página:

***Prepare-se***

Na manhã seguinte, estava todo mundo aos cochichos sobre a corrida de bigas, embora ficassem olhando nervosamente para o céu como se esperassem ver pássaros de Estinfália se reunindo. Não apareceu nenhum. Era um lindo dia de verão, com céu azul e muito sol. O acampamento começava a ter a aparência que deveria: as campinas estavam verdes e luxuriantes; as colunas brancas reluziam nos edifícios gregos; dríades brincavam alegres nos bosques.

E eu me sentia infeliz. Ficara acordado a noite inteira, pensando no aviso de Poseidon.

*Prepare-se.*

Quer dizer, ele se dá ao trabalho de escrever uma carta e escreve apenas aquilo?

Martha, a serpente, me dissera para não ficar desapontado. Talvez Poseidon tivesse uma razão para ser tão vago. Talvez não soubesse exatamente sobre o que estava me advertindo, mas sentisse que algo grandioso estava prestes a acontecer — algo que poderia me deixar completamente arrasado, a não ser que estivesse preparado. Foi difícil, mas tentei voltar meus pensamentos para a corrida.

Enquanto Annabeth e eu nos encaminhávamos para a pista, não pude deixar de admirar o trabalho que Tyson fizera na biga de Atena. A carruagem reluzia com seus reforços de bronze. As rodas tinham sido realinhadas com uma suspensão mágica e assim deslizávamos sem um solavanco sequer. O arreamento dos cavalos estava tão perfeitamente equilibrado que a parelha virava ao mais leve puxão nas rédeas.

Tyson fizera dois dardos para nós, cada qual com três botões no cabo. O primeiro botão preparava o dardo para explodir com o impacto, liberando um arame farpado que se embaraçaria nas rodas de um oponente e as despedaçaria. O segundo botão produzia uma ponta de bronze rombuda (mas ainda assim muito dolorosa) projetada para derrubar o auriga. O terceiro botão produziria um arpéu que poderia ser usado para travar a carruagem do inimigo ou empurrá-la para longe.

Calculei que estávamos em excelente condição para a corrida, mas Tyson assim mesmo me advertiu para ser cuidadoso. As equipes das outras carruagens tinham truques à beça para puxar dos seus mantos.

— Aqui — disse ele pouco antes de começar a corrida.

Ele me entregou um relógio de pulso. Não havia nele nada de especial — apenas um mostrador branco e prata e uma pulseira de couro preto —, mas assim que o vi percebi que era naquilo que eu o vira trabalhar durante todo o verão.

Normalmente não uso relógio. Que importância tem saber as horas? Mas não podia dizer não a Tyson.

— Obrigado, parceiro. — Coloquei-o no pulso e descobri que era surpreendentemente leve e confortável. Eu mal sentia que o estava usando.

— Não consegui terminá-lo em tempo para a viagem — murmurou Tyson. — Desculpe, desculpe.

— Ei, cara. Não é importante.

— Se precisar de proteção na corrida — aconselhou ele —, aperte o botão.

— Ah, legal! — Não vi como a hora certa poderia ajudar grande coisa, mas fiquei comovido por Tyson ter se preocupado. Prometi a ele que me lembraria do relógio. — E... ei, ahn, Tyson...

Ele olhou para mim.

— Eu queria dizer, bem...

Tentei imaginar como me desculpar por ter sentido vergonha dele antes da missão, por ter dito a todos que ele não era meu irmão de verdade. Não foi fácil encontrar as palavras.

— Eu sei o que você vai me dizer — disse Tyson, parecendo encabulado. — Poseidon, no fim das contas, se preocupava comigo.

— Ahn, bem...

— Ele mandou você para me ajudar. Exatamente o que eu pedi. Eu pisquei.

— Você pediu... *a mim* para Poseidon?

— Pedi um amigo — disse Tyson, torcendo a camisa nas mãos. — Os jovens ciclopes crescem sozinhos nas ruas, aprendem a fazer coisas com sucata. Aprendem a sobreviver.

— Mas isso é tão cruel!

Ele sacudiu a cabeça com decisão.

— Isso nos faz apreciar nossas bênçãos, não ser gananciosos, maus e gordos como Polifemo. Mas eu ficava com medo. Os monstros me perseguiram tanto, às vezes me machucavam com suas garras...

— As cicatrizes nas suas costas?

Uma lágrima surgiu no olho dele.

— A esfinge da rua Setenta e Dois. Grande encrenqueira. Pedi ajuda ao papai. Logo o pessoal de Meriwether me encontrou. Conheci você. A maior bênção de todas. Sinto por ter dito que Poseidon era mau. Ele me mandou um irmão.

Olhei para o relógio que Tyson me dera.

— Percy! — chamou Annabeth. — Vamos!

Quíron estava junto à linha de partida, pronto para soprar a concha.

— Tyson... — falei.

— Vá — disse Tyson. — Vocês vão vencer!

— Eu... sim, certo, grandão. Vamos vencer esta por você. — Subi na biga e fiquei em posição bem na hora em que Quíron deu a largada.

Os cavalos sabiam o que fazer. Disparamos pela pista tão depressa que eu teria caído da carruagem se meus braços não tivessem enrolado nas rédeas de couro. Annabeth se segurou firme no parapeito. As rodas deslizavam lindamente. Entramos na primeira curva com uma biga inteira de vantagem sobre Clarisse, que estava ocupada tentando se defender de um ataque de dardo dos irmãos Stoll na biga de Hermes.

— Nós os pegamos! — gritei, mas foi cedo demais.

— Chegando! — gritou Annabeth. Ela lançou seu primeiro dardo no modo arpéu, jogando longe uma rede com pesos de chumbo que teria envolvido nós dois. A carruagem de Apolo chegara ao nosso lado. Antes que Annabeth pudesse se armar de novo, o guerreiro de Apolo lançou um dardo contra nossa roda direita. O dardo se despedaçou, mas não sem antes arrebentar um dos raios. Nossa biga deu uma guinada brusca e oscilou. Tive certeza de que a roda iria se desintegrar de vez, mas de algum modo continuamos em frente.

Instiguei os cavalos a manter a velocidade. Estávamos agora pescoço com pescoço com Apolo. Hefesto vinha logo depois. Ares e Hermes estavam ficando para trás, lado a lado enquanto Clarisse enfrentava Connor Stoll de espada contra dardo.

Se fôssemos atingidos mais uma vez na roda, sabia que iríamos capotar.

— Você é meu! — gritou o auriga de Apolo. Era um campista de primeiro ano. Não me lembro do seu nome, mas certamente tinha autoconfiança.

— Ah, tá! — Annabeth gritou de volta.

Ela pegou o segundo dardo — um grande risco, considerando que ainda tínhamos uma volta completa pela frente — e o lançou contra o auriga de Apolo.

A pontaria foi perfeita. A ponta rombuda surgiu bem no momento em que o dardo atingiu o auriga no peito, derrubando-o sobre o parceiro e fazendo os dois tombarem da carruagem num salto-mortal para trás. Os cavalos sentiram as rédeas afrouxarem e enlouqueceram, galopando direto para a multidão. Campistas correram procurando proteção enquanto os cavalos passaram no canto das arquibancadas e a biga dourada virou. Os animais galoparam de volta para o estábulo, arrastando a carruagem emborcada atrás deles.

Consegui manter nossa biga inteira ao longo da segunda curva, a despeito dos gemidos da roda direita. Passamos pela linha de partida e entramos trovejando na volta final.

O eixo rangia e chiava. A roda instável estava nos fazendo perder velocidade, muito embora os cavalos respondessem a todos os meus comandos, correndo como uma máquina bem lubrificada.

A equipe de Hefesto continuava avançando.

Beckendorf sorriu ao pressionar um botão no seu painel de controle. Cabos de aço foram lançados da frente de seus cavalos mecânicos e se enroscaram na traseira

de nossa biga. A carruagem estremeceu quando o sistema de guincho de Beckendorf começou a funcionar — arrastando-nos para trás enquanto Beckendorf era puxado para a frente.

Annabeth praguejou e puxou sua faca. Ela golpeou os cabos, mas eram grossos demais.

— Não consigo cortá-los! — gritou.

A carruagem de Hefesto estava agora perigosamente próxima, os cavalos a ponto de nos esmagar com os cascos.

— Troque comigo! — disse a Annabeth. — Pegue as rédeas!

— Mas…

— Confie em mim!

Ela passou para a frente e agarrou as rédeas. Eu me virei, num esforço para manter o equilíbrio, e destampei Contracorrente.

Dei um golpe para baixo e os cabos arrebentaram como linha de pipa. Fomos lançados para a frente, mas o auriga de Beckendorf simplesmente deu uma guinada para a esquerda e encostou a biga ao nosso lado. Beckendorf puxou sua espada. Ele desferiu um golpe contra Annabeth, e eu o desviei.

Estávamos entrando na última curva. Jamais conseguiríamos. Eu precisava desestabilizar a carruagem de Hefesto e tirá-la do caminho, mas também tinha de proteger Annabeth. Beckendorf era um cara legal mas isso não significava que ele não iria mandar nós dois para a enfermaria se baixássemos a guarda.

Estávamos agora pescoço com pescoço, Clarisse se aproximando atrás, recuperando o tempo perdido.

— Até mais, Percy! — gritou Beckendorf. — Aí vai um presentinho de despedida!

Ele atirou uma bolsa de couro em nossa biga. Aquilo grudou imediatamente no piso e começou a soltar uma fumaça verde.

— Fogo grego! — gritou Annabeth.

Eu praguejei. Tinha ouvido histórias sobre o que o fogo grego era capaz de fazer. Calculei que teríamos talvez dez segundos antes que aquilo explodisse.

— Livre-se dele! — gritou Annabeth.

Mas eu não podia. A carruagem de Hefesto ainda estava ao lado, aguardando até o último segundo para se certificar de que seu presentinho explodiria. Beckendorf me mantinha ocupado com sua espada. Se eu baixasse a guarda por

tempo suficiente para lidar com o fogo grego, Annabeth seria fatiada, e nós nos arrebentaríamos de um jeito ou de outro. Tentei chutar a bolsa de couro para longe, mas não consegui. Ela estava bem grudada.

Então me lembrei do relógio.

Não sabia como aquilo poderia ajudar, mas consegui apertar o botão do cronômetro. No mesmo instante o relógio se transformou. Expandiu-se, o aro de metal girando para fora como um obturador de máquina fotográfica antiga, e uma correia de couro se enrolou em torno do meu antebraço até que me vi segurando um escudo de guerra redondo com um metro e meio de diâmetro, o lado de dentro de couro macio, o lado de fora de bronze polido, com desenhos gravados que não tive tempo de examinar.

Tudo o que sabia era que Tyson se saíra bem. Ergui o escudo e a espada de Beckendorf retiniu contra ele. Sua lâmina se estilhaçou.

— O quê? — gritou ele. — Como…

Ele não teve tempo de dizer mais nada porque eu o atingi no peito com meu novo escudo e o fiz voar da carruagem e rolar pela poeira.

Eu estava prestes a usar Contracorrente para golpear o auriga quando Annabeth gritou:

— Percy!

O fogo grego estava soltando fagulhas. Enfiei a ponta da minha espada embaixo da bolsa de couro e a usei como espátula. A bomba incendiária saiu do lugar e voou para dentro da carruagem de Hefesto, caindo nos pés do auriga. Ele soltou um ganido.

Em uma fração de segundo o auriga fez a escolha certa: mergulhou da carruagem, que seguiu em diagonal e explodiu em labaredas verdes. Os cavalos de metal pareciam estar em curto-circuito. Contornaram e arrastaram os destroços em chamas na direção de Clarisse e dos irmãos Stoll, que tiveram de se desviar para evitá-los.

Annabeth puxou as rédeas para a última curva. Eu me segurei, certo de que iríamos capotar, mas de algum modo ela conseguiu continuar e tocou os cavalos pela linha de chegada. Um clamor se ergueu da multidão.

Depois que a carruagem parou, nossos amigos se aglomeraram ao nosso redor. Começaram a entoar nossos nomes, mas Annabeth gritou, por cima do barulho:

— Esperem! Escutem! Não fomos apenas nós!

A multidão não queria silenciar, mas Annabeth se fez ouvir:

— Não teríamos conseguido sem outra pessoa! Não poderíamos ter ganhado esta corrida, nem conseguido o Velocino, nem salvado Grover, nem nada! Devemos nossas vidas a Tyson...

— Meu irmão! — disse eu, bem alto para todos ouvirem. — Tyson, meu irmãozinho mais novo.

Tyson corou. A multidão delirou. Annabeth me tascou um beijo na bochecha. Os gritos ficaram ainda muito mais altos depois disso. Todo o chalé de Atena nos ergueu nos ombros — Annabeth, Tyson e eu — e nos carregou em direção ao pódio dos vencedores, onde Quíron aguardava para entregar as coroas de louros.

VINTE

# A MAGIA DO VELOCINO É BOA ATÉ DEMAIS

Aquela tarde foi uma das mais felizes que eu já passara no acampamento, o que talvez sirva para demonstrar que a gente nunca sabe quando nosso mundo está prestes a ser despedaçado.

Grover anunciou que poderia passar o resto do verão conosco antes de retomar sua missão à procura de Pan. Seus superiores no Conselho dos Anciãos de Casco Fendido ficaram tão impressionados por ele não ter se deixado matar e ter aberto o caminho para futuros buscadores que lhe concederam uma licença de dois meses e um novo conjunto de flautas de bambu. A única má notícia: Grover insistiu em tocar aquelas flautas a tarde inteira, e seus dons musicais não haviam melhorado muito. Ele tocou *YMCA,* e os morangueiros começaram a enlouquecer, enroscando-se em nossos pés como se estivessem tentando nos estrangular. Acho que não poderia culpá-los.

Grover me contou que poderia desfazer a conexão empática entre nós, agora que estávamos frente a frente, mas eu lhe disse que simplesmente aceitava continuar com ela, se estivesse tudo bem com ele. Ele pôs de lado suas flautas de junco e me olhou.

— Mas, se eu me meter em encrenca de novo, você estará em perigo, Percy! Você pode morrer!

— Se você se meter em encrenca de novo, eu quero saber a respeito. E vou ajudá-lo de novo, homem-bode. Não faria de outro jeito.

No fim ele concordou em não romper a conexão. Voltou a tocar *YMCA* para os morangueiros. Eu não precisava de uma conexão empática com as plantas para saber como elas se sentiam com aquilo.

Mais tarde, durante a aula de arco e flecha, Quíron me chamou de lado e contou que havia resolvido meus problemas com o colégio Meriwether. O colégio não me culpava mais por destruir o ginásio. A polícia não estava mais me procurando.

— Como conseguiu isso? — perguntei.

Os olhos de Quíron cintilaram.

— Apenas sugeri que os mortais tinham visto algo diferente naquele dia… a explosão de um forno, que não foi sua culpa.

— Você disse isso e eles aceitaram?

— Eu manipulei a Névoa. Algum dia, quando você estiver pronto, vou lhe mostrar como isso é feito.

— Você quer dizer que eu posso voltar para Meriwether no ano que vem?

Quíron ergueu as sobrancelhas.

— Ah, não, eles expulsaram você assim mesmo! O diretor, senhor Bonsai, disse que seu… como foi mesmo que ele disse? Que seu carma não era bom, que perturbava a aura educacional da escola. Mas você não está com nenhum problema com a lei, o que foi um alívio para sua mãe. Ah!, e por falar na sua mãe…

Ele desprendeu seu telefone celular da aljava e o entregou a mim.

— Está mais do que na hora de você ligar para ela.

A pior parte foi o começo — a parte do "Percy Jackson, o que você está pensando, você tem ideia de como eu fiquei preocupada por você ter fugido do acampamento, partindo para missões perigosas e me deixando morrendo de pavor?".

Mas, finalmente, ela fez uma pausa para tomar fôlego.

— Ah, eu só estou contente por você estar em segurança!

Isso é o mais legal em minha mãe. Ela não é muito boa em ficar zangada. Ela tenta, mas simplesmente não é da natureza dela.

— Desculpe, mamãe — disse a ela. — Não vou assustá-la de novo.

— Não me prometa isso, Percy. Você sabe muito bem que tudo só vai piorar. — Ela tentou parecer despreocupada quanto a isso, mas pude perceber que estava bastante abalada.

Eu quis dizer alguma coisa para fazê-la se sentir melhor, mas sabia que ela estava certa. Sendo um meio-sangue, eu estaria sempre fazendo coisas que a

assustavam. E, à medida que fosse ficando mais velho, os perigos simplesmente ficariam maiores.

— Eu poderia ir para casa por algum tempo — sugeri.

— Não, não. Fique no acampamento. Treine. Faça o que tem de fazer. Mas você *virá* para casa para o próximo ano escolar?

— Sim, é claro. Ahn, se houver alguma escola que vá me aceitar.

— Ah, nós encontraremos alguma coisa, querido — suspirou minha mãe. — Algum lugar onde ainda não nos conheçam.

Quanto a Tyson, os campistas o trataram como herói. Eu teria ficado feliz em tê-lo como companheiro de chalé para sempre, mas naquela noite, quando estávamos sentados em uma duna de areia com vista para o estreito de Long Island, ele fez uma comunicação que me pegou totalmente de surpresa.

— Papai se comunicou comigo em sonho na noite passada — disse ele. — Ele quer que eu o visite.

Perguntei-me se ele estava brincando, mas Tyson não sabia como brincar.

— Poseidon mandou uma mensagem em sonho para você? Tyson assentiu.

— Quer que eu vá para baixo d'água pelo resto do verão. Aprender a trabalhar nas forjas dos ciclopes. Ele chamou isso de es… es…

— Estágio?

— Sim.

Deixei aquilo calar na minha mente. Admito que senti um pouco de ciúme. Poseidon nunca *me* convidara para baixo d'água. Mas então, pensei, Tyson estava *indo*? Simples assim?

— Quando você parte? — perguntei.

— Agora.

— Agora. Tipo… *agora*, agora?

— Agora.

Olhei para as ondas no estreito de Long Island. A água brilhava em vermelho ao pôr-do-sol.

— Estou feliz por você, grandão — consegui dizer. — Sério mesmo.

— Difícil deixar meu novo irmão — disse ele com um tremor na voz. — Mas eu quero fazer coisas. Armas para o acampamento. Vocês vão precisar delas.

Infelizmente, eu sabia que ele tinha razão. O Velocino não tinha resolvido todos os problemas do acampamento. Luke ainda estava lá fora, reunindo um exército a bordo do *Princesa Andrômeda*. Cronos ainda estava se reconstituindo em seu caixão de ouro. No fim, acabaríamos tendo de enfrentá-lo.

— Você vai fazer as melhores armas que já existiram — disse a Tyson. Ergui meu relógio com orgulho. — Aposto que elas também vão mostrar a hora certa.

Tyson deu uma fungada.

— Irmãos ajudam um ao outro.

— Você é meu irmão — disse eu. — Não há dúvidas a respeito disso.

Ele me deu uma palmadinha nas costas tão forte que quase me derrubou na duna de areia. Então enxugou uma lágrima da bochecha e se levantou para partir.

— Use bem o escudo.

— Farei isso, grandão.

— Vai salvar sua vida algum dia.

O modo como ele disse isso, tão prático, me fez pensar se aquele seu olho de ciclope podia enxergar o futuro.

Ele desceu para a praia e assobiou. Arco-Íris, o cavalo-marinho, saltou das ondas. Observei os dois partindo juntos para os domínios de Poseidon.

Depois que eles se foram, baixei os olhos para meu novo relógio. Apertei o botão e o escudo se expandiu em espiral até seu tamanho pleno. Marteladas no bronze, havia figuras em estilo grego antigo, cenas das nossas aventuras naquele verão. Lá estávamos Annabeth exterminando um lestrigão jogador de queimado, eu lutando contra os touros de bronze na Colina Meio-Sangue, Tyson cavalgando Arco-Íris rumo ao *Princesa Andrômeda*, o *Birmingham* disparando seus canhões contra Caríbdis. Passei a mão sobre uma figura de Tyson, lutando com a Hidra enquanto segurava no alto uma caixa de *Donuts* Monstro.

Não pude deixar de sentir tristeza. Sabia que Tyson se divertiria um bocado embaixo do oceano. Mas eu sentiria saudades de tudo em relação a ele — seu fascínio por cavalos, o modo como conseguia consertar carruagens de guerra ou amarrotar metal com as mãos nuas, ou dar nós em caras malvados. Sentiria saudades até dos seus roncos de terremoto na cama ao lado a noite inteira.

— Ei, Percy.

Virei-me.

Annabeth e Grover estavam em pé no topo da duna. Acho que talvez eu tivesse um pouco de areia nos olhos, porque estava piscando muito.

— Tyson... — falei. — Ele teve de...

— Nós sabemos — disse Annabeth suavemente. — Quíron nos contou.

— Forjas dos ciclopes. — Grover estremeceu. — Ouvi dizer que a comida da cantina de lá é horrível! Tipo, *enchilada*, nem pensar!

Annabeth estendeu a mão.

— Venha, Cabeça de Alga. Hora do jantar.

Caminhamos de volta para o pavilhão do refeitório juntos, só nós três, como nos velhos tempos.

Houve uma tempestade naquela noite, mas ela se dividiu em volta do Acampamento Meio-Sangue como as tempestades costumam fazer. Raios relampejavam no horizonte, ondas golpeavam a praia, mas nem uma gota caía no nosso vale. Estávamos protegidos de novo, graças ao Velocino, encerrados em nossas fronteiras mágicas.

Ainda assim, meus sonhos foram agitados. Ouvi Cronos me provocando, das profundezas do Tártaro: *Polifemo está sentado cego em sua caverna, jovem herói, acreditando que obteve uma grande vitória. Será que você está menos iludido?* O riso frio do titã encheu as trevas.

Então meu sonho mudou. Eu estava seguindo Tyson para o fundo do mar, entrando na corte de Poseidon. Era um salão radiante, cheio de luz azul, o piso pavimentado com pérolas. E lá, em um trono de coral, sentava-se meu pai, vestido como um simples pescador, de short cáqui e uma camiseta alvejada de sol. Ergui os olhos para seu rosto curtido pelas intempéries, seus olhos verdes profundos, e ele disse apenas: *Prepare-se.*

Acordei assustado.

Alguém batia com força na porta. Grover irrompeu sem esperar permissão.

— Percy! — ele gaguejou. — Annabeth... na colina... ela...

O olhar dele me dizia que alguma coisa estava terrivelmente errada. Annabeth estivera de guarda naquela noite, protegendo o Velocino. Se algo tivesse acontecido...

Arranquei as cobertas, o sangue como gelo nas minhas veias. Enfiei algumas roupas enquanto Grover tentava formar uma frase completa, mas ele estava

atordoado demais, sem fôlego demais.

— Ela está lá caída... simplesmente lá caída...

Corri para fora e disparei pelo pátio central, Grover logo atrás de mim. Rompia a aurora, mas o acampamento inteiro parecia agitado. A notícia estava se espalhando. Algo gigantesco acontecera. Alguns campistas já estavam rumando para a colina, sátiros, ninfas e heróis em uma estranha mistura de armaduras e pijamas.

Ouvi o tropel de cascos de cavalo, e Quíron chegou galopando atrás de nós, com uma expressão terrível.

— É verdade? — perguntou a Grover.

Grover só conseguiu balançar a cabeça, a expressão confusa.

Tentei perguntar o que estava acontecendo, mas Quíron me agarrou pelo braço e, sem esforço, me ergueu para suas costas. Juntos, subimos a Colina Meio-Sangue, onde uma pequena multidão começara a se reunir.

Esperei não encontrar o Velocino no pinheiro, mas ele ainda estava lá, brilhando à primeira luz da madrugada. A tempestade havia se interrompido e o céu estava vermelho-sangue.

— Maldito seja o senhor titã — disse Quíron. — Ele nos enganou outra vez, deu a si mesmo uma nova chance de controlar a profecia.

— O que você quer dizer? — perguntei.

— O Velocino — disse ele. — O Velocino fez seu trabalho bem demais.

Galopamos em frente, todo o mundo abrindo caminho para nós. Ali, na base da árvore, uma menina jazia inconsciente. Outra menina, de armadura grega, estava ajoelhada ao lado dela.

O sangue retumbava em meus ouvidos. Eu não conseguia pensar direito. Annabeth tinha sido atacada? Mas por que o Velocino ainda estava lá?

A própria árvore parecia perfeitamente bem, íntegra e saudável, permeada pela essência do Velocino de Ouro.

— Ele curou a árvore — disse Quíron, com a voz áspera. — E o veneno não foi a única coisa expurgada.

Então percebi que Annabeth não era a menina caída no chão. Era a de armadura, ajoelhada ao lado da menina inconsciente. Quando Annabeth nos viu, correu para Quíron.

— Ela... ela... assim, de repente lá...

Lágrimas corriam de seus olhos, mas eu ainda não entendia. Estava apavorado demais para ver sentido naquilo tudo. Pulei das costas de Quíron e corri na direção da menina inconsciente.

— Percy, espere! — disse Quíron.

Ajoelhei-me ao lado dela. Tinha cabelo preto curto e sardas no nariz. Tinha a constituição de uma corredora de longa distância, flexível e forte, e usava umas roupas que eram algo entre o punk e o gótico — camiseta preta, jeans pretos esfarrapados e uma jaqueta de couro com *bottons* de uma porção de bandas de que eu nunca ouvira falar.

Não era uma campista. Não a reconheci de nenhum dos chalés. E, no entanto, estava com a mais estranha sensação de que já a tinha visto antes…

— É verdade — disse Grover, esbaforido por causa da corrida colina acima. — Não posso acreditar…

Ninguém mais se aproximou da menina.

Pus a mão na testa dela. Sua pele estava fria, mas as pontas dos meus dedos formigaram como se estivessem queimando.

— Ela precisa de néctar e ambrosia — disse eu.

Era claramente uma meio-sangue, fosse ou não uma campista. Pude sentir isso só de tocá-la. Não entendia por que todos pareciam tão apavorados.

Peguei-a pelos ombros e a coloquei sentada, com a cabeça apoiada em meu ombro.

— Venham! — gritei para os outros. — O que há de errado com vocês? Vamos levá-la para a Casa Grande.

Ninguém se mexeu, nem mesmo Quíron. Estavam todos atordoados demais.

Então a menina tomou fôlego, vacilante. Ela tossiu e abriu os olhos.

Suas íris eram surpreendentemente azuis — um azul elétrico. A menina olhou para mim perplexa, tremendo e de olhos arregalados.

— Quem…

— Eu sou Percy — disse eu. — Você está em segurança agora.

— O sonho mais estranho…

— Está tudo bem.

— Morrendo.

— Não — assegurei-lhe. — Você está bem. Qual é seu nome?

Foi quando eu soube. Antes mesmo de ela dizer.

Os olhos azuis da menina se fixaram nos meus, e entendi o porquê da missão do Velocino de Ouro. O envenenamento da árvore. Tudo. Cronos fizera aquilo para colocar mais uma peça de xadrez em jogo — *mais uma chance de controlar a profecia*.

Até Quíron, Annabeth e Grover, que deveriam estar celebrando aquele momento, estavam chocados demais, pensando no que aquilo poderia significar para o futuro. E eu amparava uma pessoa destinada a ser minha melhor amiga ou, possivelmente, minha pior inimiga.

— Eu sou Thalia — disse a menina. — Filha de Zeus.

# SOBRE O AUTOR



Rick Riordan nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do The New York Times, premiado pelo YALSA e pela Associação Americana de Bibliotecas, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

# OUTRAS SÉRIES DO RIORDANVERSO













